UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUISTICA

LUCIANA FERREIRA MARQUES

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

v.1

São Paulo
2008

LUCIANA FERREIRA MARQUES

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Didier Sheila Jean-Marie Demolin

v.1

São Paulo
2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luciana Ferreira Marques

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico esse trabalho aos meus pais, a minha família, e, em especial, ao meu marido.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Didier Demolin, pela idéia do trabalho, pela disposição a me orientar, pelas inúmeras dicas e referências, e pelos inúmeros contatos. Sem ele, esse trabalho jamais teria sido concebido.

Ao Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela concessão do banco de dados do projeto DIRECT, e simples disposição a me ajudar.

Ao Grenoble Image Parole Signal Automatique – ICP, GIPSA-Lab (antigo Institut de la Communication Parlée), Université Grenoble III, pela idéia do projeto, pelo programa, e pelas vezes em que me deu suporte.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão de bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

À Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Aos meus pais, Drauzio e Antonia, por sempre terem estado ao meu lado, me ajudando, criticando, apoiando em todos os momentos, desde o projeto, passando

pela concessão da bolsa de mestrado, até a sua conclusão. Sem eles, eu nem existiria.

Ao meu marido, Rondinelli, que desde que nos conhecemos sempre apoiou a minha escolha pela área acadêmica, ajudando na elaboração das transcrições, nos testes, e, por último, na revisão dessa dissertação. Sem ele, eu já teria desistido há muito tempo.

A todos aqueles que, de alguma forma, opinaram, ajudaram e facilitaram a realização desse trabalho.

RESUMO

MARQUES, L.F. **Estruturas Silábicas do português do Brasil: Uma Análise Tipológica**. 2008, 258f, 2 vol. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

A linguagem, manifestação natural do ser humano, vem sendo estudada por pelo menos dois milênios. No entanto, a comunidade científica em geral ainda reluta em considerar o estudo da linguagem humana (lingüística) como uma ciência. Certamente a forma como se estuda a linguagem influencia nessa opinião. A dicotomia entre língua e fala atribuída a Saussure (1970) ainda guia grande parte dos estudos científicos hoje em dia. Essa dicotomia ainda faz surgir grandes debates no mundo lingüístico. Se um pesquisador opta por estudar a fala, ele/ela provavelmente não vai lidar com língua e vice-versa. No entanto, nos últimos anos, essa perspectiva vem mudando, sob o impulso de pesquisadores como Ohala (1990) e Lindblom (1986), que perpetuam as fundações já estabelecidas no começo do século 20 por Rousselot (1904). Isso não significa que uma tendência lingüística mais baseada na substância negue qualquer princípio da teoria fonológica contemporânea. Ao contrário, procura prová-las baseando-se em paradigmas da ciência experimental. Dados de fala permitem fazer análises robustas de fenômenos lingüísticos, e paradigmas experimentais se aplicam bem a esses fenômenos. Essa é a perspectiva adotada por essa dissertação. Baseado na tipologia das línguas, e na teoria molde/conteúdo de evolução da fala (MACNEILAGE, 1998; 2008), este estudo objetiva situar o português do Brasil na tipologia das línguas do mundo, de forma a mostrar como seus padrões silábicos respeitam certas restrições neurológicas, psicológicas e sensoriais. Para alcançar esse objetivo, um banco de

dados do português dividido em sílabas foi feito. Esse banco de dados foi analisado com um programa desenvolvido especificamente para estudos tipológicos da sílaba. Alguns fenômenos lingüísticos, tais como associações silábicas labial-central, coronal-frontal, dorsal-posterior e o efeito L.C. (labial-coronal) são discutidos dentro do quadro da teoria molde/conteúdo.

Palavras-chave: Fonética, Sílaba, Tipologia.

ABSTRACT

MARQUES, L. F. **Brazilian Portuguese Syllable Structures: a Typological Analysis.** 2008. 258f, 2 vol. Dissertation (Master) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Language, the natural expression of human beings, has been studied for at least two millennia. However, the scientific community still disagrees in considering the study of natural language (i.e. linguistics), as a science. Certainly the way it has been studied in the past influences this opinion. The dichotomy between language and speech attributed to Saussure (1970), still guides a substantial part of the research in linguistics nowadays. This dichotomy has been arising great debates in the linguistic world. If a researcher chooses to study speech, he/she will likely not deal with language and vice versa. However, in the last few decades, this perspective has been changing, under the impulsion of researchers like Ohala (1990) and Lindblom (1986) who perpetuate the foundations already established at the beginning of the 20th century by Rousselot (1904). This does not mean that a more substance-based linguistic trend denies every statement made in contemporary phonological theory. Instead, it rather searches to prove them based on the paradigms of experimental science. Speech data, allow making robust analyses of linguistic phenomena, and experimental paradigms apply particularly well to these phenomena. This is the perspective adopted by this thesis. Based on language typology, and on the frame/content theory of speech (MACNEILAGE, 1998; 2008), this study aims to situate Brazilian Portuguese in the syllable typology of the world's languages, in order to show how its syllable patterns respect certain sensorial, physiological and neurological constraints.. In order to achieve this goal a data base of Portuguese

words divided into syllables was made. This data base was then analyzed with a program specifically developed for typological studies of syllables. Some linguistic phenomena such as labial-central, coronal-frontal and dorsal-back associations and the L.C. (labial-coronal) effect are discussed within the frame/content theory framework.

Key Words: Phonetics, Syllable, Typology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pontos de articulação encontrados no banco de dados UPSID. Adaptado de Boë <i>et al</i> , 2000.	31
Figura 2: Estrutura silábica. Adaptado de Bisol (1999).	42
Figura 3: Padrões intersilábicos. Adaptado de MacNeilage; Davis, 2000.	57
Figura 4: Estrutura silábica apontada por Câmara Jr. Adaptado de Collischonn, 2005.	60
Figura 5: Estrutura silábica em termos de segmentação arbórea de Lopez (1979). Adaptado de Collischonn, 2005.	61
Figura 6: Janela de entrada para análise dos dados.	77
Figura 7: Janela para o primeiro tratamento dos dados.	78
Figura 8: Tipos de informações dadas pelo programa.	78
Figura 9: Relação entre o número de fonemas por sílaba e no número de sílabas por unidade lexical, para todas as línguas do conjunto de Rousset (2004).	85
Figura 10: Gráfico da relação entre número de fonemas e unidade lexical para o português brasileiro.	88
Figura 11: Matriz de ocorrências CV para o português.	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência das consoantes por ponto de articulação. Adaptado de Boë <i>et al</i>, 2000.	31
Tabela 2: Frequência das consoantes por modo de articulação. Adaptado de Boë <i>et al</i>, 2000.	32
Tabela 3: Co-ocorrência de modos e pontos de articulação. As porcentagens são as quantidades de línguas que possuem os pontos e os modos. Adaptado de Boë <i>et al</i>, 2000.	33
Tabela 4: Escala de sonoridade de acordo com Clements (1989).	41
Tabela 5: Padrões silábicos do português e exemplos. Adaptado de Collischonn, 2005.	65
Tabela 6: Representação gráfica usada na transcrição de consoantes em ponto de articulação.	74
Tabela 7: Representação gráfica usada na transcrição de consoantes em modo de articulação.	74
Tabela 8: Representação gráfica usada na transcrição de vogais em traços de anterioridade e posterioridade.	75
Tabela 9: Distribuição silábica do português brasileiro.	83
Tabela 10: Distribuição de fonemas por sílaba para o português brasileiro.	86
Tabela 11: Distribuição de fonemas por unidade lexical para o português brasileiro.	87
Tabela 12: Frequência de gabaritos que representam mais de 2% no conjunto das 16 línguas, adaptado de Rousset (2004).	89
Tabela 13: Frequência dos gabaritos que representam mais de 2% no português.	89
Tabela 14: Os 19 tipos silábicos do ULSID classificados em função da complexidade de ataque, adaptado de Rousset, 2004.	91
Tabela 15: Tipos silábicos do português brasileiro, classificados de acordo com a complexidade de ataque.	92

Tabela 16 Ocorrências das vogais em núcleo simples para o português	98
Tabela 17: Ocorrências das vogais em núcleo simples para o português, com a soma das vogais [i] e [u] finais e não-finais.	99
Tabela 18: Ocorrências de ditongos em português.	101
Tabela 19: Distribuição das vogais do português dentro de cada tipo de sílaba.	104
Tabela 20: Amostra do inventário de consoantes que podem aparecer em posição de ataque e coda, calculado a partir do número de sílabas diferentes. Adaptado de Rousset (2004).	105
Tabela 21: Ocorrências das consoantes em todas as posições no português.	106
Tabela 22: Ocorrências das consoantes somente em posição de ataque no português.	108
Tabela 23: Distribuição das consoantes do português de acordo com o tipo de sílaba.	110
Tabela 24: Matriz das sílabas CV em português, de acordo com o reagrupamento das consoantes por ponto de articulação e das vogais de acordo com os traços de anterioridade e posterioridade.	115
Tabela 25: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações CV para o conjunto de dados de Rousset (2004).	116
Tabela 26: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações CV para o português.	117
Tabela 27: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações VC no conjunto de dados de Rousset (2004).	118
Tabela 28: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas par combinações VC no português. (C) significa coda.	119
Tabela 29: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações C_C (ataque e coda) no conjunto de dados de Rousset (2004).	120
Tabela 30: Ocorrências atestadas para as combinações C_C (ataque e coda) no português.	120

Tabela 31: Matriz de co-ocorrências consonantais em estruturas C1V.C2V para os dados de Rousset (2004). 123

Tabela 32: Matriz de co-ocorrências consonantais em estruturas C1V.C2V para o português brasileiro. 123

Tabela 33: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações C e V para os dados de MacNeilage e Davis (2000). 132

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E OBJETIVOS	17
1.1	Introdução	17
1.2	Objetivo	20
1.3	Justificativa	22
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	24
2.1	A Linha de Pesquisa <i>Substance-based</i> e o Gerativismo: Competência <i>versus</i> Performance	24
2.1.1.1	A Teoria de Dispersão e Focalização e os estudos tipológicos no GIPSA-LAB	29
2.2	Universais Lingüísticos e a Tipologia	35
2.3	Sílaba	38
2.3.1	Sílaba na Teoria Fonológica	38
2.3.1.1	Princípio de Sonoridade Seqüencial (PSS)	41
2.3.1.2	O Processo de Silabificação	44
2.3.1.3	Sílaba de Saussure	45
2.3.1.4	Sílaba na Visão Gerativa	46
2.3.2	Sílaba na Teoria Fonética	48
2.3.2.1	Um Processo de Silabificação	51
2.3.2.2	A Teoria Molde/conteúdo: Sílabas e Segmentos	53
2.3.2.2.1	O Efeito L.C.	57
2.3.3	Sílaba no português Brasileiro	59
3	METODOLOGIA	66
3.1	Banco de Palavras	67
3.1.1	Tratamento dos Dados	68
3.1.1.1	Transcrição fonética	69
3.1.1.2	Outras Transcrições	74
3.1.1.3	Amostra dos Dados	75
3.2	Programa GIPSA-LAB	77
4	RESULTADOS: PARA UMA TIPOLOGIA DO PORTUGUÊS	81
4.1	Análise das Unidades Lexicais	81
4.1.1	Estruturação Silábica das Unidades Lexicais	88
4.2	Análise das Estruturas Silábicas	91
4.2.1	Predominância de CV e CVC	94
4.3	Análise dos Constituintes Silábicos	96
4.3.1	Os Constituintes Mais Utilizados	97
4.3.1.1	As Vogais Mais Utilizadas	97
4.3.1.2	As Consoantes mais utilizadas	105
4.4	Co-ocorrências e Dependências nas Sílabas	111
4.4.1	O Rendimento Silábico	111
4.4.2	Co-ocorrências e Dependências	113
4.4.2.1	A Sílabas CV	113
4.4.2.2	Relação Entre Vogal e Consoante Como Núcleo e Coda	118
4.4.2.3	O efeito L.C.	122
5.	DISCUSSÃO	124
6	CONCLUSÕES	134

6.1	Perspectivas	139
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
	ANEXOS	144

1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

1.1 Introdução

O que dá caráter científico a um estudo? É o tipo de ferramenta utilizada? É a tecnologia de última geração? Na verdade, o que dá caráter científico a uma disciplina qualquer é o tipo de pergunta que esta faz, e como a pergunta será respondida. O rigor científico se encontra na coerência com que todo o estudo é conduzido, desde uma hipótese bem fundada até um experimento bem formulado. Hoje em dia é cada vez mais óbvio que um estudo científico deve ser substanciado, com descrições baseadas em experimentos. Além disso, o diálogo com outras disciplinas parece ser fundamental. Por exemplo, a análise lingüística dos sons da fala pode passar pela análise acústica (c.f. MARTINS, 2002, por exemplo). Méritos e histórias à parte, é fato que a descoberta do espectrograma, se não revolucionou os estudos em fonética, pelo menos abriu muitas portas para o entendimento dos fenômenos dessa disciplina. Mais recentemente, outras disciplinas têm se juntado à fonética e à fonologia para a explicação dos fenômenos sonoros da linguagem. A teoria molde/conteúdo, (MACNEILAGE, 1998; 2008) da qual se falará muito durante toda essa dissertação é um exemplo. Dados de evolução, e de processamento neuromotor procuram explicar a organização da fala. Parece ser fato que qualquer disciplina que negue esses fatos em pleno século XXI estará fadada ao esquecimento.

Neste contexto, terá o estudo das línguas caráter científico? Há quem diga que como estudo das humanidades, e manifestação cultural, a lingüística não pode ser dita

como ciência. Ou ainda, por ser um comportamento humano e, portanto, muito variável, não pode ser reproduzido de forma fidedigna em um laboratório. Rousselot argumenta que a lingüística não tem sido considerada uma ciência porque se limita a registrar os fatos sem poder reproduzi-los, e por isso não atende aos requisitos das ciências propriamente ditas. Essa justificativa, mesmo nos tempos do autor, já não era sustentável, pois fatos lingüísticos podem ser reproduzidos em laboratório. Qualquer experimento em fonética acústica pode reproduzir um fenômeno de fala (embora ainda haja debate sobre o uso do experimento com fala espontânea e controlada, como se vê em trabalhos apresentados no 56º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 2008). Esse debate não é novidade, e remonta ao início do século XX, com Rousselot, e a separação entre fonética e fonologia, feita pela escola de Praga. Separar fonética de fonologia é separar o experimental da categorização. Trubetskoy (1939) considerava a fonética como parte das ciências naturais, e a fonologia como parte das ciências lingüísticas (como ainda hoje o gerativismo tende a considerar). Fonética é apenas a implementação de um programa lingüístico gerado pela fonologia.

O ponto importante do argumento de Rousselot é exatamente não considerar fonética e fonologia ciências separadas, e mostrar que a fonologia pode ser sim uma ciência experimental, tal como a fonética. Deve-se pensar que, através da experimentação, pode-se chegar a categorização dos elementos da fala. Assim, qualquer modelo fonológico adotado deve ser baseado em modelos que incorporem parâmetros provindos da experimentação em fonética, e, como hoje em dia tem-se feito, de outras áreas do conhecimento, com princípios diferentes, como anatomia e acústica (OHALA, 1990).

Embora recente, a lingüística já sofreu muitos ajustes desde o seu nascimento: passando pelo estruturalismo, pelo gerativismo, e outras correntes. O debate acima reflete um debate muito importante na lingüística nos últimos tempos, que é a diferença entre a performance e a competência postuladas por Chomsky (1965) (ou língua e fala, se colocados em termos saussureanos), e que ainda não foi resolvido. Do ponto de vista da fonologia (mais precisamente, a fonologia gerativa), as teorias que se baseiam na competência para explicar os fenômenos fonológicos das línguas não se preocupam em mostrar empiricamente como isso acontece, uma vez que elas já postulam a existência de características fonológicas distintivas inatas do ser humano. Nas perspectivas fonológicas, a ênfase é em como a natureza da representação, e regras de saída (*output*) funcionam para dirigir a performance. Já as teorias que se baseiam na performance se preocupam com a experiência para explicar fenômenos fonológicos. Para estas, as ações motoras, mais do que as representações mentais subjacentes são básicas para explicar e entender padrões observados, ou seja, a fala é motivada fisicamente. A linha de pesquisa *substance-based* (substancialista) e a teoria molde/conteúdo adotam a segunda perspectiva, porque procuram mostrar fisicamente as postulações mentais da fonologia gerativa. Dessa forma, a língua não é dada *a priori*, mas sim os princípios e parâmetros subjacentes devem ser encontrados através de observação cuidadosa e pesquisa experimental, sempre com uma hipótese direcionada (DEMOLIN, 2002).

1.2 Objetivo

O objetivo do presente projeto é listar, classificar e analisar os padrões silábicos do português do Brasil, com vista a formar uma tipologia silábica dessa língua, bem como verificar se seus padrões podem ser ditos universais.

O projeto está filiado ao **Grenoble Image Parole Signal Automatique – ICP** (GIPSA-Lab), na **Université Grenoble III**, laboratório responsável pelo UCLA Lexical and Syllabic Inventory Database (ULSID), banco de línguas em nível mundial, que serve para análises de fenômenos lingüísticos no nível silábico, que possui projeto semelhante a este. O GIPSA-LAB procura, a partir de estudos tipológicos das línguas do mundo, demonstrar padrões lingüísticos semelhantes entre as línguas, o que pode levar à possível universalidade de certas estruturas lingüísticas, mostrando que a linguagem não é somente um fator cultural, mas também comum à espécie humana, e talvez inerente à língua em si.

Segundo Demolin (2002), a descrição da estrutura de uma língua é determinada por parâmetros fonéticos. A fonética pode levar a fonologia a ir além de ser somente abstrata. Já a fonologia pode ajudar a fonética a ter um papel mais preditivo na descrição lingüística. Ainda, de acordo com Lindblom (1986), para trabalho de campo, seu objetivo em relação à fonologia é ajudar a produzir uma teoria razoável que incorpore fenômenos fonológicos e fonéticos. Qualquer que seja o ponto de vista adotado, o resultado do trabalho de campo deve fornecer dados confiáveis e observações que contribuam para novas hipóteses, e que possam ser testados por novas evidências e experimentos adequados. Assim como no trabalho de campo, o trabalho de laboratório deve adotar essa posição.

Dessa forma, o presente trabalho, embora descritivo, pode predizer quais estruturas silábicas podem ocorrer no português do Brasil, além de, poder mostrar que essas estruturas são comuns também a outras línguas do mundo, o que pode dar suporte a uma teoria fonológica mais consistente. É importante lembrar que, embora se trabalhe com algumas constatações, análises e fenômenos no nível dos segmentos do português, o presente trabalho possui como objetivo principal o nível silábico e não o sonoro, e, portanto, não se deterá nas explicações para fenômenos nesse nível, e ainda sim, esta abordagem será experimental e no sentido tipológico, dentro da teoria molde/conteúdo. Portanto, não serão abordadas outras teorias dentro desse trabalho.

1.3 Justificativa

O trabalho se justifica pela necessidade de uma tipologia que se baseie em dados reais da língua. Ao contrário da tendência mais difundida na pesquisa lingüística do Brasil, que não procura dar um tratamento quantitativo para os dados, este trabalho segue a tendência *substance-based*, que, assim como as ciências experimentais exatas, utiliza métodos estatísticos para comprovar suas hipóteses.

Para esse estudo, será utilizado um banco de dados, proveniente do projeto Em Direção à Linguagem do Trabalho (DIRECT), do Programa de Estudos Pós-graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob responsabilidade do Professor Dr. Tony Sardinha. Esse banco de dados conta com cerca de cinco mil palavras, previamente selecionadas de acordo com critérios gramaticais, provenientes de discursos orais, tais como entrevistas, e é de tamanho satisfatório para os padrões do Institut de la Communication Parlée (GIPSA-LAB). O banco de dados será submetido a, além da transcrição fonética no alfabeto fonético internacional (IPA), transcrições em ponto e modo de articulação, e de coortes ('quadros' de palavras em formato CV).

Tais transcrições são fundamentais para toda e qualquer análise que venha a ser feita, pois servem de entrada para o programa de análise sílabica a ser utilizado. Uma vez preparado, os dados serão submetidos às análises no programa *Exploitation de Données Lexicales et Syllabiques* © - ULSID, desenvolvido pelo próprio GIPSA-LAB. Este programa é capaz de fornecer informações muito

importantes sobre o português, tais, como tipo silábico canônico, número médio de sílabas por palavra, número médio de fonemas por palavra, frequência de combinação sonora em cada tipo de sílaba, agrupamentos consonantais e vocálicos mais frequentes, e efeitos intra e intersilábicos. Dessa forma espera-se montar uma tipologia silábica para o português, pois somente assim será possível fazer análises fonético-fonológicas mais robustas a respeito da língua, bem como inseri-la num conjunto de línguas para pesquisa que se coloca dentro de uma perspectiva universal.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A Linha de Pesquisa *Substance-based*¹ e o Gerativismo: Competência *versus* Performance

Em muitas ocasiões, a fonologia tem sido vista como um nível de forma abstrata, independente da fonética. Por exemplo, Halle (1990) enfatiza que sons são complexos de traços que refletem as capacidades das porções do trato vocal forma independente, e que certas regularidades fonológicas devem ser expressas por regras, assumindo que este conhecimento é inato e parte do ‘dom’ genético humano para a linguagem. Esse tipo de afirmação ainda deve ser provado, embora não se deva duvidar da existência de aspectos genéticos que regulem certos aspectos da linguagem (DEMOLIN, 2008).

Essa abordagem é uma das mais utilizada nos estudos fonológicos em português do Brasil, ou seja, a que prioriza a **competência** lingüística em detrimento da **performance**². Essa abordagem, como já se sabe, está relacionada principalmente à teoria proposta por Chomsky, na década de 1950, que marcou significativamente os estudos lingüísticos a partir de então, a teoria gerativa. Esta teoria tem como objetivo a descrição e explicação do conhecimento lingüístico que todo ser humano tem, mesmo sem educação formal, para a construção de uma gramática.

¹Optou-se por manter o nome em inglês, ao invés da tradução, por não se ter encontrado na literatura um termo equivalente em português

² É importante lembrar que a competência lingüística da qual fala Chomsky é atribuída a um falante ideal, independentemente da língua e o meio social, diferentemente de Saussure, que sempre atribui uma dimensão social à língua (DEMOLIN, 2008, notas de reunião científica).

A gramática é um conjunto de regras lingüísticas que regulam a correspondência entre a forma e o som, e geram sentenças bem formadas na língua. O conceito retoma, guardadas as devidas diferenças, os conceitos de língua e fala saussureanos, mostrando uma certa continuidade entre os trabalhos de Saussure e Chomsky³. O fato que levou Chomsky a considerar a idéia da gramática motivada geneticamente é exatamente o fato de que qualquer falante pode fazer julgamentos intuitivos e naturais sobre sua língua, tais como boa e má formação de sentenças, mesmo sem ter passado por educação formal. Além disso, qualquer criança sem nenhuma desordem fonoaudiológica é capaz de adquirir uma língua nos primeiros anos de vida, sem que para isso tenha que freqüentar uma escola.

A essa capacidade, Chomsky chamou **competência lingüística**, que nada mais é do que o conhecimento lingüístico inconsciente do falante sobre sua língua e a respectiva gramática (MATZENAUER, 2005). Negrão *et al.* (2002), fazem uma apresentação sucinta do que é o conhecimento lingüístico na teoria gerativa.

Segundo as autoras, “a Gramática Gerativa assume que os seres humanos nascem dotados de uma faculdade da linguagem, que é um componente da mente/ cérebro especificamente dedicado à língua⁴. Essa faculdade da linguagem em seu estado inicial [...] é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana” (p.96). Dessa forma, essa gramática considera que a linguagem não é só um componente genético, mas também está localizada em algum lugar no cérebro. Não importa a

³ Os conceitos competência e performance serão utilizados no trabalho como semelhantes aos conceitos de língua e fala, embora hajam diferenças, como a citada na nota anterior.

⁴ Existem de fato áreas corticais conhecidas por terem uma estreita relação com a linguagem, tais como a área de Broca e a área de Wernicke. No entanto, nenhum estudo afirma categoricamente que essas áreas sejam as únicas responsáveis pela linguagem, nem que a linguagem seja processada somente nelas (Auzou *et al.*, 2001). Além disso, também não existe comprovação de que essas áreas já apareçam como dedicadas à linguagem desde a formação do cérebro, tanto no desenvolvimento do ser humano, como também na evolução da espécie. Essas áreas parecem ter sido adaptadas para a linguagem (MacNeillage, 1998).

língua, portanto. Todo o ser humano nasce com a mesma faculdade de linguagem, e “partem do mesmo estado inicial” (p.96).

Conforme o indivíduo se desenvolve, o estado inicial também se modifica, já que esse indivíduo está constantemente exposto à língua. A faculdade da linguagem inerente ao indivíduo, juntamente com a exposição desse indivíduo a uma determinada língua, proporcionam o desenvolvimento dessa determinada língua nesse indivíduo. Isto, é claro, se esse indivíduo não apresentar nenhuma deficiência que o impeça de adquirir a língua.

Esse estado inicial, na teoria gerativa, é chamado de **gramática universal**. Essa gramática pode ser descrita como um “conjunto de princípios lingüísticos determinados geneticamente” (p.97), constituída de dois tipos de princípios: invariáveis e variáveis. Esses últimos são chamados de parâmetros, pois seus valores são fixados de acordo com a língua a qual o indivíduo é exposto. “Portanto, adquirir o conhecimento de uma língua consiste em atribuir os valores estabelecidos por essa determinada língua aos parâmetros da Gramática Universal” (p.97).

Essa abordagem condicionou a relação entre a fonética e a fonologia, em relação à dominância da competência sobre a performance. A comunicação pela fala funciona em dois níveis: o sistema lingüístico e sua realização concreta.

Segundo Boë *et al* (2000), essa é a razão pela qual a comunicação pela fala é tão eficiente em relação aos demais meios de comunicação, seja humano ou animal (p.35). Tanto estruturalistas como gerativistas possuem os termos língua e fala, ou

competência e performance para descrever o sistema e a realização física. As mesmas abordagens preferem analisar somente a língua/ competência, porque, como o Saussure, no curso de lingüística geral (1970) diz: “os órgãos vocais são tão exteriores à linguagem quanto o aparato elétrico que serve para transmitir o código Morse é para o mesmo código; e a fonação [...] de forma nenhuma afeta o sistema em si” (p.36).

Além disso, o próprio Saussure atribui à língua (competência), um papel superior ao da fala (performance), “Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, pela sua própria natureza são subordinados a esta primeira ciência (língua), e é graças a essa subordinação que todas as diferentes partes da lingüística se encaixam no seu lugar natural” (p.37). Dessa forma, a fala ficou marginalizada no âmbito da lingüística, e também qualquer tentativa de interação entre tendências dos sistemas fonológicos das línguas do mundo (universais lingüísticos), e restrições de produção e percepção da fala.

O tipo de abordagem acima descrito ficou muito famoso por conta da abordagem saussureana e, posteriormente, por causa da abordagem chomskyana. No entanto, existem muitos trabalhos que utilizam outros pontos de vista, como por exemplo, a fonologia experimental.

A fonologia experimental não desafia a noção de que os humanos têm uma capacidade genética que dá conta do processo de aquisição da linguagem e processamento da língua. Pesquisas em ciência da fala têm procurado quais são os genes ligados à fala. Em 2001, por exemplo, Lai *et al* publicaram um artigo em que apresentam o gene responsável pela fala: *FOXP2*. A fonologia experimental não

duvida da capacidade genética de linguagem, mas do balanço do que é inato e do que é adquirido. Enquanto a fonologia gerativa postula que a linguagem é inata, havendo princípios e parâmetros geneticamente já estabelecidos quando do nascimento do indivíduo, e que os parâmetros são marcados durante o desenvolvimento do indivíduo, a fonologia experimental não defende que os parâmetros sejam inatos, mas que estes sim obedecem a restrições neurológicas, fisiológicas e sensoriais do ser humano.

Boë *et al* (2000) afirmam que é quase absurdo que, no século XXI, tais correntes lingüísticas ainda sejam caracterizadas por esse inatismo, e o usem como respaldo para suas afirmações, recusando evidências apontadas por outras áreas semelhantes, como a ciências da fala, que também têm a fala e a língua como objetos de estudo.

No entanto, tanto a fonologia experimental como a teoria fonológica gerativista, mesmo utilizando metodologias diferentes possuem o mesmo objetivo, segundo Bach e Harms (1968, apud ROUSSET, 2004), que é a tentativa de descobrir o que é comum a todas as línguas, e os limites dentro dos quais as línguas podem variar.

A fonologia experimental está baseada numa linha de pesquisa chamada *substance-based*, que assim como observado acima, não coloca em xeque as hipóteses da fonologia gerativa, como o aspecto genético da linguagem, mas sim pretende dar uma abordagem diferente a elas com um aspecto mais científico baseado em análises matemáticas e estatísticas.

A linha de pesquisa *substance-based* considera que os dados são externos à descrição fonológica: restrições de produção e percepção da fala às quais é possível adicionar dados de aquisição e de distúrbios da linguagem. Essa abordagem foi usada pela primeira vez por Liljencrants & Lindblom (1972), como a lingüística “orientada pela substância”. Os modelos atuais seguem a proposta dos autores, e permitem a predição de grandes tendências observadas em estruturas sonoras. É possível então analisar as estruturas, bem como suas mudanças, sistematicamente, e estabelecer o que pode ser atribuído a restrições de produção e de percepção de fala.

O que mais se tem feito sob a perspectiva dessa abordagem são os estudos tipológicos. Comparações dos sistemas fonológicos das línguas do mundo permitem verificar a frequência da ocorrência de sistemas com, por exemplo, cinco vogais orais, e dessa forma se chegar a padrões que podem ser considerados universais lingüísticos. No GIPSA-LAB, e em outros centros de pesquisa, a análise do *UCLA Phonological Segment Inventory Database* (UPSID)⁵ (MADDIESON, 1984) tem sido muito esclarecedora nesse sentido.

2.1.1.1 A Teoria de Dispersão e Focalização e os estudos tipológicos no GIPSA-LAB

O GIPSA-LAB possui uma série de estudos nessa linha de pesquisa, como, por exemplo, a Teoria de Dispersão e Focalização (*Dispersion-Focalization Theory*, doravante DFT, Schwartz *et al.*, 1997). A DFT permite predizer sistemas de vogais

⁵ Ian Maddieson, *Patterns of Sounds*, 1984, CUP.

através de dois custos perceptuais: para um determinado número de vogais, o sistema mais freqüente nas línguas do mundo deve ser obtido através de um critério global combinando um custo de dispersão estrutural e um custo de focalização local.

O custo da dispersão envolve distâncias auditivas entre os espectros vocálicos, computado através da distância no espaço F1 x F2 (primeiro e segundo formantes)⁶, e favorece distâncias intervocálicas mais largas. O custo da focalização local envolve a distância dos formantes consecutivos dentro de cada espectro vocálico, e favorece vogais focais, ou seja, com pelo menos dois formantes de frequência próxima, por exemplo a vogal [i] que possui formantes F2 e F3 próximos um do outro. É interessante notar que os resultados das predições dos sistemas vocálicos feitos baseados nessa teoria são consideravelmente compatíveis com os sistemas vocálicos fonológicos descritos e classificados pelo UPSID.

Os pesquisadores agora estão fazendo estudos para a criação de uma teoria que dê conta das consoantes das línguas do mundo, sob a mesma perspectiva. Boë *et al* (2000) apresentam um estudo tipológico das consoantes do conjunto de línguas do UPSID. Ao contrário do que ocorre com as vogais, ainda se está muito longe de entender quais restrições atuam nos sistemas consonantais das línguas do mundo.

Usando o banco de dados UPSID, e a classificação em ponto e modo de articulação, os autores encontraram cerca de 654 fonemas consonantais, em 13 pontos de articulação: bilabial, labiodental, dental, alvéolo-dental, alveolar, pós-alveolar, retroflexo, palatal, velar, uvular, faringal, epiglotal e glotal. Sete grupos de modos de

⁶ Formante é o termo designado para harmônicos com maior amplitude dentro de um espectro acústico. Uma vogal é caracterizada de acordo com os harmônicos de maior amplitude.

articulação foram encontrados: plosivas, nasais, fricativas, africadas, aproximantes, vibrantes, e cliques. Os pontos de articulação estão ilustrados na figura a seguir:

Figura 1: Pontos de articulação encontrados no banco de dados UPSID. Adaptado de Boë *et al*, 2000.

O número médio de consoantes por língua é de cerca de 22, com 7,8 plosivas, 4,1 fricativas, 3,3 nasais, 2,9 aproximantes, 2 africadas, 0,6 ejetivas, 0,5 vibrantes e 0,2 cliques. No conjunto completo dos dados, a freqüência de consoantes por ponto de articulação se dá de acordo com a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Freqüência das consoantes por ponto de articulação. Adaptado de Boë *et al*, 2000.

Ponto	%
Alvéolo-dental	15,3
Bilabial	14,3
Velar	12,6
Palatal	10,0
Apico-alveolar	9,9
Glotal	7,6
Pós-alveolar	6,7
Labiovelar	5,1
Dental	5,0
Lamino-alveolar	3,4
Labiodental	3,3
Retroflexa	2,9
Uvular	1,7
Outros	Menos que 1

Já a distribuição das consoantes por modo de articulação se encontra na Tabela 2:

Tabela 2: Frequência das consoantes por modo de articulação. Adaptado de Boë et al, 2000.

Modo	%
Plosiva	38,6
Fricativa	20,2
Nasal	14,6
Aproximante	13,0
Africada	9,6
Vibrante	3,9

Plosivas coronais surdas são as mais freqüentes (97,5% das línguas); [k], [j] e [p] aparecem em mais de 80% das línguas; [d], [b], [h], em mais de 60%. Nasais bilabiais e coronais aparecem em nove de cada dez línguas; [w] e [s], em duas de cada três línguas; e [l], [g], [ŋ], [ʔ] aparecem em pelo menos uma de duas línguas.

Relacionando-se ponto e modo de articulação, observa-se uma correlação entre o tamanho dos sistemas fonológicos de ponto e os modos de articulação:

- Plosivas ocupam cerca de três a seis pontos de articulação. Esse é o único modo que usa sistematicamente contrastes de ponto: pelo menos três distinções aparecem em todos os sistemas.
- Fricativas e aproximantes são os modos que possuem o maior número de contrastes de pontos nos sistemas. Fricativas são as mais bem distribuídas em sistemas de diferentes tamanhos. Normalmente os sistemas de contrastes das fricativas são mais complexos do que os das plosivas. Cerca de 8% dos sistemas fonológicos analisados não apresentam fricativas.
- Vibrantes quase não apresentam contraste de ponto e nunca ocupam mais do que dois pontos num mesmo sistema. A mesma tendência é observada para as africadas.

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos pontos de articulação para cada modo.

Tabela 3: Co-ocorrência de modos e pontos de articulação. As porcentagens são as quantidades de línguas que possuem os pontos e os modos. Adaptado de Boë *et al*, 2000.

	0 pontos	1 ponto	2 pontos	3 pontos	4 pontos	5 pontos
plosiva	0% -	0% -	0,20% coronal bilabial	31% coronal bilabial Velar	43% coronal bilabial velar glotal	21% coronal bilabial velar glotal uvular
nasal	3,50% -	1,80% coronal	31% coronal bilabial	32% coronal bilabial Velar	27% coronal bilabial velar palatal	3,50% coronal bilabial velar palatal coronal 2
fricativa	7% -	6,60% coronal	18% coronal glotal	28% coronal Glotal labiodental	20% coronal glotal labiodental coronal 2	11% coronal glotal labiodental coronal 3 velar
africada	33% -	42% coronal	20% coronal coronal 2	4,90% coronal Coronal 2 Coronal 3	- -	- -

É interessante notar a distribuição do tipo de modos pelo número de pontos. As coronais aparecem em todos os modos de articulação, e também em todos os pontos.

Não há plosivas com menos de dois pontos de articulação, e a maior parte dos sistemas consonantais possuem quatro pontos de articulação para esse modo: coronal, bilabial, velar e glotal. As nasais começam com um único ponto; a maior parte das línguas possui três pontos de articulação. As fricativas também começam com uma única ocorrência; a maior parte das línguas possui três pontos de articulação: coronal, velar e labiodental. Por último, as africadas possuem um único ponto de articulação: coronal.

Verifica-se que 95% das línguas analisadas contrastam três pontos de articulação dentro de cada modo. A maior parte dos contrastes está entre três e quatro. Sistemas com cinco contrastes são 36%, usando plosivas em sua maioria. Línguas com mais de cinco contrastes são menos freqüentes, e praticamente todas elas são africanas.

Sobre a distinção vozeada / surda, é importante mencionar que 64% das consoantes plosivas são surdas; das consoantes surdas, 72% delas são fricativas.

Os autores relacionam os resultados encontrados com dados de ontogenia da fala, e encontram informações interessantes. Plosivas constituem 80% das produções de crianças durante os primeiros meses do balbucio, sendo [p], [b], [m], [t], [d] os mais freqüentes⁷. Em crianças de oito a doze meses de idade, vários tipos de fechamentos emergem, sendo mais freqüentes consoantes plosivas alveolares e bilabiais⁸. Velares e glotais são as últimas a aparecer⁹.

Em linhas gerais, os autores concluem que, da relação entre a ontogenia e tipologia, os fechamentos produzidos durante o balbucio e as primeiras palavras correspondem aos fonemas consonantais mais freqüentemente usados nas línguas do mundo. Plosivas bilabiais e alveolares emergem primeiro; para as fricativas, as primeiras a emergir são as glotais e alveolares. As oscilações mandibulares produzidas durante o balbucio e as primeiras palavras correspondem aos inventários consonantais mais freqüentes, particularmente os menores.

⁷ Boysson-Bardies, B. **Comment la parole vient aux enfants**. Odile Jacob, Paris, 1996.

⁸ Robb, M and Bleile, K. Consonant Inventories of Young Children from 8 to 25 Months. In: **Clinical Linguistics and Phonetics**, 8, 1994, pp. 295-300.

⁹ Davis, B. and MacNeilage, P. Organization of Babbling: a Case Study. In: **Language and Speech**, 37 (4), 1994, pp. 341-355.

Os autores, em suas conclusões, afirmam que, de acordo com os resultados, as línguas do mundo não constroem seus sistemas fonológicos, nem exploram as possibilidades do trato vocal, dos sistemas auditivo e visual arbitrariamente. Na verdade, é possível prever grandes tendências e variações para os sistemas vocálicos. A correspondência entre fonemas consonantais mais frequentes nas línguas, e as consoantes mais frequentes nas produções de crianças, sem levar em conta sua língua nativa, permite propor a hipótese de que os sistemas consonantais de diferentes línguas se originam das capacidades do balbúcio.

Outra informação de grande importância é o fato de que as regularidades aconteçam em várias línguas do mundo, tanto genética como geograficamente distantes. Isso valida a ideia dos universais lingüísticos, sejam quais forem as suas naturezas.

2.2 Universais Lingüísticos e a Tipologia

“Se algo existe no fenômeno da fonação com um caráter universal, que se anuncie como superior a todas diversidades locais dos fonemas é, sem dúvida, essa mecânica regulada de que acabamos de falar” (Saussure, 1970). Essa citação fala da relação entre fonemas quando pronunciados de forma combinada na cadeia falada. Saussure trata então da sílaba, já que é ela que sobressai mais do que os sons que a compõem. Essa mecânica regulada é a restrição de fonemas que podem combinar por conta de restrições articulatórias. Dessa forma, a restrição articulatória pode ser dita uma força universal.

Universais são as forças que dão forma à língua falada. Além disso, tais forças influenciam a linguagem de forma probabilística (OHALA, 1999), ou seja, do ponto de vista da probabilidade de dois sons se combinarem, por exemplo. Tais forças podem ser vistas tanto da perspectiva a produção como da percepção de fala.

As forças de produção da fala podem ser de restrições neurológicas, anatômicas, fisiológicas e aerodinâmicas, bem como, restrições geradas pelo mapeamento entre o trato vocal e o sinal acústico. As forças de percepção da fala podem ser de restrições da transformação de fala no aparelho auditivo central e periférico, inibição lateral, mascaramento, bandas críticas e memória de curto prazo (OHALA, 1999). Dessa forma, os universais lingüísticos são a razão de a língua ser como é. Por isso, observar a saída¹⁰ pode trazer alguma clarificação de como o processamento de fala funciona.

De acordo com Rousset (2004), uma vez que semelhanças entre línguas são identificadas, os pesquisadores começam a se perguntar o porquê. Fora do Brasil, há muitos estudos feitos sobre esse assunto, como no caso dos universais fonológicos. Mas esses estudos não chegam a um consenso, pois há muitos fatos ainda a serem debatidos, além das diferentes teorias adotadas para cada estudo.

A melhor forma de se encontrar os universais lingüísticos, atualmente a mais corrente, é a tipologia, embora haja outras formas, como a lingüística genética, que é baseada na pesquisa de uma origem comum entre as línguas do mundo. Essa última é a vertente observada nos estudos neogramáticos, e nos estudos feitos por

¹⁰ Em inglês, *output*.

Câmara Jr, como por exemplo, e sua obra “Princípios de Lingüística Geral” (1980). A abordagem tipológica se dá com o objetivo de estudar os mecanismos subjacentes ao funcionamento da linguagem humana.

A tipologia lingüística procura descobrir, no nível genético e geográfico, regularidades que podem ser classificadas dentro de um mesmo tipo, sendo considerada como um dos sistemas possíveis que satisfazem condições gerais do funcionamento da linguagem humana (Rousset, 2004). O já mencionado *UCLA Lexical and Syllabic Inventory Database* (ULSID), do qual o português passará a fazer parte, é um banco de línguas tipologicamente diferentes e relevantes. A idéia é montar um conjunto de línguas tipologicamente significativas, transcritas e organizadas sistematicamente, para servir de base para pesquisa de universais lingüísticos sobre a organização das estruturas silábicas.

As línguas do ULSID estão todas em formato de léxicos ou dicionários, transcritas foneticamente, e separadas em sílabas. A metodologia do trabalho consistirá essencialmente em colocar o banco de palavras do português dentro desse formato, assim, o português passará a se encaixar em um banco de dados de aceitação internacional, bem como se inserir e integrar pesquisas desse nível.

2.3 Sílaba

A sílaba é, sem dúvida, uma unidade no complexo língua-fala. É uma unidade difícil de se definir, mas que remonta à própria antiguidade greco-romana, quando a elaboração da escrita dita silábica, base para a formação da escrita fonética ou fonológica como as hoje conhecidas (FERREIRA NETTO, 2001). As várias abordagens, de uma forma mais direta, ou de forma indireta, a contemplam em suas análises. A seguir, apresenta-se uma breve revisão de como a sílaba é tratada nas principais abordagens teóricas e metodológicas relevantes para o presente trabalho.

2.3.1 Sílaba na Teoria Fonológica

Todas as abordagens em fonologia gerativa consideram a sílaba como uma unidade fundamental na análise fonológica. No entanto, não há concordância quanto à sua precisa natureza. Há muitas evidências, mas todas dispersas em estudos de várias correntes e teorias diferentes, e até contradizentes.

Juliette Blevins, em seu artigo *The Syllable in Phonological Theory* (1996) procura de certa forma, agrupar o que há de essencial sobre a sílaba em todas as correntes lingüísticas, baseada, é claro, numa perspectiva não-experimental. A sílaba pode ser vista, dessa perspectiva, como “unidade estrutural que fornece organização melódica para uma frase fonológica”.

A organização se baseia na sonoridade inerente de um segmento fonológico, em que sonoridade é altura de um fonema em relação aos demais. A organização de

uma frase fonológica em sílabas resultará em um contorno característico, sendo cada pico de sonoridade correspondente a uma sílaba.

Para mostrar que a sílaba é um constituinte fonológico, Blevins partiu da premissa que qualquer generalização é mais facilmente demonstrada em termos de contraste e distribuição de constituintes. Essa é uma visão tradicional no modelo gerativista, e básica na descrição de um inventário de sons em trabalho de campo (LADEFOGED, 2004).

Como reconhecer o domínio silábico? Existem certos processos fonológicos que estão em um domínio maior do que o fonema, porém menor do que a palavra e o morfema, e que contém somente um pico de sonoridade. Um exemplo é a faringalização em certos dialetos do árabe, como o do Cairo (Broselow, 1979 *apud* BLEVINS, 1996), em que a presença de uma consoante faringalizada, ou uma consoante enfática, se estende a domínios maiores do que um único fonema, entretanto menores do que uma palavra.

Duas outras propriedades fonológicas podem ser atribuídas à sílaba: acento e tom. As línguas do mundo possuem dois tipos de acento: línguas em que o peso silábico (leve ou pesada) é importante, e línguas em que é irrelevante. No primeiro caso, temos a mora como a unidade de sustentação do acento; no segundo caso, temos a sílaba como essa unidade. No entanto, ambos os tipos necessitam da sílaba para marcar o acento (ou o tom). Hayes (1991, *apud* BLEVINS, 1996), postula uma restrição universal que proíbe um pé métrico de dividir uma sílaba, ou seja, uma

unidade de acento jamais se realizará entre duas sílabas. Dessa forma, sem a noção de sílaba, esse encaixe do pé métrico ficaria difícil de imaginar.

Existem ainda, os chamados jogos de linguagem, como a língua do “pê”, que consiste em encaixar o som [pe] entre todas as sílabas de uma palavra, ou enunciado. Por exemplo, na frase ‘Joana saiu’ temos [ʒõ.ã.na.sa.iu], que em língua do “pê” fica [pe.ʒõ.pe.ã.pe.na.pe.sa.pe.iu].

No entanto, a melhor evidência para a existência da sílaba é a intuição do falante. Nativos de qualquer língua sempre têm intuições muito precisas sobre a quantidade de sílabas de uma palavra, e em alguns casos, podem informar onde a quebra de sílaba ocorre. Blevins argumenta que se a fonologia é em parte o estudo da representação mental da estrutura sonora, então tais intuições dão suporte à afirmativa de que a sílaba é um constituinte fonológico plausível (p.210).

A intuição do falante é, para a abordagem fonológica, de crucial importância, e a maior parte dos experimentos baseados na competência do falante se utiliza somente dessa perspectiva. No entanto, já se sabe que nem sempre o falante é a melhor fonte para validação de hipóteses, pois muitas vezes o próprio falante não sabe identificar as sílabas, tampouco delimitá-las, como no caso de alguns ditongos em português do Brasil.

2.3.1.1 Princípio de Sonoridade Seqüencial (PSS)

Como dito no começo do capítulo, a sílaba se baseia na sonoridade inerente dos fonemas que a compõem. Dessa forma, o Princípio da Sonoridade Seqüencial (PSS) é de extrema importância para se entender a constituição da sílaba dentro da fonologia gerativa. O PSS diz:

Entre qualquer membro de uma sílaba e o pico silábico, a sonoridade é crescente.

Esse princípio possui uma base fonética subjacente, já que lida com percepção, e pressupõe um contorno de sonoridade para a sílaba, algo como uma curva de sonoridade, em que o pico sempre coincide com o núcleo. Essa sonoridade pode ser medida através de uma escala. Ladefoged (1982) apresenta uma primeira escala para o inglês (1):

(1) a>æ>ε>ɪ>u>i>l>n>m>z>v>s>f>d>t>k.

Clements (1989 apud COLLISCHONN, 2005) também apresenta uma escala de sonoridade, definida em traços binários, de acordo com a Tabela 4 a seguir:

Tabela 4: Escala de sonoridade de acordo com Clements (1989).

	a	ε/ε	i	liquida	nasal	obstruinte
Aberto 1	+	-	-			
Aberto 2	+	+	-			
vocóide	+	+	+	-	-	-
aproximante	+	+	+	+	-	-
soante	+	+	+	+	+	-
	5	4	3	2	1	0

A vantagem da escala acima é a de categorizar os segmentos em termos de traços distintivos, mesma classificação usada em outras regras fonológicas e restrições. Fazendo-se a silabificação, qualquer palavra deve ser conformada dentro da hierarquia da sonoridade:

0 2 5 0 3 0 2 5 . 0 3
 p r a t u → p r a . t u

Uma vez entendido o Princípio de Sonoridade Seqüencial, pode-se falar da estrutura interna da sílaba. A fonologia gerativa vai se basear novamente na distribuição dos segmentos para justificar a sua existência, ou seja, um constituinte só existe em comparação com outro.

Segundo Bisol (1999), tradicionalmente a sílaba possui dois constituintes, o ataque e a rima. Esta última é constituída de núcleo e coda. O único elemento obrigatório na sílaba é o núcleo, sendo os demais opcionais.

Figura 2: Estrutura silábica. Adaptado de Bisol (1999).

Levando-se em conta o Princípio da Sonoridade Seqüencial, existe um aspecto que favorece a divisão da sílaba em ataque (A) núcleo (Nu) e coda (Co). O primeiro é o fato de a sonoridade de segmentos pré e pós-núcleo numa sílaba do tipo CVC pode se conformar ao PSS, mas não necessariamente a sonoridade dos elementos é influenciada pelo núcleo, o que mostra que os elementos não estão conectados

entre si. O PSS pode, no entanto, influenciar outros tipos de sílabas, principalmente as mais complexas como ataque duplo (CCVC), dentre outros. No primeiro tipo de sílaba, pode-se afirmar a seguinte restrição: a escala de sonoridade influencia o tipo de segmento no ataque duplo, ou seja, o segundo segmento sempre é mais sonoro do que o primeiro, não ocorrendo o contrário¹¹.

Blevins argumenta que a evidência mais forte para a existência da rima é o peso silábico que afeta somente esse constituinte. Sabe-se que existem dois tipos de sílabas: as leves e as pesadas. As sílabas pesadas normalmente atraem o acento. Em quase todas as línguas, o ataque não tem participação na determinação do peso silábico. As sílabas mais pesadas sempre são do tipo CVV, ou CVC, sendo mais leves as sílabas do tipo CV. Outra evidência é a restrição do número de elementos internos da rima permitidos. Por exemplo, em espanhol, não é permitido mais do que três elementos dentro da rima. Blevins argumenta que essa restrição não seria possível sem referência à idéia de rima.

No entanto, evidências para a existência de cada elemento em isolado são difíceis de encontrar. Tanto o ataque como a coda só podem ser justificados por serem o que “sobra” quando a rima ou o núcleo é retirado. Dessa forma, o argumento mais consistente continua sendo o PSS.

¹¹ Embora ocorram muitas exceções, como algumas palavras iniciadas com uma fricativa + plosiva, que possuem graus de sonoridade diferentes, sendo a primeira mais sonora que a segunda.

2.3.1.2 O Processo de Silabificação

Embora a sílaba possa ser justificada como um constituinte, ainda falta justificar de onde ela vem, e em que nível lingüístico ela se origina. Parece haver três justificativas para a sílaba não estar presente nas representações subjacentes. A primeira é o fato de não haver pares mínimos distintivos no nível silábico; a segunda é que línguas podem apresentar palavras com silabificações alternativas, em que, normalmente, as alternativas são previsíveis e não distintivas; uma terceira evidência é que morfemas normalmente não se encaixam nos quadros silábicos, fazendo com que a silabificação no nível lexical não seja produtiva. Além disso, evidências em dados de afasia sugerem que a sílaba se encontre após o nível de codificação fonológica (WILSHIRE; NESPOULOUS, 2003).

Não estando na forma subjacente, então a sílaba deve surgir de uma outra forma. A mais sugerida é o algoritmo, do qual pode-se afirmar dois tipos: o de regra e o de molde. O algoritmo de regra pressupõe uma série de regras estruturais ordenadas que tenha status fonológico similar ao de outras regras fonológicas; não necessariamente devem se aplicar de forma direcionada, nem as sílabas precisam ter suas estruturas maximizadas. O de molde funciona de forma diferente: a palavra, ou frase, ou sílaba é escaneada de forma direcionada, tanto da direita para esquerda como ao contrário; segmentos sucessivos são colocados em um molde silábico, de forma maximizada.

E o que acontece com segmentos que não podem ser silabificados? Existem três possibilidades: o segmento emerge na superfície, formando uma seqüência

anômala; o segmento pode ser apagado; pode ocorrer epêntese para a formação de outra sílaba. Este último é o mais estudado.

2.3.1.3 Sílaba de Saussure

Saussure, no seu curso de lingüística geral, afirma a importância de se estudar não somente os fonemas, mas também “extensões dos sons falados”, já que “a sílaba aparece mais diretamente do que os sons que as compõem” (p. 62). O autor sempre reforça a idéia da relação entre os sons, já que mudanças sonoras sempre se dão em determinados contextos. “Quando se trata de pronunciar dois sons combinados [...] estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido [...]. A liberdade de ligar espécies fonológicas é limitada pela possibilidade de ligar os movimentos articulatorios” (p. 63). Certamente isso não pode se dar no nível de análise dos fonemas, mas sim em um nível mais alto, nesse caso, a sílaba.

Câmara Jr (1980) mostra de forma clara como Saussure procurou lidar com a questão da sílaba, mais precisamente como definir as fronteiras desta. O autor mostra que Saussure procurou a, “grosso modo”, desviar-se de uma noção acústica da sílaba para se concentrar em seu aspecto articulatorio. Câmara Jr cita Meillet (1953, p.128) para definir a sílaba de um ponto de vista articulatorio: a sílaba passou a ser caracterizada pela “condição de série fônica ‘compreendida entre dois termos extremos de movimentos de abrimento e fechamento bucal’”. Trata-se de uma “atitude de abrimento cada vez maior que se segue outro cada vez menor, ou seja,

de gradual cerramento. É obvio que o fato motor do abrimento é paralelo ao fato acústico da sonoridade ou perceptividade vocal” (p. 72).

Dessa forma, pode-se deduzir que Câmara Jr, de alguma forma, trata a sílaba com relação ao PSS. Esse abrimento e fechamento correspondem à explosão e a implosão, silábica de Saussure, o que delimitaria a fronteira silábica. O autor, então, fala que Saussure dá o nome de ‘ponto vocálico’ ao início do cerramento, que corresponde a um som com caráter implosivo. Pode-se notar então que a idéia de se ligar à sílaba um caráter articulatorio não é nova, bem como a relação entre fonemas dentro dela.

2.3.1.4 Sílaba na Visão Gerativa

Na teoria gerativa clássica, a fonologia é a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática (MATZENAUER, 2005). A interpretação fonética consiste em uma seqüência de segmentos fonéticos baseados em um conjunto de especificações de traços, ou seja, uma representação fonológica.

O falante de uma língua então possui dois níveis de informação fonológica, 1) a representação fonológica, que contém somente informações distintivas de sons em relação uns aos outros (princípios da arbitrariedade de do valor, ver item 2.1); e 2) a representação fonética, que indica como a descrição sintática é realizada. Embora ambas as representações funcionem num nível mais abstrato da língua, a fonologia seria mais importante, pois abriga todo o conjunto de unidades distintivas que

operam no nível da decodificação sonora inerente ao item lexical, sendo a fonética um nível mais de execução da estrutura sintática previamente traduzida em traços.

Os traços, assim, são chamados distintivos, e são considerados as unidades mínimas de representação fonológica, que identificam itens lexicais da língua. Podem ser tanto de origem acústica como articulatória. Essas unidades são vistas como as unidades de análise dos sistemas sonoros das línguas do mundo, já que o foco da teoria gerativa não é uma análise da realização concreta, e sim do processamento abstrato da língua.

Existe uma série de traços que dão conta tanto das vogais como das consoantes das línguas. Tais traços pretendem ser universais, já que podem ser aplicados a sons de qualquer língua do mundo. Existem traços de cavidade oral e nasal, de modo de articulação, de fonte, prosódicos, além dos traços de classes principais.

No que concerne o objetivo desse trabalho, a teoria gerativa considera a sílaba somente como um traço distintivo de classes principais, ligado a determinado tipo de segmento. Assim, o traço [+silábico] é atribuído a elementos que constituem pico de sílaba; [- silábico] é atribuído aos demais elementos que constituem a mesma. Assim, o traço [+ silábico] traduziria vogais, consoantes líquidas silábicas nasais silábicas e semivogais. Como o foco está no fonema, não há explicações do que possa ser um pico silábico. No entanto, pode-se pensar na relação do traço [silábico] com o PSS, pois somente os elementos que ocupam picos de sonoridade possuem [+silábico].

Dentro da idéia geral da teoria, que é a dos traços distintivos que formam, juntamente com o nível semântico, a representação inerente das sentenças, pode-se dizer que a sílaba foi contemplada. No entanto, a teoria gerativa clássica jamais atribuiu um nível de constituinte para a sílaba, já que o nível principal de análise é a sentença.

Um fato decorrente dessa não consideração é o de não se permitir observar nenhum tipo de relação combinatória entre os segmentos na cadeia falada. A relação entre os segmentos é observada somente por meio de regras de mudanças de traços nos segmentos. Não há uma relação de combinação entre os segmentos no nível fonológico mais abstrato, ou seja, não se pode saber se há alguma motivação para a combinação dos segmentos tal como eles são a não ser pelo fato de representarem a estrutura sonora inerente da sentença.

2.3.2 Sílaba na Teoria Fonética

As abordagens fonéticas não tratam de algoritmos de silabificação, muito menos de estruturas subjacentes, que emergem de forma estranha, ou de traços distintivos. Os foneticistas procuram elementos na fala que possam definir a sílaba fisicamente. Existem muitas abordagens ao problema, que, não raras vezes, se diferenciam somente pelo método de pesquisa. Ao contrário do que foi falando acima, na fonética, as sílabas obedecem mais a restrições físicas e /ou biológicas, e fatores evolucionários, tanto na ontogenia como na filogenia da fala.

Ladefoged (1989) afirma que não há uma definição fonética consensual para a sílaba. No entanto, a sílaba vem ganhando cada vez mais espaço, tanto na fonética como na fonologia, já que é uma unidade consciente de fala, ao contrário do fonema.

Dessa forma, os pesquisadores devem procurar indícios de sua existência dentro do sinal acústico.

Kawasaki (1982) afirma que o falante-ouvinte possui um papel central na organização dos segmentos em sílabas, pois esta é alvo de restrições tanto perceptuais como acústicas, que são dadas somente pelo informante.

Dois fatores acústicos são determinantes para o favorecimento de seqüência de sons, i) a grandeza da modulação acústica¹² dentro de uma seqüência e ii) o grau de diferenciação acústica entre seqüências diferentes. A falta de modulação acústica explicaria a pouca freqüência de grupos de obstruintes, por exemplo.

Os ouvintes certamente preferem sinais acústicos melhor modulados, por serem mais salientes percentualmente. Por isso, seqüências sonoras favorecidas universalmente devem apresentar mudanças acústicas maiores. Não é por acaso que as classes de sons fundamentais, consoantes e vogais, formando oposição primária entre os sons, criem modulações acústicas máximas, e, suas combinações sejam as mais produtivas em qualquer língua. Kawasaki mostra que Stevens, em muitos de seus trabalhos, cria a hipótese de que a fala corrida se dá em intervalos de mudanças acústicas abruptas, basicamente representadas por consoantes, e que o sistema auditivo humano foca nessas mudanças. A percepção prioriza esse tipo de mudança, e infere que os sistemas sonoros das línguas do mundo reflitam esse tipo de contraste.

¹² O conceito de modulação acústica vem de Ohala (1980). "Human sensory systems are more sensitive to well-modulated signals than to steady-state signals" (Kawasaki, 1982, p. 55). A modulação acústica está relacionada com o contraste máximo, em termos acústicos, de uma seqüência, tais como mudanças espectrais de formantes. Assim, seqüências de fonemas bem moduladas devem ser mais viáveis nas línguas (Kawasaki, 1982).

Esse tipo de hipótese não é diferente da maioria dos trabalhos que serão aqui apresentados, em que o jogo de ‘proximidade’ e ‘contraste’ é muito presente, tudo motivado pela melhor ‘comunicabilidade’ da mensagem com o menor esforço de contraste entre fonemas possível, ou seja, um equilíbrio que garanta o princípio do máximo contraste (LILJENCRANTS; LINDBLÖM, 1972).

A autora acredita que esse tipo de abordagem fornece uma forma de explicar tendências universais tais como o desfavorecimento de grupos consonantais e vocálicos longos, já que a modulação acústica nessas seqüências é mínima. A mesma explicação pode ser atribuída à tendência de se eliminar grupos consonantais de mesmo modo de articulação, desfavorecidos pela mesma razão que grupos consonantais, a raridade de grupos do tipo “nasais + líquidas”, assim como a baixa freqüência de nasais posteriores em início de palavra. Uma grande evidência para a maximização da modulação acústica na fala é a alta produtividade de combinações entre consoantes e vogais alternadamente, que é a seqüência do tipo CV.

Redford e Diehl (1999), numa abordagem mais perceptual, procuraram evidências para a sílaba na forma como consoantes em ataque e coda são percebidas. Nesse estudo, os autores mostram que consoantes iniciais são mais bem percebidas do que consoantes finais, não importando a consoante, a vogal adjacente, ou mesmo o locutor. Além disso, consoantes pós-vocálicas que precedem uma vogal (sílabas do tipo CV) são mais bem percebidas do que consoantes seguidas de consoantes (sílabas do tipo CCV). Tais afirmações são condizentes com o Princípio da

Sonoridade Seqüencial, e também com o Princípio de Maximização do Ataque (SELKIRK, 1984), já que o ataque de uma sílaba não inicial é bem mais perceptível do que a coda de uma sílaba inicial.

No nível acústico, os autores demonstram que a amplitude do sinal contribui mais para o reconhecimento da posição da consoante do que a sua duração, assim como freqüências de transição em F2 (segundo formante).

O mesmo estudo ainda demonstra a existência de uma base articulatória para as diferenças de percepção observadas entre consoantes em ataque e consoantes em coda. No entanto, a única língua usada nesse estudo foi o inglês (variedade americana), e por isso não pode ser dito universal. Evidências em outras línguas são necessárias para que essas afirmações se tornem representativas.

2.3.2.1 Um Processo de Silabificação

Seguindo a linha de raciocínio, Maddieson (1999) aponta que a falta de uma definição fonética da sílaba não elimina o reconhecimento de marcadores fonéticos da constituição silábica. Se existem mesmo pistas fonéticas para a silabificação, elas devem ser sutis. No entanto, é importante mencionar que falantes nativos podem procurar essas pistas quando fazem julgamento de quantidade de sílabas em um determinado conjunto de dados.

Baseado em experiências de análise do espectro acústico, o autor afirma que vogais em sílabas fechadas (do tipo CVC) tendem a ser mais curtas do que as mesmas em outras sílabas. Ainda, o autor afirma que esse fenômeno parece ser relativamente

comum, no entanto não há estudos desse caráter que mostrem se essa tendência é universal.

A abordagem da sílaba como unidade fundamental na percepção de fala vai ao encontro de estudos feitos com recém-nascidos, sobre a capacidade de reconhecimento de determinadas estruturas lingüísticas, dentre as quais, a sílaba. Alguns estudos¹³ mostram que recém-nascidos conseguem discriminar enunciados baseando-se no número de sílabas. Os crianças parecem separar os enunciados em seqüências de duas a três sílabas, do tipo CV (quanto à variação do tipo silábico, nenhum resultado relevante foi encontrado).

Perspectivas mais voltadas para a psicolingüística têm explorado a questão da pertinência da sílaba à representação mental da linguagem. Uma das formas desse tipo de estudo é a análise da capacidade de segmentação e reconhecimento da sílaba por informantes adultos.

Seguindo essa linha de raciocínio, Mehler *et al* (1981) testaram o reconhecimento de seqüências sonoras dentro de uma palavra como sílabas. Os autores trabalharam com a hipótese de que, se a sílaba é a unidade de segmentação de fala, os informantes logo as detectariam em seqüências correspondentes às estruturas silábicas de uma palavra qualquer. Os resultados obtidos foram bastante favoráveis, pois o tempo de reação dos sujeitos do experimento variou de acordo com a aderência da seqüência sonora apresentada, e da primeira sílaba da palavra entendida.

¹³ Ver Bijeljac-Babic, Bertoncini e Mehler (1993).

Os estudos acima mencionados apontam para a sílaba (notavelmente, a estrutura CV) como uma unidade importante na primeira etapa de aquisição da fala, bem como para a percepção de fala, embora ainda se esteja longe de se entender sua real estrutura organizacional (dificuldades de segmentação de estruturas com grupos consonantais é um bom exemplo).

2.3.2.2 A Teoria Molde/conteúdo: Sílabas e Segmentos

A teoria molde/conteúdo da evolução da fala (MACNEILAGE, 1998; 2008) não é uma teoria lingüística, mas sim de evolução da fala em termos biológicos, de cunho darwinista. Trata de como a fala se desenvolveu nos primeiros hominídeos, e como ela se desenvolve na criança. De acordo com essa teoria, propriedades biomecânicas simples do trato vocal, juntamente com a sua interação com contingências de iniciação voluntária de movimentos e demandas cognitivas de formação de palavras mediadas culturalmente, são peças-chave na aquisição e evolução da fala.

A estruturação universal da fala obedece a um movimento alternado e cíclico de elevação e abaixamento da mandíbula, o molde. Esse ciclo corresponde à dimensão articulatória mais explorada pelas línguas do mundo para a realização de segmentos sonoros distintivos. Tais segmentos são as consoantes e as vogais e correspondem ao chamado conteúdo. Essa alternância corresponde aos movimentos da sílaba, tornando-a uma unidade essencial à fala.

A mandíbula tem um papel central na fala, de acordo com a teoria, uma vez que é a base na qual uma língua opera. Para justificar tanto o molde como o conteúdo, o autor, Peter MacNeilage, se vale de explicações filogenéticas, ontogenéticas e também dos erros de fala.

A perspectiva filogenética serve para explicar não somente a origem da linguagem e da fala, mas também justificar que esta se baseie na sílaba. Muitas espécies usam oscilações mandibulares para a comunicação, mas somente o homem juntou a essa oscilação uma modulação articulatória (a qual o autor chamou conteúdo). No entanto, embora somente o homem tenha adicionado a fonação à oscilação mandibular, outras espécies usam as mesmas oscilações acompanhadas de gestos visuais e faciais baseados na mandíbula, com o mesmo objetivo da linguagem nos seres humanos: a comunicação.

MacNeilage propõe então que essas manifestações estão intimamente ligadas, e que podem ser pistas da evolução da linguagem, marcando a sílaba como referência. Os movimentos de abertura e fechamento da mandíbula parecem vir da evolução de processos de mastigação de alimentos.

Outra possibilidade é a investigação da co-ocorrência de padrões similares em línguas diferentes. Certas co-ocorrências de elementos dentro do quadro silábico podem ser semelhantes em línguas naturais. MacNeilage; Davis (2000) mencionam estudos em que padrões silábicos semelhantes foram encontrados em dez línguas, além de outros estudos baseados em dados de protolínguas.

A perspectiva ontogenética diz respeito ao controle de fala do criança humano de acordo com as mesmas etapas de desenvolvimento de fala na espécie humana, evidenciando etapas da aquisição de linguagem ligadas ao maxilar. De acordo com o autor, por volta dos sete meses de idade, aparece o balbucio, que é produzido sob a forma de séries repetitivas de padrões proto-silábicos CVCV, acompanhados de fonação, sem conteúdo segmental (o molde). Esse quadro é dominante até aproximadamente dezoito meses de idade, em que as primeiras palavras começam a aparecer, já com conteúdo segmental (o conteúdo).

Os segmentos consonantais e vocálicos presentes no balbucio (DAVIS; MACNEILAGE, 1995) apresentam o mesmo ponto de articulação, o que mostra uma predominância do molde, e também a passividade dos demais articuladores, sendo a configuração do trato vocal mantida para toda a produção. A essa “inércia” os autores chamam *pre-setting* (pré-posicionamento) da língua. As combinações favorecidas estão ligadas a esse pré-posicionamento. A chegada do controle de outros articuladores permitirá a colocação do conteúdo (conteúdo). Essa idéia de pré-posicionamento está intimamente ligada a outro conceito, o do custo mínimo de produção, que limita os movimentos dos articuladores do trato vocal, privilegiando o movimento mandibular. Esse é um princípio muito conhecido na lingüística em geral: o princípio da economia articulatória.

A perspectiva dos erros de fala mostra quais são os princípios organizadores subjacentes da fala. No nível dos fonemas, a unidade mais passível de erro é o segmento (consoante e vogal). Sabe-se que qualquer indivíduo pode cometer um

erro de fala. O mais freqüente é a troca, em que duas unidades mudam de posição uma com a outra, exemplo ¹⁴*enemy – emeny*.

O fato mais intrigante sobre a troca de segmentos é que estes se movem para posições silábicas iguais às que pertenciam anteriormente, ou seja, ataques trocam de posição com ataques, núcleos com núcleos, codas com codas. Dessa forma, o autor argumenta que há uma restrição severa da posição silábica na organização serial da fala ao nível do fonema, o que nos leva a crer na sílaba como unidade fundamental na fala.

Existem fatores determinantes na produção das estruturas sonoras das palavras, além da tendência em alternar entre consoantes e vogais, formando as sílabas. No estudo do balbucio e das primeiras palavras de crianças, MacNeilage e Davis (2000) identificaram quatro padrões. Três deles são pares de sons intra-silábicos: consoantes labiais e vogais centrais, consoantes coronais e vogais frontais, e consoantes dorsais e vogais posteriores. Esses padrões foram encontrados em uma série de idiomas e culturas, o que leva a pensar que tais padrões são universais.

¹⁴ Exemplo extraído de MacNeilage, 1998.

Figura 3: Padrões intersilábicos. Adaptado de MacNeilage; Davis, 2000.

2.3.2.2.1 O Efeito L.C.

O quarto padrão identificado tem natureza intersilábica e não está presente no balbúcio, mas sim nas primeiras palavras. Estudos mostram que existe uma tendência em começar uma palavra com uma consoante oclusiva labial e, em seguida à vogal, uma consoante oclusiva coronal. A essa tendência, os autores chamaram labial-coronal, doravante, o efeito L.C.

Tal efeito, de acordo com a teoria molde/conteúdo de evolução da fala, se baseia na oscilação mandibular de abertura e fechamento na fala, o já mencionado molde. O padrão labial-central mostra-se, de acordo com os autores, como o molde “mais puro”, pois na sua articulação a língua está na posição de descanso no centro da boca, revelando-se dessa forma, o tipo silábico mais básico. Nos outros dois padrões acima mencionados (coronal-frontal, dorsal-posterior), a língua está envolvida na sua articulação, mas não de forma ativa. O músculo adota uma posição

relativamente estática em relação ao eixo frontal-posterior do trato vocal, comum tanto à consoante como à vogal.

Os autores então deduzem que o molde pode ter sido o primeiro estágio na evolução da fala. Então, em um estágio mais avançado, a capacidade de programar moldes encadeados em maior quantidade e mais variados possivelmente evoluiu. O efeito L.C., dessa forma, é o primeiro passo em direção a movimentos sistemáticos de diferenciação de moldes, o que favorece o Princípio do Contorno Obrigatório da fonologia gerativa¹⁵, que afirma que as línguas do mundo tendem a favorecer padrões intersilábicos descontínuos, ou seja, variados em detrimento da repetição.

Embora os padrões de fala infantis sejam certamente mais simples do que os padrões adultos, é importante questionar se os mesmos são encontrados na fala adulta. Se existirem, podem ser de fundamental importância no que diz respeito à natureza da fala, e talvez até para a sua origem.

Em experimentos realizados pelos autores, foram encontradas grandes evidências para as associações do tipo CV. As mais consistentes são as que envolvem diretamente a língua: coronal-frontal e dorsal-posterior. O mesmo não se pode afirmar para as associações labial-central, embora, sete entre as dez línguas utilizadas tenham apresentado essa associação (o mesmo número ocorreu para a coronal-frontal, e oito das dez línguas apresentaram a associação dorsal-posterior). Para o efeito L.C., oito das dez línguas apresentaram resultados significativos.

¹⁵ O Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) “[...] foi proposto originalmente para resolver problemas tonais, sendo estendido para os segmentos [...] nos termos seguintes [...]: elementos adjacentes idênticos são proibidos” (MATZENAUER, 1996).

Esses experimentos, juntamente com os resultados encontrados na fala infantil, levam a algumas deduções. Nos padrões intra-silábicos, a associação labial-central dá suporte à hipótese da oscilação mandibular ser fundamental para a fala, como dito anteriormente. As associações coronal-frontal e dorsal-posterior sugerem que uma restrição em movimentos extremos da língua também pode ser fundamental.

O efeito L.C. pode ter surgido cedo na história da fala como resultado de uma auto-organização e pode ter o mesmo uso na fala infantil. Por ser um padrão relativamente fácil, pode ter ocorrido mais freqüentemente, e, por isso, por estar relacionado com a formação das primeiras palavras nas línguas. Tal idéia pode ser verificada nos estudos das protolínguas, em que conceitos básicos possuem formas muito semelhantes (TEYSSIER, 2004).

Os estudos desses padrões silábicos, assim como a própria teoria molde/conteúdo se contrasta drasticamente com a visão corrente, baseada na noção da gramática universal (cf. capítulo 2.1), em que a fala resulta de um substrato genético tanto para a fala (à qual é dada pouca importância) como para a língua.

2.3.3 Sílabas no português Brasileiro

De acordo com Câmara Jr. (1979), a sílaba é uma unidade funcional de segundo grau a partir dos fonemas. É ela que distribui a função de cada fonema dentro de uma enunciação. De fato, muitos fonemas só são percebidos se dentro do quadro silábico, como por exemplo, as oclusivas. Só se percebe se o vazio observado no

espectrograma é um /t/ ou um /k/ pela forma que a curva dos formantes da vogal seguinte no *voice onset time* – VOT toma (MARTINS, 1992).

Segundo a fonologia, é possível identificar o núcleo da sílaba de acordo com o Princípio de Sonoridade Seqüencial (PSS – cf. capítulo 2.3.1), que assinala picos de sonoridade a uma seqüência de sons. Os picos são os núcleos. Dessa forma, em sílabas como [tar], da palavra ‘tarde’, obedece a esse princípio, uma vez que, segundo a Escala de sonoridade (COLLISCHONN, 2005), uma obstruinte possui valor 0, enquanto uma vogal possui valor 3, e uma líquida, valor 2.

Câmara Jr. (1979), mesmo sem atribuir um nome, já mostra esse princípio quando fala dos constituintes da sílaba, “a sílaba pode se resumir no silábico, ou conter fonemas consonânticos, em tensão crescente até a vogal silábica, bem como outros, de tensão decrescente em seguida a ela”. Segundo o autor, as sílabas são formadas de um aclave, um ápice e um declive, de acordo com a figura a seguir:

Figura 4: Estrutura silábica apontada por Câmara Jr. Adaptado de Collischonn, 2005.

Em português, os ápices ou picos de sonoridade são atribuídos somente às vogais, em princípio. Os aclives são constituídos de uma ou duas consoantes, e o declive é constituído de /S/, /R/, /L/, /ɾ/ ou /ʊ/, além de uma consoante nasal, já que Câmara Jr, interpreta uma vogal nasal como sendo ‘vogal oral + consoante nasal’. Essa análise admite até seis segmentos dentro de uma sílaba, o que é coerente com a análise de

Cristófar-Silva (2002). No entanto, esse molde não funciona em todos os casos, já que, se a coda for dupla, a combinação entre os dois elementos fica muito reduzida. Collischonn então aponta para a hipótese de a sílaba em português possuir até quatro elementos, sendo dois no ataque e dois na rima (de acordo com o molde silábico de Lopez, 1979):

Figura 5: Estrutura silábica em termos de segmentação arbórea de Lopez (1979). Adaptado de Collischonn, 2005.

A sílaba pode se resumir no silábico ou conter fonemas consonantais, em tensão crescente até a vogal silábica, bem como outros em tensão decrescente em seguida a ela. A ausência ou a presença de fonemas pós-vocálicos decrescentes estabelece, respectivamente, os dois tipos de sílaba complexa – livre e travada (CÂMARA JR., 1975). Essa descrição da sílaba está em conformidade com o Princípio de Sonoridade, que muitos autores utilizam para identificar uma sílaba dentro de uma palavra, embora nem sempre funcione.

No entanto, essa forma é muito reduzida, pois exclui os ditongos, de qualquer tipo. Assim, deve-se admitir também um núcleo duplicado, do tipo VV', em que uma das V

necessariamente deve ser uma semivogal. A nasalidade em ditongos para Lopez, na verdade, está na forma subjacente como uma seqüência VNV, cuja forma de superfície aparece como VV nasal. Dessa forma, a rima admite no máximo três elementos internos. Essa proposta vai ao encontro das que admitem a existência das vogais nasais no português.

Cristófar-Silva (2002), dá uma descrição abrangente dos vários tipos silábicos do português. De acordo com a autora, a estrutura silábica do português pode ser resumida em (2):

(2) C1 C2 V V' C3 C4 ou C1 C2 V' V C3 C4

Essa estrutura nos dá inúmeras possibilidades. A primeira a ser discutida é a constituída de uma única vogal. A autora aponta algumas restrições em sílabas desse tipo:

- As vogais orais [i, e, ε, a, ɔ, o, u] podem ocupar a posição de vogal em sílabas constituídas apenas de vogais, sendo que qualquer uma destas vogais pode ocorrer em início de palavra ou em meio de palavra em posição tônica ou átona dependendo do dialeto.
- As vogais átonas pós-tônicas [ɪ, a, u] geralmente ocorrem em posição de final de palavra. Para falantes que apresentam seqüências de vogais pós-tônicas em palavras como “cárie, área, ódio”, temos um subconjunto das vogais [i, e, a, o, u] em posição átona final.

- Vogais nasais em sílabas constituídas apenas de vogais geralmente ocorrem em início de palavra em posição tônica ou átona. Quando em meio de palavra, a vogal nasal em sílaba única deve ser precedida de uma vogal oral.

Pode-se fazer uma observação a respeito dessas restrições. A primeira é sobre os ditongos. A autora mostra que os ditongos são interpretados como uma seqüência de vogais. O exemplo utilizado é o da palavra 'oito', em que há duas sílabas formadas de vogais isoladas. As duas sílabas formadas podem juntar-se para formar um ditongo decrescente, que consiste numa seqüência vogal-glide (no presente trabalho, são chamadas de semivogais). Duas sílabas do mesmo tipo podem também se combinar e formar um ditongo crescente, que consiste numa seqüência glide-vogal. "Devemos então assumir que a estrutura silábica em português apresenta duas vogais: VV". Qual dessas vogais é o núcleo, a autora não demonstra, somente afirma que é sempre a vogal e não o glide.

Dessa forma, assim como Câmara Jr (1969), a autora parece afirmar que os ditongos em português parecem estar variação livre com hiatos. Em seguida, a autora discute as consoantes pré-vocálicas. Em português, pode-se ter uma ou duas consoantes em posição de ataque. Existem duas restrições para uma consoante em posição de ataque:

- Em posição inicial [ɲ], [ʎ] ocorrem somente em empréstimos e [ɾ] não ocorre.

Quando apenas uma consoante ocorre precedendo a vogal, temos uma sílaba CV e a consoante pode ser qualquer um dos dezenove fonemas

consonantais restantes. Entretanto, os fonemas [ɲ], [ʎ], [r] só ocorrem em posição intervocálica.

- Sílabas que apresentam os fonemas [ɲ], [ʎ], [r] em posição inicial só podem ser precedidas por uma vogal oral. Os demais fonemas consonantais que iniciam uma sílaba podem ser precedidos de uma sílaba com vogal oral ou nasal ou que termine em consoante pós-vocálica.

Para posição de ataque com duas consoantes, a autora aponta três restrições:

- Quando C1 e C2 ocorrem, a primeira consoante é uma obstruinte (categoria que inclui oclusivas e fricativas pré-alveolares) e a segunda é uma líquida (categoria que inclui [l] e [r]).
- [dl] não ocorre e [vl] ocorre em apenas um grupo restrito de nomes próprios que são empréstimos.
- [vr] e [tl] não ocorrem em início de palavra e apresentam distribuição restrita, ou seja, com poucos exemplos.

Collischonn (2005) mostra algumas análises muito interessantes com relação à sílaba em português. De acordo com a autora, “o molde silábico determina o número máximo e mínimo de elementos permitidos numa sílaba em determinada língua” (p.117). Mais uma vez, no entanto, pesquisadores estão em desacordo sobre qual seria o número máximo de elementos que uma sílaba em português pode conter, já que esse número varia de acordo com a análise empregada pelos autores. No

entanto, a autora aponta alguns padrões silábicos para o português, apresentados na Tabela 5 a seguir:

Tabela 5: Padrões silábicos do português e exemplos. Adaptado de Collischonn, 2005.

Molde	Exemplo
V	É
VC	Ar
VCC	Instante
CV	Cá
CVC	Lar
CVCC	Monstro
CCV	Tri
CCVC	Três
CCVCC	Transporte
VV	Aula
CVV	Lei
CCVV	Grau
CCVVC	Claustro

As possibilidades acima variam de acordo com a análise. Por exemplo, CCVCC, em ‘transporte’, pode ser analisado como CCVC, se considerarmos a sequência ‘an’ como uma vogal nasal. Essa análise vai contra a feita por Câmara Jr (1979), que considera a vogal nasal como sendo uma ‘vogal fechada por consoante nasal’.

A maior parte das análises das vogais nasais em português do Brasil adotam essa perspectiva. No entanto, ainda não há concordância, sendo possíveis três análises diferentes: a primeira como a de Câmara Jr. acima citada; a segunda apresenta a vogal como tendo um apêndice nasal; a terceira apresenta a vogal nasal por si só.

Embora interessantes, deve-se lembrar que esses moldes silábicos foram montados de acordo com a fonologia gerativa. No trabalho em questão pretende-se chegar a uma tipologia semelhante, mas de forma experimental.

3 METODOLOGIA

Dimendaal (2000) mostra que lingüistas devem fazer trabalho de campo com muitos informantes, quando o objetivo é alcançar uma descrição abrangente, e é claro que a representatividade seja uma consideração crucial no início da investigação. Essa idéia pode ser aplicada também em outros estudos lingüísticos.

A representatividade em trabalho de campo se dá pela necessidade de se afirmar, de forma consistente, as hipóteses formuladas. Isso também é prática comum nas ciências exatas e biológicas. Dessa forma, as demais áreas da lingüística podem seguir esse tipo de metodologia, uma vez que representatividade leva à credibilidade. A fonologia pode então se valer dos métodos experimentais que vêm sendo utilizados na fonética para dar maior credibilidade às suas afirmações e previsões.

Os trabalhos tipológicos, exemplos do que vêm sendo feito na pesquisa em fonologia experimental, mostram que é necessário um grande número de línguas para se considerar uma generalização de resultados encontrados. Uma vez que os estudos na Universidade de Grenoble III já são trans-lingüísticos, o presente trabalho se centrará somente no português brasileiro, de forma a mostrar como essa língua faz parte do conjunto de línguas que obedecem às generalizações que são feitas em estudos tipológicos, o que dará consistência a qualquer análise que pretenda ser universal.

Desta forma, como *corpus* serão utilizadas palavras do português brasileiro. Contudo o léxico do português é vasto, e parece impossível que se utilize todas as suas palavras. Por isso, será retirada uma amostra dessa língua, de tamanho satisfatório para que possa se fazer generalizações e inferências a seu respeito. Essa amostra consiste de 5000 palavras, número estipulado pelo GIPSA-LAB como satisfatório para uma análise tipológica.

3.1 Banco de Palavras

O léxico do qual foram retiradas as palavras que formam o *corpus* deste projeto é parte do projeto DIRECT, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob responsabilidade do professor Dr. Tony Berber Sardinha. O DIRECT é um grupo que funciona desde 1991, e já possui uma vasta coleção de publicações e trabalhos, reconhecidos internacionalmente.

Esse projeto visa estudar a linguagem profissional e a linguagem em geral, para o estudo de gêneros discursivos e lingüística de *corpus*. Portanto, não é um projeto voltado para a área de fonética e fonologia. Possui uma série de banco de dados, dentre os quais duas listas de palavras, uma de origem escrita e outra de origem falada, e ambas estão disponíveis na Internet no endereço eletrônico (<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm>)

Para fins desse projeto, foi escolhida a lista de palavras do *sub-corpus* falado. Essa lista conta com cerca de 45.800 palavras, retiradas de entrevistas, reuniões e conversas. É uma lista em formato **.txt*, que possui palavras de todo tipo:

substantivos, adjetivos, verbos (conjugados ou não), preposições, nomes de lugares, de pessoas, regionalismos, neologismos, entre outros, embora seja de origem falada, não possui transcrição fonética (afinal, o projeto DIRECT não tem por objetivo nenhum tipo de análise fonético-fonológica), e sim uma transcrição alfabética simples.

As palavras estão organizadas de acordo com a frequência de ocorrência do conjunto dos textos falados. Dessa forma, essa lista de palavras atende às necessidades do presente projeto, pois é de origem falada e é constituído de palavras que são freqüentemente usadas pelos falantes de língua portuguesa, conforme Maddieson (1984).

3.1.1 Tratamento dos Dados

A forma do *corpus* deve estar em forma de léxico com transcrição fonética correta, de acordo com o IPA (*International Phonetic Alphabet*). As palavras escolhidas devem ser freqüentes e dicionarizadas. Sendo assim, Interjeições, plurais e flexão de gênero regular, verbos conjugados, e nomes de pessoas, cidades países, foram eliminados, além disso, os estrangeirismos também foram evitados. Dessa forma, pretende-se que a variação sociolinguística não seja um fator a interferir na pesquisa, uma vez que as palavras coletadas deverão ser utilizadas por todos os dialetos encontrados no Brasil.

3.1.1.1 Transcrição fonética

Quanto à variação sociolingüística do português, no que toca a fonética e a fonologia, sabe-se que existem muitas diferenças, e isso talvez venha a interferir na divisão silábica. No entanto, conforme observado em manuais de fonética do português brasileiro (CRISTÓFARO-SILVA, 2002; FIORIN, 2003), muitas vezes se faz uso do chamado arquifonema, para identificar fonemas que possuem grande variação entre os variações do português brasileiro.

O arquifonema pode ser usado quando sons, que em outras posições silábicas são contrastivos, perdem seu contraste em determinada posição silábica. Por exemplo, (CRISTÓFARO-SILVA, 2002) mostra que o fonema /s/, e o fonema /ʃ/, perdem contraste se aparecerem em fim de sílaba, enquanto que em outras posições, são contrastivos. Essa perda de contraste se dá pela variação lingüística que ocorre entre falantes, por exemplo, de São Paulo, e do Rio de Janeiro. Dessa forma, as realizações fonéticas [s] e [ʃ] podem ser representadas por /S/ nessa posição.

No entanto, para fins de montagem do *corpus*, não foram usados arquifonemas, uma vez que o programa usado para análise dos dados, fornecido pelo GIPSA-LAB, não permite a inclusão de tais representações. Além disso, qual o ponto e modo de articulação dos arquifonemas? E o propósito do trabalho também é outro: o foco é a posição silábica, e não a análise de alofones que podem se encaixar numa determinada posição. Por isso, foram escolhidas algumas representações, que a seguir são explicitadas:

- Sibilantes: sempre será usada a representação [s] para a posição de coda na sílaba. Os fonemas /s/, /ʃ/, serão representados como tal somente em posição contrastiva.
- Representação de r ortográfico: em início de palavra e de sílaba, foi adotada a representação [h], uma vez que reflete a maior parte das variantes do português do Brasil. Nas demais posições, foi adotada a representação [r], em concordância com a representação de Lopez (1979).
- Palatais: foram usados os fonemas /ɲ/ e /ʎ/ para representarem a nasal e a aproximante palatais, respectivamente, uma vez que autores como Câmara Jr (1985), e Lopez (1979) adotam esse segmentos.
- Ditongos crescentes e decrescentes: os ditongos estão transcritos de acordo com a proposta de Câmara Jr., 1979. O autor afirma que não há ‘consoantes constrictivas’ no português, e sim [ɪ] e [ʊ]. Esses sons são tratados como vogais, e não consoantes. Dessa forma, os ditongos são transcritos como VV, e não como VC, o que pode ser uma evidência para a formação silábica de núcleo composto e não núcleo + coda, na rima, embora Câmara Jr. ainda afirme que as vogais [ɪ] e [ʊ] sejam assilábicas e, portanto, pertençam à coda. Outras análises do mesmo autor apontam para outros elementos na posição de coda que provocam controvérsia (ver vogais nasais). Na categoria dos ditongos também foram colocadas palavras cujo ‘l’ ortográfico é transcrito como semivogal, ou seja, a aproximante passou por processo de vocalização (CRISTÓFARO-SILVA, 2002), já que, após esse processo, tem-se uma estrutura do tipo vogal+semivogal, o que caracteriza um ditongo.

Sempre que houve dúvida quanto à discriminação de ditongos, levamos em conta as regras de acentuação do português. Há muitos ditongos em posição tônica, e por isso havia dúvida quanto a sua classificação em ditongo ou hiato. Em casos de possíveis hiatos, a palavra teria um acento na penúltima sílaba; em caso de ditongo, a palavra não levaria acento na penúltima sílaba. Procurando-se a palavra no dicionário, verificou-se sua grafia correta, e dividindo-se em ditongos ou hiatos conforme a ortografia. É válido lembrar que a ortografia aqui serve somente como um “tira-teima”, e não como base na discriminação silábica do *corpus*.

Em palavras como ‘cultivar’ foi adotada a transcrição [ku. tʃi.var]. Isso porque, em posição de coda, ‘l’ sempre se pronuncia [u], de forma que em palavras como a acima citada, teríamos *[kuɤ.tʃi.var], um ditongo. De acordo com Cristófar-Silva (2002) ditongos em [uu] ou [ii] sempre são reduzidos a [u] ou [i], como em [sɛ.ri] ‘série’. Portanto, a transcrição com o ditongo reduzido é possível. No entanto, essa redução somente ocorre em sílabas átonas, e a maior ocorrência de possíveis ditongos do tipo [uu] está em sílaba pré-tônica. Dessa forma, para se obter a silabificação mais correta, o estudo se valeu destas ferramentas para esclarecimento de dúvidas. Neste caso, foi usada a análise acústica de espectrogramas para se observar se havia uma redução de *[uu] para [u], como acontece em sílabas átonas. No entanto, devido ao tempo que tal experimento tomaria, foi adotada a mesma redução utilizada em sílaba átona, pois as mesmas reduções se encontram em sílaba pré-tônica, que, guardadas as devidas diferenças, podem formar grupo com as sílabas pós-tônicas, em detrimento das sílabas tônicas.

- Vogais reduzidas: as vogais reduzidas, utilizadas em fim de sílaba ou de palavra no português do Brasil, são [ɪ], [ʊ] e [ɐ] (CRISTÓFARO-SILVA, 2002). De acordo com a metodologia apresentada por Rousset (2004), tais vogais não podem ser incluídas no conjunto de dados porque são incompatíveis com o programa. No entanto, quando feita a transcrição, as vogais [ɪ] e [ʊ], não causaram problema. Somente a vogal reduzida [ɐ] não pode ser utilizada porque os arquivos de texto necessários para input não aceitam o caractere.
- Velares [k^w] e [g^w]: segundo Collischonn (2005), ditongos crescentes parecem estar em variação livre com hiatos. No entanto, existe um tipo que não faz variação livre: [k^w] e [g^w], seguidos de [a] e [o]. É uma reminiscência do grupo latino do qual, de acordo com a autora, a língua tende eliminar. No entanto, a proposta em vigor é que essas unidades sejam consideradas ‘monofonemáticas’ (p.122), formando uma única unidade fonológica, com articulação secundária.
- Nasais: em posição de contraste todos os fonemas foram representados conforme a tabela do IPA. Em outras posições em que as nasais podem aparecer, mais especificamente na posição de coda, foi adotada a transcrição como feita em Cristófar-Silva (2002). Sobre esse ponto será apresentado a seguir.

Existe uma controvérsia sobre como é realizada (e se é realizada) a consoante nasal em posição de coda no português do Brasil. Atualmente existem pelo menos três alternativas: a primeira de que a consoante nasal em palavras como ‘samba’ se realiza como uma nasal completa, homorgânica a ponto de articulação das

consoantes seguinte, através do processo de neutralização. Dessa forma, a transcrição da palavra ‘samba’ seria [’sam.ba]. Autores, como Câmara Jr., admitem essa hipótese.

A segunda hipótese é a de que haveria na verdade um apêndice nasal na vogal, em que a transcrição da palavra ‘samba’ seria [’sãⁿ.ba]. O apêndice nasal pode variar de acordo com a consoante em ataque na sílaba seguinte. Essa hipótese é sustentada por Shosted (2005), que afirma que o apêndice nasal é sempre velar, a partir de dados aerodinâmicos.

A terceira hipótese é a de que não há nem consoante nasal, nem apêndice nasal, mas sim a realização de uma vogal nasal. Toda essa controvérsia aparece porque não parece haver algum elemento acústico, por exemplo, que identifique o traço de nasalidade. O problema é grande, e poderia afetar a segmentação silábica do banco de dados, e alterar os resultados.

A controvérsia de hipóteses poderia até afetar o status fonológico das vogais nasais. Por isso, para este trabalho, será aceita a terceira hipótese, uma vez que os pesquisadores deste trabalho concordam com o status fonológico das vogais nasais, e também por ser esta hipótese a que parece estar mais em concordância com os pressupostos teóricos acima descritos.

Em palavras cuja consoante da sílaba tônica é uma nasal, a vogal da sílaba pré-tônica será também nasalizada, exceto pela vogal [a], que no português

normalmente é opcional, exemplo: a palavra *anel* pode ser pronunciada tanto como [ã.nɛʊ] ou como [a.nɛʊ].

3.1.1.2 Outras Transcrições

A transcrição feita em COORTES¹⁶ significa uma transcrição do chamado ‘quadro’ de cada palavra. Assim, toda a consoante foi transcrita como ‘C’ e toda a vogal como ‘V’. Essa transcrição do ‘quadro’ das palavras do banco de dados mostra o molde silábico, que, no programa utilizado para análise, mostra os tipos silábicos mais recorrentes no conjunto.

A transcrição feita em PONTO significa uma transcrição de cada palavra feita a partir do ponto de articulação de cada fonema. Assim, cada consoante foi transcrita de acordo com a Tabela 6 a seguir:

Tabela 6: Representação gráfica usada na transcrição de consoantes em ponto de articulação.

Ponto de Articulação	Consoantes Envolvidas
Bilabial (Bi) e Bilabial Vozeada (BiV)	[p], [b], [m]
Coronal (Co) e Coronal Vozeada (CoV)	[t], [d], [n], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [tʃ], [dʒ], [l], [r];
Labiodental (Lde) e Labiodental Vozeada (LdeV)	[f], [v]
Palatal Vozeada (PaV)	[ʎ], [ɲ]
Velar (Ve) e Velar Vozeada (VeV)	[k], [g], [kʷ], [gʷ]
Glotal (Gl)	[h]

A transcrição feita em MODO significa uma transcrição feita a partir do modo de articulação de cada fonema. Assim, cada consoante foi transcrita de acordo com a Tabela 7:

Tabela 7: Representação gráfica usada na transcrição de consoantes em modo de articulação.

¹⁶ As coortes são sílabas que tiveram suas consoantes e vogais transcritas em C e V, o que evidencia o molde silábico.

Modo de Articulação	Consoantes Envolvidas
Plosivas (Pl) e Plosivas Vozeadas (PIV)	[p], [b], [t], [d], [k], [g], [k ^w], [g ^w]
Africadas (Af) e Africadas Vozeadas (AfV)	[tʃ], [dʒ]
Nasais Vozeadas (Na)	[m], [n], [ɲ]
Aproximantes Vozeadas (Ap)	[l], [ʎ]
Fricativas (Fr) e Fricativas Vozeadas (FrV)	[s], [z], [ʃ], [ʒ], [f], [v], [h]
Vibrantes Vozeadas (Vi)	[r]

As vogais estão transcritas de acordo com os traços de anterioridade e posterioridade, além do traço nasal e oral, de acordo com a Tabela 8 a seguir:

Tabela 8: Representação gráfica usada na transcrição de vogais em traços de anterioridade e posterioridade.

Traço	Vogais Envolvidas
Anteriores Orais (AnO) e Anteriores Nasais (AnN)	[e], [ɛ], [ẽ], [ê], [i], [ɪ], [ĩ], [ĩ], [ɨ], [ɨ]
Centrais Orais (CeO) e Centrais Nasais	[a], [ã]
Posteriores Orais (PoO) e Posteriores Nasais (PoN)	[o], [ɔ], [õ], [ô], [u], [ʊ], [ũ], [ū], [u], [ū]

As transcrições anteriormente descritas darão maior precisão nas informações necessárias para a tipologia que se deseja analisar, bem como colocar em evidência tendências ligadas à natureza dos constituintes silábicos (ver item 3.2.1.3).

3.1.1.3 Amostra dos Dados

A Tabela 9 a seguir apresenta uma pequena amostra dos dados obtidos através do tratamento acima descrito.

Tabela 9: Amostra dos dados

TRANSCRIÇÃO IPA	COORTE	PONTO	MODO
a	v	Ce	Ce
a . b a	v . c v	Ce . Bi Ce	Ce . Pl Ce
a . b a . k a . tʃ i	v . c v . c v . c v	Ce . Bi Ce . Ve Ce . Co An	Ce . Pl Ce . Pl Ce . Af An
a . b a . k a . f i	v . c v . c v . c v	Ce . Bi Ce . Ve Ce . Co An	Ce . Pl Ce . Pl Ce . Fr An
a . b a . f a . d u	v . c v . c v . c v	Ce . Bi Ce . Lde Ce . Co Po	Ce . Pl Ce . Fr Ce . Pl Po
a . b a . f a r	v . c v . c v c	Ce . Bi Ce . Lde Ce Co	Ce . Pl Ce . Fr Ce Vi
a . b a ɪ . f a r	v . c v v . c v c	Ce . Bi Ce An . Co Ce Co	Ce . Pl Ce An . Fr Ce Vi
a . b a ɪ . f u	v . c v v . c v	Ce . Bi Ce An . Co Po	Ce . Pl Ce An . Fr Po
a . b ǎ . d ǒ . n a r	v . c v . c v . c v c	Ce . Bi Ce . Co Po . Co Ce Co	Ce . Pl Ce . Pl Po . Na Ce Vi
a . b ǎ . d ǒ . n u	v . c v . c v . c v	Ce . Bi Ce . Co Po . Co Po	Ce . Pl Ce . Pl Po . Na Pó
a . b a s . t e . s e r	v . c v c . c v . c v c	Ce . Bi Ce Co . Co An . Co An Co	Ce . Pl Ce Fr . Pl An . Fr An Vi
a . b a s . t e . s i . m ẽ ɿ . t u	v . c v c . c v . c v . c v v . c v	Ce . Bi Ce Co . Co An . Co An . Bi An An . Co Po	Ce . Pl Ce Fr . Pl An . Fr An . Na An An . Pl Po
a . b a . t ʃ i	v . c v . c v	Ce . Bi Ce . Co An	Ce . Pl Ce . Af An
a . b a . t e r	v . c v . c v c	Ce . Bi Ce . Co An Co	Ce . Pl Ce . Pl An Vi
a . b e . ʎ a	v . c v . c v	Ce . Bi An . Pa Ce	Ce . Pl An . Ap Ce
a . b e r . t u	v . c v c . c v	Ce . Bi An Co . Co Po	Ce . Pl An Vi . Pl Po
a . b e r . t u . r a	v . c v c . c v . c v	Ce . Bi An Co . Co Po . Co Ce	Ce . Pl An Vi . Pl Po . Vi Ce
a . b e s . t a . d u	v . c v c . c v . c v	Ce . Bi An Co . Co Ce . Co Po	Ce . Pl An Fr . Pl Ce . Pl Po
a . b ɔ . b o . r a	v . c v . c v . c v	Ce . Bi Po . Bi Po . Co Ce	Ce . Pl Po . Pl Po . Vi Ce
a . b ɔ . b r i . ɲ a	v . c v . c c v . c v	Ce . Bi Po . Bi Co An . Pa Ce	Ce . Pl Po . Pl Vi An . Na Ce
a . b ǔ . n u	v . c v . c v	Ce . Bi Po . Co Po	Ce . Pl Po . Na Po
a . b o r . d a . ʒ ẽ ɿ	v . c v c . c v . c v v	Ce . Bi Po Co . Co Ce . Co An An	Ce . Pl Po Vi . Pl Ce . Fr An An
a . b o r . d a r	v . c v c . c v c	Ce . Bi Po Co . Co Ce Co	Ce . Pl Po Vi . Pl Ce Vi
a . b o . h e . s i . d u	v c v c v c v c v	Ce . Bi Po . Gl An . Co An . Co Po	Ce . Pl Po . Fr An . Fr An . Pl Po

3.2 Programa GIPSA-LAB

O programa utilizado para as análises do *corpus* deste trabalho foi desenvolvido pelo GIPSA-LAB (JEAN BRUN; SETARÉ ALIREZAI; MATHIEU MAUPEU, 2002), e se chama Exploitation de données lexicales et syllabiques© – ULSID, versão 3.0. Este programa funciona na plataforma MatLab (THE MATHWORKS, INC., 2004) e tem sua interface escrita no idioma francês.

Este programa permite explorar a estrutura silábica dos léxicos que constitui o ULSID, do qual o português do Brasil agora faz parte. Através dele se pode obter uma série de informações estatísticas sobre as sílabas e as palavras da língua em estudo, tais como tipo de sílaba mais freqüente, número médio de sílabas por palavra e número médio de segmentos por sílaba. A janela de abertura do programa é apresentado na Figura 6 a seguir:

Figura 6: Janela de entrada para análise dos dados.

Neste momento se escolhe o tipo de análise a ser feita podendo ser uma análise estatística ou uma análise gráfica dos dados. A maior parte dos resultados nesse estudo terá uma abordagem estatística. Por isso a seguir serão mostrados os passos executados para a análise estatística dos dados.

Figura 7: Janela para o primeiro tratamento dos dados.

O passo seguinte apresenta duas possibilidades, sendo que uma serve de base para a outra. O tratamento dos arquivos é imprescindível, já que é nesta etapa em que serão criados os arquivos IPA, Coorte, Ponto e Modo, acima mostrados.

Inicialmente esses arquivos serão tabelas no formato **.txt*, e serão salvos em pastas específicas dentro do programa. Somente depois do tratamento dos dados pode-se analisar a base de dados, conforme os passos a seguir.

Figura 8: Tipos de informações dadas pelo programa.

Na Figura 8 se observa os tipos de análises o que o programa pode fornecer. A seguir está descrito cada um dos itens:

- *Generalités*: fornece informações gerais sobre a língua.
- *Recherche de syllabes identiques*: faz a contagem do número de sílabas idênticas dentro da língua. Essa contagem pode ser feita de acordo com a transcrição fonética, o ponto de articulação ou o modo de articulação.
- *Recherche du nombre de syllabe par mot*: fornece o número médio de sílabas por palavra.
- *Recherche du nombre de phonèmes*: faz a contagem do número de fonemas por palavra e por sílaba.
- *Recherche de gabarit*: faz a contagem do número de palavras formadas por coortes (quadros em CV) encontradas no conjunto de dados. É possível procurar qual a quantidade de quadros em determinada posição na palavra, exemplo: quadro CVC, ocorre na primeira sílaba da palavra 480 vezes no conjunto dos dados.
- *Création de matrice de occurrences*: fornece a frequência um segmento qualquer no conjunto de dados, em posição de ataque, núcleo e coda. Essa análise pode ser feita tanto no arquivo IPA como nos arquivos PONTO e MODO.
- *Recherche d'un effet de consonne*: calcula o efeito de uma estrutura com as consoantes. É nessa parte que o efeito L.C. pode ser medido.
- *Groupements consonantiques*: fornece a quantidade de grupos consonantais que ocorre dentro da sílaba, ou dentro de uma palavra.

- *Distribution de phonèmes*: fornece os contextos de ocorrências de cada fonema, ou seja, que tipo de fonema pode ocorrer antes e depois de cada um.

Cada item acima descrito fornece dados para uma boa análise lingüística da sílaba no português. O capítulo a seguir apresenta os resultados das análises contemplados nesta pesquisa.

4 RESULTADOS: PARA UMA TIPOLOGIA DO PORTUGUÊS

O presente trabalho segue os mesmos passos apontados por Rousset (2004), para a montagem da tipologia, uma vez que esse é o padrão seguido pelo Grenoble Image Parole Signal Automatique - ICP (GIPSA-LAB). Além disso, o trabalho está vinculado aos estudos dos quais a tese de doutorado de Rousset é peça-chave. A autora analisa as unidades lexicais das línguas que ela estuda¹⁷, as estruturas silábicas e as co-ocorrências e dependências entre as mesmas.

Esse trabalho seguirá as mesmas diretrizes, de forma a encontrar as semelhanças e diferenças entre o português e as demais línguas, incluindo assim, o português no conjunto de línguas com uma análise sistemática, o que permitirá realizar estudos de padrão mundial.

4.1 Análise das Unidades Lexicais

A análise das unidades lexicais contempla o número de sílabas por unidade lexical, a sua posição na palavra, número de fonemas por palavra e por sílaba, e restrições sobre a concatenação das sílabas. Para analisar o número de sílabas por unidade lexical, lançou-se mão da análise da forma canônica.

A forma canônica (FC) é a relação entre o número de sílabas de um conjunto de dados e o número de entradas lexicais desse conjunto:

¹⁷ As línguas usadas por Rousset são: afar, finlandês, francês, kannada, kanouri, kwakw'ala, navaho, ngizim, nyah kur, quéchua (variedade de Quito), sora, sueco (variedade de Estocolmo), wa, yup'ik (variedade do centro do Alaska) e !xóõ. Todas as línguas são provenientes do UCLA Lexical and Syllabic Inventory Database – ULSID.

$$FC = \frac{\text{Quantidade de sílabas}}{\text{Quantidade de palavras}}$$

A FC do conjunto de Rousset varia de 1 para o wa e 3,38 para o Finlandês, com uma média de 2,42. A grande maioria das línguas possui uma FC entre 2,5 e 3, dentre as quais se encontra o francês. Goldman *et al* (1996 apud ROUSSET, 2004) apresentam FC de 2,83 para o francês e 2,62 para o inglês. Rousset calculou uma FC de 2,63 para o alemão, a partir de dados de Menzerath (1954).

A divisão tipológica de Rousset, dessa forma, aponta quatro categorias para a forma canônica:

- (1) Línguas totalmente ou em sua maioria monossilábicas. Essas línguas não possuem itens lexicais com mais de duas sílabas.
- (2) Línguas com 40% das unidades lexicais monossilábicas, 20 a 40% dissilábicas, e 10% trissilábicas.
- (3) Línguas com maioria de itens dissilábicos, menos de 14% de itens monossilábicos, e cerca de um terço de itens lexicais trissilábicos.
- (4) Línguas com poucas unidades monossilábicas, mas uma grande maioria de itens trissilábicos, 20 a 40% de itens dissilábicos, e 25% de itens quadrissilábicos. A esse grupo pertencem o francês e o alemão.

Alguns comentários sobre a classificação de Rousset. Os grupos parecem girar em torno da diminuição de monossílabos, e aumento dos demais. Essas unidades são quase exclusivas do tipo 1 e muito fraca nos tipos 3 e 4. O número médio de sílabas

por unidade lexical gira em torno de 2 e, portanto, as línguas do conjunto de Rousset são predominantemente dissílabas. Esse tipo de estrutura está presente de forma significativa também nos tipos 2 e 4. Trissílabos também são muito freqüentes, pois correspondem a cerca de 30% das estruturas nos léxicos. A autora então conclui que em geral, são favorecidas unidades de duas sílabas, em detrimento das demais.

Um fato interessante é que quanto maior for a quantidade de sílabas por palavra, menor é a sua ocorrência: palavras com quatro sílabas ainda são razoavelmente freqüentes, mas de cinco e diante, a porcentagem tende a diminuir, chegando a menos de 1% para unidades com sete ou mais sílabas.

A forma canônica do português é 3,09. Assim, em princípio, o português é uma língua predominantemente trissilábica, da mesma forma que o francês e o alemão, o que permitiria colocá-la juntamente com essas línguas no tipo 4. No entanto, uma análise um pouco mais detalhada merece atenção. A seguir está a distribuição silábica do português.

Tabela 9: Distribuição silábica do português brasileiro.

Número de Sílabas	Número de ocorrências	%
1	103	2,06
2	1407	28,15
3	1940	38,82
4 ou +	1548	30,97
Total	4998	100,00

O estudo mostra que a maioria das unidades lexicais do português é composta de três sílabas, seguidas por palavras formadas por duas sílabas (os 30,97% corresponde a mais de um tipo de sílaba, portanto, não pode ser apontado como

predominante). Dessa forma, de acordo com a tipologia de Rousset, o português ainda pode ser dito como uma língua do tipo 4, ou seja, poucos monossílabos, 20 a 40% de dissílabos, 25% de quadrissílabos e a grande maioria de trissílabos.

O modelo de Rousset mostra que suas línguas giram em torno de modelos dissílabos. No entanto, outros fatores merecem ser analisados, como a relação do número de fonemas por palavra, e o número de fonemas por sílaba.

Parece haver uma relação entre a unidade lexical e a sílaba, já que a frequência de aparecimento das primeiras está ligada à quantidade de sílabas que as compõem. Rousset faz sua análise baseada na lei de Menzerath (1954), que propõe que o número de fonemas por sílaba tende a diminuir enquanto o número de sílabas por unidade lexical aumenta. Em outras palavras, quanto maior a palavra mais simples serão as sílabas que as compõem. Dessa forma, os monossílabos seriam as formas com sílabas mais complexas, comprovando a relação entre o tamanho dos itens lexicais e o tamanho das sílabas que os compõem.

Figura 9: Relação entre o número de fonemas por sílaba e no número de sílabas por unidade lexical, para todas as línguas do conjunto de Rousset (2004).

Os dados de Rousset obedecem à lei de Menzerath. A diminuição do número de fonemas por sílaba é nítida até o número de cinco sílabas por palavra, momento em que parece se estabilizar. Seus resultados vão ao encontro de uma organização lexical que desfavorece itens muito longos, seja reduzindo o número de sílabas por unidade lexical, seja reduzindo o número de fonemas por sílaba.

Através do número médio de fonemas por sílabas em relação ao número de sílabas por unidade lexical, Rousset monta outra classificação, a qual é apresentada a seguir:

- (A) Línguas fortemente monossilábicas contêm uma grande proporção de sílabas mais complexas. Essas sílabas se distribuem ao redor de 3 fonemas por sílaba.
- (B) Línguas ao redor de dois fonemas por sílaba. Essa classificação contém cerca de 60% das línguas, a grande maioria.
- (C) Línguas cuja quantidade de sílabas com dois e três fonemas são muito parecidas.

As línguas de Rousset parecem privilegiar sílabas de dois fonemas, assim como favorecem unidades lexicais de duas sílabas. Sílabas com mais de três fonemas são pouco freqüentes, qualquer que seja a língua. A autora então aponta que a organização de sílabas em fonemas também possui restrições. A seguir encontra-se a proporção de sílabas por número de fonemas para o português brasileiro.

Tabela 10: Distribuição de fonemas por sílaba para o português brasileiro.

Número de fonemas	Número de Ocorrências	%
2	10445	67,47
3	3681	23,78
1	1220	7,88
4	130	0,84
5	5	0,03
Total	15481	100,00

Observa-se que a distribuição de fonemas por sílabas no português gira em torno de dois fonemas por sílaba, já que esse número corresponde a mais da metade do total de sílabas encontradas. Assim o português se colocaria na categoria (B) de Rousset, em que se encontra a maioria das línguas. A relação entre o número de sílabas por unidade lexical (em torno de três), juntamente com a relação de fonemas por sílaba (em torno de dois), mostra um equilíbrio em relação à complexidade da palavra e a complexidade da sílaba, o que é condizente com a lei de Menzerath. A Tabela 11 a seguir apresenta uma análise de fonemas por unidade lexical.

Tabela 11: Distribuição de fonemas por unidade lexical para o português brasileiro.

Fonema	Quantidade	%
1	4	0,08
2	37	0,74
3	114	2,28
4	652	13,05
5	782	15,65
6	877	17,55
7	881	17,63
8	625	12,51
9	442	8,84
10	303	6,06
11	149	2,98
12	80	1,60
13	34	0,68
14	15	0,30
15	3	0,06
Total	4998	100

Os dados de Rousset mostram que o número médio de fonemas por unidade lexical varia de 2,91 a 7,81. As línguas do tipo 3 e 4 possuem uma média de fonemas por unidade lexical entre 5,09 e 7,91. O português brasileiro possui uma média de 6,73 fonemas por unidade lexical, que é totalmente condizente com a classificação apontada pela autora.

Os dados de Rousset apontam para um fato interessante: o número médio de fonemas por unidade lexical é inferior a oito, o que reforça a lei de Menzerath, que diz que línguas que aceitam um grande número de sílabas por unidade lexical ponderam o tamanho destas pelo tamanho das sílabas, limitando o tamanho dos itens. Neste caso o português brasileiro, então, também mede o tamanho dos itens lexicais pelo tamanho das sílabas (ver também Tabelas 8 e 9).

Figura 10: Gráfico da relação entre número de fonemas e unidade lexical para o português brasileiro.

O gráfico da Figura 10 mostra a distribuição do número de fonemas por unidade lexical. Pode-se observar que há uma grande concentração de dados entre quatro e oito fonemas, confirmando assim como nas línguas de Rousset, que a lei de Menzerath pode ser aplicada aqui.

4.1.1 Estruturação Silábica das Unidades Lexicais

Será que existem padrões lexicais favorecidos, ao nível da estrutura silábica? Será que as línguas favorecem certas sucessões de estruturas silábicas, ou elas utilizam todas as possibilidades de combinações possíveis? Para responder a perguntas como essas se fez uso da análise dos gabaritos das unidades lexicais. Os gabaritos

lexicais são transcrições feitas em coortes, ou seja, em C para consoante, e V para vogal, no nível das unidades lexicais.

A pergunta chave nessa parte é: quais gabaritos são mais freqüentes? Para respondê-la, Rousset escolheu gabaritos que representassem mais de 2% (dois por cento) das unidades lexicais, e classificou-os em função do número de sílabas.

Tabela 12: Freqüência de gabaritos que representam mais de 2% no conjunto das 16 línguas, adaptado de Rousset (2004).

Gabaritos	Freqüência de aparecimento no conjunto dos léxicos (%)
CVC	8,8
CV.CV	7,79
CV.CVC	6,85
CV.CV.CV	5,74
CVC.CV	5,44
CVC.CVC	4,6
CV	2,62

A estrutura CVC é o gabarito mais freqüente nas línguas do tipo 1 e 2, enquanto os tipos 3 e 4 preferem combinações com CV e CVC, privilegiando CV.CV.

Tabela 13: Freqüência dos gabaritos que representam mais de 2% no português.

Gabaritos	Freqüência de aparecimento no conjunto dos léxicos (%)
CV.CV	10,86
CV.CV.CV	9,66
CV.CV.CV.CV	3,16
V.CV.CV	2,84
CVC.CV	2,64
CV.CV.CVV	2,60
CVC.CV.CV	2,38
CVV.CV	2,38
CCV.CV	2,18

Nota-se que os tipos de gabaritos mais freqüentes têm pouco em comum com os gabaritos de Rousset. Enquanto os gabaritos de Rousset são predominantemente

dissilábicos, os do português são trissilábicos, embora o gabarito CV.CV represente um pouco mais de dez por cento dos dados; não há gabaritos monossilábicos.

Essa não semelhança se dá por motivos claros: as línguas de Rousset são predominantemente dissilábicas, enquanto o português brasileiro é predominantemente trissilábico (c.f tipologia da forma canônica). O fato de não haver estruturas monossilábicas com frequência significativa também se deve a esse fato. No entanto, existem duas estruturas comuns aos dois conjuntos de dados: CV.CV e CV.CV.CV. Essas estruturas inclusive possuem frequência consideravelmente alta nos dados de Rousset, mesmo sob influência de línguas predominantemente monossilábicas. A autora aponta que gabaritos como esses são a preferência das línguas dos tipos 3 e 4. Dessa forma, a alta ocorrência desses gabaritos em línguas bem diferentes pode ser um dado significativo.

Rousset afirma, a partir dos dados, que as línguas possuem preferências estruturais para seus gabaritos lexicais, e não utilizam todas as possibilidades de combinação de estruturas silábicas para formar unidades lexicais. Com o português não seria diferente. A grande maioria das possibilidades de gabaritos não é explorada. As que são exploradas, também são simples, tanto em tamanho de unidade lexical, como em tamanho de sílaba.

Um ponto marcante nos dados de Rousset é a pouca ocorrência de sílabas com grupos consonantais: nunca aparecem dentro da sílaba, e somente duas estruturas os apresentam em nível intersilábico. Nos gabaritos do português brasileiro, também não ocorrem grupos consonantais dentro da sílaba, e somente uma vez ocorre um

grupo consonantal intersilábico. Para tratar desse tipo de análise, deve-se ir um pouco mais fundo: tratando de análise não mais em nível lexical, mas sim em nível silábico.

4.2 Análise das Estruturas Silábicas

Para análise das estruturas silábicas lançamos mão do recurso de análise das coortes. Como dito acima, coortes são sílabas transcritas em consoante e vogal. A análise delas permitirá conhecer quais os moldes mais freqüentes e importantes no português brasileiro.

No conjunto de línguas de Rousset, o número médio de coortes no conjunto de línguas é 9, o que é muito pouco quando se compara ao número de sílabas atestadas com média de 15.453 coortes no conjunto de línguas . O número de coortes no conjunto de línguas chega a 19, e possui muitas sílabas fechadas, por causa da grande quantidade de elementos em posição de coda.

Tabela 14: Os 19 tipos silábicos do ULSID classificados em função da complexidade de ataque, adaptado de Rousset, 2004.

Ataque vazio	Ataque simples	Ataque complexo		C silábico
V	CV	CCV	CCCV	C
VC	CVC	CCVC	CCVC	CC
VCC	CVCC	CCVCC	CCCVCC	
VCCC	CVCCC	CCVCCC	CCCVCCC	
	CVCCCC			

Nos dados de Rousset, CV e CVC totalizam 85% das sílabas das línguas. CV representa mais de 50% das sílabas sozinho, sendo o tipo mais recrutado pelas línguas.

Tabela 15: Tipos silábicos do português brasileiro, classificados de acordo com a complexidade de ataque.

Ataque vazio	%	Ataque simples	%	Ataque complexo	%
V	7,88	CV	64,03	CCV	5,14
VC	1,73	CVV	11,95	CCVV	0,40
VV	1,71	CVC	6,69	CCVC	0,21
		CVVC	0,21	CCVVC	0,03
		CVCC	0,01		
total	11,32	total	82,89	total	5,78

O português apresenta doze coortes diferentes, sendo sete semelhantes aos de Rousset, mais de 50%. Certamente esses dados são significativos. Collischonn (2005) também apresenta algumas estruturas silábicas semelhantes ao que aqui é chamado de coortes para o português (cf. tabela 5, capítulo 2.3.3). Dessas, tem-se em comum onze coortes, sendo que uma atestada não ocorre no banco de dados analisado, e uma não ocorre nos exemplos de Collischonn.

A coorte que não ocorre nos dados é a CCVCC, pois, como se pode ver na Tabela 5, o exemplo que a autora dá é de uma sílaba que leva em conta a existência de uma consoante nasal em posição de coda, algo que este trabalho não adotou. A coorte que foi atestada para este conjunto de dados e não nos exemplos de Collischonn é a CVVC, coorte quase exclusiva de sílabas com ditongação de [ẽ] em sílabas onde a autora possivelmente adotaria a existência de uma consoante nasal em coda (para detalhes metodológicos, cf. capítulo 3, item 3.2.1.1).

Da mesma forma que os dados de Rousset, o número de coortes é muito pequeno em relação à quantidade de sílabas atestadas. CV representa aproximadamente 64%, mais da metade do total de sílabas atestadas. É, sem dúvida, o tipo silábico mais representativo nos dados estudados nesta pesquisa, seguido de CVV, com 11,95%. Juntamente com os dados de Rousset, pode-se então afirmar que CV é a

estrutura silábica universal, assim como também afirmam os estudos de MacNeilage (1998).

Uma observação muito curiosa é o fato de nos dados de Rousset não haver nenhum nó vocálico duplo, enquanto no português um tipo silábico com esse mesmo nó é a segunda mais freqüente. Uma razão pode ser apontada para tal singularidade: no português brasileiro, a vogal nasal [ẽ], quando diante de uma consoante nasal, transforma-se no ditongo nasal [ẽĩ]. Além disso, existe uma alta ocorrência de ditongos do tipo [au], nasais ou não (cf. capítulo 4.3.1.1 adiante).

Observando-se a quantidade de coortes com ataques vazios e ataques preenchidos, pode-se perceber que estes últimos são muito mais freqüentes do que aqueles. Rousset aponta que esse resultado pode ter relação com o Princípio de Maximização do Ataque, que diz que “na atribuição da estrutura silábica de uma cadeia de segmentos, os ataques são maximizados em conformidade com os princípios de composição silábica da língua”, ou seja, “a formação de todos os ataques de uma cadeia de segmentos tem prioridade sobre a expansão das rimas” (BISOL, 1999, p. 711). CV então seria o padrão universal, pois possui a melhor formação silábica básica.

Como já mencionado anteriormente, existe, tanto nos dados de Rousset como nos dados utilizados nesta pesquisa uma baixa ocorrência de grupos consonantais intra-silábicos. Nos dados de Rousset eles não correspondem a mais do que 7,6% dos dados, e sua posição preferencial na sílaba é a de ataque, com cerca de 67%. No português, eles ocorrem em 5,14%. De acordo com Redford (1999), esse fato pode

estar ligado a restrições sobre o número e a posição das consoantes no ciclo mandibular, sendo a fase de abaixamento muito mais longa do que a de fechamento. Como conclusão, Rousset diz que “a frequência de estruturas parece inversamente ligada à sua complexidade” (p.113). A análise dos dados, juntamente com a análise dos dados da autora, parece confirmar essa idéia. Uma sílaba parece ter tanto mais chances de aparecimento quanto sua estrutura for mais próxima de CV ou CVC. Assim, de acordo com Rousset, uma sílaba com ataque vazio, grupo consonantal ou consoantes silábicas são claramente menos freqüentes.

4.2.1 Predominância de CV e CVC

Algumas considerações sobre a divisão das sílabas em CV e CVC merecem atenção. A estrutura CV, nos dados de Rousset, é favorecida em 11 de todas as línguas do conjunto. As cinco línguas restantes são predominantemente CVC. A autora acredita que isso se deva ao fato de essas línguas serem tonais.

A autora argumenta que se for realizada uma análise dos dados usando o critério de divisão em CV e CVC (e seus derivados), pode-se perceber que línguas que preferem estruturas fechadas possuem CVC como sílaba predominante; as línguas que preferem estruturas abertas possuem CV como sílaba predominante. Essa evidência faz Rousset supor que existam restrições que regem o aparecimento de tipos silábicos nas línguas, construídos sobre um padrão-base predominante.

Ao se analisar as Tabelas 14 e 15, observa-se perfeitamente que essas restrições de fato existem. Todas as sílabas mais complexas pressupõem a existência de seus

pares mais simples, até em porcentagem maior. Esses dados também confirmam a proposição de Blevins (1996) de que “se os grupos de n Cs são possíveis no início da sílaba, então grupos de $n-1$ Cs também são; se grupos de n Cs são possíveis em fim de sílaba, então grupos de $n-1$ Cs também são” (p. 217). Além disso, pode-se observar a existência de sílabas iniciadas com ataque vazio. O mesmo tipo de regra pode-se aplicar para essas sílabas, ou seja, se existem sílabas iniciadas por V, então também existem sílabas constituídas por V somente.

Os dados de Rousset também confirmam as proposições de Blevins. Aliás, Rousset sugere uma série de regras que podem restringir o surgimento de sílabas. As três primeiras são exatamente iguais as de Blevins, como citadas acima. A quarta se refere ao fato de a autora ter em seus dados, consoantes silábicas, que possuem uma regra semelhante a das sílabas que possuem ataque vazio. A última regra pode ser depreendida da análise dos dados, tanto de Rousset como dos utilizado aqui (cf. tabela 14): “a frequência de aparecimento de uma estrutura silábica diminui conforme a complexidade de seu ataque ou coda aumenta” (p.118).

A análise das estruturas silábicas do português reforça a hipótese da estrutura silábica CV como a sílaba canônica. Ela representa mais da metade dos dados (64%), sendo a mais recorrente. Assim como os dados de Rousset, então, o português brasileiro vem a reforçar a premissa de MacNeilage (1998;2008), de que essa estrutura é a base da fala, já que além de mais freqüente, é a que melhor se adequa do ciclo de abertura e fechamento da mandíbula.

4.3 Análise dos Constituintes Silábicos

Até agora a pesquisa se deteve na análise do 'quadro' silábico, as coortes. Essa seção será dedicada à análise dos constituintes silábicos. Observar a natureza dos constituintes silábicos serve ao objetivo de verificar se existem restrições de combinação nesse nível de organização.

A primeira pergunta que Rousset faz é em qual proporção as línguas exploram mais as sílabas. Para respondê-la, a autora lança mão da análise do rendimento silábico (RS), que é a razão entre o total de sílabas atestadas para uma língua e o número de sílabas diferentes contados após o agrupamento de sílabas idênticas. Se RS igual a 1, então cada sílaba aparece uma vez nos dados, ou seja, não ocorre reutilização da mesma sílaba. A análise dos dados de Rousset sob essa perspectiva fornece uma classificação muito semelhante a que foi feita para a forma canônica (cf. capítulo 4, item 4.1).

- (1) Línguas com RS inferior a 2. Essas línguas são predominantemente monossilábicas. O fato de esse aproveitamento ser maior do que um se dá pelo fato de essas línguas serem tonais, e assim cada estrutura se repetiria mais de uma vez. De outra forma, seu, RS seria igual a um.
- (2) Línguas com RS entre 2 e 5. São as mesmas línguas do tipo 2 na forma canônica, ou seja, com muitas unidades dissilábicas.
- (3) Línguas com RS entre 5 e 14. Essas línguas ainda possuem muitas unidades dissilábicas, mas já possuem unidades trissilábicas e menos monossílabos.
- (4) Línguas com RS entre 16 e 24. São línguas majoritariamente trissilábicas. O francês se inclui nessa categoria.

Esses dois últimos tipos são os que mais reutilizam sílabas. Isso se deve ao fato de a combinação de sílabas dar um significado, e não uma sílaba isolada. Quanto maior o número de sílabas que podem compor uma unidade lexical, maior a possibilidade de combinação de sílabas, e, conseqüentemente, maior a freqüência de reutilização das mesmas.

O rendimento silábico para o português é de 17 sílabas atestadas para o total de sílabas diferentes. Esse número permite colocar o português brasileiro na categoria quatro, o que mostra que o português reutiliza de forma considerável suas sílabas, assim como o francês. Esse número é intrigante, pois afinal, mostra que o português não só não utiliza todas as suas possibilidades de combinação, como também favorece outras.

O rendimento silábico mostra que as línguas não usam todas as possibilidades de combinação entre os seus constituintes. Então, deve haver unidades favorecidas para a construção de sílabas, as quais são apresentadas a seguir:

4.3.1 Os Constituintes Mais Utilizados

4.3.1.1 As Vogais Mais Utilizadas

Nos dados de Rousset, a vogal [a] aparece em mais de 35% dos nós vocálicos, sendo a vogal mais freqüente nessa posição. Em seguida, ocorre [i], com um total de 17% dos nós. [u] ocupa 14% deles. É notável o fato de essas vogais

corresponderem às vogais extremas do triangulo vocálico, afinal, elas são as mais freqüentes nos sistemas fonológicos das línguas do mundo (BOË ET AL, 2000).

Tabela 16 Ocorrências das vogais em núcleo simples para o português

Vogais	Número de ocorrências	%
a	4196	31,63
i	1801	13,58
e	1707	12,87
u	1378	10,39
o	981	7,39
u	584	4,40
ĩ	531	4,00
ɪ	493	3,72
õ	408	3,08
ã	390	2,94
ɛ	281	2,12
ɔ	220	1,66
ẽ	165	1,24
ũ	130	0,98
õ	1	0,01
ẽ	0	0,00
ĩ	0	0,00
õ	0	0,00
Total	13266	100

A Tabela 16 mostra as ocorrências vocálicas em núcleo simples para todo o banco de dados. Observa-se que as vogais mais freqüentes são [a] e [i], seguidas de [e]. De acordo com a análise de Rousset, [u] deveria ser a terceira vogal mais freqüente, e não [e]. Essa discrepância se explica pelo fato de que, nos dados do português, as vogais [u] e [i] foram divididas em vogais finais e vogais não-finais, explicando-se a

ocorrência de [u] e [ɪ]. Quando somados os números de ocorrências das vogais finais e não-finais, a vogal [u] passa a ser a terceira vogal mais freqüente, conforme a Tabela 17 a seguir:

Tabela 17: Ocorrências das vogais em núcleo simples para o português, com a soma das vogais [i] e [u] finais e não-finais.

Vogais	Número de ocorrências	%
a	4196	31,63
i	2294	17,29
u	1962	14,79
e	1707	12,87
o	981	7,39
ĩ	531	4,00
õ	408	3,08
ã	390	2,94
ɛ	281	2,12
ɔ	220	1,66
ẽ	165	1,24
ũ	130	0,98
õ	1	0,01
ẽ	0	0,00
Total	13266	100

Assim, [a], [i] e [u] são as vogais mais freqüentes no português, que correspondem aos extremos do triângulo vocálico, corroborando as informações de Boë *et al*, 2000, e também a hipótese do favorecimento de certas unidades para a construção silábica. O fato de as vogais mais freqüentes corresponderem aos extremos do triângulo vocálico também está de acordo com a distribuição vocálica da Teoria e Dispersão e Focalização (*Dispersion and Focalization Theory* – DFT, cf. capítulo 2, item 2.1.1.1), que diz que os sistemas vocálicos das línguas do mundo estão

regulados de acordo com um princípio de controle auditivo da dispersão dos sons dentro de um espaço $F1 \times F2$ (formante 1 x formante 2), e da sua focalização de acordo com a proximidade de pelo menos dois formantes, sejam eles $F1$ e $F2$, ou $F2$ e $F3$ (formante 2 e formante 3), etc. A teoria prevê, para um sistema de 7 vogais, um como o do português.

Rousset, em nenhum momento analisa vogais nasais. Portanto, a análise do português também não deveria incluí-las. No entanto, as vogais nasais merecem algum destaque no português, pois embora sua ocorrência seja muito pequena em relação às vogais orais, elas apresentam algumas particularidades. Nesse grupo, também existem três vogais mais freqüentes, sendo duas iguais às orais. No entanto, a vogal nasal mais freqüente é [ĩ], seguida de [ã], e por último a vogal [õ]. É interessante que as vogais nasais não obedeçam a mesma restrição quanto ao triângulo vocálico, nem suas freqüências sejam semelhantes, em termos de proporção. Além disso, essas vogais nasais são mais freqüentes que duas vogais orais [ɛ] e [ɔ]. Outro ponto interessante é a ocorrência única da vogal nasal [õ], e nenhuma ocorrência da vogal nasal [ẽ]. Essa não ocorrência só vem a reforçar a idéia de que o português realmente não utiliza todas as possibilidades de combinação oferecidas. Tais fatos não são abordados por Rousset, por isso não se pode saber se estes são particulares do português, ou se tais fatos se estendem a outras línguas. Isso mostra que tanto as premissas tipológicas apresentadas nesse trabalho como a própria DFT necessitam ser refinadas. Mais estudos são necessários para um melhor entendimento do fenômeno, o que requer um maior número de línguas.

Uma outra análise que Rousset não se aprofunda é a análise dos ditongos. Nos dados de Rousset, os ditongos representam uma parcela muito pequena em todas as línguas. No entanto, para o português, a ocorrência de ditongos é alta, como foi mostrado desde a análise das coortes, em que estruturas com núcleos duplos são representativas (cf. tabela 14 e 15). Dessa forma, a Tabela 18 mostra as frequências de cada ditongo identificado no banco de dados, juntamente com todas as possibilidades de combinação formadas a partir das ocorrências de segmentos vocálicos encontrados no conjunto.

Tabela 18: Ocorrências de ditongos em português.

Ditongos	Número de ocorrências	%
ẽ ĩ	582	26,44
ã õ	415	18,86
a ʊ	286	12,99
e ĩ	235	10,68
ĩ a	157	7,13
ĩ ʊ	137	6,22
o ʊ	57	2,59
a ĩ	54	2,45
e ʊ	48	2,18
ĩ o	44	2,00
i ʊ	40	1,82
o ĩ	24	1,09
ɛ ʊ	48	2,18
ʊ a	10	0,45
ɔ ʊ	11	0,50
ʊ i	9	0,41
ĩ e	9	0,41
Continua		

Ditongos	Número de Ocorrências	%
ɔ ɪ	6	0,27
ɛ ɪ	6	0,27
u ɪ	8	0,36
ɪ u	3	0,14
ĩ ã	4	0,18
ã ɪ	2	0,09
õ ɪ	2	0,09
ɪ ɛ	1	0,05
ɪ õ	1	0,05
ũ ɪ	1	0,05
ĩ ù	1	0,05
õ ɪ	0	0,00
õ ʊ	0	0,00
ẽ ɪ	0	0,00
ẽ ʊ	0	0,00
ẽ ʊ	0	0,00
ɪ ɔ	0	0,00
ĩ ʊ	0	0,00
ɪ ʊ	0	0,00
ĩ ã	0	0,00
ĩ ẽ	0	0,00
ĩ ẽ	0	0,00
ĩ ʊ	0	0,00
ĩ ù	0	0,00
õ ʊ	0	0,00
u ɪ	0	0,00
u ɔ	0	0,00
u ɛ	0	0,00
u ɛ	0	0,00
u ɪ	0	0,00
u ɔ	0	0,00
ũ ɪ	0	0,00
ʊ ã	0	0,00
ʊ ã	0	0,00
ʊ ẽ	0	0,00
ʊ ẽ	0	0,00
Continua		

Ditongo	Número de Ocorrências	%
õ ĩ	0	0,00
õ ɪ	0	0,00
õ ɔ	0	0,00
Total	2201	100,00

Analisando-se a Tabela 18 como um todo, pode-se observar que existem muitas possibilidades de ditongos que não são utilizadas, sendo somente 50% delas utilizadas, o que reforça a idéia de que existem restrições agindo sobre a preferência de utilização de segmentos sobre a língua.

Os dois primeiros ditongos mais freqüentes são [ẽ ĩ] e [ã õ]. Esse fato tem explicação, como já mencionado anteriormente: o primeiro ditongo aparece pelo fato de se pronunciar, em fala corrente, o que corresponderia a uma sílaba do tipo C1VC2, em que V deve ser um [ẽ] e C2 deveria ser uma nasal, como um ditongo nasal (lembrando que não existem consoantes nasais em posição de coda nos dados, de acordo com a metodologia no item 3.2.1.1). Assim, a análise da tabela justifica a alta ocorrência da coorte CVV e derivadas, já que existe realmente uma alta ocorrência de ditongos em português, embora esta seja muito menor do que a ocorrência de CV e derivadas.

Relacionando-se os nós vocálicos e o tipo de sílaba em que eles aparecem, pode-se observar que não existem restrições de aparecimento de qualquer vogal em sílabas com ataque pleno. Já as de ataque vazio, Rousset aponta um comportamento diferente. [a] ainda continua sendo a vogal mais recorrente. No entanto [ə] passa a

ser muito mais freqüente que as demais, mesmo não aparecendo na maioria das línguas. Os ditongos também são muito presentes nesse tipo de sílaba, mas também são muito pouco representados nas línguas.

Tabela 19: Distribuição das vogais do português dentro de cada tipo de sílaba.

Quantidade de vogais por sílaba														
f	a	ã	e	ẽ	ε	i	î	o	õ	ɔ	õ	u	ũ	Total
V	680	41	104	21	12	63	138	75	19	9	0	40	18	1220
VC	35	0	178	0	4	11	13	18	0	7	0	2	0	268
CV	3092	300	1028	128	175	1906	345	559	356	144	1	1770	108	9912
CVC	175	0	274	0	59	169	1	238	7	44	0	67	1	1035
CVCC	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
CCV	211	38	116	16	30	136	34	89	26	16	0	81	3	796
CCVC	3	11	5	0	1	9	0	2	0	0	0	2	0	33
total	4196	390	1707	165	281	2294	531	981	408	220	1	1962	130	13266

A Tabela 19 mostra a representatividade de cada vogal do português dentro de cada tipo de sílaba. Observa-se que, em sílabas com ataque pleno, ocorrem todas as vogais orais, sem restrição. A vogal que mais ocorre nessa posição é a vogal [a], com 3481 ocorrências (29,5%), seguida de [i], com 2220 ocorrências (18,8%). Os dados do português brasileiro, então são condizentes com os dados de Rousset. Já as vogais nasais são preferidas em sílabas sem posição de coda preenchida, CV e CCV. Esse fato pode ser de origem metodológica, pois, onde ocorrem vogais nasais e possíveis sílabas com coda plena, essas codas são consoantes nasais, que, nesse estudo não foram consideradas nessa posição, pois foi adotada a posição de núcleo silábico com vogal nasal, não apêndice ou consoante nasal (c.f. item 3.2.1.1). Quanto a sílabas de ataque vazio, a vogal mais freqüente é [a], com 715 ocorrências, seguida de [e], com 282 ocorrências. Em sílabas somente do tipo V,

não parece haver qualquer restrição na escolha vocálica. Já em VC, algumas nasais deixam de ocorrer.

4.3.1.2 As Consoantes mais utilizadas

A análise das consoantes deve levar em conta a posição em que aparecem dentro da sílaba.

Tabela 20: Amostra do inventário de consoantes que podem aparecer em posição de ataque e coda, calculado a partir do número de sílabas diferentes. Adaptado de Rousset (2004).

língua	Consoantes que podem aparecer em	
	ataque (%)	coda (%)
afar	100	100
francês	95,24	82,35
quechua	96,97	66,67
!xóõ	100	3,08

Em posição de ataque, Rousset constata que há pouca disparidade entre as línguas, e que a maioria das consoantes podem aparecer nesta posição, ou seja, não parece haver restrições quanto ao aparecimento de consoantes em ataque.

As consoantes em posição de coda se comportam de maneira um pouco diferente, ocorrendo certa variação de língua para língua. Enquanto nos dados de Rousset, cerca de 86% das consoantes podem aparecer em posição de ataque, somente de 20 a 54% destas podem aparecer em posição de coda. Tais consoantes são, em sua maioria consoantes simples, sendo [p t k ʔ m n ŋ s l] as mais freqüentes. Essas mesmas consoantes são as que mais aparecem nas línguas do mundo (Boë *et al*, 2000).

Assim como para as vogais, as consoantes mais freqüentes nos dados de Rousset correspondem aos segmentos mais freqüentes nos sistemas fonológicos das línguas do mundo. Da mesma forma, então, as tendências silábicas também podem ser explicadas pelas tendências dos sistemas sonoros das línguas do mundo. No entanto, a presença de diferenças significativas entre o número de consoantes em posição de ataque e o número de consoantes em posição de coda mostra que existem restrições em um outro nível que não o dos segmentos sonoros: o da estrutura silábica.

Tabela 21: Ocorrências das consoantes em todas as posições no português.

Consoantes	Número de ocorrências	%
r	2278	14,24
s	2133	13,34
t	1558	9,74
k	1344	8,40
d	1087	6,80
p	988	6,18
m	904	5,65
l	811	5,07
n	614	3,84
v	542	3,39
b	528	3,30
tʃ	495	3,09
f	465	2,91
g	414	2,59
h	406	2,54
z	394	2,46
dʒ	338	2,11
ʒ	285	1,78
ʃ	157	0,98
ʎ	94	0,59
ɲ	92	0,58
Continua		

Consoantes	Número de ocorrências	%
k^w	44	0,28
g^w	23	0,14
Total	15994	100,00

A Tabela 21 mostra as ocorrências de todas as consoantes no português independentemente da sua posição silábica. Como se pode perceber existe uma quantidade significativa de consoantes coronais, sendo que as três primeiras consoantes mais freqüentes pertencem a esse ponto de articulação. A alta freqüência desse tipo de consoante nos dados vai ao encontro da afirmação de Boë *et al* (2000), que diz ser o ponto de articulação coronal o mais explorado nas línguas do mundo.

Um outro dado que chama a atenção é o de as duas primeiras consoantes mais freqüentes serem exatamente a fricativa coronal [s] e o tepe [r]. Tal fato certamente possui explicação: essas são as únicas consoantes que podem aparecer em posição de coda no português, já que não foram adotadas consoantes nasais em posição de coda e sim vogais nasais.

Além disso, também não existe [l] nessa posição, pois ocorre vocalização dessa consoante nessa posição, passando de [l] a [u] (o que explica também a alta ocorrência dessa vogal). Outro fato importante é o de tanto [l] como [r] serem as únicas consoantes a formarem grupos consonantais em português. Uma análise separando as consoantes que podem aparecer em ataque, coda e grupo consonantal pode comprovar tal afirmação.

Tabela 22: Ocorrências das consoantes somente em posição de ataque no português.

Consoantes	Número de ocorrências	%
t	1558	12,09
s	1425	11,06
k	1344	10,43
d	1087	8,44
p	988	7,67
m	904	7,02
r	832	6,46
l	687	5,33
n	612	4,75
v	542	4,21
b	528	4,10
tʃ	495	3,84
f	465	3,61
g	414	3,21
h	406	3,15
z	394	3,06
dʒ	338	2,62
ʒ	285	2,21
ʃ	157	1,22
ʎ	94	0,73
ɲ	92	0,71
kʷ	44	0,34
gʷ	23	0,18
Total	13714	106,46

Retirando-se as ocorrências de [s] e [r] em posição de coda, bem como [l] e [r] que formam grupos consonantais dos dados, [t] passa a ser a consoante mais freqüente, [s] continua sendo a segunda mais freqüente. Vale lembrar que [ʎ], [ɲ] e [r] se encontram na Tabela 22, pois elas aparecem em posição de ataque intervocálica (CRISTÓFARO-SILVA, 2004). Dessa forma, fica mantida a afirmação de Boë *et al* (2000).

A análise das consoantes em ataque confirma a constatação encontrada por Rousset sobre a aparente não restrição do uso de consoantes em posição de ataque, já que 100% das consoantes em português podem aparecer nessa posição. Como dito existem três consoantes que somente aparecem em sílabas internas. A explicação para esse fato certamente não se encontra em restrições dentro do nível silábico, mas provavelmente dentro do nível da unidade lexical. No entanto, esse fato não afeta a análise em si, já que somente o nível silábico foi considerado.

As análises sobre as restrições feitas nos sistemas sonoros das línguas utilizadas na revisão bibliográfica desse trabalho não parecem contemplar análises mais detalhadas com segmentos em ataque. Mais estudos serão necessários para se compreender melhor esse tipo de restrição. A Tabela 23 apresenta a representatividade das consoantes em cada tipo de sílaba.

No português, enquanto 100% das consoantes aparecem em posição de ataque, somente 0,86% podem aparecer em coda. Tais consoantes são [s] e [r]. São duas consoantes simples, sendo que somente [s] existe no conjunto de consoantes que podem aparecer em coda dos dados de Rousset. No entanto, conforme a Tabela 21, essas duas consoantes fazem parte do conjunto das mais freqüentes em português, e mostra que a seleção do segmento em coda obedece a um critério de freqüência do tipo consonantal correspondente a esse na língua. Esse fato, juntamente com os demais apresentados anteriormente, mostra que no português, existem restrições de seleção de segmentos de acordo com a posição na sílaba. Rousset argumenta que essas restrições não estão no nível sonoro, e sim no nível da sílaba. Por isso, a análise segue com as relações entre os elementos dentro da sílaba.

4.4 Co-ocorrências e Dependências nas Sílabas

Após uma análise das consoantes e das vogais mais recorrentes nas línguas, Rousset investiga a combinação dessas no nível silábico. A questão chave nesse momento é se existem ou não combinações de consoantes e vogais favorecidas para a estrutura silábica, e, se existem o porquê.

4.4.1 O Rendimento Silábico

O rendimento silábico mostra que as línguas reutilizam as sílabas ao invés de utilizarem todas as combinações possíveis. Isso mostra que existem sílabas mais usadas que as demais. Quais serão essas sílabas?

Primeiro Rousset verifica a ligação entre o número de sílabas atestadas e o número de sílabas possíveis. Essa relação varia de 0 a 1, em que 1 corresponde a uma utilização de 100% das sílabas teóricas. O cálculo exprime claramente que, ao não utilizar todo seu potencial silábico, as línguas restringem o seu inventário de sílabas.

A análise dos dados de Rousset se restringe a sílabas do tipo CV e CVC. No primeiro caso, oito das quinze línguas possui uma razão sílabas teóricas e sílabas atestadas maior do que 0,5, ou seja, essas línguas usam cerca de 50% das possibilidades de sílabas do tipo CV. A razão para o francês, por exemplo, é de 0,55. Os resultados de Rousset reforçam a idéia de que existem restrições de combinação para a sílaba CV.

O português brasileiro apresenta 309 sílabas CV diferentes atestadas, e são possíveis 460 sílabas do tipo CV. O cálculo da razão entre as sílabas atestadas e as sílabas possíveis é de 0,67. Isso significa que o português brasileiro usa 67% das suas possibilidades de sílabas. Dessa forma, podemos atestar empiricamente que o português não utiliza todo seu potencial silábico, e, de alguma forma, restringe seu inventário, assim como os resultados de Rousset. O passo seguinte é saber como essa restrição é feita.

A análise das sílabas do tipo CVC mostra que essas combinações são ainda menos usadas. Os dados de Rousset atestam que as línguas não usam mais do que 30% do total das possibilidades. As restrições em CVC podem ser maiores do que as de restrições em CV.

O português brasileiro conta com 196 sílabas do tipo CVC atestadas, e as possibilidades de formação de sílabas desse mesmo tipo são de 10 580. O cálculo da razão entre as sílabas atestadas e as possíveis é de 0,018, ou seja, 1% das possibilidades é efetivamente usada. Que exista uma maior possibilidade de combinações não é difícil de entender, uma análise combinatória simples mostraria esse fato. Mas que somente 1% dessas possibilidades seja efetivamente utilizada é um fato que requer explicação. A conclusão de que existem fatores que restringem a combinação silábica e o seu uso é, sem dúvida, favorável.

A autora então supõe que as línguas de seu conjunto estejam submetidas a restrições otimizadas ou não de combinações de C e V ou de C e C. Dessa forma, passamos a analisar a relação entre os constituintes da sílaba. Será feita uma análise das seguintes ocorrências: relação entre C e V nas sílabas CV, relação entre V e C nas sílabas VC, CVC, e CVCC, e a relação entre C e C nas sílabas CVC.

4.4.2 Co-ocorrências e Dependências

4.4.2.1 A Sílaba CV

Para colocar em evidência quais são as sílabas mais recorrentes, Rousset montou matrizes de ocorrências dos tipos CV, como a Figura 11 a seguir. Rousset usou todas as ocorrências de todas as suas línguas. A Figura 11 mostra todas as sílabas do tipo CV para o português.

	p	b	t	d	k	g	k ^w	g ^w	m	n	ɲ	l	ʎ	r	f	v	s	z	ʃ	ʒ	tʃ	dʒ	h	Total	%
a	159	103	442	293	365	136	20	9	225	185	37	156	39	286	78	105	182	130	56	28	1	0	57	3092	31,19
ã	12	24	29	15	54	9	5	0	39	10	4	26	4	26	7	11	11	3	1	3	0	0	7	300	3,03
e	106	34	104	137	20	5	3	0	52	36	6	68	6	32	44	41	129	17	9	21	0	0	158	1028	10,37
ẽ	6	3	13	17	2	0	0	0	14	6	3	6	0	7	2	7	20	4	0	11	0	0	7	128	1,29
ε	13	5	30	4	5	1	0	1	14	17	0	16	0	7	10	9	22	3	4	6	0	0	8	175	1,77
ẽ	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
i	70	50	0	0	59	12	3	3	77	76	0	132	1	128	73	93	162	57	9	45	214	143	30	1437	14,50
ɪ	5	2	0	0	18	3	0	0	25	7	0	9	1	5	4	11	25	20	5	5	206	116	2	469	4,73
ĩ	23	7	0	0	17	11	0	0	43	17	1	30	0	19	14	15	58	9	4	13	38	23	3	345	3,48
ĩ	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
o	62	31	33	38	101	18	0	0	60	23	1	33	2	13	18	33	43	6	13	8	0	0	23	559	5,64
ó	15	11	14	16	218	1	0	0	13	17	2	11	0	2	9	1	12	4	1	0	0	0	9	356	3,59
ɔ	15	11	28	4	19	3	1	0	14	8	0	8	1	2	7	1	8	2	1	1	0	0	9	143	1,44
õ	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0,01
u	23	21	88	52	74	17	0	0	24	16	0	25	1	5	9	8	55	3	16	17	0	0	10	464	4,68
u	14	17	295	288	104	41	0	0	54	62	20	59	25	111	4	43	75	41	22	14	0	0	18	1307	13,19
ũ	4	5	5	0	11	8	0	0	17	7	2	7	0	1	20	0	7	2	1	7	0	0	4	108	1,09
ũ	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00
Total	527	324	1081	864	1067	265	32	13	671	487	76	586	80	644	299	378	810	301	142	179	459	282	345	9912	100,00
%	5,32	3,27	10,91	8,72	10,76	2,67	0,32	0,13	6,77	4,91	0,77	5,91	0,81	6,50	3,02	3,81	8,17	3,04	1,43	1,81	4,63	2,85	3,48	100,00	

Figura 11: Matriz de ocorrências CV para o português.

A matriz acima merece alguns comentários. Tem-se um total de 9912 sílabas do tipo CV. No conjunto dos dados existem 15481 sílabas. Assim, como dito anteriormente, esse número corresponde a 64% do total. A matriz é muito informativa, já que mostra a ocorrência de cada vogal e consoante nos dados dentro da sílaba CV. Por exemplo, a vogal [ɔ̃] ocorre somente uma vez dentro de todo o conjunto. A matriz

mostra exatamente em que tipo de sílaba ela ocorre, e com qual consoante ela combina. A matriz também mostra, em números a distribuição das combinações de todas as consoantes, e mostra quais consoantes e vogais são mais ‘combináveis’ dentro dos dados.

Esse tipo de dado mostra as possibilidades de combinação de todas as consoantes e vogais. No entanto, não evidencia as tendências das estruturas silábicas, já que há muita informação, e uma visualização deficiente dos dados. Por isso Rousset agrupa as consoantes de acordo com o ponto de articulação, e as vogais de acordo com a posição anterior-posterior, conforme MacNeilage e Davis, 2000. A Tabela 24 a seguir apresenta o agrupamento dos dados da Figura 11, de acordo com os critérios acima definidos.

Tabela 24: Matriz das sílabas CV em português, de acordo com o reagrupamento das consoantes por ponto de articulação e das vogais de acordo com os traços de anterioridade e posterioridade.

Ocorrências	Bi	Co	Gl	Lde	Pa	Ve	Total
An	549	2321	208	323	12	163	3576
Ce	562	1883	64	201	84	598	3392
Po	411	1631	73	153	54	616	2938
Total	1522	5835	345	677	156	1377	9912

Essa reclassificação permite conhecer os pontos de articulação mais utilizados nas línguas, mas não permite colocar em evidência as combinações mais favorecidas, já que, muitas vezes, a diferença entre as ocorrências é pequena. Por isso, Rousset ponderou a ocorrência das estruturas em função das frequências dos segmentos vocálicos e consonantais que as compõem.

Esse tipo de ponderação é interessante, já que evidencia a representatividade de cada combinação. Valores superiores a 1 significam combinações favorecidas;

valores inferiores a 1 significam combinações desfavorecidas; valores iguais a 1, significam resultados não conclusivos. Esse cálculo será utilizado para a análise de todas as combinações silábicas nesse trabalho.

Tabela 25: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações CV para o conjunto de dados de Rousset (2004).

Razão	Co	Bi	Ve	Outras
An	1,09	0,94	1,05	1,04
Ce	0,87	1,1	0,7	1,05
Po	1,01	0,93	1,32	0,93
Outras	1,09	1,06	1,1	0,73

A análise das combinações mostra que há três tipos de combinações intra-silábicas favorecidas:

- Consoantes labiais com vogais centrais;
- Consoantes coronais com vogais anteriores não-arredondadas;
- Consoantes velares com vogais posteriores arredondadas;

As demais consoantes possuem uma preferência por vogais centrais. Rousset argumenta que essa preferência se dá por conta da grande proporção dessas nos seus dados.

Parece, então, que não importa a estrutura silábica, as línguas de Rousset possuem uma forte tendência a favorecer combinações ataque - núcleo que minimizam os deslocamentos articulatórios entre os gestos consonantais e vocálicos.

Tabela 26: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações CV para o português.

Ocorrências	Bi	Co	Ve	Outras
An	1,00	1,10	0,33	1,29
Ce	1,08	0,94	1,27	0,87
Po	0,91	0,94	1,51	0,80

Observa-se que as mesmas combinações favorecidas nos dados de Rousset também são favorecidas no português: consoantes bilabiais com vogais centrais, consoantes coronais com vogais anteriores, e consoantes velares com vogais posteriores. As demais consoantes, no entanto, parecem ter um comportamento diferente das de Rousset. Tais consoantes são favorecidas com vogais anteriores, e não com vogais centrais.

O fato então de haver muitas vogais centrais não justifica consoantes mais combinadas com essas. No entanto, se somada todas as ocorrências de vogais anteriores da Tabela 16, podemos observar que estas somam 4978 ocorrências, uma quantidade maior do que as vogais centrais. Se Rousset aponta que a grande quantidade de vogais centrais é a razão para que outras consoantes estejam combinadas com estas, então, a grande quantidade de vogais anteriores pode ser a justificativa para o favorecimento das demais consoantes com essas vogais no português.

4.4.2.2 Relação Entre Vogal e Consoante Como Núcleo e Coda

Da mesma forma que a relação dos constituintes silábicos ataque e núcleo, Rousset analisa a relação núcleo e coda. Essa relação deve ser mais estreita, já que de acordo com a hierarquia dos constituintes da sílaba, núcleo e coda formam um nó mais estreito, do qual se origina a rima, e somente depois é que o ataque se junta.

Tabela 27: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações VC no conjunto de dados de Rousset (2004).

Razão	An	Ce	Po	Outras
Co	1,11	1	0,89	0,91
Bi	0,53	1,32	1,18	0,71
Ve	0,92	0,86	1,22	1,35
Outras	1,01	0,92	1,06	1,17

Ao analisar a relação entre núcleo e coda, Rousset encontra também três combinações favorecidas:

- Vogais anteriores não-arredondadas e consoantes coronais;
- Vogais centrais e consoantes labiais;
- Vogais posteriores arredondadas e consoantes velares;

As tendências entre núcleo e coda, dessa forma também segue as mesmas restrições encontradas na relação ataque - núcleo. Observando-se as razões da tabela 25, pode-se perceber que esses números são maiores do que os da Tabela 23. Esses números, de acordo com Rousset, são argumentos que reforçam a hipótese da relação mais forte entre núcleo e coda do que ataque e núcleo.

Para o português, não é possível atestar combinações favorecidas entre núcleo e coda, de acordo com o ponto de articulação. Das 1341 consoantes atestadas em posição de coda, só encontramos consoantes coronais (cf capítulo 4, item 4.3.1.2). Portanto, não importa o ponto de articulação da vogal, esta sempre será combinada com uma coronal. No entanto, é possível atestar se há alguma preferência de escolha da consoante em coda de acordo com o modo de articulação.

Tabela 28: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas par combinações VC no português. (C) significa coda.

Ocorrências	s (C)	r (C)	Total	Razão	s (C)	r (C)
VC	213	55	268	VC	1,59	0,41
CVC	424	613	1037	CVC	0,82	1,18
CVCC	2	2	4	CVCC	1,00	1,00
CCVC	31	1	32	CCVC	1,94	0,06
Total	670	671	1341			

Pode-se observar que [s] é favorecida em dois casos: VC e CCVC, enquanto que [r] é favorecida somente em sílaba CVC. Devemos nos lembrar, no entanto, que de acordo com a Tabela 15, a estrutura CVC (6,69%) é consideravelmente mais freqüente do que as estruturas VC (1,73%) e CCVC (0,21%). Isso, sem dúvida, confirma [r] como a consoante mais favorecida em posição de coda nas sílabas do português.

A última relação a se analisar é a entre ataque e coda. Como dito anteriormente (cf. capítulo 4, item 4.3.2.1), a quantidade de consoantes que podem aparecer em ataque é muito maior do que as que podem aparecer em coda. Isso mostra que as restrições sobre essa última posição são mais importantes.

Tabela 29: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações C_C (ataque e coda) no conjunto de dados de Rousset (2004).

Razão	Bi	Co	Ve
Co	0,45	1,18	1,04
Bi	1,05	0,95	1,15
Ve	0,97	1,19	0,49

Os dados de Rousset mostram que a combinação de consoantes do mesmo ponto de articulação é desfavorecida.

Tabela 30: Ocorrências atestadas para as combinações C_C (ataque e coda) no português.

Ocorrências	Bi	Co	Ve	Total
[r]	163	254	88	505
[s]	81	212	51	344
Total	244	466	139	849

Como dito anteriormente, não existe outro ponto de articulação em posição de coda no português senão o coronal. Dessa forma, optamos por dividir as consoantes em coda de acordo com seu modo de articulação. Assim a Tabela 30 expressa as ocorrências de [r] e [s] em posição de coda para as combinações C_C em sílabas do tipo CVC. Observa-se uma maior ocorrência de [r] em posição de coda, seja qual for o ponto de articulação. Na Tabela 31 a seguir encontra-se a ponderação dos resultados acima, da mesma forma que nas anteriores (relação C e V, e V e C).

Tabela 31: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações C_C (ataque e coda) no português.

Ocorrências	Bi	Co	Ve
[r]	1,12	0,92	1,06
[s]	0,56	1,12	0,91

Observa-se, pela Tabela 31 que [s] é favorecido somente em consoantes coronais, enquanto que [r] é favorecido nas outras duas. Isso mostra que as consoantes em coda, dentro do tipo silábico CVC são complementares entre si.

A análise dos dados de Rousset mostra que sílabas com consoantes em ataque e coda com mesmo ponto de articulação são desfavorecidas. No entanto, combinações de consoantes com pontos de articulações diferentes são favorecidas. Observa-se que o português, apesar de possuir somente consoantes coronais em coda, apresenta um padrão peculiar de distribuição. A consoante em coda mais freqüente apresenta o padrão apontado por Rousset: [r] é favorecida em pontos de articulação distintos do seu. Já o favorecimento de [s] permanece uma questão para futuros esclarecimentos, pois não obedece aos padrões apontados.

A autora aponta que a combinação labial – coronal é mais favorecida do que o contrário: nos dados de Rousset, essa combinação aparece em 9 línguas. Sua conclusão é de que existem restrições que pesam na estrutura silábica CVC. Os resultados obtidos com o português, embora permitam verificar essa hipótese, ao mesmo tempo a coloca em dúvida por dois motivos: não existe outro tipo de consoante em posição de coda nessa língua, além de o padrão labial-coronal não ser verificado com a consoante [s]. Mais uma vez outros estudos serão necessários para a verificação ou não dessa combinação.

Os resultados de Rousset permitem verificar a hipótese de MacNeilage e Davis (2000), sobre o aparecimento, no nível das primeiras palavras na linguagem infantil, do efeito labial-coronal, doravante, o efeito L.C., que implica na forte tendência em se começar uma palavra com uma consoante labial, e continuá-la com uma consoante coronal na sílaba seguinte (cf. capítulo 2, item 2.3.2). A seguir é apresentada uma análise das ocorrências em estruturas do tipo C1V.C2V para o português, de forma a verificar ou não o efeito L.C.

4.4.2.3 O efeito L.C.

O efeito L.C. aparece nas primeiras palavras, e é encontrado de forma significativa em oito de dez línguas estudadas por MacNeilage e Davis (2000). Os autores somente se interessam por esse efeito em palavras dissílabas, nas quais as consoantes labiais e coronais são ataques na primeira e na segunda sílaba, respectivamente.

Para mostrar a existência desse efeito, Rousset repete o mesmo experimento feito por MacNeilage e Davis: contou as ocorrências de consoantes labiais na primeira sílaba, seguidas de consoantes coronais, em palavras dissílabas, do tipo CV.CV em todas as línguas do seu conjunto que apresentassem mais de dez itens lexicais desse tipo.

Tabela 31: Matriz de co-ocorrências consonantais em estruturas C1V.C2V para os dados de Rousset (2004).

Razão	Labial	Coronal	Velar
Labial	65	241	83
Coronal	577	1005	582
Velar	104	253	75

Os resultados de Rousset mostram que sobre o total das unidades lexicais do tipo CV.CV, a estrutura labial-V-coronal-V é notavelmente mais freqüente do que o inverso. A razão labial-coronal/coronal-labial (LC/CL) os dados de Rousset é de 2,39, valor semelhante ao encontrado por MacNeilage; Davis (2000), que é de 2,55.

Tabela 32: Matriz de co-ocorrências consonantais em estruturas C1V.C2V para o português brasileiro.

Razão	Labial	Coronal	Velar	Total
Labial	29	56	18	103
Coronal	165	142	61	368
Velar	23	38	6	67
Total	217	236	85	538

No caso do português, somente as combinações velar-velar possuem menos de 10 ocorrências. Os resultados mostram, em números, um favorecimento para combinações labial-coronal em detrimento de todas as outras. Se calculada a razão LC/CL para o português, tem-se uma razão LC/CL de 2,94, um número próximo ao de Rousset e também ao de MacNeilage; Davis, o que confirma a preferência por seqüências do tipo labial-coronal.

5. DISCUSSÃO

De acordo com Boë *et al* (2000), análises feitas durante a segunda metade do século XX têm progressivamente fragilizado o princípio de estrita independência entre substância e forma. Os resultados obtidos através do presente estudo podem ser comparados com estudos apresentados em capítulos anteriores, já que todos seguem a mesma linha de pesquisa. Observa-se que o estudo com o português pode sim contribuir para a queda do princípio da independência entre substância e forma, acima dito. Assim, inicia-se a discussão com a ‘pré-tipologia’ em nível sonoro, apresentada por Boë *et al*, 2000 (cf. capítulo 2.1.1)

Recapitulando o estudo, os três pontos de articulação mais freqüentes nos sistemas consonantais das línguas do mundo são: coronal, bilabial e velar. O modo de articulação mais freqüente é o plosivo, seguido de fricativo. Na Tabela 3, no capítulo 2.1.1, observa-se a distribuição dos pontos de articulação pelos seus modos. Assim tem-se que a maioria das plosivas possui quatro pontos de articulação; as nasais possuem três pontos; as fricativas possuem também três pontos, e as africadas possuem somente um ponto de articulação.

Os dados do português vão ao encontro dessas tendências. Embora, para as plosivas e para as nasais o português não obedeça aos padrões encontrados, essa língua se encaixa nas categorias que aparecem em segundo lugar. Assim, de forma geral, o português se encaixa nas grandes tendências observadas entre as línguas do mundo.

O fato de o sistema sonoro do português obedecer a tendências observadas entre línguas contribui para a hipótese de outros fenômenos, que não somente lingüísticos, restringindo a seleção de sons para os inventários sonoros. Como já visto anteriormente, acredita-se que essas restrições sejam de ordem articulatória, acústica, e perceptual. Assim os sons não são selecionados arbitrariamente, e os sistemas sonoros das línguas não são construídos de materiais 'amorfos', como imaginava Saussure.

Análises tipológicas realizadas com dados organizados e padronizados indicam que existe uma tendência das línguas do mundo, de qualquer que seja a família lingüística, a não explorar as possibilidades do trato vocal, nem dos sistemas auditivo e visual arbitrariamente para organizar as suas estruturas fonológicas, seja qual for a unidade de análise em questão: um traço, um fonema, uma sílaba.

A análise dos inventários fonológicos em comparação com os inventários do balbucio durante a aquisição de linguagem mostra uma correspondência entre os primeiros e os últimos, ou seja, os sons mais freqüentes no balbucio também são mais freqüentes nas línguas, qualquer que seja a família. Isso permite dizer que provavelmente os sistemas consonantais se originam das capacidades do balbucio. Essa hipótese faz toda a diferença na teoria molde/conteúdo, já que o balbucio é um exercício subjacente a toda a capacidade lingüística da espécie humana.

O fato de se haver encontrado semelhanças e padrões em línguas muito diferentes sugere a existência de algo comum a todas as línguas do mundo, que as restringe. Como dito anteriormente, essas restrições não são puramente lingüísticas, mas

antes disso obedecem outros princípios. Kawasaki (1982) hipotetiza que tais princípios possam ser de ordem acústica/auditiva.

A autora mostra em sua tese de doutorado, que existem algumas tendências de combinação sonora universais, sendo algumas (as mais relevantes para o presente estudo) apresentadas as seguir:

- Grupos consonantais e grupos vocálicos são geralmente desfavorecidos.
- Consoantes iniciais são preferidas a consoantes finais.
- Combinações de consoantes velares ou labiais com vogais arredondadas são desfavorecidas.
- Combinações de consoantes coronais ou velares e vogais frontais são desfavorecidas.

A autora levanta uma hipótese sobre a razão pelas quais esses tipos de restrições nas combinações ocorrem, já que elas não ocorrem de forma aleatória. Tais restrições são de ordem acústico/auditiva, e são regidas por dois fatores: a magnitude da modulação acústica dentro de uma seqüência, associada diretamente com a saliência perceptual, e o grau de diferença acústica entre várias seqüências de sons, inversamente associada com uma confusão perceptual.

A tendência então é que haja combinações de sons que maximizem a modulação acústica dentro de seqüências, assim como combinações de seqüências que sejam acusticamente diferentes. Dessa forma, a seleção de sons que vão formar uma

determinada sílaba e, por conseqüência, uma determinada palavra, devem obedecer a esses dois princípios.

Os dados obtidos com o português brasileiro vão ao encontro de muitas premissas apontada por Kawasaki. Observa-se pela análise tipológica dos dados que grupos consonantais e vocálicos são de fato desfavorecidos. Os ditongos são estruturas que aparecem relativamente pouco, sendo que dos 15.461 ocorrências vocálicas, 14% são ditongos. Desses, a grande maioria está em sílabas do tipo CVV. A pouca preferência por grupos consonantais e vocálicos reforça a preferência por estruturas do tipo CV, tipo silábico mais comum, e provavelmente universal, nas línguas do mundo.

A grande maioria das sílabas do português é composta por ataque pleno, correspondendo a um total de 89% das sílabas aproximadamente. As sílabas com consoante em coda somam aproximadamente 8%. Isso corrobora a premissa de que consoantes iniciais são preferíveis a consoantes finais.

Analisando-se as combinações preferíveis entre consoantes e vogais, observamos que labiais ocorrem preferencialmente com consoantes centrais, consoantes coronais ocorrem com consoantes anteriores, e consoantes velares ocorrem com vogais posteriores, sendo que todas as vogais posteriores em português são arredondadas.

Kawasaki apontou que em algumas línguas consoantes labiais ocorrem preferencialmente antes de vogais anteriores e/ou vogais baixas, e são

desfavorecidas combinações suas com vogais arredondadas. A vogal que mais aparece combinada com labiais no português é [a], que é de fato uma vogal baixa. Além disso, combinações de labiais com vogais anteriores, embora não sejam favorecidas, também não são desfavorecidas. A única combinação que realmente é desfavorecida é a de labiais com vogais posteriores, que também são arredondadas, confirmando a predição de Kawasaki.

Para as velares, no entanto, Kawasaki aponta que estas consoantes não combinam com vogais arredondadas e vogais frontais. As vogais frontais de fato não combinam com consoantes velares. Aliás, essa categoria é a única realmente desfavorecida, o que corrobora a predição de Kawasaki. No entanto, as vogais arredondadas do português, que são também posteriores, são muito favorecidas com velares e tal fato vai contra a premissa de Kawasaki.

A categoria das coronais em Kawasaki não é combinada com vogais frontais. Esse é o fato mais contrário aos dados do português, pois essa classe de vogais é a única que realmente combina com consoantes frontais.

É interessante notar que grande parte das predições de Kawasaki não é corroborada pelos dados do português. Isso se dá pelo fato de que Kawasaki utiliza os conceitos de modulação acústica dentro de seqüências também, mais especificamente dentro do quadro silábico CV, o que se mostrou totalmente não aplicável.

De acordo com a teoria molde/conteúdo, combinações dentro do quadro silábico tendem a possuir propriedades articulatórias semelhantes. Combinações entre

quadros silábicos se dão de acordo com uma crescente complexidade da palavra, conforme o acréscimo de sílabas. O português mostra padrões silábicos condizentes com essas premissas, e não com as de Kawasaki. Assim, embora a idéia de modulação acústica e de diferença acústica provavelmente se dá entre seqüências silábicas, ela não se dá entre fonemas dentro de uma sílaba (assumindo que as seqüências às quais a autora se refere contemplem uma sílaba).

É importante observar, no entanto, que os métodos de análise utilizados pelo presente trabalho e por Kawasaki são um pouco diferentes. Embora ambos tenham uma mesma perspectiva de análise, o primeiro utiliza dados articulatórios, e o segundo, dados acústicos. Portanto, é possível que os resultados tenham essa divergência por questões metodológicas. Nesse sentido, outros estudos serão necessários para se chegar a uma conclusão mais precisa.

O capítulo 2.3.3 descreve de forma abrangente os vários tipos silábicos do português, na visão de Cristófar-Silva (2002). A autora mostra que a estrutura básica da sílaba do português pode ser descrita por C1C2VV'C3C4. Esse molde, pelos dados do português apresenta algumas limitações quanto à aplicabilidade do mesmo, por exemplo, não existe nenhuma sílaba nos dados que tenha todas as posições preenchidas e, conseqüentemente, não se pode dizer que esse molde corresponda ao máximo de sons que podem fazer parte da sílaba. Quando existe C1 e C2, não existem C3 e/ou C4, ou seja, somente pode existir um grupo de consoantes de cada vez. Aliás, grupo consonantal com C3 e C4 somente ocorre na sílaba [pers]. Assim sugere-se dois outros moldes, que correspondam mais fielmente às coortes encontradas nos dados:

C1C2VV'C3 ou C1VV'C3C4

As vogais [i], [e], [ɛ], [a], [o], [ɔ], [u] ocupam de fato a posição de núcleo de sílaba nas palavras, de praticamente todas as coortes, conforme a Tabela 19 (cf. capítulo 4, item 4.3.1.1). Observa-se que somente uma coorte não possui todas as vogais orais, a CVCC. Essa é a única que ocorre duas vezes, e é sempre a mesma, [pers]¹⁸. Nas demais, não existe uma coorte que não utilize como núcleo uma vogal oral. No entanto, a mesma distribuição não se aplica a vogais nasais.

Observa-se na Tabela 16 que a quantidade de vogais nasais em geral é muito menor do que a das vogais orais. A única coorte que apresenta todas as posições preenchidas por vogais nasais é a CV, o que é interessante, já que essa é a coorte mais freqüente nas línguas do mundo.

No entanto, existem muitas 'falhas' na distribuição das vogais nasais por coorte. Observa-se que as coortes V e CCV não possuem uma coorte preenchida; existem poucas vogais nasais com as coortes CVC, totalizando 9 vogais. A coorte VC não possui quatro coortes preenchidas; a coorte CCVC não possui cinco coortes preenchidas.

É interessante notar que as coortes com posição de coda preenchida possuem menos nasais. No entanto, aparentemente, não parece haver uma ordem na seleção das coortes a serem preenchidas, tanto com vogais orais como com vogais nasais.

¹⁸ A coda complexa da sílaba [pers] está desaparecendo, dando lugar à coda simples [pes], de acordo com Reis (2008), notas da defesa de mestrado.

Observa-se que as vogais não são totalmente exploradas de acordo com as coortes, e esse é o ponto principal da análise desta pesquisa. Rousset não aponta nenhuma explicação para tais fatos. Na verdade, Rousset não faz nenhuma análise nesse sentido. Certamente futuros estudos poderão esclarecer porque tal fenômeno acontece.

Sobre as consoantes, Cristófar-Silva aponta que em posição inicial de palavra, [ɲ], [ʎ] e [r] não ocorrem. No entanto, essas consoantes ocorrem em posição intervocálica. De fato, os dados corroboram essa idéia. A Tabela 22 (capítulo 4.3.1.2) mostra que essas consoantes podem aparecer em ataque, sendo [r] de forma significativa. Os demais estudos do português apontados no capítulo 2.3.3 não apontam para uma tipologia das sílabas nessa língua, nem para as co-ocorrências entre segmentos dentro das mesmas.

Sobre combinações entre consoantes e vogais nas línguas do mundo, MacNeilage e Davis (2000), mostram um estudo sobre as estruturas CV favorecidas no balbucio e nas línguas adultas. A análise do balbucio e das primeiras palavras de crianças em várias línguas, incluindo o português brasileiro, mostra quatro padrões organizacionais potencialmente universais. Três deles são intra-silábicos:

- Consoantes labiais com vogais centrais;
- Consoantes coronais com vogais anteriores;
- Consoantes dorsais com vogais posteriores.

Tabela 33: Razão entre as ocorrências atestadas e as ocorrências esperadas para as combinações C e V para os dados de MacNeilage e Davis (2000).

	labial-central	padrão	
		coronal-anterior	dorsal-posterior
balbucio	1,34	1,28	1,22
primeiras palavras	1,29	1,48	1,39
línguas	1,1	1,16	1,27

Os dados de MacNeilage e Davis (2000) mostram o favorecimento das combinações acima, em qualquer uma das fases. Assim, parece haver uma tendência de que tanto o balbucio como as primeiras palavras em crianças sejam similares e virtualmente universais. A investigação tipológica entre línguas adultas indica que os mesmo padrões permanecem presentes, o que sugere que esses podem ter fundamental importância no que diz respeito à natureza da linguagem (cf. ROUSSET, 2004).

Os dados do português reforçam as hipóteses de MacNeilage e Davis, já que mostra o favorecimento das mesmas combinações. Juntando-se o fato de que no balbucio e primeiras palavras dessa língua apresentam os mesmos padrões encontrados em língua adulta, obtém-se o reforço da hipótese de que as línguas possuem padrões organizacionais subjacentes.

Os autores acreditam que as co-ocorrências CV representem suporte à idéia da teoria molde/conteúdo de que o ciclo mandibular é fundamental para a fala, já que essas co-ocorrências parecem ser motivadas biomecanicamente, pois são submetidas ao ciclo mandibular. Além disso, as combinações coronal-anterior e dorsal-posterior podem refletir uma restrição contra movimentos extremos da língua durante a produção do molde. Como dito acima os resultados encontrados até agora tanto por MacNeilage e Davis como pelo presente estudo, vão contra a idéia de

Kawasaki (1982), sobre a modulação acústica dos segmentos, reforçando a idéia de que a modulação acústica pode se dar entre moldes silábicos, e não dentro do molde em si, o que também reforça a idéia da sílaba como unidade fundamental de fala.

O quarto padrão de combinação de fala encontrado por MacNeilage e Davis diz respeito às primeiras palavras, e é intersilábico. Nessa fase, existe uma tendência a iniciar uma palavra com uma consoante labial, e, depois da vogal, continuar a palavra com uma consoante coronal. De acordo com os autores, esse padrão labial-coronal (L.C.) é o primeiro movimento sistemático em direção a diferenciação de moldes, e, ao contrário das outras três combinações, não parece ter nenhuma motivação biomecânica. Assim é um esforço de caráter lingüístico, relativamente fácil de ser produzido¹⁹ em relação à combinação coronal-labial, e, por conseguinte, provavelmente mais passível de ser ligado a um significado.

Os dados do português parecem corroborar a hipótese de MacNeilage e Davis, pois possui uma razão entre o número de ocorrências L.C. e C.L. muito semelhante à encontrada pelos autores: 2,94 (a encontrada por MacNeilage e Davis é 2,55). Assim, as ocorrências do tipo labial-coronal são pelo menos o dobro das ocorrências coronal-labial. A idéia de Kawasaki (1982), se aplica então, em dados intersilábicos, reforçando a idéia de contraste entre moldes.

¹⁹ Para maiores detalhes sobre a razão pela qual o padrão L.C. é mais fácil de ser produzido, ver MacNeilage e Davis (2000), p. 529.

6 CONCLUSÕES

Não é de hoje que observamos uma série de tendências em várias línguas do mundo, relacionando combinações possíveis e pouco possíveis de sons. Como dito por Boë *et al* (2000), durante todo o século XX observamos tentativas de explicar porque algumas combinações sonoras são possíveis e outras não. O século XXI começou da mesma forma, e não parece certo de que respostas para essa pergunta foram encontradas. Embora durante muito tempo tenha havido um certo desprezo por ciências que utilizam dados de fala puramente para chegar à proposições de cunho fonológico, é cada vez mais visível que essa é uma das formas mais viáveis de se entender os fenômenos lingüísticos, e uma tendência para as pesquisas lingüísticas nos próximos anos.

Nesse trabalho, foi revista toda uma perspectiva de análise lingüística, bem como estudos relevantes feitos sob essa perspectiva. Todos os estudos mostram de uma forma ou de outra, como as línguas se relacionam entre si e como isso pode ajudar a entender a linguagem como forma de comunicação inerente a tribos e nações.

A capacidade de falar do ser humano não depende somente de fatores culturais do seu meio. É também um produto de muitas restrições dentro do corpo humano em si. A teoria molde/conteúdo caracteriza, no nível sonoro, bem o que é de origem lingüística, e o que é de origem biomecânica.

Ao analisar os padrões de fala em geral, a teoria molde/conteúdo mostra que a fala é organizada articulatoriamente em torno de ciclos de abertura e fechamento da

mandíbula, o chamado frame. Esse ritmo articulatório de natureza não lingüística organiza os sons da fala entre o que está dentro e o que está fora do ciclo. O que está dentro do ciclo é altamente influenciado por propriedades articulatórias do trato vocal, sendo os segmentos que vão formar esse ciclo semelhantes do ponto de vista articulatório. O que está fora do ciclo possui natureza mais independente de restrições articulatórias: depende mais da capacidade de programação motora de movimentos articulatórios do que dos próprios articuladores em si, sempre com um objetivo lingüístico. Assim, pode-se dizer que o que está dentro do ciclo obedece uma tendência em focalizar propriedades articulatórias, e o que está fora do ciclo obedece uma tendência em contrastar ciclos, de forma a criar um significado.

Esses padrões foram encontrados primeiramente em fala infantil, e acredita-se que essa organização faz parte do processo de desenvolvimento da linguagem, como uma porção dependente somente do corpo humano. A fala vai se desenvolvendo conforme o indivíduo adquire controle sobre seu corpo. O fator ambiente lingüístico é extremamente importante, pois juntamente com o desenvolvimento do organismo o indivíduo desenvolve a linguagem sempre com o objetivo de se comunicar.

Os mesmos padrões de fala têm sido encontrados em diferentes línguas adultas. A teoria molde/conteúdo se aliou a estudos de tipologia para mostrar que essa organização ainda está presente nas línguas do mundo. Assim, parece haver na fala não somente princípios organizacionais de cunho formal, mas também biomecânicos. Ou então, pode ser que a fala seja organizada de maneira formal, como dizem algumas correntes lingüísticas, mas essa organização formal está subordinada a uma organização biomecânica da espécie humana.

A teoria molde/conteúdo, no entanto é mais uma teoria dentre um vasto universo e, portanto, pode (e deve) ser desmentida. Ohala (2008) apresenta oposição à teoria molde/conteúdo argumentando que assim como em outras teorias, esta não deve ser aceita passivamente sem pesar alternativas (p. 179). Ohala argumenta que existem muitas teorias sobre a origem da fala, e que a mastigação é somente uma delas.

É difícil saber se essa hipótese está certa, pois não há como avaliar essa teoria em relação às demais ponto por ponto já que todas têm méritos e falhas. Além disso, existem pontos de diferenças entre a mastigação e a fala, por exemplo, uma grande quantidade de movimentos laterais da mandíbula é presente na mastigação, enquanto que a fala não possui tal movimento (p. 182).

No entanto, o ponto principal da argumentação de Ohala é que a fala pode até estar subordinada aos movimentos mandibulares, mas ela também está subordinada a um outro princípio relacionado ao sinal acústico, o do contraste sintagmático (ou modulação acústica, c.f. capítulo 5). Certamente os movimentos mandibulares criam modulações em amplitude e espectro, e, em alguns casos, periodicidade. No entanto, o ciclo mandibular não contempla frequência fundamental, e outros movimentos laríngeos, velares e outros, que também podem criar modulações. Existem hipóteses alternativas sobre as primeiras vocalizações infantis com intenção comunicativa, e uma delas é a modulação do sinal na laringe. Quando o ser humano começou a reconhecer, cognitivamente, possibilidades de categorizar partes do sinal acústico, é plausível que as modulações de fonte estivessem presentes, já que,

antes da articulação mandibular em si essas vocalizações já estavam presentes, e já eram familiares aos homínídeos.

Além disso, a sílaba em si é uma entidade difícil de definir. A teoria molde/conteúdo propõe que a sílaba seja um ciclo de abertura e fechamento da mandíbula. Ohala, no entanto, acredita que a sílaba não tenha origem nem articulatória, nem acústica, como no Princípio de Sonoridade Seqüencial (c.f. capítulo 2.3.1.1). Como dito anteriormente, os constituintes silábicos crescem em termos de sonoridade até o pico, que corresponde ao núcleo da sílaba, e diminuem depois deste gradativamente. Essa é uma condição fácil de ser quebrada, e por isso Ohala acredita que a melhor idéia é a de contraste sintagmático: o importante é que, no sinal acústico, haja uma modulação de tamanho tal que o ouvinte perceba que estamos falando de coisas diferentes. Assim, a sílaba pode ser uma unidade de organização de modulações acústicas específicas de cada língua e não um princípio organizacional da fala em geral.

Entretanto Ohala considerou em suas observações estudos do sinal acústico per se, enquanto esta pesquisa foca seus esforços no estudo de unidades articulatórias e de unidades de processamento de fala. A sílaba tem realidade na organização articulatória da fala, e na organização de segmentos antes da realização do sinal acústico. E se a modulação acústica do sinal está relacionada exatamente com o ciclo mandibular de abertura e fechamento? MacNeilage também não considerou em seus estudos o efeito da laringe como articulador na modulação da frequência fundamental, por exemplo. Como dito antes, outros articuladores também fornecem algum tipo de ciclicidade para a fala. Dessa forma retoma-se ao princípio do argumento

de Ohala: a teoria molde/conteúdo é somente uma teoria, e relativamente nova. Ainda existem outros campos para se explorar a teoria, o que será deixado para futuros estudos.

Para finalizar, observam-se alguns méritos do presente estudo independentemente da teoria adotada. Em primeiro lugar, o estudo procurou trazer uma nova abordagem para os estudos fonético-fonológicos no Brasil. Essa abordagem da fonologia experimental traz modos de pensar há muito tempo requeridos no ramo da fonologia em geral, trazendo explicações mais do que a observação e descrição de fenômenos. Assim, a performance volta à cena, com dados que podem substantiar premissas, como queria Rousselot em 1904, e reúne-se outra vez depois de anos separadas, a fonética e a fonologia.

Um segundo mérito trata de questões relativas ao estudo lingüístico sobre o português no Brasil. Estava nos objetivos iniciais do projeto encontrar um banco de palavras do português que já estivesse transcrito foneticamente, na forma de dicionário com transcrição fonética divididas em sílabas, tal como a transcrição fonética das palavras encontradas nos dicionários de inglês. Para o português, tal banco de dados não foi encontrado, e desta forma a transcrição dos dados e separação de sílabas foi feita pelos próprios pesquisadores do projeto.

No final da transcrição havia um conjunto de quase 5000 palavras, transcritas e separadas em sílabas, que será agora disponibilizado para a comunidade científica. Embora esta seja uma tentativa, e portanto, não definitiva, a mesma parece ser a primeira em anos de estudos fonéticos e fonológicos do português com o intuito de

elaborar uma base de dados transcritos foneticamente, além de trazer também transcrições em coorte, ponto e modo de articulação, informações fundamentais para os estudos de fenômenos de organização silábica do português brasileiro.

6.1 Perspectivas

Como em todo trabalho científico existem contratempos, e essa pesquisa não poderia se comportar de forma diferente. Há ainda muitos estudos a serem feitos, que podem ser derivados deste. A sílabação apresentada é somente uma proposta, que, em muitos casos, se baseou na teoria molde/conteúdo para esclarecer casos dúbios. Re-análises sobre as separações de sílabas podem ser feitas, assim como sobre os fenômenos acústicos e articulatórios que permearam todo o processo de tratamento dos dados, tais como nasalização, ditongação, entre outros. Além disso, novos métodos de análise, e outros fenômenos de organização da fala podem ser aplicados, tais como a teoria dos gestos articulatórios e os modelos de produção de fala (Levelt, 1989), o que não invalida a abordagem utilizada. Outra possibilidade é aplicar a mesma metodologia para outras línguas, por exemplo, línguas indígenas, que sempre apresentaram desafios à análise lingüística.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUZOU *et al.* **Les Dysarthries**, Paris, Masson, 2001.

BACH, E.; HARMS, R. (orgs). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

BIJELJAC-BABIC, J.; BERTONCINI, J.; MEHLER, J. How Do 4-Day-Old Infants Categorize Multisyllabic Utterances? In: **Developmental Psychology**. vol. 4, pp. 711-721, 1993.

BISOL, L. A Sílabas e Seus Constituintes. In: NEVES, M. H. M. (org). **Gramática do Português Falado**. vol.7: Novos Estudos. Campinas : Ed. Da UNICAMP, 1999.

BLEVINS, J. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John A. (org). **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996.

BOË, L. *et al.* Tendencies in Phonological Structures: the Influence of Substance on Form. In: **Special Issue on Current Trends in Phonetics and Phonology**. nº5, pp.35-55, 2000.

BOYSSON-BARDIES, B. **Comment la Parole Vient aux Enfants**. Paris: Odile Jacob, 1996.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.

_____ **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1969.

_____ **Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão, Livraria Editora, 1980.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

COLLISCHONN, G.. A Sílabas em Português. In: Bisol, L (org.) **Introdução a Estudos de fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre : Edipucrs, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**. 6ªed. São Paulo: Contexto, 2002.

DAVIS, B.L.;Zajdo, K. (orgs.) **The Syllable in Speech Production: Perspectives on the Frame Content Theory**. Taylor and Francis, 2008.

_____ *et al.* Acquisition of Serial Complexity in Speech Production: A Comparison of Phonetic and Phonological Approaches to First Word Production. In: **Phonetica**, nº 59, pp. 75-107, 2002.

_____; MacNeilage, P. Organization of Babbling: a Case Study. In: **Language and Speech**, nº 37 (4), pp. 341-355, 1994.

DEMOLIN, D. Rousselot and the Experimental Method in Linguistics. In: Kissine, M. *et al* (eds). **Linguistica Sum**. Paris: l'Harmattan, 2008.

_____ The Search for Primitives in Phonology and the Explanation of Sound Patterns: the Contribution to Fieldwork Studies. In: GUSSENHOVEN, G. & WARNER, N. (orgs). **Papers in Laboratory Phonology 7**. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 455-513, 2002.

Dimmendaal, G.J. Places and people: field sites and informants. In Newman, P; Ratliff, M. (eds.). **Linguistic Fieldwork**. Cambridge: Cambridge University Press, pp 55-75, 2000.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Lingüística, vol II: Princípios de Análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

HALLE, M. Phonology. In: OSHERSON, D. N; LASNIK, H (eds.) *An Invitation to Cognitive Science*, vol 1. Cambridge: MIT Press, pp. 43-68, 1990.

HJELMSLEV, L. **Le Langage: Une Introduction**. Paris: Editions de Minuit, 1966.

KAWASAKI, H. **An Acoustical Basis for Universal Constraints on Sound Sequences**. Thesis, University of California, 1982.

LADEFOGED, P. **Phonetic Data Analysis**. Oxford: Blackwell, 2004.

_____; MADDIESON, I. **The Sounds of the World's Languages**. Oxford: Blackwell, 1999.

LAI, C.S. *et al.* A Forkhead-domain Gene is Mutated in a Severe Speech and Language Disorder. In: **Nature**, vol Oct 4, pp. 519-23, 2001.

LEVELT, W. **Speaking: From Intention to Articulation**. Cambridge: MIT Press, 1989.

LINDBLOM, B. Foreword. In: DAVIS, B.L.;Zajdo, K. (orgs.) **The Syllable in Speech Production: Perspectives on the Frame Content Theory**. Taylor and Francis, 2008.

_____. Phonetic Universals in Vowel Systems. In: OHALA, J.J; JAEGER, J.J. (eds). **Experimental Phonology**. Orlando, Academic Press, pp. 13-44, 1986.

LILJENCRANTS, J.; LINDBLOM, B. Numerical Simulation of Vowel Quality Systems: the Role of Perceptual Contrast. In: **Language**. vol. 48, pp. 839-862, 1972.

MACNEILAGE, P.F. The Frame/Content Theory. In: DAVIS, B.L.;Zajdo, K. (orgs.) **The Syllable in Speech Production: Perspectives on the Frame Content Theory**. Taylor and Francis, 2008.

_____. The Frame/Content Theory of Evolution of Speech Production. In: **Behavioral and Brain Sciences**, vol. 21, pp. 499-546, 1998.

_____;DAVIS, B. L. On the Origin of Internal Structure of Word Forms. In: **Science**, vol 288, 527-531, 2000.

MADDIESON, I. Phonetic Cues to Syllabification. In HARDCASTLE, William & LAVER, John. **The Handbook of Phonetic Sciences**. Oxford: Blackwell, 1999.

_____. **Patterns of Sounds**. Cambridge University Press, 1984.

MARTINS, M. R. D. **Ouvir Falar: Introdução à fonética do Português**. Lisboa: Ed Caminho, 2002.

MATZENAUER, C. L. Introdução à Teoria Fonológica. In: Bisol, L (org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

MEHLER, J. *et al.* The Syllable's Role in Speech Segmentation. In: **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, vol. 20, pp. 298-305, 1981.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. A Competência Lingüística. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Lingüística, vol I: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 95-119.

OHALA, J.J. The Emergent Syllable. In DAVIS, B.L.;Zajdo, K. (orgs.) **The Syllable in Speech Production: Perspectives on the Frame Content Theory**. Taylor and Francis, 2008.

_____. Phonetic and Phonological Universals. Seminar on January, 25, Université de Lyon 2, 1999.

_____. Experimental Phonology. In: GOLDSMITH, J. **Handbook of Phonological Theory**. Oxford, Blackwell, 1995.

_____. There Is No Interface between Phonology and Phonetics: a Personal View. In: *Journal of Phonetics*, 18, pp 153-171, 1990.

_____; JAEGER, J.J. (eds). **Experimental Phonology**. Orlando, Academic Press, 1986.

REDFORD M. A.; DIEHL, R. L. The Relative Perceptual Distinctiveness of Initial and Final Consonants in CVC Syllables. In: **Journal of the Acoustic Society of America**, vol. 106 (3), pp. 1555-1565, 1999.

ROBB, M; BLEILE, K. Consonant Inventories of Young Children from 8 to 25 Months. In: **Clinical Linguistics and Phonetics**, 8, pp. 295-300, 1994.

ROUSSELOT, A. **Principes de Phonétique Experimentale**. Paris, Didier, 1904.

ROUSSET, I. **Structures Syllabiques e Lexicales des Langues du Monde**. These - Université Grenoble III – Stendhal, Grenoble, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 2ªEd. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHWARTZ, J. *et al.* The Dispersion-focalization Theory of Vowel Systems. In: *Journal of Phonetics*, 25 (3), pp.255-286, 1997.

SELKIRK, E. On the Major Class Features and Syllable Theory. In: ARONOFF, M. & OERHLE, R. T. **Language and Sound Structure**. Cambridge: MIT Press, 1984.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 2ªed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

VALLÉE, N *et al.* Typologies Phonologiques et Tendances Universelles: Approche Substantialiste. In: **Rapport de Recherche de l'ICP**, nº 7, pp. 231-254.

WILSHIRE, C. E. e NESPOULOUS, J. Syllables as Units in Speech Production : Data from Aphasia. In : **Brain and Language**, nº84, pp.424-447, 2003.

ANEXOS – VERIFICAR VOLUME 2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA

LUCIANA FERREIRA MARQUES

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

v.2

São Paulo
2008

LUCIANA FERREIRA MARQUES

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

Luciana Ferreira Marques

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Didier Sheila Jean-Marie Demolin

v.2

São Paulo
2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Luciana Ferreira Marques

Estruturas silábicas do português do Brasil: uma análise tipológica

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre.

Área de Concentração: Semiótica e Lingüística
Geral.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

ANEXOS

ANEXO A - SISTEMA SONORO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO UTILIZADO NA TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Língua: português (variedade do Brasil).

Família: indo-européia, itálico, românico.

Situação geográfica: língua oficial em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Falado também em Macau, Goa, Damão e Timor¹.

Número de falantes: 230 milhões (aproximadamente)².

Sistema consonantal: 23 consoantes

português		bilabial	Labiodental	coronal		glotal	palatal	velar
				alveolar	pos-alveolar			
plosiva	surda	p		t				k k ^w
	sonora	b		d				g g ^w
nasal	sonora	m		n			ɲ	
fricativa	surda		f	s	ʃ	h		
	sonora		v	z	ʒ			
africada	surda			tʃ				
	sonora			dʒ				
aproximante lateral	sonora			r				
aproximante	sonora			l			ʎ	

¹ Retirado de <http://www.portugues.com.br>

² Retirado de <http://pt.wikipedia.org>.

Sistema vocálico: 15 vogais

Vogais orais

Português		anterior	central	posterior	
fechada	Arredondada			u	ʊ
	não-arredondada	i	ɪ		
semi-fechada	Arredondada			o	
	não-arredondada	e			
semi-aberta	Arredondada			ɔ	
	não-arredondada	ɛ			
aberta	não-arredondada		a		

Vogais nasais

Português		anterior	central	posterior
fechada	Arredondada			ũ
	não-arredondada	ĩ		
semi-fechada	Arredondada			õ
	não-arredondada	ẽ		
semi-aberta	Arredondada			õ
	não-arredondada			
aberta	não-arredondada		ã	

Ditongos: 29

orais

ai, au, ei, eu, ɛi, ɛu, ia, ie, iɛ, io, iu, iʊ, oi, ou, ɔi, ɔu, ʊa, uɪ, ʊi

nasais

ãĩ, ãũ, ẽĩ, ẽã, ẽõ, ẽu, õĩ, õũ

ANEXO B – Palavras utilizadas no banco de dados, transcritas foneticamente e em ordem alfabética.

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
A	a
ABA	a . b a
ABACATE	a . b a . k a . tʃ ɪ
ABACAXI	a . b a . k a . ʃ i
ABAFADO	a . b a . f a . d u
ABAFAR	a . b a . f a
ABAIXAR	a . b a ɪ . ʃ a
ABAIXO	a . b a ɪ . ʃ u
ABANDONAR	a . b ɔ̃ . d õ . n a
ABANDONO	a . b ɔ̃ . d õ . n u
ABASTECER	a . b a s . t e . s e
ABASTECIMENTO	a . b a s . t e . s i . m ẽ ʃ . t u
ABATE	a . b a . tʃ ɪ
ABATER	a . b a . t e
ABELHA	a . b e . ʎ a
ABERTO	a . b e r . t u
ABERTURA	a . b e r . t u . r a
ABESTADO	a . b e s . t a . d u
ABÓBORA	a . b ɔ . b o . r a
ABOBRINHA	a . b ɔ . b r ɪ . ɲ a
ABONO	a . b õ . n u
ABORDAGEM	a . b o r . d a . ʒ ẽ ʃ
ABORDAR	a . b o r . d a
ABORRECIDO	a . b o . h e . s i . d u
ABORTO	a . b o r . t u
ABRAÇAR	a . b r a . s a
ABRAÇO	a . b r a . s u
ABRANGÊNCIA	a . b r ɔ̃ . ʒ ẽ ʃ . s ɿ a
ABRIGAR	a . b r i . g a
ABRIGO	a . b r i . g u
ABRIL	a . b r i ʊ
ABRIR	a . b r i
ABSOLUTO	a . b i . s o . l u . t u
ABSURDO	a . b i . s u r . d u
ABUNDÂNCIA	a . b ỹ . d ɔ̃ . s ɿ a
ABUSAR	a . b u . z a
ABUSO	a . b u . z u
ACABAMENTO	a . k a . b a . m ẽ ʃ . t u
ACABAR	a . k a . b a
ACÁCIA	a . k a . s ɿ a
ACADEMIA	a . k a . d ẽ . m i . a
ACALMAR	a . k a ʊ . m a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ACAMPAMENTO	a . k ă . p a . m ẽĩ . t u
ACAMPAR	a . k ă . p a
AÇÃO	a . s ă ũ
ACARRETAR	a . k a . h e . t a
ACASO	a . k a . z u
ACEITAÇÃO	a . s e ĩ . t a . s ă ũ
ACEITAR	a . s e ĩ . t a
ACEITÁVEL	a . s e ĩ . t a . v e u
ACENDER	a . s ẽĩ . d e
ACENTUADO	a . s ẽĩ . t u . a . d u
ACERTAR	a . s e r . t a
ACERTO	a . s e r . t u
ACERVO	a . s e r . v u
ACESSÍVEL	a . s e . s i . v e u
ACESSO	a . s e . s u
ACHADO	a . ʃ a . d u
ACHAR	a . ʃ a
ACIDENTADO	a . s i . d ẽĩ . t a . d u
ACIDENTE	a . s i . d ẽĩ . t ʃ i
ÁCIDO	a . s i . d u
ACIMA	a . s i . m a
AÇO	a . s u
ACOLÁ	a . k o . l a
ACOLCHOADO	a . k o . ʃ o . a . d u
ACOMODADO	a . k ố . m o . d a . d u
ACOMODAR	a . k ố . m o . d a
ACOMPANHANTE	a . k ố . p ă . ɲ ă . t ʃ i
ACOMPANHAR	a . k ố . p ă . ɲ a
ACONTECER	a . k ố . t e . s e
ACONTECIDO	a . k ố . t e . s i . d u
ACONTECIMENTO	a . k ố . t e . s i . m ẽĩ . t u
ACORDAR	a . k o r . d a
ACORDEÃO	a . k o r . d e . ă ũ
ACORDO	a . k o r . d u
ACOSTAMENTO	a . k o s . t a . m ẽĩ . t u
ACOSTUMADO	a . k o s . t u . m a . d u
ACOSTUMAR	a . k o s . t u . m a
AÇOUGUE	a . s o u . ɡ i
AÇOUGUEIRO	a . s o u . ɡ e ĩ . r u
ACREDITAR	a . k r e . d ʒ i . t a
ACRESCENTAR	a . k r e . s ẽĩ . t a
ACRÉSCIMO	a . k r e . s ĩ . m u
AÇÚCAR	a . s u . k a r
AÇUDE	a . s u . d ʒ i
ACUDIR	a . k u . d ʒ i
ACUMULAR	a . k ũ . m u . l a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ACÚMULO	a.kũ.mu.lu
ACUSAR	a.ku.za
ACÚSTICA	a.kus.tʃi.ka
ADAPTAÇÃO	a.da.pi.ta.sãũ
ADAPTAR	a.da.pi.ta
ADEGA	a.de.ga
ADENTRO	a.dẽĩ.tru
ADEQUADO	a.de.k ^w a.du
ADEUS	a.de.ʊs
ADIANTAR	a.dʒĩ.ã.ta
ADIANTE	a.dʒĩ.ã.tʃi
ADMINISTRAÇÃO	a.dʒĩ.mi.nis.trasãũ
ADMINISTRADOR	a.dʒĩ.mi.nis.trador
ADMINISTRAR	a.dʒĩ.mi.nis.trasãũ
ADMINISTRATIVO	a.dʒĩ.mi.nis.trasãũ
ADMIRAÇÃO	a.dʒĩ.mi.ra.sãũ
ADMISSÃO	a.dʒĩ.mi.sãũ
ADMITIR	a.dʒĩ.mi.tʃi
ADOLESCÊNCIA	a.do.le.sẽ.sɪa
ADOLESCENTE	a.do.le.sẽĩ.tʃi
ADORAÇÃO	a.do.ra.sãũ
ADORAR	a.do.ra
ADOTADO	a.do.ta.du
ADOTAR	a.do.ta
ADQUIRIR	a.dʒi.ki.ri
ADUBAR	a.du.ba
ADUBO	a.du.bu
ADULTÉRIO	a.du.te.rɪu
ADULTO	a.du.tu
ADVENTISTA	a.dʒi.vẽĩ.tʃis.ta
ADVERSÁRIO	a.dʒi.ver.sa.rɪu
ADVOCACIA	a.dʒi.vo.ka.sɪ.a
ADVOGADO	a.dʒi.vo.ga.du
AÉREO	a.ε.re.ʊ
AERONÁUTICA	a.ε.ro.na.ʊ.tʃi.ka
AEROPORTO	a.ε.ro.por.tu
AFASTAMENTO	a.fas.ta.mẽĩ.tu
AFASTAR	a.fas.ta
AFEIÇÃO	a.feɪ.sãũ
AFERVENTAR	a.fe.r.vẽĩ.ta
AFETAR	a.fe.ta
AFETIVO	a.fe.tʃi.vu
AFETO	a.fe.tu
AFILHADO	a.fi.ɫa.du
AFINAL	a.fĩ.na.ʊ
AFINIDADE	a.fĩ.ni.da.dʒi

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
AFIRMAÇÃO	a.fir.ma.sãũ
AFIRMAR	a.fir.ma
AFLUXO	a.flu.ki.su
AFOGAR	a.fo.ga
AFORA	a.fo.ra
AFUNDAR	a.fũ.da
AGARRAR	a.ga.ha
AGASALHO	a.ga.za.ʎu
AGÊNCIA	a.ʒẽĩ.sɪa
AGENDA	a.ʒẽĩ.da
AGENTE	a.ʒẽĩ.tʃɪ
AGILIDADE	a.ʒi.li.da.dʒɪ
AGIR	a.ʒi
AGITAÇÃO	a.ʒi.ta.sãũ
AGITADO	a.ʒi.ta.du
AGITAR	a.ʒi.ta
AGLOMERAÇÃO	a.glõ.me.ra.sãũ
AGLOMERADO	a.glõ.me.ra.du
AGORA	a.go.ra
AGOSTO	a.gos.tu
AGRADAR	a.gra.da
AGRADÁVEL	a.gra.da.veu
AGRADECER	a.gra.de.se
AGRADO	a.gra.du
AGREDIR	a.gre.dʒi
AGREGADO	a.gre.ga.du
AGREMIÇÃO	a.grẽ.mi.a.sãũ
AGRESSÃO	a.gre.sãũ
AGRESSIVIDADE	a.gre.si.vi.da.dʒɪ
AGRÍCOLA	a.gri.ko.la
AGRICULTOR	a.gri.ku.tor
AGRICULTURA	a.gri.ku.tu.ra
AGRONOMIA	a.grõ.nõ.mi.a
AGRÔNOMO	a.grõ.nõ.mu
AGROPECUÁRIA	a.gro.pe.kʷa.rɪa
ÁGUA	a.gʷa
AGUARDAR	a.gʷar.da
AGUARDENTE	a.gʷar.dẽĩ.tʃɪ
AGUDO	a.gu.du
AGÜENTAR	a.gʷẽĩ.ta
AGULHA	a.gu.ʎa
AÍ	a.i
AINDA	a.ĩ.da
AIPIM	aɪ.pĩ
AJEITAR	a.ʒeɪ.ta
AJUDA	a.ʒu.da

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
AJUDANTE	a . ʒ u . d ɐ̃ . tʃɪ
AJUDAR	a . ʒ u . d a
AJUNTAR	a . ʒ ỹ . t a
ALA	a . l a
ALAGADO	a . l a . g a . d u
ALAMEDA	a . l a . m e . d a
ALARME	a . l a r . mɪ
ALBERGUE	a ʊ . b e r . gɪ
ALBINO	a ʊ . b ĩ . n u
ÁLBUM	a ʊ . b ỹ
ALÇA	a ʊ . s a
ALCACHOFA	a ʊ . k a . ʃ o . f r a
ALÇADA	a ʊ . s a . d a
ALCANÇAR	a ʊ . k ɐ̃ . s a
ALCANCE	a ʊ . k ɐ̃ . sɪ
ÁLCOOL	a ʊ . k o ʊ
ALCOÓLATRA	a ʊ . k o . l a . t r a
ALDEIA	a ʊ . d eɪ . a
ALECRIM	a . l e . k r ĩ
ALEGRE	a . l e . g rɪ
ALEGRIA	a . l e . g r i . a
ALEIJADO	a . l e . ʒ a . d u
ALÉM	a . l ẽ ĩ
ALERGIA	a . l e r . ʒ i . a
ALERTA	a . l e r . t a
ALERTAR	a . l e r . t a
ALFABETIZAÇÃO	a ʊ . f a . b e . tʃ i . z a . s ɐ̃ ỹ
ALFABETIZAR	a ʊ . f a . b e . tʃɪ . z a
ALFABETO	a ʊ . f a . b e . t u
ALFACE	a ʊ . f a . sɪ
ALFAFA	a ʊ . f a . f a
ALFAIATE	a ʊ . f aɪ . a . tʃɪ
ALFÂNDEGA	a ʊ . f ɐ̃ . d e . g a
ALGO	a ʊ . g u
ALGODÃO	a ʊ . g o . d ɐ̃ ỹ
ALGUÉM	a ʊ . g ẽ ĩ
ALGUM	a ʊ . g ỹ
ALHEIO	a . ʎ eɪ . u
ALHO	a . ʎ u
ALÍ	a . l i
ALIANÇA	a . l i . ɐ̃ . s a
ALIÁS	a . l i . a s
ALICERCE	a . l i . s e r . sɪ
ALIMENTAÇÃO	a . l ĩ . m ẽ ĩ . t a . s ɐ̃ ỹ
ALIMENTADOR	a . l ĩ . m ẽ ĩ . t a . d o r
ALIMENTAR	a . l ĩ . m ẽ ĩ . t a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ALIMENTO	a.lĩ.mẽĩ.tu
ALIVIAR	a.li.vi.a
ALÍVIO	a.li.vĩu
ALMA	aũ.ma
ALMIRANTE	aũ.mi.rã.tʃi
ALMOÇAR	aũ.mo.sa
ALMOÇO	aũ.mo.su
ALMOFADA	aũ.mo.fa.da
ALMOXARIFADO	aũ.mo.ʃa.ri.fa.du
ALÔ	a.lo
ALOJAMENTO	a.lo.ʒa.mẽĩ.tu
ALTAR	aũ.tar
ALTERAÇÃO	aũ.te.ra.sãũ
ALTERNATIVA	aũ.te.r.na.tʃi.va
ALTERNATIVO	aũ.te.r.na.tʃi.vu
ALTITUDE	aũ.tʃi.tu.dʒi
ALTO	aũ.tu
ALTURA	aũ.tu.ra
ALUGAR	a.lu.ga
ALUGUEL	a.lu.gɛũ
ALUMÍNIO	a.lũ.mĩ.nĩu
ALUNO	a.lũ.nu
ALVENARIA	aũ.vẽ.na.ri.a
ALVO	aũ.vu
ALVORADA	aũ.vo.ra.da
ALVOROÇO	aũ.vo.ro.su
AMADO	a.ma.du
AMADOR	a.ma.dor
AMADURECER	a.ma.du.re.se
AMANHÃ	a.mã.ɲã
AMANHECER	a.mã.ɲe.se
AMANTE	a.mã.tʃi
AMAR	a.ma
AMARELO	a.ma.re.lu
AMARGO	a.mar.gu
AMARRA	a.ma.ha
AMARRAR	a.ma.ha
AMASSAR	a.ma.sa
AMAZÔNIA	a.ma.zõ.nĩa
AMBIÇÃO	ã.bi.sãũ
AMBIENTE	ã.bi.ẽĩ.tʃi
AMBOS	ã.bu.s
AMBULÂNCIA	ã.bu.lã.sĩa
AMEAÇA	a.me.a.sa
AMEIXA	a.meĩ.ʃa
AMÉM	a.mẽĩ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
AMENDOIM	a.mẽĩ.do.ĩ
AMENIZAR	a.mẽ.ni.za
AMIGO	a.mi.gu
AMIZADE	a.mi.za.dʒɪ
AMOR	a.mo.r
AMORA	a.mo.ra
AMOROSO	a.mo.ro.zu
AMOSTRA	a.mɔs.tra
AMPARO	ã.pa.ru
AMPLIAR	ã.pli.a
AMPLITUDE	ã.pli.tu.dʒɪ
AMPLO	ã.plu
ANALFABETISMO	a.naʊ.fa.be.tʃis.mu
ANALFABETO	a.naʊ.fa.be.tu
ANALISAR	a.na.li.za
ANÁLISE	a.na.li.zɪ
ANALISTA	a.na.lis.ta
ANARQUIA	a.na.r.ki.a
ANCIÃO	ã.si.ãũ
ANDAMENTO	ã.da.mẽĩ.tu
ANDAR	ã.da
ANEL	a.neũ
ANESTESIA	a.nes.te.zi.a
ANESTESISTA	a.nes.te.zis.ta
ANEXO	a.nɛ.ki.su
ANGARIAR	ã.ga.ri.a
ÂNGULO	ã.gu.lu
ANGÚSTIA	ã.gus.tʃɪa
ANGUSTIADO	ã.gus.tʃɪa.du
ANIMAÇÃO	a.nĩ.ma.sãũ
ANIMADO	a.ni.ma.du
ANIMAL	a.nĩ.maʊ
ANIMAR	a.nĩ.ma
ÂNIMO	ã.nĩ.mu
ANIVERSÁRIO	a.ni.ver.sa.rɪʊ
ANJO	ã.ʒu
ANO	ã.nu
ANORMAL	a.no.r.maʊ
ÂNSIA	ã.sɪa
ANSIOSO	ã.sɪo.zu
ANTE	ã.tʃɪ
ANTECEDÊNCIA	ã.te.se.dẽĩ.sɪa
ANTENA	ã.tẽ.na
ANTEONTEM	ã.tʃi.õ.tẽĩ
ANTERIOR	ã.te.ri.or
ANTES	ã.tʃis

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ANTIGO	ã.tʃi.gu
ANTIGÜIDADE	ã.tʃi.g ^w i.da.dʒɪ
ANUAL	a.nu.aʊ
ANULAR	a.nu.la
ANZOL	ã.zɔʊ
AONDE	a.õ.dʒɪ
APAGAR	a.pa.ga
APAIXONADO	a.paɪ.ʃõ.na.du
APANHAR	a.pã.na
APARATO	a.pa.ra.tu
APARECER	a.pa.re.se
APARELHAGEM	a.pa.re.ʎa.ʒẽĩ
APARELHO	a.pa.re.ʎu
APARÊNCIA	a.pa.rẽĩ.sɪa
APARENTE	a.pa.rẽĩ.tʃɪ
APARTAMENTO	a.par.ta.mẽĩ.tu
APARTAR	a.par.ta
APEGAR	a.pe.ga
APEGO	a.pe.gu
APELAR	a.pe.la
APELIDO	a.pe.li.du
APELO	a.pe.lu
APENAS	a.pẽ.nas
APÊNDICE	a.pẽĩ.dʒi.sɪ
APENDICITE	a.pẽĩ.dʒi.sɪ.tʃɪ
APERFEIÇOAR	a.per.feɪ.so.a
APERITIVO	a.pe.ri.tʃi.vu
APERTADO	a.per.ta.du
APERTAR	a.per.ta
APERTO	a.per.tu
APESAR	a.pe.za
APETITE	a.pe.tʃi.tʃɪ
APITAR	a.pi.ta
APITO	a.pi.tu
APLICAÇÃO	a.pli.ka.sãũ
APLICADO	a.pli.ka.du
APLICAR	a.pli.ka
APODRECER	a.po.dre.se
APOIAR	a.poɪ.a
APOIO	a.poɪ.u
APONTAR	a.põ.ta
APÓS	a.pɔɪs
APOSENTADO	a.po.zẽĩ.ta.du
APOSENTADORIA	a.po.zẽĩ.ta.do.ri.a
APOSENTAR	a.po.zẽĩ.ta
APOSTA	a.pɔs.ta

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
APOSTILA	a.pos.tʃi.la
APOSTOLADO	a.pos.to.la.du
APÓSTOLO	a.pɔs.to.lu
APRECIAR	a.pre.sia
APRENDER	a.prẽĩ.de
APRENDIZ	a.prẽĩ.dʒis
APRENDIZADO	a.prẽĩ.dʒi.za.du
APRENDIZAGEM	a.prẽĩ.dʒi.za.ʒẽĩ
APRESENTAÇÃO	a.pre.zẽĩ.ta.sãũ
APRESENTAR	a.pre.zẽĩ.ta
APROFUNDAR	a.pro.fũ.da
APRONTAR	a.prõ.ta
APROPRIADO	a.pro.pri.a.du
APROVAR	a.pro.va
APROVEITAMENTO	a.pro.veĩ.ta.mẽĩ.tu
APROVEITAR	a.pro.veĩ.ta
APROXIMAÇÃO	a.pro.sĩ.ma.sãũ
APROXIMADO	a.pro.sĩ.ma.du
APROXIMAR	a.pro.sĩ.ma
APTIDÃO	a.pi.tʃi.dãũ
APURADO	a.pu.ra.du
APURAR	a.pu.ra
AQUÁRIO	a.k ^w a.rɪu
AQUÁTICO	a.k ^w a.tʃi.ku
AQUELE	a.ke.li
AQUI	a.ki
AQUILO	a.ki.lu
AQUISITIVO	a.ki.zi.tʃi.vu
AR	a.r
ARADO	a.ra.du
ARAME	a.rã.mi
ARANHA	a.rã.na
ARAPUCA	a.ra.pu.ka
ARARA	a.ra.ra
ARAUCÁRIA	a.raʊ.ka.rɪa
ARCAR	a.r.ka
ARCO	a.r.ku
AREIA	a.reĩ.a
AREJAR	a.re.ʒa
ARENA	a.rẽ.na
ARGUMENTO	a.r.gũ.mẽĩ.tu
ÁRIDO	a.ri.du
ARISCO	a.ris.ku
ARMA	a.r.ma
ARMAÇÃO	a.r.ma.sãũ
ARMAMENTO	a.r.ma.mẽĩ.tu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ARMÁRIO	a.r.m.a.r̃.ɪ.ʊ
ARMAZÉM	a.r.m.a.zẽĩ
ARQUITETO	a.r.ki.tẽ.tu
ARQUITETURA	a.r.ki.tẽ.tu.ra
ARQUIVO	a.r.ki.vu
ARRANCAR	a.hã.k.a
ARRANJAR	a.hã.ʒ.a
ARRASTAR	a.h.a.s.ta
ARREBENTAR	a.h.e.bẽĩ.ta
ARRECADAÇÃO	a.h.e.k.a.da.sãũ
ARRECADAR	a.h.e.k.a.da
ARREIO	a.h.e.ɪ.ʊ
ARREPENDER	a.h.e.pẽĩ.de
ARREPENDIMENTO	a.h.e.pẽĩ.dʒĩ.mẽĩ.tu
ARREPIAR	a.h.e.pi.a
ARRIMO	a.hĩ.m.u
ARRISCADO	a.his.k.a.du
ARRISCAR	a.his.k.a
ARROIO	a.ho.ɪ.ʊ
ARROMBAMENTO	a.hõ.b.a.mẽĩ.tu
ARROZ	a.ho.ɪ.s
ARRUMAÇÃO	a.hũ.m.a.sãũ
ARRUMADO	a.hũ.m.a.du
ARRUMAR	a.hũ.m.a
ARTE	a.r.tʃɪ
ARTEIRO	a.r.te.ɪ.ru
ARTESANAL	a.r.te.za.na.u
ARTESANATO	a.r.te.za.na.tu
ARTIFICIAL	a.r.tʃi.fi.si.a.u
ARTIGO	a.r.tʃi.gu
ARTISTA	a.r.tʃis.ta
ARTÍSTICO	a.r.tʃis.tʃi.ku
ÁRVORE	a.r.vo.rɪ
ARVOREDO	a.r.vo.re.du
ASA	a.za
ASFALTADO	a.s.fa.ʊ.ta.du
ASFALTAR	a.s.fa.ʊ.ta
ASFALTO	a.s.fa.ʊ.tu
ASILO	a.zi.lu
ASMA	a.s.ma
ASPA	a.s.pa
ASPECTO	a.s.pe.ki.tu
ASSADO	a.s.a.du
ASSALARIADO	a.s.a.la.ri.a.du
ASSALTANTE	a.s.a.ʊ.tã.tʃɪ
ASSALTAR	a.s.a.ʊ.ta

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ASSALTO	a . s a ŭ . t u
ASSAR	a . s a
ASSASSINATO	a . s a . s ĩ . n a . t u
ASSASSINO	a . s a . s ĩ . n u
ASSEMBLÉIA	a . s eĩ̃ . b l e ĩ . a
ASSENTO	a . s eĩ̃ . t u
ASSESSORIA	a . s e . s o . r i . a
ASSIM	a . s ĩ
ASSINANTE	a . s ĩ . n ã . tʃ i
ASSINAR	a . s ĩ . n a
ASSINATURA	a . s ĩ . n a . t u . r a
ASSISTÊNCIA	a . s i s . t eĩ̃ . s ĩ a
ASSISTIR	a . s i s . tʃ i
ASSOBIO	a . s o . b i ŭ
ASSOCIAÇÃO	a . s o . s ĩ a . s ã ŭ
ASSOCIADO	a . s o . s i . a . d u
ASSOMBRAÇÃO	a . s õ . b r a . s ã ŭ
ASSUMIR	a . s ũ . m i
ASSUNÇÃO	a . s ũ . s ã ŭ
ASSUNTO	a . s ũ . t u
ASSUSTADO	a . s u s . t a . d u
ASSUSTAR	a . s u s . t a
ASTRAL	a s . t r a ŭ
ATA	a . t a
ATACADO	a . t a . k a . d u
ATACAR	a . t a . k a
ATAQUE	a . t a . k i
ATÉ	a . t e
ATENÇÃO	a . t eĩ̃ . s ã ŭ
ATENDER	a . t eĩ̃ . d e
ATENDIMENTO	a . t eĩ̃ . dʒ ĩ . m eĩ̃ . t u
ATENTADO	a . t eĩ̃ . t a . d u
ATERRO	a . t e . h u
ATESTADO	a . t e s . t a . d u
ATEU	a . t e ŭ
ATINGIR	a . tʃ ĩ . ʒ i
ATIRAR	a . tʃ i . r a
ATITUDE	a . tʃ i . t u . dʒ i
ATIVIDADE	a . tʃ i . v i . d a . dʒ i
ATIVO	a . tʃ i . v u
ATLETA	a . t l e . t a
ATLÉTICO	a . t l e . tʃ i . k u
ATO	a . t u
ATOR	a . t o r
ATRAÇÃO	a . t r a . s ã ŭ
ATRAPALHADO	a . t r a . p a . ʎ a . d u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ATRAPALHAR	a . t r a . p a . ʎ a
ATRÁS	a . t r a ɪ s
ATRASO	a . t r a . z u
ATRATIVO	a . t r a . tʃ i . v u
ATRAVÉS	a . t r a . v e ɪ s
ATRAVESSAR	a . t r a . v e . s a
ATRITO	a . t r i . t u
ATRIZ	a . t r i s
ATROPELADO	a . t r o . p e . l a . d u
ATROPELAR	a . t r o . p e . l a
ATUAÇÃO	a . t u . a . s ɔ̃ ʊ
ATUAL	a . t u . a ʊ
ATUALIDADE	a . t u . a . l i . d a . dʒ i
ATUALIZADO	a . t u . a . l i . z a . d u
ATUALIZAR	a . t u . a . l i . z a
ATUAR	a . t u . a
AUDIÇÃO	a ʊ . dʒ i . s ɔ̃ ʊ
AUDIÊNCIA	a ʊ . dʒ i . ẽ ʃ . s ɪ a
ÁUDIO	a ʊ . dʒ i ʊ
AUDITÓRIO	a ʊ . dʒ i . t o . r ɪ u
AUGE	a ʊ . ʒ i
AULA	a ʊ . l a
AUMENTAR	a ʊ . m ẽ ʃ . t a
AUMENTO	a ʊ . m ẽ ʃ . t u
AUSÊNCIA	a ʊ . z ẽ ʃ . s ɪ a
AUTISTA	a ʊ . tʃ i s . t a
AUTÓDROMO	a ʊ . t o . d r õ . m u
AUTOMÁTICO	a ʊ . t õ . m a . tʃ i . k u
AUTOMÓVEL	a ʊ . t õ . m o . v e ʊ
AUTONOMIA	a ʊ . t õ . n õ . m i . a
AUTÔNOMO	a ʊ . t õ . n õ . m u
AUTOR	a ʊ . t o r
AUTORIDADE	a ʊ . t o . r i . d a . dʒ i
AUTORIZAÇÃO	a ʊ . t o . r i . z a . s ɔ̃ ʊ
AUXILIAR	a ʊ . s i . l i . a r
AUXÍLIO	a ʊ . s i . l ɪ u
AVALIAÇÃO	a . v a . l i . a . s ɔ̃ ʊ
AVALIAR	a . v a . l i . a
AVALISTA	a . v a . l i s . t a
AVANÇADO	a . v ɔ̃ . s a . d u
AVANÇO	a . v ɔ̃ . s u
AVANTE	a . v ɔ̃ . tʃ i
AVE	a . v i
AVEIA	a . v e ɪ . a
AVENIDA	a . v ẽ . n i . d a
AVENTAL	a . v ẽ ʃ . t a ʊ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
AVENTURA	a.vẽĩ.tu.ra
AVENTURAR	a.vẽĩ.tu.ra
AVIAÇÃO	a.vi.a.sãũ
AVIÃO	a.vi.ãũ
AVIÁRIO	a.vi.a.rĩu
AVISAR	a.vi.za
AVISO	a.vi.zu
AVÔ	a.vo
AZAR	a.za.r
AZEITE	a.zeĩ.tʃi
AZENHA	a.zẽĩ.ɲa
AZUL	a.zu
BABÁ	ba.ba
BACANA	ba.kã.na
BACHAREL	ba.ʃa.reũ
BACIA	ba.si.a
BACTÉRIA	ba.ki.te.rĩa
BADERNA	ba.de.r.na
BAFO	ba.fu
BAGACEIRA	ba.ga.seĩ.ra
BAGAÇO	ba.ga.su
BAGAGEM	ba.ga.ʒẽĩ
BAGRE	ba.gri
BAGUNÇA	ba.gũ.sa
BAGUNÇAR	ba.gũ.sa
BAGUNCEIRO	ba.gũ.seĩ.ru
BAÍA	ba.i.a
BAILÃO	baĩ.lãũ
BAILARINO	baĩ.la.rĩ.no
BAILE	baĩ.li
BAIRRO	ba.i.hu
BAITA	baĩ.ta
BAIXA	baĩ.ʃa
BAIXADA	baĩ.ʃa.da
BAIXAR	baĩ.ʃa
BAIXARIA	baĩ.ʃa.ri.a
BAIXO	baĩ.ʃu
BALA	ba.la
BALANÇA	ba.lã.sa
BALANÇO	ba.lã.su
BALÃO	ba.lãũ
BALCÃO	ba.ɔ.kãũ
BALCONISTA	ba.ɔ.kõ.nis.ta
BALDE	ba.ɔ.dʒi
BALDIO	ba.ɔ.dʒi.ɔ
BALÉ	ba.lɛ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
BALNEÁRIO	b a ʊ . n e . a . r ɪ ʊ
BALSA	b a ʊ . s a
BAMBOLÊ	b ã . b o . l e
BAMBU	b ã . b ʊ
BAMBUZAL	b ã . b u . z a ʊ
BANANA	b a . n ã . n a
BANANEIRA	b a . n ã . n e ɪ . r a
BANCA	b ã . k a
BANCÁRIO	b ã . k a . r ɪ ʊ
BANCO	b ã . k u
BANDA	b ã . d a
BANDALHEIRA	b ã . d a . ʎ e ɪ . r a
BANDEIRA	b ã . d e ɪ . r a
BANDEIRANTE	b ã . d e ɪ . r ã . tʃ ɪ
BANDEJA	b ã . d e . ʒ a
BANDIDO	b ã . dʒ i . d ʊ
BANDO	b ã . d ʊ
BANDOLIM	b ã . d o . l ɪ
BANHA	b ã . ɲ a
BANHADO	b ã . ɲ a . d ʊ
BANHEIRO	b ã . ɲ e ɪ . r ʊ
BANHO	b ã . ɲ ʊ
BANQUETE	b ã . k e . tʃ ɪ
BAR	b a r
BARALHO	b a . r a . ʎ ʊ
BARÃO	b a . r ã ʊ̃
BARATA	b a . r a . t a
BARATO	b a . r a . t ʊ
BARBA	b a r . b a
BARBARIDADE	b a r . b a . r i . d a . dʒ ɪ
BÁRBARO	b a r . b a . r ʊ
BARBEIRO	b a r . b e ɪ . r ʊ
BARCA	b a r . k a
BARCO	b a r . k ʊ
BARRA	b a . h a
BARRACA	b a . h a . k a
BARRACÃO	b a . h a . k ã ʊ̃
BARRACO	b a . h a . k ʊ
BARRAGEM	b a . h a . ʒ ẽ ɪ
BARREIRA	b a . h e ɪ . r a
BARRIGA	b a . h i . ɡ a
BARRIL	b a . h i ʊ
BARRO	b a . h ʊ
BARROCO	b a . h o . k ʊ
BARULHO	b a . r u . ʎ ʊ
BASE	b a . z ɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
BÁSICO	b a . z i . k u
BASTANTE	b a s . t ã . tʃɪ
BASTIDORES	b a s . tʃi . d o . r i s
BATALHA	b a . t a . ʎ a
BATALHADOR	b a . t a . ʎ a . d o r
BATALHÃO	b a . t a . ʎ ã õ
BATALHAR	b a . t a . ʎ a
BATATA	b a . t a . t a
BATEDEIRA	b a . t e . d eɪ . r a
BATEL	b a . t e u
BATENTE	b a . t êĩ . tʃɪ
BATER	b a . t e
BATERIA	b a . t e . r i . a
BATIDA	b a . tʃi . d a
BATINA	b a . tʃĩ . n a
BATISMO	b a . tʃi s . m o
BATIZADO	b a . tʃi . z a . d u
BATIZAR	b a . tʃi . z a
BATOM	b a . t õ
BAÚ	b a . u
BAZAR	b a . z a r
BÊBADO	b e . b a . d u
BEBÊ	b e . b e
BEBEDEIRA	b e . b e . d eɪ . r a
BEBER	b e . b e
BEBIDA	b e . b i . d a
BECO	b e . k u
BEIJO	b eɪ . ʒ u
BEIRA	b eɪ . r a
BEIRADA	b eɪ . r a . d a
BELEZA	b e . l e . z a
BELO	b e . l u
BEM	b êĩ
BÊNÇÃO	b êĩ . s ã õ
BENEFICIADO	b ê . n e . f i . s i a . d u
BENEFICIAR	b ê . n e . f i . s i . a
BENEFÍCIO	b ê . n e . f i . s i u
BENGALA	b êĩ . g a . l a
BENZER	b êĩ . z e
BERÇO	b e r . s u
BERGAMOTA	b e r . g a . m o . t a
BERMUDA	b e r . m u . d a
BERRO	b e . h u
BESTEIRA	b e s . t eɪ . r a
BETERRABA	b e . t e . h a . b a
BEXIGA	b e . ʃ i . g a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
BEZERRO	b e . z e . h u
BÍBLIA	b i . b l i̯ a
BÍBLICO	b i . b l i . k u
BIBLIOTECA	b i . b l i̯ o . t e . k a
BICHARADA	b i . ʃ a . r a . d a
BICHO	b i . ʃ u
BICICLETA	b i . s i . k l e . t a
BICO	b i . k u
BIFE	b i . f i
BIGODE	b i . g o . dʒ i
BIGORNA	b i . g o r . n a
BIJU	b i . ʒ u
BILHETE	b i . ʎ e . tʃ i
BILHETERIA	b i . ʎ e . t e . r i . a
BIMESTRE	b i̯ . m e s . t r i
BINGO	b i̯ . g u
BIQUÍNI	b i . k i̯ . n i
BISAVÔ	b i . z a . v o
BISCATE	b i s . k a . tʃ i
BISCOITO	b i s . k o i̯ . t u
BISNETO	b i s . n e . t u
BISPO	b i s . p u
BITOLA	b i . t o . l a
BITOLADO	b i . t o . l a . d u
BLOCO	b l o . k u
BLOQUEAR	b l o . k i . a
BLUSA	b l u . z a
BOATO	b o . a . t u
BOBAGEM	b o . b a . ʒ ẽ i̯
BOBEIRA	b o . b e i̯ . r a
BOBINA	b o . b i̯ . n a
BOBO	b o . b u
BOCA	b o . k a
BOCADO	b o . k a . d u
BOCHA	b o . tʃ a
BOCÓ	b o . k o
BODAS	b o . d a s
BODE	b o . dʒ i
BODEGA	b o . d e . g a
BOI	b o i̯
BÓIA	b o i̯ . a
BOLA	b o . l a
BOLACHA	b o . l a . ʃ a
BOLETIM	b o . l e . tʃ i̯
BOLO	b o . l u
BOLSA	b o u̯ . s a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
BOLSO	b o ũ . s u
BOM	b õ
BOMBA	b õ . b a
BOMBEIRO	b õ . b e ĩ . r u
BONDADE	b õ . d a . dʒ ɪ
BONDE	b õ . dʒ ɪ
BONÉ	b õ . n ɛ
BONECA	b õ . n ɛ . k a
BONECO	b õ . n ɛ . k u
BONITO	b õ . n i . t u
BORBOLETA	b o r . b o . l e . t a
BORDA	b o r . d a
BORDADO	b o r . d a . d u
BORDAR	b o r . d a
BORDÔ	b o r . d o
BORRACHA	b o . h a . ʃ a
BOSQUE	b o s . k ɪ
BOTÃO	b o . t ã õ
BOTAR	b o . t a
BOTE	b o . tʃ ɪ
BOTECO	b o . t ɛ . k u
BOTIJÃO	b o . tʃ i . ʒ ã õ
BOTO	b o . t u
BOUTIQUE	b u . tʃ i . k ɪ
BRAÇAL	b r a . s a ũ
BRAÇO	b r a . s u
BRANCO	b r ã . k u
BRANQUEAR	b r ã . k i . a
BRASA	b r a . z a
BRAVO	b r a . v u
BREJO	b r ɛ . ʒ u
BREVE	b r ɛ . v ɪ
BRIGA	b r i . g a
BRIGADA	b r i . g a . d a
BRIGADEIRO	b r i . g a . d e ĩ . r u
BRIGAR	b r i . g a
BRILHANTE	b r i . ʎ ã . tʃ ɪ
BRINCADEIRA	b r ã . k a . d e ĩ . r a
BRINCAR	b r ã . k a
BRINCO	b r ã . k u
BRINDE	b r ã . dʒ ɪ
BRINQUEDO	b r ã . k e . d u
BRISA	b r i . z a
BRITA	b r i . t a
BRONCA	b r õ . k a
BRONQUITE	b r õ . k i . tʃ ɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
BRUTO	b r u . t u
BUCHA	b u . ʃ a
BUCHADA	b u . ʃ a . d a
BUCHO	b u . ʃ u
BUFÊ	b u . f e
BUGIO	b u . ʒ i u
BUJÃO	b u . ʒ ã õ
BUNDA	b ã . d a
BURACO	b u . r a . k u
BURGUÊS	b u r . ɡ e ɪ s
BURRO	b u . h u
BUSCA	b u s . k a
BUSCAR	b u s . k a
BUZINA	b u . z ã . n a
CABANA	k a . b ã . n a
CABEÇA	k a . b e . s a
CABEÇADA	k a . b e . s a . d a
CABECEIRA	k a . b e . s e ɪ . r a
CABEÇOTE	k a . b e . s o . t ʃ i
CABELEIRA	k a . b e . l e ɪ . r a
CABELEIREIRA	k a . b e . l e ɪ . r e ɪ . r a
CABELO	k a . b e . l u
CABELUDO	k a . b e . l u . d u
CABO	k a . b u
CABOCLO	k a . b o . k l u
CABRA	k a . b r a
CABRITO	k a . b r i . t u
CAÇA	k a . s a
CAÇADOR	k a . s a . d o r
CAÇAMBA	k a . s ã . b a
CAÇÃO	k a . s ã õ
CAÇAR	k a . s a
CACHAÇA	k a . ʃ a . s a
CACHETA	k a . ʃ e . t a
CACHO	k a . ʃ u
CACHOEIRA	k a . ʃ o . e ɪ . r a
CACHORRO	k a . ʃ o . h u
CACO	k a . k u
CAÇULA	k a . s u . l a
CADA	k a . d a
CADASTRO	k a . d a s . t r u
CADEIA	k a . d e ɪ . a
CADEIRA	k a . d e ɪ . r a
CADERNO	k a . d e r . n u
CAFÉ	k a . f e
CAFEZAL	k a . f e . z a u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CAFONA	k a . f õ . n a
CAIAQUE	k a . ɪ a . k ɪ
CAÍDA	k a . i . d a
CAIPIRA	k a ɪ . p i . r a
CAIPIRINHA	k a ɪ . p i . r i . ŋ a
CAIR	k a . i
CAIS	k a ɪ s
CAIXA	k a ɪ . ʃ a
CAIXÃO	k a ɪ . ʃ ã õ
CAJU	k a . ʒ u
CAL	k a ʊ
CALADO	k a . l a . d u
CALÇA	k a ʊ . s a
CALÇADA	k a ʊ . s a . d a
CALÇADÃO	k a ʊ . s a . d ã õ
CALÇADO	k a ʊ . s a . d u
CALÇAMENTO	k a ʊ . s a . m e i . t u
CALÇÃO	k a ʊ . s ã õ
CALÇAR	k a ʊ . s a
CALCÁRIO	k a ʊ . k a . r ɪ u
CALÇAS	k a ʊ . s a s
CALCINHA	k a ʊ . s i . ŋ a
CALCULAR	k a ʊ . k u . l a
CALCULISTA	k a ʊ . k u . l i s . t a
CÁLCULO	k a ʊ . k u . l u
CALDA	k a ʊ . d a
CALDEIRA	k a ʊ . d e ɪ . r a
CALDO	k a ʊ . d u
CALENDÁRIO	k a . l e i . d a . r ɪ u
CALMA	k a ʊ . m a
CALMANTE	k a ʊ . m ã . t ʃ ɪ
CALMO	k a ʊ . m u
CALO	k a . l u
CALOR	k a . l o r
CAMA	k ã . m a
CAMADA	k a . m a . d a
CÂMARA	k ã . m a . r a
CAMARADA	k a . m a . r a . d a
CAMARÃO	k a . m a . r ã õ
CÂMBIO	k ã . b ɪ u
CÂMERA	k ã . m e . r a
CAMINHADA	k a . m i . ŋ a . d a
CAMINHÃO	k ã . m i . ŋ ã u
CAMINHAR	k a . m i . ŋ a
CAMINHO	k a . m i . ŋ õ
CAMINHONEIRO	k a . m i . ŋ õ . n e i . r u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CAMINHONETE	k a . m i . ɲ õ . n ε . tʃ i
CAMIONETA	k a . m i ã õ . n e . t a
CAMISA	k a . m i . z a
CAMISETA	k a . m i . z e . t a
CAMISOLA	k a . m i . z ɔ . l a
CAMPAINHA	k ã . p a . i . ɲ a
CAMPANHA	k ã . p a . ɲ a
CAMPEÃO	k ã . p e . ã õ
CAMPEONATO	k ã . p i o . n a . t u
CAMPINA	k ã . p i . n a
CAMPO	k ã . p u
CAMPONÊS	k ã . p õ . n e i s
CANA	k ã . n a
CANAL	k a . n a ʊ
CANALIZAR	k a . n a . l i . z a
CANASTRA	k a . n a s . t r a
CANÇÃO	k ã . s ã õ
CANCELAR	k ã . s e . l a
CÂNCER	k ã . s e r
CANDEIEIRO	k ã . d e i . r u
CANDIDATAR	k ã . dʒ i . d a . t a
CANDIDATO	k ã . dʒ i . d a . t u
CANECA	k a . n ε . k a
CANECO	k a . n e . k u
CANELA	k a . n ε . l a
CANETA	k ã . n e . t a
CANGACEIRO	k ã . g a . s e i . r u
CANHÃO	k ã . ɲ ã õ
CANIVETE	k a . n i . v ε . tʃ i
CANO	k ã . n u
CANOA	k a . n o . a
CANÔNICO	k a . n õ . n i . k u
CANSAÇO	k ã . s a . s u
CANSADO	k ã . s a . d u
CANSATIVO	k ã . s a . tʃ i . v u
CANTADA	k ã . t a . d a
CANTAR	k ã . t a
CANTEIRO	k ã . t e i . r u
CANTINA	k ã . tʃ i . n a
CANTO	k ã . t u
CANTOR	k ã . t o r
CANUDO	k a . n u . d u
CAOS	k a ʊ s
CAPA	k a . p a
CAPACETE	k a . p a . s e . tʃ i
CAPACIDADE	k a . p a . s i . d a . dʒ i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CAPAZ	k a . p a ɪ s
CAPELA	k a . p ε . l a
CAPELÃO	k a . p ε . l ɔ̃ ɔ̃
CAPIM	k a . p i
CAPINAR	k a . p i . n a
CAPITAL	k a . p i . t a ɔ̃
CAPITANIA	k a . p i . t ɔ̃ . n i . a
CAPITÃO	k a . p i . t ɔ̃ ɔ̃
CAPÍTULO	k a . p i . t u . l u
CAPOEIRA	k a . p o . e ɪ . r a
CAPRICHO	k a . p r i . ʃ a
CAPRICHOSO	k a . p r i . ʃ o . z u
CAPTAR	k a . p i . t a
CAQUI	k a . k ɪ
CARA	k a . r a
CARACTERÍSTICA	k a . r a . k i . t e . r i s . t ʃ i . k a
CARACTERÍSTICO	k a . r a . k i . t e . r i s . t ʃ i . k u
CARACTERIZAR	k a . r a . k i . t e . r i . z a
CARAMBA	k a . r ɔ̃ . b a
CARANGUEJO	k a . r ɔ̃ . g e . ʒ u
CARÁTER	k a . r a . t e r
CARCAÇA	k a r . k a . s a
CARDÁPIO	k a r . d a . p ɪ u
CARDEAL	k a r . d e . a ɔ̃
CARECA	k a . r ε . k a
CARÊNCIA	k a . r ẽ ɪ . s ɪ a
CARENTE	k a . r ẽ ɪ . t ʃ i
CARGA	k a r . g a
CARGO	k a r . g u
CARGUEIRO	k a r . g e ɪ . r u
CARIDADE	k a . r i . d a . d ʒ i
CÁRIE	k a . r i
CARINHO	k a . r i . ɲ u
CARINHOSO	k a . r i . ɲ o . z u
CARISMÁTICO	k a . r i s . m a . t ʃ i . k u
CARNAVAL	k a r . n a . v a ɔ̃
CARNE	k a r . n i
CARNEIRO	k a r . n e ɪ . r u
CARO	k a . r u
CAROÇO	k a . r o . s u
CARONA	k a . r ɔ̃ . n a
CARPA	k a r . p a
CARPINTARIA	k a r . p i . t a . r i . a
CARPINTEIRO	k a r . p i . t e ɪ . r u
CARPIR	k a r . p i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CARREGAR	ka.hɛ.ɡa
CARRETA	ka.hɛ.ta
CARRETEIRO	ka.hɛ.teɪ.rʊ
CARRETEL	ka.hɛ.teɹ
CARRO	ka.hʊ
CARROÇA	ka.hɔ.sa
CARROCEIRO	ka.ho.seɪ.rʊ
CARROCERIA	ka.ho.se.ri.a
CARROCINHA	ka.hɔ.sĩ.ɲa
CARROSSEL	ka.ho.seɹ
CARTA	ka.r.ta
CARTÃO	ka.r.tãũ
CARTAZ	ka.r.taɪs
CARTEIRA	ka.r.teɪ.ra
CARTEIRO	ka.r.tẽĩ.rʊ
CARTILHA	ka.r.tʃi.ʎa
CARTÓRIO	ka.r.tɔ.rɪʊ
CARTUCHO	ka.r.tu.ʃʊ
CARVÃO	ka.r.vãũ
CASA	ka.za
CASACO	ka.za.kʊ
CASADO	ka.za.dʊ
CASAL	ka.zaɹ
CASAMENTO	ka.za.mẽĩ.tʊ
CASAR	ka.za
CASCA	ka.s.ka
CASCALHO	ka.s.ka.ʎʊ
CASCATA	ka.s.ka.ta
CASCAVEL	ka.s.ka.vɛɹ
CASCUDO	ka.s.ku.dʊ
CASEIRO	ka.zeɪ.rʊ
CASO	ka.zʊ
CASSAR	ka.sa
CASSINO	ka.si.nʊ
CASTELO	ka.s.te.lʊ
CASTIGAR	ka.s.tʃi.ɡa
CASTIGO	ka.s.tʃi.ɡʊ
CATAR	ka.ta
CATARATA	ka.ta.ra.ta
CATÁSTROFE	ka.ta.s.tro.fi
CATECISMO	ka.te.sis.mʊ
CATEDRAL	ka.te.draɹ
CATEGORIA	ka.te.go.ri.a
CATEQUESE	ka.te.kɛ.zɪ
CATEQUISTA	ka.te.kis.ta
CATIVAR	ka.tʃi.va

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CATOLICISMO	ka.to.li.sis.mu
CATÓLICO	ka.to.li.ku
CATORZE	ka.to.r.zɪ
CAUSA	ka.ʊ.za
CAUSAR	ka.ʊ.za
CAUSO	ka.ʊ.zu
CAVA	ka.va
CAVALARIA	ka.va.la.ri.a
CAVALEIRO	ka.va.le.ɾu
CAVALHEIRO	ka.va.ʎe.ɾu
CAVALO	ka.va.lu
CAVAQUINHO	ka.va.kĩ.ɲu
CEBOLA	se.bo.la
CEDER	se.de
CEDO	se.du
CEDRO	se.dru
CEGO	se.gu
CEIA	se.ɿ.a
CELA	se.la
CELEBRAÇÃO	se.le.bra.sãũ
CÉLEBRE	se.le.brɪ
CELESTE	se.le.s.tʃɪ
CÉLULA	se.lu.la
CEM	sẽĩ
CEMITÉRIO	se.mi.te.ɾɿu
CENA	sẽ.na
CENÁRIO	sẽ.na.ri.ʊ
CENOURA	sẽ.no.ʊ.ra
CENSO	sẽĩ.su
CENSURA	sẽĩ.su.ra
CENTENA	sẽĩ.tẽ.na
CENTENÁRIO	sẽĩ.tẽ.na.ɾɿu
CENTÍMETRO	sẽĩ.tʃĩ.me.tru
CENTRAL	sẽĩ.tra.ʊ
CENTRO	sẽĩ.tru
CERA	se.ra
CERÂMICA	se.rã.mi.ka
CERCA	se.r.ka
CERCADO	se.r.ka.du
CERCAR	se.r.ka
CERCO	se.r.ku
CEREALISTA	se.ɾɿa.li.s.ta
CEREBRAL	se.re.bra.ʊ
CÉREBRO	se.re.brɪu
CERIMÔNIA	se.rĩ.mõ.ɲɿa
CERRADO	se.ha.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CERTEZA	s e r . t e . z a
CERTIDÃO	s e r . tʃ i . d ã õ
CERTIFICADO	s e r . tʃ i . f i . k a . d u
CERTO	s e r . t u
CERVEJA	s e r . v e . ʒ a
CERVEJARIA	s e r . v e . ʒ a . r i . a
CESARIANA	s e . z a . r i . ã . n a
CESTA	s e s . t a
CESTO	s e s . t u
CETIM	s e . tʃ i
CÉU	s e u
CHÁ	ʃ a
CHÁCARA	ʃ a . k a . r a
CHAGA	ʃ a . g a
CHALEIRA	ʃ a . l e i . r a
CHAMADA	ʃ a . m a . d a
CHAMAR	ʃ a . m a
CHAMINÉ	ʃ a . m i . n e
CHANCE	ʃ ã . s i
CHÃO	ʃ ã õ
CHAPA	ʃ a . p a
CHAPÉU	ʃ a . p e u
CHARQUE	ʃ a r . k i
CHARRETE	ʃ a . h e . tʃ i
CHARUTO	ʃ a . r u . t u
CHATO	ʃ a . t u
CHAVE	ʃ a . v i
CHEFE	ʃ e . f i
CHEFIA	ʃ e . f i . a
CHEGADA	ʃ e . g a . d a
CHEGAR	ʃ e . g a
CHEIO	ʃ e i . u
CHEIRO	ʃ e i . r u
CHEQUE	ʃ e . k i
CHICLETE	ʃ i . k l e . tʃ i
CHICOTE	ʃ i . k o . tʃ i
CHIMARRÃO	ʃ i . m a . h ã õ
CHINELO	ʃ i . n e . l u
CHIQUE	ʃ i . k i
CHIQUEIRO	ʃ i . k e i . r u
CHOCANTE	ʃ o . k ã . tʃ i
CHOCAR	ʃ o . k a
CHOCOLATE	ʃ o . k o . l a . tʃ i
CHOQUE	ʃ o . k i
CHORAR	ʃ o . r a
CHORO	ʃ o . r u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CHOVER	ʃo.vɐ
CHUCHU	ʃu.ʃu
CHUCRO	ʃu.kɾu
CHUMBO	ʃũ.bu
CHUPAR	ʃu.pa
CHUPETA	ʃu.pɛ.ta
CHURRASCADA	ʃu.has.ka.da
CHURRASCO	ʃu.has.ku
CHURRASQUEIRA	ʃu.has.keɾ.ra
CHUTAR	ʃu.ta
CHUTE	ʃu.tʃɪ
CHUVA	ʃu.va
CHUVARADA	ʃu.va.ra.da
CHUVEIRO	ʃu.veɾ.ru
CHUVOSO	ʃu.vo.zu
CICLO	si.klu
CIDADANIA	si.da.dã.ni.a
CIDADÃO	si.da.dãũ
CIDADE	si.da.dʒɪ
CIDREIRA	si.dreɾ.ra
CIÊNCIA	si.ẽĩ.sɿa
CIENTÍFICO	si.ẽĩ.tʃi.fi.ku
CIGANO	si.gã.nu
CIGARRO	si.ga.hu
CILINDRO	si.lĩ.drɐ
CIMENTO	sĩ.mẽĩ.tu
CIMO	sĩ.mu
CINCO	sĩ.ku
CINEMA	sĩ.nẽ.ma
CINQUENTA	sĩ.kʷẽĩ.ta
CINTA	sĩ.ta
CINTO	sĩ.tu
CINTURA	sĩ.tu.ra
CINZA	sĩ.za
CINZEIRO	sĩ.zeɾ.ru
CIO	siʊ
CIPÓ	si.pɔ
CIRCO	sir.ku
CIRCUITO	sir.kʷi.tu
CIRCULAÇÃO	sir.ku.la.sãũ
CIRCULAR	sir.ku.la
CÍRCULO	sir.ku.lu
CIRCUNSTÂNCIA	sir.kũs.tã.sɿa
CIRURGIA	si.rur.ʒi.a
CIRURGIÃO	si.rur.ʒi.ãũ
CITAÇÃO	si.ta.sãũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CITAR	s i . t a
CÍTARA	s i . t a . r a
CIÚME	s i . ũ . m i
CIUMENTO	s i ũ . m ê ĩ . t u
CÍVICO	s i . v i . k u
CIVIL	s i . v i u
CIVILIZAÇÃO	s i . v i . l i . z a . s ã õ
CLA	k l ã
CLAREAR	k l a . r i . a
CLARIDADE	k l a . r i . d a . dʒ i
CLARINETE	k l a . r ĩ . n e . tʃ i
CLARO	k l a . r u
CLASSE	k l a . s i
CLÁSSICO	k l a . s i . k u
CLASSIFICAÇÃO	k l a . s i . f i . k a . s ã õ
CLASSIFICADO	k l a . s i . f i . k a . d u
CLASSIFICADOS	k l a . s i . f i . k a . d u s
CLASSIFICAR	k l a . s i . f i . k a
CLIENTE	k l i . ê ĩ . tʃ i
CLIENTELA	k l i . ê ĩ . t e . l a
CLIMA	k l ĩ . m a
CLÍNICA	k l ĩ . n i . k a
CLÍNICO	k l ĩ . n i . k u
COLORO	k l o . r u
CLUBE	k l u . b i
COALHADA	k ^w a . ʎ a . d a
COALHAR	k ^w a . ʎ a
COBERTOR	k o . b e r . t o r
COBERTURA	k o . b e r . t u . r a
COBIÇADO	k o . b i . s a . d u
COBRA	k o . b r a
COBRADOR	k o . b r a . d o r
COBRANÇA	k o . b r ã . s a
COBRAR	k o . b r a
COBRE	k o . b r i
COBRIR	k o . b r i
COCADA	k o . k a . d a
COCO	k o . k u
CÔCO	k o . k u
CÓDIGO	k o . dʒ i . g u
COEFICIENTE	k ^w e . f i . s i . ê ĩ . tʃ i
COELHO	k o . e . ʎ u
COERENTE	k ^w e . r ê ĩ . tʃ i
COESÃO	k ^w e . z ã õ
COFRE	k o . f r i
COICE	k o ĩ . s i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
COINCIDÊNCIA	k õĩ . s i . d eĩĩ . s i a
COISA	k oĩ . z a
COITADO	k oĩ . t a . d u
COLA	k ɔ . l a
COLABORAÇÃO	k o . l a . b o . r a . s ã õ
COLABORAR	k o . l a . b o . r a
COLAGEM	k o . l a . ʒ eĩĩ
COLAR	k o . l a
COLCHÃO	k o ʊ . ʃ ã õ
COLEÇÃO	k o . l e . s ã õ
COLEGA	k o . l e . g a
COLEGIAL	k o . l e . ʒ i . a ʊ
COLÉGIO	k o . l e . ʒ i ʊ
CÓLERA	k ɔ . l e . r a
COLETA	k o . l e . t a
COLETIVO	k o . l e . tʃ i . v u
COLHEITA	k o . ʎ eĩ . t a
COLHER	k o . ʎ e r
COLHER	k o . ʎ e
COLOCAÇÃO	k o . l o . k a . s ã õ
COLOCAR	k o . l o . k a
COLÔNIA	k o . l õ . n i a
COLONIAL	k o . l õ . n i . a ʊ
COLONIZAÇÃO	k o . l õ . n i . z a . s ã õ
COLONIZADO	k o . l õ . n i . z a . d u
COLONO	k o . l õ . n u
COLORIDO	k o . l o . r i . d u
COLUNA	k o . l ũ . n a
COM	k õ
COMADRE	k õ . m a . d r i
COMANDA	k õ . m ã . d a
COMANDANTE	k õ . m ã . d ã . tʃ i
COMANDO	k õ . m ã . d u
COMARCA	k õ . m a r . k a
COMBATE	k õ . b a . tʃ i
COMBATER	k õ . b a . t e
COMBINAÇÃO	k õ . b i . n a . s ã õ
COMBUSTÍVEL	k õ . b u s . tʃ i . v e ʊ
COMEÇAR	k õ . m e . s a
COMEÇO	k õ . m e . s u
COMÉDIA	k õ . m e . d ʒ i a
COMEMORAÇÃO	k õ . m e . m o . r a . s ã õ
COMEMORAR	k õ . m e . m o . r a
COMENDADOR	k õ . m eĩĩ . d a . d o r
COMENTAR	k õ . m eĩĩ . t a
COMENTÁRIO	k õ . m eĩĩ . t a . r i ʊ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
COMER	k õ . m e
COMERCIAL	k õ . m e r . s i . a u
COMERCIALIZAR	k õ . m e r . s i . a . l i . z a
COMERCIANTE	k õ . m e r . s i . ã . tʃ i
COMÉRCIO	k õ . m e r . s i u
COMÍCIO	k õ . m i . s i u
COMIDA	k õ . m i . d a
COMIGO	k õ . m i . g u
COMISSÃO	k õ . m i . s ã õ
COMITÊ	k õ . m i . t e
COMO	k õ . m u
CÔMODO	k õ . m o . d u
COMPADRE	k õ . p a . d r i
COMPANHEIRO	k õ . p ã . ñ ê i . r u
COMPANHIA	k õ . p ã . ñ i . a
COMPARAÇÃO	k õ . p a . r a . s ã õ
COMPARAR	k õ . p a . r a
COMPARATIVO	k õ . p a . r a . tʃ i . v u
COMPARECER	k õ . p a . r e . s e
COMPASSO	k õ . p a . s u
COMPENSAÇÃO	k õ . p ê i . s a . s ã õ
COMPENSAR	k õ . p ê i . s a
COMPETÊNCIA	k õ . p e . t ê i . s i a
COMPETENTE	k õ . p e . t ê i . tʃ i
COMPETIÇÃO	k õ . p e . tʃ i . s ã õ
COMPETIR	k õ . p e . tʃ i
COMPLEMENTAR	k õ . p l ê . m ê i . t a
COMPLEMENTO	k õ . p l ê . m ê i . t u
COMPLETAR	k õ . p l e . t a
COMPLETO	k õ . p l e . t u
COMPLEXO	k õ . p l e . k i . s u
COMPLICADO	k õ . p l i . k a . d u
COMPLICAR	k õ . p l i . k a
COMPOR	k õ . p o
COMPORTAMENTO	k õ . p o r . t a . m ê i . t u
COMPORTAR	k õ . p o r . t a
COMPOSIÇÃO	k õ . p o . z i . s ã õ
COMPOSITOR	k õ . p o . z i . t o r
COMPRA	k õ . p r a
COMPRADOR	k õ . p r a . d o r
COMPRAR	k õ . p r a
COMPREENDER	k õ . p r e . ê i . d e
COMPREENSÃO	k õ . p r ê i . s ã õ
COMPRIDO	k õ . p r i . d u
COMPRIMENTO	k õ . p r i . m ê i . t u
COMPRIMIDO	k õ . p r i . m i . d u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
COMPROMISSO	k õ . p r õ . m i . s u
COMPUTADOR	k õ . p u . t a . d o r
COMUM	k õ . m ã
COMUNHÃO	k õ . m ã . ɲ ã õ
COMUNICAÇÃO	k o . m ã . n i . k a . s ã õ
COMUNICAR	k õ . m ã . n i . k a
COMUNICATIVO	k õ . m ã . n i . k a . tʃ i . v u
COMUNIDADE	k õ . m ã . n i . d a . dʒ ɪ
COMUNISMO	k õ . m ã . n i . s . m u
COMUNISTA	k õ . m ã . n i . s . t a
COMUNITÁRIO	k õ . m ã . n i . t a . r ɪ u
CONCEITO	k õ . s e ɪ . t u
CONCENTRAÇÃO	k õ . s e ʃ . t r a . s ã õ
CONCENTRAR	k õ . s e ʃ . t r a
CONCEPÇÃO	k õ . s e . p i . s ã õ
CONCERTO	k õ . s e r . t u
CONCHA	k õ . ʃ a
CONCILIAR	k õ . s i . l i . a
CONCLUIR	k õ . k l u . i
CONCLUSÃO	k õ . k l u . z ã õ
CONCORDÂNCIA	k õ . k o r . d ã . s ɪ a
CONCÓRDIA	k õ . k o r . dʒ ɪ a
CONCORRÊNCIA	k õ . k o . h e ʃ . s ɪ a
CONCORRENTE	k õ . k o . h e ʃ . tʃ ɪ
CONCORRER	k õ . k o . h e
CONCRETO	k õ . k r e . t u
CONCURSO	k õ . k u r . s u
CONDENADO	k õ . d e . n a . d u
CONDIÇÃO	k õ . dʒ i . s ã õ
CONDOMÍNIO	k õ . d õ . m ɪ . n ɪ u
CONDOR	k õ . d o r
CONDUÇÃO	k õ . d u . s ã õ
CONDUZIR	k õ . d u . z i
CONFECÇÃO	k õ . f e . k i . s ã õ
CONFEITARIA	k õ . f e ɪ . t a . r i . a
CONFERIR	k õ . f e . r i
CONFESSAR	k õ . f e . s a
CONFESSO	k õ . f e . s u
CONFIANÇA	k õ . f ɪ ã . s a
CONFIAR	k õ . f i . a
CONFIRMAÇÃO	k õ . f i r . m a . s ã õ
CONFIRMAR	k õ . f i r . m a
CONFISSÃO	k õ . f i . s ã õ
CONFLITO	k õ . f l i . t u
CONFORMAR	k õ . f o r . m a
CONFORME	k õ . f o r . m ɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CONFORTÁVEL	kõ.for.ta.veʎ
CONFORTO	kõ.for.tu
CONFUSÃO	kõ.fu.zaũ
CONGELAR	kõ.ʒe.la
CONGREGAÇÃO	kõ.gre.ga.sãũ
CONGRESSO	kõ.gre.su
CONHECER	kõ.ɲe.se
CONHECIDO	kõ.ɲẽ.si.du
CONHECIMENTO	kõ.ɲe.si.mẽĩ.tu
CONJUNTO	kõ.ʒũ.tu
CONOSCO	kõ.nos.ku
CONQUISTA	kõ.kis.ta
CONQUISTAR	kõ.kis.ta
CONSCIÊNCIA	kõ.si.ẽĩ.sɿa
CONSCIENTE	kõ.si.ẽĩ.tʃɿ
CONSCIENTIZAR	kõ.si.ẽĩ.tʃi.za
CONSEGUIR	kõ.se.ɡi
CONSELHEIRO	kõ.se.ʎeɿ.ru
CONSELHO	kõ.ʃe.ʎu
CONSENSO	kõ.sẽĩ.su
CONSEQUÊNCIA	kõ.se.kʷẽĩ.sɿa
CONCERTAR	kõ.ser.ta
CONCERTO	kõ.ser.tu
CONSERVA	kõ.ser.va
CONSERVAÇÃO	kõ.ser.va.sãũ
CONSERVAR	ko.ser.va
CONSERVATÓRIO	kõ.ser.va.tɔ.ɾɿu
CONSIDERAÇÃO	kõ.si.de.ra.sãũ
CONSIDERAR	kõ.si.de.ra
CONSIGO	kõ.si.ɡu
CONSÓRCIO	kõ.sɔr.sɿu
CONSTANTE	kõs.tã.tʃɿ
CONSTITUIÇÃO	kõs.tʃi.tuɿ.sãũ
CONSTRUÇÃO	kõs.tru.sãũ
CONSTRUIR	kõs.tru.i
CONSTRUTORA	kõs.tru.to.ra
CÔNSUL	kõ.su
CONSULTA	kõ.su.ta
CONSULTAR	kõ.su.ta
CONSULTÓRIO	kõ.su.tɔ.ɾɿu
CONSUMIDOR	kõ.sũ.mi.dor
CONSUMIR	kõ.sũ.mi
CONSUMISMO	kõ.sũ.mis.mũ
CONSUMO	kõ.sũ.mu
CONTA	kõ.ta
CONTABILIDADE	kõ.ta.bi.li.da.dʒɿ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CONTADOR	kõ.ta.dor
CONTAMINAR	kõ.ta.mĩ.na
CONTANTO	kõ.tã.tu
CONTAR	kõ.ta
CONTATO	kõ.ta.tu
CONTENTE	kõ.tẽĩ.tʃɪ
CONTER	kõ.te
CONTEÚDO	kõ.te.u.du
CONTEXTO	kõ.tes.tu
CONTIGO	kõ.tʃi.gu
CONTINÊNCIA	kõ.tʃĩ.nẽĩ.sɪa
CONTINENTE	kõ.tʃĩ.nẽĩ.tʃɪ
CONTINGENTE	kõ.tʃĩ.ʒẽĩ.tʃɪ
CONTINUAÇÃO	kõ.tʃĩ.nu.a.sãũ
CONTINUAR	kõ.tʃĩ.nu.a
CONTINUIDADE	kõ.tʃĩ.nu.i.da.dʒɪ
CONTÍNUO	kõ.tʃĩ.nu
CONTO	kõ.tu
CONTORNAR	kõ.tor.na
CONTORNO	kõ.tor.nu
CONTRA	kõ.tra
CONTRABANDO	kõ.tra.bã.du
CONTRADIÇÃO	kõ.tra.dʒi.sãũ
CONTRÁRIO	kõ.tra.rɪu
CONTRATAR	kõ.tra.ta
CONTRATO	kõ.tra.tu
CONTRIBUIÇÃO	kõ.tri.bu.i.sãũ
CONTRIBUIR	kõ.tri.bu.i
CONTROLADOR	kõ.tro.la.dor
CONTROLAR	kõ.tro.la
CONTROLE	kõ.tro.lɪ
CONVENCER	kõ.vẽĩ.se
CONVÊNIO	kõ.vẽ.nɪu
CONVENTO	kõ.vẽĩ.tu
CONVERSA	kõ.ver.sa
CONVERSAÇÃO	kõ.ver.sa.sãũ
CONVERSÃO	kõ.ver.sãũ
CONVERSAR	kõ.ver.sa
CONVICÇÃO	kõ.vi.ki.sãũ
CONVIDADO	kõ.vi.da.du
CONVIDAR	kõ.vi.da
CONVITE	kõ.vi.tʃɪ
CONVIVÊNCIA	kõ.vi.vẽĩ.sɪa
CONVIVER	kõ.vi.ve
CONVÍVIO	kõ.vi.vɪu
CONVULSÃO	kõ.vu.sãũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
COOPERAÇÃO	k o . p e . r a . s ă ũ
COOPERADOR	k o . p e . r a . d o r
COOPERATIVA	k o . p e . r a . t ſ i . v a
COORDENAÇÃO	k o r . d ẽ . n a . s ă ũ
COORDENADOR	k o r . d ẽ . n a . d o r
COORDENAR	k o r . d ẽ . n a
COPA	k ɔ . p a
COPAS	k ɔ . p a s
CÓPIA	k ɔ . p ĩ a
COPIAR	k o . p i . a
COPO	k ɔ . p u
COR	k o r
CORAÇÃO	k o . r a . s ă ũ
CORAGEM	k o . r a . ʒ ẽ ĩ
CORAL	k o . r a ũ
CORDA	k ɔ r . d a
CORDÃO	k o r . d ă ũ
CORDEIRO	k o r . d e ĩ . r u
CORDILHEIRA	k o r . d ʒ i . ħ e ĩ . r a
CORO	k o . r u
COROA	k o . r o . a
CORONEL	k o . r ɔ̃ . n e ũ
CORPO	k o r . p u
CORPORAL	k o r . p o . r a ũ
CORREÇÃO	k o . h e . s ă ũ
CORREDOR	k o . h e . d o r
CORREIA	k o . h e ĩ . a
CORREIO	k o . h e ĩ . u
CORRER	k o . h e
CORRERIA	k o . h e . r i . a
CORRIDA	k o . h i . d a
CORRIGIR	k o . h i . ʒ i
CORRUPÇÃO	k o . h u . p i . s ă ũ
CORRUPTO	k o . h u . p i . t u
CORTAR	k o r . t a
CORTE	k ɔ r . t ſ i
CORTINA	k o r . t ſ ĩ . n a
CORUJA	k o . r u . ʒ a
COSTAS	k ɔ s . t a s
COSTELA	k o s . t e . l a
COSTUME	k o s . t ũ . m i
COSTURA	k o s . t u . r a
COSTURAR	k o s . t u . r a
COTA	k ɔ . t a
COTIDIANO	k o . t ſ i . d ʒ i . ă . n u
COURO	k o ũ . r u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
COUVE	k o ũ . v ɪ
COXA	k o . ʃ a
COXILHA	k o . ʃ i . ʎ a
COZIDO	k o . z i . d u
COZINHA	k o . z ĩ . ɲ a
COZINHAR	k o . z ĩ . ɲ a
COZINHEIRO	k o . z ĩ . ɲ ẽ . r u
CRAQUE	k r a . k ɪ
CRAVO	k r a . v u
CRECHE	k r ε . ʃ ɪ
CREDIÁRIO	k r ε . dʒ i . a . r ɪ u
CRÉDITO	k r ε . dʒ i . t u
CREDO	k r ε . d u
CREME	k r ĕ . m ɪ
CRENÇA	k r ĕ . s a
CRER	k r e
CRESCER	k r e . s e
CRESCIDO	k r e . s i . d u
CRESCIMENTO	k r e . s ĩ . m ẽ . t u
CRIAÇÃO	k r i . a . s ã ũ
CRIADO	k r i . a . d u
CRIADOR	k r i . a . d o r
CRIANÇA	k r i . ã . s a
CRIAR	k r i . a
CRIATIVIDADE	k r i . a . tʃ i . v i . d a . dʒ ɪ
CRIATURA	k r i . a . t u . r a
CRIME	k r i . m ɪ
CRIMINALIDADE	k r ĩ . m ĩ . n a . l i . d a . dʒ ɪ
CRIOULO	k r i . o ũ . l u
CRISE	k r i . z ɪ
CRISMA	k r i s . m a
CRISTAL	k r i s . t a ũ
CRISTÃO	k r i s . t ã ũ
CRITÉRIO	k r i . t ε . r ɪ u
CRÍTICA	k r i . tʃ i . k a
CRITICAR	k r i . tʃ i . k a
CRÍTICO	k r i . tʃ i . k u
CROCHÊ	k r o . ʃ e
CRÔNICA	k r õ . n i . k a
CRUZ	k r u ɪ s
CRUZAR	k r u . z a
CRUZEIRO	k r u . z ẽ . r u
CUCA	k u . k a
CUIA	k u ɪ . a
CUIDADO	k u ɪ . d a . d u
CUIDAR	k u ɪ . d a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
CUJO	k u . ʒ u
CULINÁRIA	k u . l ĩ . n a . r ĩ a
CULPA	k u . p a
CULPADO	k u . p a . d u
CULTIVAR	k u . tʃ i . v a
CULTIVO	k u . tʃ i . v u
CULTO	k u . t u
CULTURA	k u . t u . r a
CULTURAL	k u . t u . r a u
CUMPRIMENTAR	k ã . p r ĩ . m eĩ . t a
CUMPRIMENTO	k ã . p r ĩ . m eĩ . t u
CUMPRIR	k ã . p r i
CUNHADO	k ã . ɲ a . d u
CUNHO	k ã . ɲ u
CURA	k u . r a
CURAR	k u . r a
CURATIVO	k u . r a . tʃ i . v u
CURIOSIDADE	k u . r ĩ o . z i . d a . dʒ i
CURIOSO	k u . r ĩ o . z u
CURRAL	k u . h a u
CURRÍCULO	k u . h i . k u . l u
CURSAR	k u r . s a
CURSO	k u r . s u
CURTIR	k u r . tʃ i
CURTO	k u r . t u
CURTUME	k u r . t ũ . m i
CURVA	k u r . v a
CUSTAR	k u s . t a
CUSTO	k u s . t u
CUSTOSO	k u s . t o . z u
DADO	d a . d u
DALI	d a . l i
DAMA	d ã . m a
DANADO	d ã . n a . d u
DANÇA	d ã . s a
DANÇANTE	d ã . s ã . tʃ i
DANÇAR	d ã . s a
DANCETERIA	d ã . s e . t e . r i . a
DAQUELE	d a . k e . l i
DAQUI	d a . k i
DAQUILO	d a . k i . l u
DAR	d a
DATA	d a . t a
DE	d e
DEBAIXO	d e . b a ĩ . ʃ u
DEBATE	d e . b a . tʃ i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DEBATER	d e . b a . t e
DÉCADA	d e . k a . d a
DECADÊNCIA	d e . k a . d eĩ . s i a
DECADENTISTA	d e . k a . d eĩ . tʃ i s . t a
DECAIR	d e . k a . i
DECENTE	d e . s eĩ . tʃ i
DECEPÇÃO	d e . s e . p i . s ã õ
DECERTO	d e . s e r . t u
DECIDIR	d e . s i . dʒ i
DÉCIMO	d e . s i . m u
DECISÃO	d e . s i . z ã õ
DECLAMAR	d e . k l a . m a
DECLARAÇÃO	d e . k l a . r a . s ã õ
DECORAÇÃO	d e . k o . r a . s ã õ
DECORAR	d e . k o . r a
DECORRER	d e . k o . h e
DECRETO	d e . k r e . t u
DEDICAÇÃO	d e . dʒ i . k a . s ã õ
DEDICADO	d e . dʒ i . k a . d u
DEDICAR	d e . dʒ i . k a
DEDO	d e . d u
DEFASADO	d e . f a . z a . d u
DEFEITO	d e . f e i . t u
DEFENDER	d e . f eĩ . d e
DEFENSOR	d e . f eĩ . s o r
DEFESA	d e . f e . z a
DEFICIÊNCIA	d e . f i . s i . eĩ . s i a
DEFICIENTE	d e . f i . s i . eĩ . tʃ i
DEFINIÇÃO	d e . f i . n i . s ã õ
DEFINIR	d e . f i . n i
DEFINITIVO	d e . f i . n i . tʃ i . v u
DEFRONTE	d e . f r õ . tʃ i
DEFUNTO	d e . f u . t u
DEITADO	d e i . t a . d u
DEITAR	d e i . t a
DEIXAR	d e i . ʃ a
DELE	d e . l i
DELEGACIA	d e . l e . g a . s i . a
DELEGADO	d e . l e . g a . d u
DELEITE	d e . l e i . tʃ i
DELICADO	d e . l i . k a . d u
DELÍCIA	d e . l i . s i a
DEMAIS	d eĩ . m a i s
DEMANDA	d eĩ . m ã . d a
DEMISSÃO	d eĩ . m i . s ã õ
DEMITIR	d eĩ . m i . tʃ i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DEMÔNIO	dẽ.mõ.nĩu
DEMONSTRAR	dẽ.mos.tɾa
DEMORA	dẽ.mɔ.ra
DEMORAR	dẽ.mo.ra
DENOMINAÇÃO	dẽ.nõ.mĩ.na.sãũ
DENSIDADE	dẽĩ.si.da.dʒɪ
DENTAL	dẽĩ.taũ
DENTE	dẽĩ.tʃɪ
DENTISTA	dẽĩ.tʃis.ta
DENTRE	dẽĩ.tɾɪ
DENTRO	dẽĩ.tɾu
DENÚNCIA	dẽ.nũ.sĩa
DEPARTAMENTO	de.par.ta.mẽĩ.tu
DEPENDÊNCIA	de.pẽĩ.dẽĩ.sĩa
DEPENDER	de.pẽĩ.de
DEPOIMENTO	de.poĩ.mẽĩ.tu
DEPOIS	de.poĩs
DEPÓSITO	de.pɔ.zi.tu
DEPRESSA	de.pɾe.sa
DEPRESSÃO	de.pɾe.sãũ
DEPUTADO	de.pu.ta.du
DERRAME	de.hã.mɪ
DERROTA	de.hɔ.ta
DERRUBADA	de.hu.ba.da
DERRUBAR	de.hu.ba
DESAFIO	de.za.fiũ
DESAFORO	de.za.fo.ru
DESAGRADÁVEL	de.sa.gra.da.veũ
DESAPARECER	de.za.pa.re.se
DESASTRE	de.zas.tɾɪ
DESCALÇO	des.kaũ.su
DESCANSAR	des.kã.sa
DESCANSO	des.kã.su
DESCARGA	des.kar.ga
DESCARREGAR	des.ka.he.ga
DESCASCAR	des.kas.ka
DESCENDÊNCIA	de.sẽĩ.dẽĩ.sĩa
DESCENDENTE	de.sẽĩ.dẽĩ.tʃɪ
DESCER	de.se
DESCIDA	de.si.da
DESCOBERTA	des.ko.ber.ta
DESCOBRIR	des.ko.bɾi
DESCONHECIDO	des.kõ.ne.si.du
DESCONTAR	des.kõ.ta
DESCONTO	des.kõ.tu
DESCREVER	des.kre.ve

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DESCRIÇÃO	des.kri.sãũ
DESCULPA	des.ku.pa
DESDE	des.dʒɪ
DESEJAR	de.ze.ʒa
DESEJO	de.se.ʒo
DESEMPENHO	de.zẽĩ.pẽ.nu
DESEMPREGADO	de.zẽĩ.pre.ga.du
DESEMPREGO	de.zẽĩ.pre.gu
DESENHISTA	de.zẽ.nis.ta
DESENHO	de.zẽĩ.nu
DESENVOLVER	de.zẽĩ.vo.ʊ.ve
DESERTO	de.zer.tu
DESESPERADO	de.zes.pe.ra.du
DESESPERO	de.zes.pe.ru
DESFAZER	des.fa.ze
DESFILAR	des.fi.la
DESFILÉ	des.fi.li
DESGASTANTE	des.gas.tã.tʃɪ
DESGOSTO	des.gos.tu
DESGRAÇA	des.gra.sa
DESISTIR	de.zis.tʃi
DESLIGADO	des.li.ga.du
DESLIGAR	des.li.ga
DESLOCAMENTO	des.lo.ka.mẽĩ.tu
DESLOCAR	des.ko.la
DESMANCHAR	des.mã.ʃa
DESMATAMENTO	des.ma.ta.mẽĩ.tu
DESORGANIZAÇÃO	de.zor.ga.ni.za.sãũ
DESPERDÍCIO	des.per.dʒi.sɪu
DESPERTAR	de.zes.pe.ra
DESPESA	des.pe.za
DESPREZAR	des.pre.za
DESQUITE	des.ki.tʃɪ
DESSE	de.sɪ
DESTAQUE	de.ta.kɪ
DESTE	des.tʃɪ
DESTERRO	des.te.hu
DESTINO	des.tʃi.nu
DESTRUIÇÃO	des.truĩ.sãũ
DESTRUÍDO	des.tru.i.du
DESTRUIR	des.tru.i
DESVALORIZADO	des.va.lo.ri.za.du
DESVANTAGEM	des.vã.ta.ʒẽĩ
DESVIAR	des.vi.a
DESVIO	des.vi.ʊ
DETALHE	de.ta.ʎɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DETER	d e . t e
DETERMINAÇÃO	d e . t e r . m ã . n a . s ã õ
DETERMINADO	d e . t e r . m ã . n a . d u
DETERMINAR	d e . t e r . m ã . n a
DETERMINISMO	d e . t e r . m ã . n i s . m o
DETRÁS	d e . t r a ã s
DEUS	d e ũ s
DEVAGAR	d e . v a . g a r
DEVER	d e . v e
DEVIDO	d e . v i . d u
DEVOLVER	d e . v o ũ . v e
DEZ	d e ã s
DEZEMBRO	d e . z e ã . b r o
DEZENA	d e . z e . n a
DEZENOVE	d e . z e . n o . v i
DEZESSEIS	d e . z e . s e ã s
DEZESSETE	d e . z e . s e . t e
DEZOITO	d e . z o . i . t o
DIA	d ʒ i . a
DIABO	d ʒ i . a . b o
DIAGNÓSTICO	d ʒ ã . g ã . n o s . t ʃ i . k o
DIALETO	d ʒ ã . l e . t o
DIALOGAR	d ʒ i . a . l o . g a
DIÁLOGO	d ʒ i . a . l o . g o
DIÂMETRO	d ʒ i . ã . m e . t r o
DIANTE	d ʒ i . ã . t e
DIÁRIA	d ʒ i . a . r ã
DIÁRIO	d ʒ i . a . r i o
DIARISTA	d ʒ ã . r i s . t a
DICIONÁRIO	d ʒ i . s i o . n a . r i o
DIDÁTICA	d ʒ i . d a . t ʃ i . k a
DIDÁTICO	d ʒ i . d a . t ʃ i . k o
DIETA	d ʒ i . e . t a
DIFERENÇA	d ʒ i . f e . r e ã . s a
DIFERENCIAL	d ʒ i . f e . r e ã . s i . a ũ
DIFERENTE	d ʒ i . f e . r e ã . t e
DIFÍCIL	d ʒ i . f i . s i ũ
DIFICULDADE	d ʒ i . f i . k u . d a . d ʒ i
DIFUSÃO	d ʒ i . f u . z ã õ
DIGNO	d ʒ i . g ã . n o
DIMENSÃO	d ʒ i . m e ã . s ã õ
DIMINUIR	d ʒ i . m i . n u . i
DINÂMICA	d ʒ i . n ã . m i . k a
DINHEIRO	d ʒ i . ñ e . r o
DIOCESANO	d ʒ i o . s e . z ã . n o
DIPLOMA	d ʒ i . p l o . m a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DIREÇÃO	dʒi.re.sãũ
DIREITA	dʒi.reɪ.ta
DIREITO	dʒi.reɪ.tu
DIRETO	dʒi.re.tu
DIRETOR	dʒi.re.to.r
DIRETORIA	dʒi.re.to.ri.a
DIRIGENTE	dʒi.ri.ʒẽĩ.tʃɪ
DIRIGIR	dʒi.ri.ʒi
DISCIPLINA	dʒi.si.plĩ.na
DISCO	dʒis.ku
DISCOTECA	dʒis.ko.te.ka
DISCRIMINAÇÃO	dʒis.krĩ.mĩ.na.sãũ
DISCURSO	dʒis.ku.r.su
DISCUSSÃO	dʒis.ku.sãũ
DISCUTIR	dʒis.ku.tʃi
DISPENSA	dʒis.pẽĩ.sa
DISPONÍVEL	dʒis.põ.ni.ve.u
DISPOSIÇÃO	dʒis.po.zi.sãũ
DISPUTA	dʒis.pu.ta
DISPUTAR	dʒis.pu.ta
DISTÂNCIA	dʒis.tã.sɪ.a
DISTANTE	dʒis.tã.tʃɪ
DISTINÇÃO	dʒis.tʃĩ.sãũ
DISTINGUIR	dʒis.tʃĩ.gi
DISTORÇÃO	dʒis.to.r.sãũ
DISTRAÇÃO	dʒis.tra.sãũ
DISTRAIR	dʒis.tra.i
DISTRIBUIÇÃO	dʒis.tri.buɪ.sãũ
DISTRIBUIR	dʒis.tri.bu.i
DISTRITO	dʒis.tri.tu
DISTÚRBIO	dʒis.tur.bɪ.u
DITADO	dʒi.ta.du
DITADOR	dʒi.ta.do.r
DITADURA	dʒi.ta.du.ra
DIVA	dʒi.va
DIVERGÊNCIA	dʒi.ver.ʒẽĩ.sɪ.a
DIVERSÃO	dʒi.ver.sãũ
DIVERSIFICADO	dʒi.ver.si.fi.ka.du
DIVERSO	dʒi.ver.su
DIVERTIDO	dʒi.ver.tʃi.du
DIVERTIMENTO	dʒi.ver.tʃĩ.mẽĩ.tu
DIVERTIR	dʒi.ver.tʃi
DÍVIDA	dʒi.vi.da
DIVIDIR	dʒi.vi.dʒi
DIVINO	dʒi.vĩ.nu
DIVISA	dʒi.vi.za

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DIVISÃO	dʒi.vi.zãũ
DIVÓRCIO	dʒi.vɔr.sɪu
DIVULGAÇÃO	dʒi.vu.ga.sãũ
DIVULGADO	dʒi.vu.ga.du
DIVULGAR	dʒi.vu.ga
DIZER	dʒi.ze
DÍZIMO	dʒi.zĩ.mu
DÓ	dɔ
DOAÇÃO	do.a.sãũ
DOAR	do.a
DOBRA	dɔ.bra
DOBRAR	do.bra
DOBRO	do.brɔ
DOCE	do.si
DOCUMENTAÇÃO	do.kũ.mẽĩ.ta.sãũ
DOCUMENTADOR	do.kũ.mẽĩ.ta.dor
DOCUMENTO	do.kũ.mẽĩ.tu
DOÇURA	do.su.ra
DOENÇA	do.ẽĩ.sa
DOENTE	do.ẽĩ.tʃɪ
DOIDO	doɪ.du
DOIS	do.is
DOM	dõ
DOMÉSTICO	dõ.mɛs.tʃi.ku
DOMINANTE	dõ.mĩ.nã.tʃɪ
DOMINAR	dõ.mĩ.na
DOMINGO	dõ.mĩ.gu
DOMINICAL	dõ.mĩ.ni.kau
DOMÍNIO	dõ.mĩ.nɪu
DONA	dõ.na
DONO	dõ.nu
DOR	dor
DORMENTE	dor.mẽĩ.tʃɪ
DORMIR	dor.mi
DOSAGEM	do.za.ʒẽĩ
DOSE	dɔ.zɪ
DOURADO	doʊ.ra.du
DOUTOR	doʊ.tor
DOUTORADO	doʊ.to.ra.du
DOCTRINA	doʊ.trĩ.na
DOZE	do.zɪ
DRAMA	drã.ma
DROGA	dro.ga
DROGADO	dro.ga.du
DUPLA	du.pla
DUPLO	du.plu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
DUQUE	du.ki
DURAÇÃO	du.ra.sãũ
DURANTE	du.rã.tʃɪ
DURAR	du.ra
DUREZA	du.re.za
DURO	du.ru
DÚVIDA	du.vi.da
DUZENTOS	du.zẽĩ.tus
DÚZIA	du.zɪa
E	e
ECLIPSE	e.kli.pi.sɪ
ECO	ε.ko
ECONOMIA	e.ko.nõ.mi.a
ECONÔMICO	e.ko.nõ.mi.ku
ECONOMISTA	e.kõ.nõ.mis.ta
ECONOMIZAR	e.kõ.nõ.mi.za
EDIÇÃO	e.dʒi.sãũ
EDIFICAÇÕES	e.dʒi.fi.ka.sõĩs
EDIFÍCIO	e.dʒi.fi.sɪu
EDITORA	e.dʒi.to.ra
EDUCAÇÃO	e.du.ka.sãũ
EDUCACIONAL	e.du.ka.sɪo.naũ
EDUCADO	e.du.ka.du
EDUCADOR	e.du.ka.dor
EDUCANDO	e.du.kã.du
EDUCAR	e.du.ka
EDUCATIVO	e.du.ka.tʃi.vu
EFEITO	e.feɪ.tu
EFICAZ	e.fi.kas
EFICIENTE	e.fi.si.ẽĩ.tʃɪ
EGOÍSTA	e.go.is.ta
ÉGUA	ε.g ^w a
EIXO	eɪ.fu
ELABORAÇÃO	e.la.bo.ra.sãũ
ELABORAR	e.la.bo.ra
ELÁSTICO	e.las.tʃi.ku
ELE	e.li
ELEGANTE	e.le.gã.tʃɪ
ELEGER	e.le.ʒe
ELEIÇÃO	e.leɪ.sãũ
ELEITOR	e.leɪ.to.r
ELEITORAL	e.leɪ.to.raũ
ELEITOREIRO	e.leɪ.to.reɪ.ru
ELEMENTAR	e.lẽ.mẽĩ.ta
ELEMENTO	e.lẽ.mẽĩ.tu
ELETRICIDADE	e.le.tri.si.da.dʒɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ELETRICISTA	e.le.tri.sis.ta
ELÉTRICO	e.le.tri.ku
ELETRIFICAÇÃO	e.le.tri.fi.ka.sãũ
ELETRÔNICO	e.le.trõ.ni.ku
ELETROTÉCNICA	e.le.tro.te.kĩ.ni.ka
ELEVADO	e.le.va.du
ELEVADOR	e.le.va.dor
ELIMINAR	e.lĩ.mĩ.na
ELITE	e.li.tʃɪ
EM	ẽĩ
EMA	ẽ.ma
EMANCIPAÇÃO	ẽ.mã.si.pa.sãũ
EMBAIXO	ẽĩ.ba.ɪ.ʃu
EMBARCAR	ẽĩ.bar.ka
EMBLEMA	ẽĩ.blẽ.ma
EMBORA	ẽĩ.bo.ra
EMERGÊNCIA	ẽ.mer.ʒẽĩ.sɪa
EMISSIONA	ẽ.mi.so.ra
EMOÇÃO	ẽ.mo.sãũ
EMPATE	ẽĩ.pa.tʃɪ
EMPECILHO	ẽĩ.pe.si.ʎu
EMPÓRIO	ẽĩ.po.ɾɪu
EMPREGADO	ẽĩ.pre.ga.du
EMPREGAR	ẽĩ.pre.ga
EMPREGO	ẽĩ.pre.gu
EMPREITADA	ẽĩ.pre.ɪ.ta.da
EMPREITEIRA	ẽĩ.pre.ɪ.te.ɪ.ra
EMPRESA	ẽĩ.pre.za
EMPRESÁRIO	ẽĩ.pre.za.ɾɪu
EMPRESTAR	ẽĩ.pres.ta
EMPRÉSTIMO	ẽĩ.pres.tʃĩ.mu
EMPURRAR	ẽĩ.pu.ha
ENCANADOR	ẽĩ.ka.na.dor
ENCANTADO	ẽĩ.kã.ta.du
ENCARAR	ẽĩ.ka.ra
ENCARREGADO	ẽĩ.ka.he.ga.du
ENCENAÇÃO	ẽĩ.sẽ.na.sãũ
ENCERRAMENTO	ẽĩ.se.ha.mẽĩ.tu
ENCERRAR	ẽĩ.se.ha
ENCHENTE	ẽĩ.ʃẽĩ.tʃɪ
ENCHER	ẽĩ.ʃe
ENCOMENDA	ẽĩ.ko.mẽĩ.da
ENCONTRAR	ẽĩ.kõ.trã
ENCONTRO	ẽĩ.kõ.tru
ENCOSTA	ẽĩ.kos.ta
ENCOSTAR	ẽĩ.kos.ta

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ENCRENCA	ẽĩ.krẽĩ.ka
ENCURTAR	ẽĩ.kur.ta
ENDEREÇO	ẽĩ.de.re.su
ENDIREITAR	ẽĩ.dʒi.reĩ.ta
ENERGIA	ẽ.ne.r.ʒi.a
ENÉRGICO	ẽ.ne.r.ʒi.ku
ENFARTE	ẽĩ.fa.tʃɪ
ÊNFASE	ẽĩ.fa.zɪ
ENFEITE	ẽĩ.feĩ.tʃɪ
ENFERMAGEM	ẽĩ.fe.r.ma.ʒẽĩ
ENFERMEIRO	ẽĩ.fe.r.meĩ.ru
ENFERMIDADE	ẽĩ.fe.r.mi.da.dʒɪ
ENFIM	ẽĩ.fĩ
ENFRENTAR	ẽĩ.frẽĩ.ta
ENGANAR	ẽĩ.ga.na
ENGANO	ẽĩ.gã.nu
ENGARRAFAMENTO	ẽĩ.ga.ha.fa.mẽĩ.tu
ENGENHARIA	ẽĩ.ʒẽ.ja.ri.a
ENGENHEIRO	ẽĩ.ʒẽĩ.je.ru
ENGENHO	ẽĩ.ʒẽĩ.ju
ENGOLIR	ẽĩ.go.li
ENGORDA	ẽĩ.gɔr.da
ENGORDAR	ẽĩ.gor.da
ENGRAÇADO	ẽĩ.gra.sa.du
ENGRAVIDAR	ẽĩ.gra.vi.da
ENGRAXATE	ẽĩ.gra.ʃa.tʃɪ
ENGRENAGEM	ẽĩ.grẽ.na.ʒẽĩ
ENJOADO	ẽĩ.ʒo.a.du
ENORME	ẽ.no.r.mi
ENQUANTO	ẽĩ.kʷã.tu
ENREDO	ẽĩ.he.du
ENRIQUECER	ẽĩ.hi.ke.se
ENROLADO	ẽĩ.ho.la.du
ENROLAR	ẽĩ.ho.la
ENSAIO	ẽĩ.saĩ.u
ENSINAMENTO	ẽĩ.sĩ.na.mẽĩ.tu
ENSINAR	ẽĩ.si.na
ENSINO	ẽĩ.si.nu
ENSOPADO	ẽĩ.so.pa.du
ENTANTO	ẽĩ.tã.tu
ENTÃO	ẽĩ.tãũ
ENTENDER	ẽĩ.tẽĩ.de
ENTENDIMENTO	ẽĩ.tẽĩ.dʒĩ.mẽĩ.tu
ENTERRAR	ẽĩ.te.ha
ENTERRO	ẽĩ.te.hu
ENTIDADE	ẽĩ.tʃi.da.dʒɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ENTRADA	ẽĩ.trá.da
ENTRAR	ẽĩ.trá
ENTRE	ẽĩ.trɪ
ENTREGA	ẽĩ.trɛ.ga
ENTREGAR	ẽĩ.tre.ga
ENTRETANTO	ẽĩ.tre.tã.tu
ENTREVISTA	ẽĩ.tre.vis.ta
ENTREVISTADO	ẽĩ.tre.vis.ta.du
ENTREVISTADOR	ẽĩ.tre.vis.ta.dor
ENTREVISTAR	ẽĩ.tre.vis.ta
ENTROSAMENTO	ẽĩ.tro.za.mẽĩ.tu
ENTROSAR	ẽĩ.tro.za
ENTUSIASMO	ẽĩ.tu.zi.as.mu
ENVOLVER	ẽĩ.voʊ.ve
ENVOLVIMENTO	ẽĩ.voʊ.vĩ.mẽĩ.tu
ENXADA	ẽĩ.ʃa.da
ENXERGAR	ẽĩ.ʃer.ga
ENXERTO	ẽĩ.ʃer.tu
ENXOVAL	ẽĩ.ʃo.vaʊ
ENXURRADA	ẽĩ.ʃu.ha.da
EPISÓDIO	e.pi.zɔ.dʒɪu
ÉPOCA	ɛ.po.ká
EQUAÇÃO	e.k ^w a.sãũ
EQUILIBRAR	e.ki.li.bra
EQUILÍBRIO	e.ki.li.briʊ
EQUIPAMENTO	e.ki.pa.mẽĩ.tu
EQUIPE	e.ki.pɪ
EQUIVALENTE	e.ki.va.lẽĩ.tʃɪ
ERA	ɛ.ra
ERGUER	er.ge
ERRADO	e.ha.du
ERRAR	e.há
ERRO	e.hʊ
ERVA	ɛr.va
ERVILHA	er.vi.ʎá
ESCADA	es.ka.da
ESCADARIA	es.ka.da.ri.a
ESCALA	es.ka.lá
ESCALÃO	es.ka.lãũ
ESCAMA	es.kã.ma
ESCÂNDALO	es.kã.da.lu
ESCAPAR	es.ka.pa
ESCLARECER	es.kla.re.se
ESCLARECIMENTO	es.kla.re.sĩ.mẽĩ.tu
ESCOAMENTO	es.ko.a.mẽĩ.tu
ESCOLA	es.kɔ.lá

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ESCOLAR	es.ko.lar
ESCOLARIDADE	es.ko.la.ri.da.dʒɪ
ESCOLARIZAÇÃO	es.ko.la.ri.za.sãũ
ESCOLHA	es.ko.ʎa
ESCOLHER	es.ko.ʎe
ESCONDER	es.kõ.de
ESCORPIÃO	es.kor.pi.ãũ
ESCORREGAR	es.ko.he.ga
ESCOTEIRO	es.ko.teɪ.ru
ESCOVA	es.ko.va
ESCOVAÇÃO	es.ko.va.sãũ
ESCOVAR	es.ko.va
ESCRAVO	es.kra.vu
ESCREVER	es.kre.ve
ESCRITA	es.kri.ta
ESCRITO	es.kri.tu
ESCRITOR	es.kri.tor
ESCRITÓRIO	es.kri.tɔ.ɾiʊ
ESCRITURA	es.kri.tu.ra
ESCRITURÁRIO	es.kri.tu.ra.ɾiʊ
ESCULHAMBAÇÃO	es.ku.ʎã.ba.sãũ
ESCURO	es.ku.ru
ESCUA	es.ku.ta
ESCUTAR	es.ku.ta
ESFERA	es.fɛ.ra
ESFORÇAR	es.for.sa
ESFORÇO	es.for.su
ESFRIAR	es.fri.a
ESGOTO	es.go.tu
ESMAGAR	es.ma.ga
ESMALTE	es.maʊ.tʃɪ
ESMOLA	es.mɔ.la
ESPAÇO	es.pa.su
ESPADA	es.pa.da
ESPECIAL	es.pe.sɪ.aʊ
ESPECIALIDADE	es.pe.sɪa.li.da.dʒɪ
ESPECIALISTA	es.pe.sɪa.li.s.ta
ESPECIALIZAÇÃO	es.pe.sɪa.li.za.sãũ
ESPECIALIZAR	es.pe.sɪa.li.za
ESPÉCIE	es.pɛ.sɪ
ESPECÍFICO	es.pe.sɪ.fi.ku
ESPELHO	es.pe.ʎu
ESPERA	es.pɛ.ra
ESPERANÇA	es.pe.rã.sa
ESPERAR	es.pe.ra
ESPERTO	es.pɛr.tu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ESPESSURA	es.pe.su.ra
ESPETACULAR	es.pe.ta.ku.la
ESPETÁCULO	es.pe.ta.ku.lu
ESPETO	es.pe.tu
ESPIGA	es.pi.ga
ESPINGARDA	es.pĩ.ga.r.da
ESPINHA	es.pĩ.ɲa
ESPINHO	es.pĩ.ɲu
ESPÍRITA	es.pi.ri.ta
ESPIRITISMO	es.pi.ri.tʃis.mu
ESPÍRITO	es.pi.ri.tu
ESPIRITUAL	es.pi.ri.tu.aʊ
ESPIRITUALISTA	es.pi.ri.tu.a.li.s.ta
ESPIRRO	es.pi.hu
ESPOLETA	es.po.le.ta
ESPORTE	es.pɔr.tʃɪ
ESPORTIVO	es.pɔr.tʃi.vu
ESPOSO	es.po.zu
ESPUMA	es.pũ.ma
ESQUADRIA	es.k ^w a.dri.a
ESQUECER	es.ke.se
ESQUECIDO	es.ke.si.du
ESQUEMA	es.kẽ.ma
ESQUENTAR	es.kẽĩ.ta
ESQUERDA	es.ke.r.da
ESQUERDO	es.ke.r.du
ESQUINA	es.kĩ.na
ESQUISITO	es.ki.zi.tu
ESSE	e.sɪ
ESSÊNCIA	e.sẽĩ.sɪ.a
ESSENCIAL	e.sẽĩ.si.aʊ
ESTABELECE	es.ta.be.le.se
ESTABILIDADE	es.ta.bi.li.da.dʒɪ
ESTABILIZAÇÃO	es.ta.bi.li.za.sãũ
ESTACA	es.ta.ka
ESTAÇÃO	es.ta.sãũ
ESTACIONAMENTO	es.ta.sɪo.na.mẽĩ.tu
ESTACIONAR	es.ta.sɪo.na
ESTÁDIO	es.ta.dʒiʊ
ESTADO	es.ta.du
ESTADUAL	es.ta.du.aʊ
ESTÁGIO	es.ta.ʒɪʊ
ESTALO	es.ta.lu
ESTAMPARIA	es.tã.pa.ri.a
ESTÂNCIA	es.tã.sɪ.a
ESTAR	es.ta

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ESTATAL	es.ta.ta.ʊ
ESTATÍSTICA	es.ta.tʃi.ka
ESTÁTUA	es.ta.tu.a
ESTATUTÁRIO	es.ta.tu.ta.rɪ.ʊ
ESTATUTO	es.ta.tu.tu
ESTÁVEL	es.ta.ve.ʊ
ESTE	es.tʃɪ
ESTEIRA	es.teɪ.ra
ESTENDER	es.tẽĩ.de
ESTÉTICA	es.te.tʃi.ka
ESTÉTICO	es.te.tʃi.ku
ESTILINGUE	es.tʃi.lĩ.ge
ESTILO	es.tʃi.lu
ESTÍMULO	es.tʃĩ.mu.lu
ESTOFADOR	es.to.fa.dor
ESTOFARIA	es.to.fa.ri.a
ESTÔMAGO	es.tõ.ma.gu
ESTOPA	es.to.pa
ESTOQUE	es.tɔ.kɪ
ESTÓRIA	es.tɔ.ri.a
ESTOURADO	es.to.ʊ.ra.du
ESTOURAR	es.to.ʊ.ra
ESTRADA	es.tra.da
ESTRAGADO	es.tra.ga.du
ESTRAGAR	es.tra.ga
ESTRAGO	es.tra.gu
ESTRANGEIRO	es.trã.ʒeɪ.ru
ESTRANHAR	es.trã.ɲa
ESTRANHO	es.trã.ɲu
ESTRATÉGIA	es.tra.te.ʒɪ.a
ESTREBARIA	es.tre.ba.ri.a
ESTREITO	es.treɪ.tu
ESTRELA	es.tre.la
ESTRIBO	es.tri.bu
ESTRUTURA	es.tru.tu.ra
ESTRUTURADO	es.tru.tu.ra.du
ESTRUTURAR	es.tru.tu.ra
ESTUDANTE	es.tu.dã.tʃɪ
ESTUDANTIL	es.tu.dã.tʃi.ʊ
ESTUDAR	es.tu.da
ESTÚDIO	es.tu.dʒɪ.ʊ
ESTUDIOSO	es.tu.dʒi.o.zu
ESTUDO	es.tu.du
ESTUFA	es.tu.fa
ESTÚPIDO	es.tu.pi.du
ESVAZIAR	es.va.zi.a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ETAPA	e.ta.pa
ETÁRIA	e.ta.rɿa
ETERNO	e.te.r.nu
ÉTICA	e.tʃɪ.kə
ETNIA	e.tʃĩ.ni.a
EU	eʊ
EUCARISTIA	eʊ.ka.ris.tʃɿa
EVANGELHO	e.vã.ʒe.ʎu
EVANGÉLICO	e.vã.ʒe.li.ku
EVANGELIZAÇÃO	e.vã.ʒe.li.za.sãũ
EVASÃO	e.va.zãũ
EVENTO	e.vẽĩ.tu
EVIDÊNCIA	e.vi.dẽĩ.sɿa
EVIDENTE	e.vi.dẽĩ.tʃɪ
EVITAR	e.vi.ta
EVOLUÇÃO	e.vo.lu.sãũ
EVOLUÍDO	e.vo.lu.i.du
EVOLUIR	e.vo.lu.i
EXAGERADO	e.za.ʒe.ra.du
EXAGERO	e.za.ʒe.ru
EXAME	e.zã.mi
EXAMINAR	e.za.mĩ.na
EXATO	e.za.tu
EXCEÇÃO	e.se.sãũ
EXCELÊNCIA	e.se.lẽĩ.sɿa
EXCELENTE	e.se.lẽĩ.tʃɪ
EXCEPCIONAL	e.se.pi.sɿo.naʊ
EXCESSO	e.se.su
EXCLUSIVO	es.klu.zi.vu
EXCURSÃO	es.kur.sãũ
EXECUÇÃO	e.ze.ku.sãũ
EXECUTAR	e.ze.ku.ta
EXECUTIVO	e.ze.ku.tʃi.vu
EXEMPLAR	e.zẽĩ.plar
EXEMPLO	e.zei.plu
EXERCER	e.zer.se
EXERCÍCIO	e.zer.si.sɿu
EXÉRCITO	e.zer.si.tu
EXIGÊNCIA	e.zi.ʒẽĩ.sɿa
EXIGENTE	e.zi.ʒẽĩ.tʃɪ
EXIGIR	e.zi.ʒi
EXISTÊNCIA	e.zis.tẽĩ.sɿa
EXISTIR	e.zis.tʃi
ÊXITO	e.zi.tu
ÊXODO	e.zo.du
EXPANDIR	es.pã.dʒi

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
EXPANSÃO	es.pã.sãũ
EXPECTATIVA	es.pe.ki.ta.tʃi.va
EXPEDICIONÁRIO	es.pe.dʒi.sio.na.rɪu
EXPEDIENTE	es.pe.dʒi.ẽĩ.tʃɪ
EXPERIÊNCIA	es.pe.ri.ẽĩ.sɪa
EXPERIMENTAR	es.pe.rĩ.mẽĩ.ta
EXPLICAÇÃO	es.pli.ka.sãũ
EXPLICAR	es.pli.ka
EXPLORAÇÃO	es.plo.ra.sãũ
EXPLORAR	es.plo.ra
EXPLOSÃO	es.plo.zaũ
EXPOR	es.po
EXPORTAÇÃO	es.por.ta.sãũ
EXPOSIÇÃO	es.po.zi.sãũ
EXPRESSÃO	es.pre.sãũ
EXPRESSAR	es.pre.sa
EXPRESSO	es.pre.su
EXTENSÃO	es.tẽĩ.sãũ
EXTENSO	es.tẽĩ.su
EXTERIOR	es.te.ri.or
EXTERNO	es.ter.nu
EXTINTO	es.tʃĩ.tu
EXTRAÇÃO	es.tra.sãũ
EXTRAIR	es.tra.i
EXTRAORDINÁRIO	es.tra.or.dʒĩ.na.rɪu
EXTRATO	es.tra.tu
EXTREMO	es.trẽ.mu
FÁBRICA	fa.bri.ka
FABRICAÇÃO	fa.bri.ka.sãũ
FABRICAR	fa.bri.ka
FACA	fa.ka
FACADA	fa.ka.da
FACÃO	fa.kãũ
FACE	fa.sɪ
FACEIRO	fa.seɪ.ru
FACHADA	fa.ʃa.da
FÁCIL	fa.sɪu
FACILIDADE	fa.si.li.da.dʒɪ
FACILITAR	fa.si.li.ta
FACULDADE	fa.ku.da.dʒɪ
FAIXA	faɪ.ʃa
FALA	fa.la
FALANTE	fa.lã.tʃɪ
FALAR	fa.la
FALECER	fa.le.se
FALECIDO	fa.le.si.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
FALECIMENTO	fa.le.sĩ.mẽĩ.tu
FALÊNCIA	fa.lẽĩ.sĩa
FALHA	fa.ʎa
FALIDO	fa.li.du
FALSO	fa.ʊ.su
FALTA	fa.ʊ.ta
FALTAR	fa.ʊ.ta
FAMA	fã.ma
FAMÍLIA	fa.mi.li.a
FAMILIAR	fa.mi.li.ar
FAMOSO	fa.mo.zu
FANÁTICO	fa.na.tʃi.ku
FANTASIA	fã.ta.zi.a
FANTASMA	fã.tas.ma
FANTÁSTICO	fã.tas.tʃi.ku
FARDA	far.da
FARELO	fa.re.lu
FARINHA	fa.rĩ.ɲa
FARMACÊUTICO	fa.r.ma.se.ʊ.tʃi.ku
FARMÁCIA	fa.r.ma.sĩa
FAROFA	fa.rɔ.fa
FAROL	fa.rɔ.ʊ
FARPADO	fa.r.pa.du
FARRA	fa.ha
FARTURA	fa.r.tu.ra
FASE	fa.zɪ
FATAL	fa.ta.ʊ
FATO	fa.tu
FATOR	fa.tor
FATURAMENTO	fa.tu.ra.mẽĩ.tu
FATURAR	fa.tu.ra
FAVA	fa.va
FAVELA	fa.ve.la
FAVOR	fa.vor
FAVORÁVEL	fa.vo.ra.ve.ʊ
FAVORECER	fa.vo.re.se
FAVORITO	fa.vo.ri.tu
FAXINA	fa.ʃĩ.ɲa
FAXINEIRA	fa.ʃĩ.neĩ.ra
FAZENDA	fa.zẽĩ.da
FAZENDEIRO	fa.zẽĩ.deĩ.ru
FAZER	fa.ze
FÉ	fɛ
FEBRE	fɛ.bɪ
FECHADO	fe.ʃa.du
FECHADURA	fe.ʃa.du.ra

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
FECHAR	fɛ.ʃa
FEDERAÇÃO	fɛ.dɛ.ra.sãũ
FEDERAL	fɛ.dɛ.raʊ
FEIJÃO	fɛj.ɜũ
FEIJOADA	fɛj.ʒo.a.da
FEIO	fɛj.u
FEIRA	fɛj.ra
FEITO	fɛj.tu
FELICIDADE	fɛ.li.si.da.dʒɪ
FELIZ	fɛ.lis
FEMININO	fẽ.mĩ.nĩ.nu
FENÔMENO	fẽ.nõ.mẽ.nu
FERIADO	fɛ.ri.a.du
FÉRIAS	fɛ.rɪas
FERIDA	fɛ.ri.da
FERMENTO	fɛr.mẽĩ.tu
FERRAMENTA	fɛ.ha.mẽĩ.ta
FERRARIA	fɛ.ha.ri.a
FERRO	fɛ.hu
FERROVIA	fɛ.ho.vi.a
FERROVIÁRIA	fɛ.ho.vi.a.rɪa
FERROVIÁRIO	fɛ.ho.vi.a.rɪu
FÉRTIL	fɛr.tʃiũ
FERVER	fɛr.ve
FERVURA	fɛr.vu.ra
FESTA	fɛs.ta
FESTANÇA	fɛs.tã.sa
FESTEIRO	fɛs.tej.ru
FESTEJAR	fɛs.te.ʒa
FESTIVAL	fɛs.tʃi.vaʊ
FETO	fɛ.tu
FEVEREIRO	fɛ.ve.rej.ru
FIAÇÃO	fɪa.sãũ
FIADO	fi.a.du
FIBRA	fi.bra
FICAR	fi.ka
FICHA	fi.ʃa
FÍGADO	fi.ga.du
FIGUEIRA	fi.gej.ra
FIGURA	fi.gu.ra
FILA	fi.la
FILÉ	fi.lɛ
FILHO	fi.ʎu
FILIAL	fi.li.aʊ
FILME	fiũ.mi
FIM	fĩ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
FINADO	fĩ.na.du
FINAL	fĩ.nau
FINALIDADE	fĩ.na.li.da.dʒɪ
FINANCEIRO	fĩ.nã.seɪ.ru
FINANCIAMENTO	fĩ.nã.sɪa.mẽĩ.tu
FINO	fĩ.nu
FIO	fiu
FIRMA	fir.ma
FIRME	fir.mi
FIRMEZA	fir.me.za
FISCAL	fis.ka.u
FISCALIZAÇÃO	fis.ka.li.za.sãũ
FÍSICO	fi.zi.ku
FISIONOMIA	fi.zio.nõ.mi.a
FITA	fi.ta
FIXO	fi.ki.su
FLAUTA	fla.u.ta
FLOR	flor
FLORA	flɔ.ra
FLORESTA	flo.res.ta
FLORESTAL	flo.res.ta.u
FLÚOR	flu.or
FOCO	fɔ.ku
FOFOCA	fo.fɔ.ka
FOGAÇA	fo.ga.sa
FOGÃO	fo.gãũ
FOGO	fo.gu
FOGUEIRA	fo.geɪ.ra
FOGUETE	fo.ge.tʃɪ
FOLCLORE	fo.u.klɔ.ri
FOLCLÓRICO	fo.u.klɔ.ri.ku
FÔLEGO	fo.le.gu
FOLGA	fɔ.u.ga
FOLGADO	fo.u.ga.du
FOLHA	fo.ʎa
FOLIA	fo.li.a
FOME	fõ.mi
FONTE	fõ.tʃɪ
FORA	fɔ.ra
FORÇA	for.sa
FORÇADO	for.sa.du
FORÇAR	for.sa
FORMA	fɔr.ma
FÔRMA	for.ma
FORMAÇÃO	for.ma.sãũ
FORMADO	for.ma.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
FORMAL	f o r . m a u
FORMAR	f o r . m a
FORMATO	f o r . m a . t u
FORMATURA	f o r . m a . t u . r a
FORMIGA	f o r . m i . g a
FÓRMULA	f o r . m u . l a
FORNECER	f o r . n e . s e
FORNO	f o r . n u
FORRO	f o . h u
FORRÓ	f o . h o
FORTE	f o r . tʃ ɪ
FORTUNA	f o r . t ũ . n a
FÓRUM	f o . r ũ
FÓSFORO	f o s . f o . r u
FOSSA	f o . s a
FOTO	f o . t u
FOTOGRAFIA	f o . t o . g r a . f i . a
FOTOGRAFICO	f o . t o . g r a . f i . k u
FOTÓGRAFO	f o . t o . g r a . f u
FOZ	f o s
FRAÇÃO	f r a . s ã õ
FRACASSO	f r a . k a . s u
FRACO	f r a . k u
FRÁGIL	f r a . ʒ i u
FRALDA	f r a u . d a
FRANCO	f r ã . k u
FRANGO	f r ã . g u
FRAQUEZA	f r a . k e . z a
FRASE	f r a . z ɪ
FRATERNIDADE	f r a . t e r . n i . d a . d ʒ ɪ
FREGUÊS	f r e . g e s
FREGUESIA	f r e . g e . z i . a
FREI	f r e ɪ
FREIO	f r e ɪ . u
FRENTE	f r ê ɪ . tʃ ɪ
FREQÜÊNCIA	f r e . kʷ ê ɪ . s ɪ a
FREQÜENTAR	f r e . kʷ ê ɪ . t a
FREQÜENTE	f r e . kʷ ê ɪ . tʃ ɪ
FRESCO	f r e s . k u
FRETE	f r e . tʃ ɪ
FRIGORÍFICO	f r i . g o . r i . f i . k u
FRIO	f r i u
FRITAR	f r i . t a
FRONTEIRA	f r õ . t e ɪ . r a
FROTA	f r o . t a
FRUSTRAÇÃO	f r u s . t r a . s ã õ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
FRUSTRADO	f r u s . t r a . d u
FRUTA	f r u . t a
FRUTO	f r u . t u
FUBÁ	f u . b a
FUGIR	f u . ʒ i
FUMAÇA	f ũ . m a . s a
FUMAR	f ũ . m a
FUNÇÃO	f ũ . s ã õ
FUNCIONAL	f ũ . s ɿ o . n a u
FUNCIONAMENTO	f ũ . s ɿ o . n a . m ê ɿ . t u
FUNCIONAR	f ũ . s ɿ o . n a
FUNCIONÁRIO	f ũ . s ɿ o . n a . r ɿ u
FUNDAÇÃO	f ũ . d a . s ã õ
FUNDADOR	f ũ . d a . d o r
FUNDAMENTAL	f ũ . d a . m ê ɿ . t a u
FUNDAMENTO	f ũ . d a . m ê ɿ . t u
FUNDIÇÃO	f ũ . d ʒ i . s ã õ
FUNDO	f ũ . d u
FUNERAL	f ũ . n e . r a u
FURADA	f u . r a . d a
FURAR	f u . r a
FUSÃO	f u . z ã õ
FUTURO	f u . t u . r u
FUZIL	f u . z i u
GABINETE	g a . b ɿ . n e . t ʃ i
GADO	g a . d u
GAIOLA	g a ɿ . o . l a
GAITA	g a ɿ . t a
GAITEIRO	g a ɿ . t e ɿ . r u
GALA	g a . l a
GALERIA	g a . l e . r i . a
GALETO	g a . l e . t u
GALHO	g a . ʎ u
GALINHA	g a . l ɿ . ɲ a
GALINHEIRO	g a . l ɿ . ɲ e ɿ . r u
GALO	g a . l u
GALPÃO	g a u . p ã õ
GAMA	g ã . m a
GANÂNCIA	g a . n ã . s ɿ a
GANCHO	g ã . ʃ u
GANGUE	g ã . g i
GANHAR	g ã . ɲ a
GARAGEM	g a . r a . ʒ ê ɿ
GARANTIA	g a . r ã . t ʃ i . a
GARANTIR	g a . r ã . t ʃ i
GARÇOM	g a r . s õ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
GARFO	g a r . f u
GARGANTA	g a r . g ã . t a
GARI	g a . r i
GARIMPO	g a . r ã . p u
GAROTADA	g a . r o . t a . d a
GAROTO	g a . r o . t u
GARRA	g a . h a
GARRAFA	g a . h a . f a
GÁS	g a s
GASOLINA	g a . z o . l ã . n a
GASTAR	g a s . t a
GASTRITE	g a s . t r i . tʃ i
GATILHO	g a . tʃ i . ʎ u
GATO	g a . t u
GAVETA	g a . v e . t a
GEADA	ʒ e . a . d a
GELADEIRA	ʒ e . l a . d e i . r a
GELADO	ʒ e . l a . d u
GELO	ʒ e . l u
GEMA	ʒ ã . m a
GEMADA	ʒ ã . m a . d a
GÊMEOS	ʒ ã . m i . u s
GENERAL	ʒ ã . n e . r a u
GÊNERO	ʒ ã . n e . r u
GENÉTICA	ʒ ã . n e . tʃ i . k a
GENGIVA	ʒ ã ã . ʒ i . v a
GÊNIO	ʒ ã . n i . u
GENRO	ʒ ã . h u
GENTE	ʒ ã ã . tʃ i
GENTIL	ʒ ã ã . tʃ i . u
GEOGRAFIA	ʒ e . o . g r a . f i . a
GERAÇÃO	ʒ e . r a . s ã õ
GERAL	ʒ e . r a u
GERAR	ʒ e . r a
GERÊNCIA	ʒ e . r ã ã . s i . a
GERENTE	ʒ e . r ã ã . tʃ i
GESSO	ʒ e . s u
GESTANTE	ʒ e s . t ã . tʃ i
GESTÃO	ʒ e s . t ã õ
GESTO	ʒ e s . t u
GIBI	ʒ i . b i
GINASIAL	ʒ ã . n a . z i . a u
GINÁSIO	ʒ ã . n a . z i . u
GINÁSTICA	ʒ ã . n a s . tʃ i . k a
GINCANA	ʒ ã . k ã . n a
GIRA	ʒ i . r a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
GIRAR	ʒi.ra
GÍRIA	ʒi.rɿa
GIRO	ʒi.ru
GIZ	ʒis
GLOBAL	ɡlo.baʊ
GLOBO	ɡlo.bu
GLÓRIA	ɡlɔ.rɿa
GOIABA	ɡoɿ.a.ba
GOLEIRO	ɡo.leɿ.ru
GOLPE	ɡɔʊ.pi
GORDO	ɡor.du
GORDURA	ɡor.du.ra
GOSTAR	ɡos.ta
GOSTO	ɡos.tu
GOSTOSO	ɡos.to.zu
GOVERNADOR	ɡo.ver.na.dor
GOVERNANTE	ɡo.ver.nã.tʃɪ
GOVERNAR	ɡo.ver.na
GOVERNO	ɡo.ver.nu
GOZAÇÃO	ɡo.za.sãʊ
GRAÇA	ɡra.sa
GRADE	ɡra.dʒɪ
GRADUAÇÃO	ɡra.du.a.sãʊ
GRÁFICA	ɡra.fi.ka
GRÁFICO	ɡra.fi.ku
GRALHA	ɡra.ʎa
GRAMA	ɡrã.ma
GRAMADO	ɡra.ma.du
GRAMÁTICA	ɡra.ma.tʃi.ka
GRAMATICAL	ɡra.ma.tʃi.kaʊ
GRANA	ɡrã.na
GRANDE	ɡrã.dʒɪ
GRANEL	ɡra.neʊ
GRANIZO	ɡrã.ni.zu
GRANJA	ɡrã.ʒa
GRÃO	ɡrãʊ
GRATIFICANTE	ɡra.tʃi.fi.kã.tʃɪ
GRATUITO	ɡra.tuɿ.tu
GRAU	ɡraʊ
GRAVAÇÃO	ɡra.va.sãʊ
GRAVADOR	ɡra.va.dor
GRAVAR	ɡra.va
GRAVATA	ɡra.va.ta
GRAVE	ɡra.vɪ
GRÁVIDA	ɡra.vi.da
GRAVIDADE	ɡra.vi.da.dʒɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
GRAVIDEZ	ɡr a . vi . de ɨ s
GRÊMIO	ɡr ẽ . m ɿ u
GREVE	ɡr ɛ . vi
GRILO	ɡr i . l u
GRIPE	ɡr i . pi
GRITAR	ɡr i . ta
GRITO	ɡr i . tu
GROSSO	ɡr o . su
GROSSURA	ɡr o . su . ra
GRUDAR	ɡr u . da
GRUPO	ɡr u . pu
GRUTA	ɡr u . ta
GUARANÁ	ɡ ^w a . ra . na
GUARDA	ɡ ^w a r . da
GUARDANAPO	ɡ ^w a r . da . na . pu
GUARDAR	ɡ ^w a r . da
GUARDIÃO	ɡ ^w a r . dʒ i . ã ʊ
GUDE	ɡ u . dʒ ɪ
GUERRA	ɡ ɛ . ha
GUIA	ɡ i . a
GUISADO	ɡ i . za . du
GUIARRA	ɡ i . ta . ha
HABILIDADE	a . bi . li . da . dʒ ɪ
HABITAÇÃO	a . bi . ta . sã ʊ
HABITACIONAL	a . bi . ta . s ɿ o . na ʊ
HÁBITO	a . bi . tu
HARMONIA	a r . m õ . ni . a
HAVER	a . ve
HELICÓPTERO	e . li . k ɔ . pi . te . ro
HEMORRAGIA	ẽ . mo . ha . ʒ i . a
HEPATITE	e . pa . tʃ i . tʃ ɪ
HERANÇA	e . r ã . sa
HERÓI	e . r ɔ ɿ
HIERARQUIA	ɿ e . ra . r . ki . a
HIGIENE	i . ʒ i . ẽ . ni
HIGIÊNICO	i . ʒ i . ẽ . ni . ku
HINO	ĩ . nu
HIPOCRISIA	i . po . k ri . zi . a
HIPÓDROMO	i . p ɔ . dr õ . mu
HIPÓTESE	i . p ɔ . te . zi
HISTÓRIA	is . t ɔ . ri . a
HISTÓRICO	is . t ɔ . ri . ku
HOJE	o . ʒ ɪ
HOMEM	õ . me ɿ
HOMENAGEM	õ . m ẽ . na . ʒ ẽ ɿ
HOMEOPATIA	õ . me ʊ . pa . tʃ i . a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
HOMICÍDIO	õ.mĩ.sĩ.dʒɪu
HONESTIDADE	õ.nes.tʃĩ.da.dʒɪ
HONESTO	õ.nes.tu
HONRA	õ.ha
HORA	o.ra
HORÁRIO	o.ra.rɪu
HORIZONTE	o.ri.zõ.tʃɪ
HORÓSCOPO	o.rɔs.ko.pu
HORRÍVEL	o.hĩ.vɛu
HORROR	o.hor
HORTA	o.r.ta
HOSPEDAGEM	os.pe.da.ʒẽĩ
HOSPITAL	os.pĩ.ta.u
HOSPITALAR	os.pĩ.ta.lar
HOTEL	o.te.u
HUMANIDADE	ũ.mã.nĩ.da.dʒɪ
HUMANO	ũ.mã.nu
HUMILDE	ũ.mi.u.dʒɪ
HUMOR	ũ.mor
IATE	i.a.tʃɪ
IDADE	i.da.dʒɪ
IDEAL	i.de.a.u
IDEALIZADOR	i.de.a.li.za.dor
IDÉIA	i.de.ɪ.a
IDÊNTICO	i.dẽĩ.tʃĩ.ku
IDENTIDADE	i.dẽĩ.tʃĩ.da.dʒɪ
IDENTIFICAR	i.dẽĩ.tʃĩ.fi.ka
IDEOLOGIA	i.de.u.lo.ʒi.a
IDIOMA	i.dʒi.õ.ma
ÍDOLO	i.do.lu
IDOSO	i.do.zu
IGNORÂNCIA	i.gĩ.no.rã.sɪa
IGNORANTE	i.gĩ.no.rã.tʃɪ
IGREJA	i.gre.ʒa
IGUAL	i.g ^w a.u
IGUALDADE	i.g ^w a.u.da.dʒɪ
ILHA	i.ʎa
ILUMINAÇÃO	i.lũ.mĩ.na.sãũ
ILUMINADO	i.lũ.mĩ.na.du
ILUSÃO	i.lu.zãũ
IMAGEM	ĩ.ma.ʒẽĩ
IMAGINAÇÃO	ĩ.ma.ʒĩ.na.sãũ
IMAGINAR	ĩ.ma.ʒĩ.na
IMEDIATO	ĩ.me.dʒɪa.tu
IMENSO	ĩ.mẽĩ.su
IMIGRAÇÃO	ĩ.mi.gra.sãũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
IMIGRANTE	ĩ . m i . g r ã . tʃ ɪ
IMITAR	ĩ . m i . t a
IMÓVEL	ĩ . m o . v e u
IMPACTO	ĩ . p a . k i . t u
IMPEDIMENTO	ĩ . p e . dʒ i . m eĩ . t u
IMPEDIR	ĩ . p e . dʒ i
IMPERATRIZ	ĩ . p e . r a . t r i s
IMPERIAL	ĩ . p e . r i . a u
IMPÉRIO	ĩ . p e . r i u
IMPLANTAÇÃO	ĩ . p l ã . t a . s ã õ
IMPLANTAR	ĩ . p l ã . t a
IMPOR	ĩ . p o
IMPORTAÇÃO	ĩ . p o r . t a . s ã õ
IMPORTADO	ĩ . p o r . t a . d u
IMPORTÂNCIA	ĩ . p o r . t ã . s i a
IMPORTANTE	ĩ . p o r . t ã . tʃ ɪ
IMPOSSÍVEL	ĩ . p o . s i . v e u
IMPOSTO	ĩ . p o s . t u
IMPrensa	ĩ . p r eĩ . s a
IMPRESSÃO	ĩ . p r e . s ã õ
IMPRESSIONANTE	ĩ . p r e . s i o . n ã . tʃ ɪ
IMPULSO	ĩ . p u . s u
INAUGURAÇÃO	ĩ . n a u . g u . r a . s ã õ
INAUGURAR	ĩ . n a u . g u . r a
INCENTIVAR	ĩ . s eĩ . tʃ i . v a
INCENTIVO	ĩ . s eĩ . tʃ i . v u
INCHAÇO	ĩ . ʃ a . s u
INCHAR	ĩ . ʃ a
INCOMODAR	ĩ . k o . m o . d a
INCÔMODO	ĩ . k o . m o . d u
INCRÍVEL	ĩ . k r i . v e u
INDENIZAR	ĩ . d e . n i . z a
INDEPENDÊNCIA	ĩ . d e . s eĩ . s i a
INDEPENDENTE	ĩ . d e . p eĩ . d eĩ . tʃ ɪ
INDICAÇÃO	ĩ . dʒ i . k a . s ã õ
INDICAR	ĩ . dʒ i . k a
ÍNDICE	ĩ . dʒ i . s i
INDIFERENTE	ĩ . dʒ i . f e . r eĩ . tʃ ɪ
INDÍGENA	ĩ . dʒ i . ʒ e . n a
INDIGNAÇÃO	ĩ . dʒ i . g i . n a . s ã õ
ÍNDIO	ĩ . dʒ i u
INDIRETAMENTE	ĩ . dʒ i . r e . t a . m eĩ . tʃ ɪ
INDIVIDUAL	ĩ . dʒ i . v i . d u . a u
INDIVIDUALISMO	ĩ . dʒ i . v i . d u a . l i s . m u
INDIVÍDUO	ĩ . dʒ i . v i . d u
INDÚSTRIA	ĩ . d u s . t r i . a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
INDUSTRIAL	ĩ.dus.tri.aʊ
INDUSTRIALIZAR	ĩ.dus.trɪa.li.za
INFÂNCIA	ĩ.fã.sɪa
INFANTIL	ĩ.fã.tʃiʊ
INFECÇÃO	ĩ.fe.ki.sãʊ
INFELICIDADE	ĩ.fe.li.si.da.dʒɪ
INFELIZ	ĩ.fe.lis
INFERIOR	ĩ.fe.ri.or
INFERNO	ĩ.fe.r.nʊ
INFLAÇÃO	ĩ fla.sãʊ
INFLAMAÇÃO	ĩ.flã.ma.sãʊ
INFLUÊNCIA	ĩ.flu.ẽĩ.sɪa
INFLUENCIAR	ĩ.flu.ẽĩ.si.a
INFORMAÇÃO	ĩ.for.ma.sãʊ
INFORMANTE	ĩ.for.mã.tʃɪ
INFORMAR	ĩ.for.ma
INFORMÁTICA	ĩ.for.ma.tʃi.ka
INGRESSAR	ĩ.gre.sa
INGRESSO	ĩ.gre.sʊ
INICIAL	ĩ.ni.si.aʊ
INICIAR	ĩ.ni.si.a
INICIATIVA	ĩ.ni.sɪa.tʃi.va
INÍCIO	ĩ.ni.sɪʊ
INIMIGO	ĩ.nĩ.mi.go
INJEÇÃO	ĩ.ʒe.sãʊ
INJUSTIÇA	ĩ.ʒus.tʃi.sa
INJUSTO	ĩ.ʒus.tʊ
INOCENTE	ĩ.no.sẽĩ.tʃɪ
INQUÉRITO	ĩ.kɛ.ri.tʊ
INQUILINO	ĩ.ki.lĩ.nʊ
INSCRIÇÃO	ĩs.kri.sãʊ
INSEGURANÇA	ĩ.se.gu.rã.sa
INSETO	ĩ.se.tʊ
INSPEÇÃO	ĩs.pe.sãʊ
INSPETOR	ĩs.pe.tor
INSTALAÇÃO	ĩs.ta.la.sãʊ
INSTALAR	ĩs.ta.la
INSTANTE	ĩs.tã.tʃɪ
INSTITUIÇÃO	ĩs.tʃi.tʊi.sãʊ
INSTITUTO	ĩs.tʃi.tu.tʊ
INSTRUÇÃO	ĩs.tru.sãʊ
INSTRUMENTAL	ĩs.tru.mẽĩ.taʊ
INSTRUMENTISTA	ĩs.trũ.mẽĩ.tʃis.ta
INSTRUMENTO	ĩs.trũ.mẽĩ.tʊ
INSTRUTOR	ĩs.tru.tor
INTEGRAÇÃO	ĩ.te.gra.sãʊ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
INTEGRAL	ĩ.te.graʊ
INTEGRAR	ĩ.te.gra
INTEIRO	ĩ.teĩ.ru
INTELECTUAL	ĩ.te.le.ki.tu.aʊ
INTELIGÊNCIA	ĩ.te.li.ʒẽĩ.sɪa
INTELIGENTE	ĩ.te.li.ʒẽĩ.tʃɪ
INTENÇÃO	ĩ.tẽĩ.sãũ
INTENSIVO	ĩ.tẽĩ.si.vu
INTENSO	ĩ.tẽĩ.su
INTERCÂMBIO	ĩ.ter.kã.biʊ
INTERESSADO	ĩ.te.re.sa.du
INTERESSANTE	ĩ.te.re.sã.tʃɪ
INTERESSAR	ĩ.te.re.sa
INTERESSE	ĩ.te.re.sɪ
INTERFERÊNCIA	ĩ.ter.fe.rẽĩ.sɪa
INTERFERIR	ĩ.ter.fe.ri
INTERIOR	ĩ.te.ri.or
INTERMEDIÁRIO	ĩ.ter.me.dʒi.a.riʊ
INTERMÉDIO	ĩ.ter.me.dʒiʊ
INTERNACIONAL	ĩ.ter.na.sɪo.naʊ
INTERNATO	ĩ.ter.na.tu
INTERNO	ĩ.ter.nu
INTERPRETAÇÃO	ĩ.ter.pre.ta.sãũ
INTERPRETAR	ĩ.ter.pre.ta
INTERRUPÇÃO	ĩ.te.hu.pi.sãũ
INTERVALO	ĩ.ter.va.lu
INTERVENÇÃO	ĩ.ter.veĩ.sãũ
INTERVENIENTE	ĩ.ter.ve.nĩ.ẽĩ.tʃɪ
INTERVIR	ĩ.ter.vi
INTIMIDADE	ĩ.tʃĩ.mi.da.dʒɪ
ÍTIMO	ĩ.tʃi.mu
INTRIGA	ĩ.tri.ga
INTRODUÇÃO	ĩ.tro.du.sãũ
INUNDAÇÃO	ĩ.nũ.da.sãũ
INVADIR	ĩ.va.dʒi
INVASÃO	ĩ.va.zãũ
INVEJA	ĩ.ve.ʒa
INVENTAR	ĩ.vẽĩ.ta
INVENTÁRIO	ĩ.vẽĩ.ta.riʊ
INVERNO	ĩ.ver.nu
INVERSO	ĩ.ver.su
INVÉS	ĩ.veĩs
INVESTIGAR	ĩ.ves.tʃi.ga
INVESTIMENTO	ĩ.ves.tʃi.mẽĩ.tu
INVESTIR	ĩ.ves.tʃi
IR	i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
IRA	i . r a
IRMANDADE	i r . m ã . d a . dʒ ɪ
IRMÃO	i r . m ã ũ
IRRIGAÇÃO	i . h i . g a . s ã ũ
IRRIGAR	i . h i . g a
IRRITADO	i . h i . t a . d u
ISENÇÃO	i . z ê ã . s ã ũ
ISOLADO	i . z o . l a . d u
ISOLAMENTO	i . z o . l a . m ê ã . t u
ISOLAR	i . z o . l a
ISSO	i . s u
ISTO	i s . t u
JÁ	ʒ a
JAGUNÇO	ʒ a . g ũ . s u
JAMAIS	ʒ a . m a ĩ s
JANEIRO	ʒ a . n e ĩ . r u
JANELA	ʒ a . n e . l a
JANTA	ʒ ã . t a
JANTAR	ʒ ã . t a
JARDIM	ʒ a r . dʒ ĩ
JARDINEIRA	ʒ a r . dʒ ĩ . n e ĩ . r a
JARDINEIRO	ʒ a r . dʒ ĩ . n e ĩ . r u
JARGÃO	ʒ a r . g ã ũ
JEITO	ʒ e ĩ . t u
JIPE	ʒ i . p ĩ
JOELHO	ʒ o . e . ʎ u
JOGADO	ʒ o . g a . d u
JOGADOR	ʒ o . g a . d o r
JOGAR	ʒ o . g a
JOGO	ʒ o . g u
JÓIA	ʒ o ĩ . a
JORNADA	ʒ o r . n a . d a
JORNAL	ʒ o r . n a u
JORNALISMO	ʒ o r . n a . l i s . m u
JORNALISTA	ʒ o r . n a . l i s . t a
JOVEM	ʒ o . v ê ĩ
JUÁ	ʒ u . a
JUDIAÇÃO	ʒ u . dʒ ĩ a . s ã ũ
JUIZ	ʒ u . i s
JUÍZO	ʒ u . i . z u
JULGAR	ʒ u . g a
JULHO	ʒ u . ʎ u
JUNÇÃO	ʒ ã . s ã ũ
JUNHO	ʒ ã . ɲ u
JÚNIOR	ʒ u . n ĩ o r
JUNTA	ʒ ã . t a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
JUNTAR	ʒũ.ta
JUNTO	ʒũ.tu
JURÍDICO	ʒu.ri.dʒi.ku
JUROS	ʒu.rus
JUSTIÇA	ʒus.tʃi.sa
JUSTIFICAR	ʒus.tʃi.fi.ka
JUSTIFICATIVA	ʒus.tʃi.fi.ka.tʃi.va
JUSTO	ʒus.tu
JUVENIL	ʒu.vẽ.niɥ
JUVENTUDE	ʒu.vẽĩ.tu.dʒɪ
LÁ	la
LÃ	lã
LÁBIO	la.bɪu
LABIRINTO	la.bi.rĩ.tu
LABORATÓRIO	la.bo.ra.tɔ.rɪu
LAÇAR	la.sa
LAÇO	la.su
LADO	la.du
LADRÃO	la.drãũ
LAGARTO	la.ga.r.tu
LAGO	la.gu
LAGOA	la.go.a
LAJE	la.ʒɪ
LAMA	lã.ma
LAMBADA	lã.ba.da
LAMENTO	la.mẽĩ.tu
LÂMINA	lã.mĩ.na
LÂMPADA	lã.pa.da
LAMPARINA	lã.pa.rĩ.na
LAMPIÃO	lã.pi.ãũ
LANÇA	lã.sa
LANÇAMENTO	lã.sa.mẽĩ.tu
LANÇAR	lã.sa
LANCE	lã.sɪ
LANCHA	lã.ʃa
LANCHE	lã.ʃɪ
LANCHONETE	lã.ʃo.ne.tʃɪ
LANTERNA	lã.te.r.na
LÁPIS	la.pis
LAR	lar
LARANJA	la.rã.ʒa
LARGAR	lar.ga
LARGO	lar.gu
LARGURA	lar.gu.ra
LASANHA	la.zã.pa
LATA	la.ta

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
LATARIA	la.ta.ri.a
LATERAL	la.te.ra.ɔ
LATIDO	la.tʃi.du
LATINO	la.tʃĩ.nu
LAVADEIRA	la.va.de.i.ra
LAVANDERIA	la.vã.de.ri.a
LAVAR	la.va
LAVATÓRIO	la.va.tɔ.ri.ɔ
LAVOURA	la.vo.ɔ.ra
LAVRADOR	la.vra.dor
LAVRAR	la.vra
LAZER	la.zer
LEÃO	le.ãũ
LECIONAR	le.sio.na
LEGAL	le.ga.ɔ
LEGALIDADE	le.ga.li.da.dʒi
LEGIÃO	le.ʒi.ãũ
LEGÍTIMO	le.ʒi.tʃi.mu
LEI	le.i
LEILÃO	le.i.lãũ
LEITE	le.i.tʃi
LEITEIRO	le.i.te.i.ru
LEITO	le.i.tu
LEITURA	le.i.tu.ra
LEMBRANÇA	lẽĩ.brã.sa
LEMBRAR	lẽĩ.bra
LEME	lẽ.mi
LENÇO	lẽĩ.su
LENDA	lẽĩ.da
LENHA	lẽĩ.na
LENTE	lẽĩ.tʃi
LENTO	lẽĩ.tu
LER	le
LESTE	les.tʃi
LETRA	le.tra
LETRAS	le.tras
LEVA	le.va
LEVADO	le.va.du
LEVANTAMENTO	le.vã.ta.mẽĩ.tu
LEVANTAR	le.vã.ta
LEVAR	le.va
LEVE	le.vi
LEXICAL	le.ki.si.ka.ɔ
LIBERAÇÃO	li.be.ra.sãũ
LIBERAL	li.be.ra.ɔ
LIBERAR	li.be.ra

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
LIBERDADE	li.be.r.da.dʒɪ
LIBERTAÇÃO	li.be.r.ta.sãũ
LIBERTAR	li.be.r.ta
LIÇÃO	li.sãũ
LICENÇA	li.sẽĩ.sa
LICITAÇÃO	li.si.ta.sãũ
LICOR	li.ko.r
LIDAR	li.da
LÍDER	li.de.r
LIDERANÇA	li.de.rã.sa
LIGA	li.ga
LIGAÇÃO	li.ga.sãũ
LIGAR	li.ga
LIGEIRO	li.ʒe.ɪ.ru
LIMA	lĩ.ma
LIMÃO	lĩ.mãũ
LIMITE	lĩ.mi.tʃɪ
LIMPAR	lĩ.pa
LIMPEZA	lĩ.pe.za
LIMPO	lĩ.pu
LINDO	lĩ.du
LÍNGUA	lĩ.g ^w a
LINGUAGEM	lĩ.g ^w a.ʒẽĩ
LINGUAJAR	lĩ.g ^w a.ʒa.r
LINGÜIÇA	lĩ.g ^w i.sa
LINGÜÍSTICA	lĩ.g ^w i.s.tʃi.ka
LINHA	lĩ.ɲa
LINHAÇA	lĩ.ɲa.sa
LINHO	lĩ.ɲu
LIQUIDIFICADOR	li.ki.dʒi.fi.ka.do.r
LÍQUIDO	li.ki.du
LIRA	li.ra
LISO	li.zu
LISTA	li.s.ta
LITERÁRIO	li.te.ra.ɾɪu
LITERATURA	li.te.ra.tu.ra
LITORAL	li.to.raũ
LITRO	li.tɾu
LITURGIA	li.tuɾ.ʒi.a
LIVRARIA	li.vra.ɾi.a
LIVRE	li.vɾɪ
LIVRO	li.vɾu
LIXEIRO	li.ʃe.ɪ.ru
LIXO	li.ʃu
LOBISOMEM	lo.bi.zõ.mẽĩ
LOBO	lo.bu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
LOCAÇÃO	l o . k a . s ă ũ
LOCADORA	l o . k a . d o . r a
LOCAL	l o . k a ũ
LOCALIDADE	l o . k a . l i . d a . d ʒ ɪ
LOCALIZAÇÃO	l o . k a . l i . z a . s ă ũ
LOCALIZAR	l o . k a . l i . z a
LOCOMOÇÃO	l o . k ɔ̃ . m o . s ă ũ
LOCOMOTIVA	l o . k o . m o . t ʃ i . v a
LOCOMOVER	l o . k ɔ̃ . m o . v e
LOCUTOR	l o . k u . t o r
LÓGICA	l ɔ . ʒ i . k a
LÓGICO	l ɔ . ʒ i . k u
LOGO	l ɔ . g u
LOJA	l ɔ . ʒ a
LOMBADA	l ɔ̃ . b a . d a
LOMBO	l ɔ̃ . b u
LONA	l ɔ̃ . n a
LONGE	l ɔ̃ . ʒ ɪ
LONGO	l ɔ̃ . g u
LOTAÇÃO	l o . t a . s ă ũ
LOTADO	l o . t a . d u
LOTE	l ɔ . t ʃ ɪ
LOTEAMENTO	l o . t ʃ ɪ a . m ẽ ʃ . t u
LOTERIA	l o . t e . r i . a
LOTO	l ɔ . t u
LOUÇA	l o ũ . s a
LOUCO	l o ũ . k u
LOUCURA	l o ũ . k u . r a
LOURO	l o ũ . r u
LOUSA	l o ũ . z a
LOUVOR	l o ũ . v o r
LUA	l u . a
LUAR	l u . a r
LUCRO	l u . k r u
LUGAR	l u . g a r
LUGAREJO	l u . g a . r e . ʒ u
LUTA	l u . t a
LUTAR	l u . t a
LUVA	l u . v a
LUXO	l u . ʃ u
LUZ	l u ɪ s
MAÇÃ	m a . s ă
MACACÃO	m a . k a . k ă ũ
MACACO	m a . k a . k u
MACARRÃO	m a . k a . h ă ũ
MACARRONADA	m a . k a . h ɔ̃ . n a . d a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MACHADO	m a . ʃ a . d u
MACHISTA	m a . ʃ i s . t a
MACHO	m a . ʃ u
MACHUCADO	m a . ʃ u . k a . d u
MACHUCAR	m a . ʃ u . k a
MAÇOM	m a . s õ
MADAME	m a . d ã . m i
MADEIRA	m a . d e ĩ . r a
MADEIREIRA	m a . d e ĩ . r e ĩ . r a
MADRE	m a . d r i
MADRINHA	m a . d r ã . ɲ a
MADRUGADA	m a . d r u . g a . d a
MADURO	m a . d u . r u
MÃE	m ã ĩ
MAESTRO	m a . e s . t r u
MÁFIA	m a . f ĩ a
MAGIA	m a . ʒ i . a
MAGISTÉRIO	m a . ʒ i s . t e . r ĩ u
MÁGOA	m a . g ^w a
MAGRO	m a . g r u
MAIO	m a ĩ . u
MAIÔ	m a ĩ . o
MAIONESE	m a ĩ . o . n e . z i
MAIOR	m a ĩ . o r
MAIORIA	m a ĩ . o . r i . a
MAIORIDADE	m a ĩ . o . r i . d a . dʒ i
MAIS	m a . i s
MAJOR	m a . ʒ o r
MAL	m a ũ
MALA	m a . l a
MALANDRAGEM	m a . l ã . d r a . ʒ ã ĩ
MALANDRO	m a . l ã . d r u
MALÁRIA	m a . l a . r ĩ a
MALDADE	m a ũ . d a . dʒ i
MALHA	m a . ʎ a
MALÍCIA	m a . l i . s ĩ a
MAMADEIRA	m a . m a . d e ĩ . r a
MAMÃE	m ã . m ã ĩ
MAMÃO	m a . m ã ũ
MAMAR	m a . m a
MANCHA	m ã . ʃ a
MANCHETE	m ã . ʃ e . tʃ i
MANDAMENTO	m ã . d a . m e ĩ . t u
MANDAR	m ã . d a
MANDATO	m ã . d a . t u
MANDIOCA	m ã . dʒ i . o . k a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MANEIRA	m a . n e ĩ . r a
MANEJO	m a . n e . ʒ u
MANEQUIM	m a . n e . k ĩ
MANGA	m ã . g a
MANGUE	m ã . g i
MANGUEIRA	m ã . g e ĩ . r a
MANHÃ	m ã . ɲ ã
MANIA	m a . n ĩ . a
MANIFESTAÇÃO	m a . n i . f e s . t a . s ã ʊ
MANIFESTAR	m a . n i . f e s . t a
MANOBRA	m a . n o . b r a
MANSÃO	m ã . s ã ʊ
MANSO	m ã . s u
MANTA	m ã . t a
MANTEIGA	m ã . t e ĩ . g a
MANTER	m ã . t e
MANTIMENTO	m ã . t ʃ ĩ . m e ĩ . t u
MANUAL	m a . n u . a ʊ
MANUTENÇÃO	m a . n u . t e ĩ . s ã ʊ
MÃO	m ã ʊ
MAPA	m a . p a
MAQUIAGEM	m a . k i . a . ʒ e ĩ
MÁQUINA	m a . k i . n a
MAQUINÁRIO	m a . k ĩ . n a . r ĩ u
MAQUINISTA	m a . k ĩ . n i s . t a
MAR	m a r
MARACUJÁ	m a . r a . k u . ʒ a
MARAVILHA	m a . r a . v i . ʎ a
MARAVILHOSO	m a . r a . v i . ʎ o . ʒ u
MARCA	m a r . k a
MARCAÇÃO	m a r . k a . s ã ʊ
MARCADO	m a r . k a . d u
MARCANTE	m a r . k ã . t ʃ i
MARCAR	m a r . k a
MARCENARIA	m a r . s e . n a . r i . a
MARCENEIRO	m a r . s e . n e ĩ . r u
MARÇO	m a r . s u
MARÉ	m a . r e
MARECHAL	m a . r e . ʃ a ʊ
MARGARINA	m a r . g a . r ĩ . n a
MARGEM	m a r . ʒ e ĩ
MARGINAL	m a r . ʒ ĩ . n a ʊ
MARGINALIDADE	m a r . ʒ ĩ . n a . l i . d a . d ʒ i
MARGINALIZAÇÃO	m a r . ʒ ĩ . n a . l i . z a . s ã ʊ
MARIDO	m a . r i . d u
MARINHA	m a . r ĩ . ɲ a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MARINHEIRO	ma.rĩ.ɲe.i.ru
MARINHO	ma.rĩ.ɲu
MARMELADA	ma.r.me.la.da
MARMELO	ma.r.me.lu
MAROTO	ma.ro.tu
MARRA	ma.ha
MARRECO	ma.hɛ.ku
MARTELO	ma.r.te.lu
MAS	mas
MÁSCARA	mas.ka.ra
MASCULINO	mas.ku.lĩ.nu
MASSA	ma.sa
MASSAGEM	ma.sa.ʒẽĩ
MATADOURO	ma.ta.do.ɹu
MATAGAL	ma.ta.ga.ɹu
MATAR	ma.ta
MATE	ma.tʃɪ
MATEMÁTICA	ma.tẽ.ma.tʃi.ka
MATÉRIA	ma.te.rɪa
MATERIAL	ma.te.rɪ.a.ɹu
MATERIALISMO	ma.te.rɪa.lis.mu
MATERIALISTA	ma.te.rɪa.lis.ta
MATERNAL	ma.ter.na.ɹu
MATERNIDADE	ma.ter.ni.da.dʒɪ
MATERNNO	ma.ter.nu
MATINÊ	ma.tʃi.nẽ
MATO	ma.tu
MATRÍCULA	ma.tri.ku.la
MATRICULAR	ma.tri.ku.la
MATRIMÔNIO	ma.trĩ.mõ.nɪ.ɹu
MATRIZ	ma.tris
MAU	ma.ɹu
MÁXIMO	ma.sĩ.mu
MECÂNICA	me.kã.ni.ka
MECÂNICO	me.kã.ni.ku
MECANISMO	me.kã.nis.mu
MEDALHA	me.da.ʎa
MÉDIA	me.dʒɪa
MEDICAMENTO	me.dʒi.ka.mẽĩ.tu
MEDICINA	me.dʒi.sĩ.na
MÉDICO	me.dʒi.ku
MEDIDA	me.dʒi.da
MEDIEVAL	me.dʒɪe.va.ɹu
MÉDIO	me.dʒɪ.ɹu
MEDIUM	me.dʒĩũ
MEDO	me.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MEDONHO	m e . d õ . ɲ u
MEIA	m e ɪ . a
MEIO	m e ɪ . u
MEL	m e ʊ
MELADO	m e . l a . d u
MELANCIA	m e . l ã . s i . a
MELÃO	m e . l ã õ
MELHOR	m e . ʎ o r
MELHORAR	m e . ʎ o . r a
MELODIA	m e . l o . dʒ i . a
MEMBRO	m ê ɥ . b r u
MEMÓRIA	m ê . m o . r ɪ a
MENDIGO	m ê ɥ . dʒ i . g u
MENINGITE	m ê . n ã . ʒ i . tʃ ɪ
MENINO	m ê . n ã . n u
MENOR	m ê . n o r
MENOS	m ê . n u s
MENSAGEM	m ê ɥ . s a . ʒ ê ɥ
MENSAL	m ê ɥ . s a ʊ
MENSALIDADE	m ê ɥ . s a . l i . d a . dʒ ɪ
MENTAL	m ê ɥ . t a ʊ
MENTALIDADE	m ê ɥ . t a . l i . d a . dʒ ɪ
MENTE	m ê ɥ . tʃ ɪ
MENTIR	m ê ɥ . tʃ i
MENTIRA	m ê ɥ . tʃ i . r a
MERCADO	m e r . k a . d u
MERCADORIA	m e r . k a . d o . r i . a
MERCANTIL	m e r . k ã . tʃ ɪ u
MERCEARIA	m e r . s e . a . r i . a
MERENDA	m e . r ê ɥ . d a
MERENDEIRA	m e . r ê ɥ . d e ɪ . r a
MÉRITO	m e . r i . t u
MÊS	m e ɪ s
MESA	m e . z a
MESMO	m e s . m u
MESTRADO	m e s . t r a . d u
MESTRE	m e s . t r ɪ
META	m e . t a
METADE	m e . t a . dʒ ɪ
METAFÍSICA	m e . t a . f i . z i . k a
METAL	m e . t a ʊ
METALÚRGICA	m e . t a . l u r . ʒ i . k a
METER	m e . t e
METIDO	m e . tʃ i . d u
MÉTODO	m e . t o . d u
METRAGEM	m e . t r a . ʒ ê ɥ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
METRALHADORA	m e . t r a . ʎ a . d o . r a
METRO	m e . t r u
MEU	m e u
MEXER	m e . ʃ e
MICO	m i . k u
MICROFONE	m i . k r o . f õ . n i
MIL	m i u
MILAGRE	m i . l a . g r i
MILHÃO	m i . ʎ ã õ
MILHO	m i . ʎ u
MILIONÁRIO	m i . l i o . n a . r i u
MILITAR	m i . l i . t a r
MIM	m i
MÍNIMO	m i . n i . m u
MINISTÉRIO	m i . n i . s . t e . r i u
MINISTRO	m i . n i . s . t r u
MINORIA	m i . n o . r i . a
MINUTO	m i . n u . t u
MIOLO	m i . o . l u
MIRIM	m i . r i
MISERÁVEL	m i . z e . r a . v e u
MISÉRIA	m i . z e . r i . a
MISERICÓRDIA	m i . z e . r i . k o r . d ʒ i . a
MISSA	m i . s a
MISSAL	m i . s a u
MISSÃO	m i . s ã õ
MISTÉRIO	m i . s . t e . r i u
MISTO	m i . s . t u
MISTURA	m i . s . t u . r a
MISTURAR	m i . s . t u . r a
MIÚDO	m i . u . d u
MIXARIA	m i . ʃ a . r i . a
MOCIDADE	m o . s i . d a . d ʒ i
MOÇO	m o . s u
MODA	m o . d a
MODALIDADE	m o . d a . l i . d a . d ʒ i
MODELO	m o . d e . l u
MODERNIZAÇÃO	m o . d e r . n i . z a . s ã õ
MODERNIZAR	m o . d e r . n i . z a
MODERNO	m o . d e r . n u
MODÉSTIA	m o . d e s . t ʃ i . a
MODIFICAÇÃO	m o . d ʒ i . f i . k a . s ã õ
MODIFICAR	m o . d ʒ i . f i . k a
MODO	m o . d u
MÓDULO	m o . d u . l u
MOEDA	m o . e . d a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MOER	m o . e
MOINHO	m õ . ã . ɲ u
MOLA	m ɔ . l a
MOLDE	m o ʊ . dʒ ɪ
MOLE	m ɔ . l ɪ
MOLECADA	m o . l e . k a . d a
MOLECAGEM	m o . l e . k a . ʒ ẽ ɿ
MOLEQUE	m o . l e . k ɪ
MOLEZA	m o . l e . z a
MOLHADO	m o . ʎ a . d u
MOLHAR	m o . ʎ a
MOLHO	m o . ʎ u
MOMENTO	m õ . m ẽ ɿ . t u
MONOPÓLIO	m õ . n o . p ɔ . l ɪ u
MONSTRO	m õ s . t r u
MONTAGEM	m õ . t a . ʒ ẽ ɿ
MONTAR	m õ . t a
MONTE	m õ . tʃ ɪ
MONUMENTO	m õ . n ũ . m ẽ ɿ . t u
MORADIA	m o . r a . dʒ i . a
MORADOR	m o . r a . d o r
MORAL	m o . r a ʊ
MORANGA	m o . r ã . g a
MORAR	m o . r a
MORDOMIA	m o r . d õ . m i . a
MORENO	m o . r ẽ . n u
MORRER	m o . h e
MORRO	m o . h u
MORTALHA	m o r . t a . ʎ a
MORTALIDADE	m o r . t a . l i . d a . dʒ ɪ
MORTE	m ɔ r . tʃ ɪ
MORTEIRO	m o r . t e ɪ . r u
MORTO	m o r . t u
MOSCA	m o s . k a
MOSQUITO	m o s . k i . t u
MOSTRA	m ɔ s . t r a
MOSTRAR	m o s . t r a
MOTIVAÇÃO	m o . tʃ i . v a . s ã ʊ
MOTIVO	m o . tʃ i . v u
MOTO	m ɔ . t u
MOTOCICLETA	m o . t o . s i . k l e . t a
MOTOR	m o . t o r
MOTORISTA	m o . t o . r i s . t a
MÓVEL	m ɔ . v e ʊ
MOVIMENTAÇÃO	m o . v ẽ . m ẽ ɿ . t a . s ã ʊ
MOVIMENTADO	m o . v i . m ẽ ɿ . t a . d u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
MOVIMENTAR	m o . v ĩ . m ê ĩ . t a
MOVIMENTO	m o . v ĩ . m ê ĩ . t u
MUDA	m u . d a
MUDADO	m u . d a . d u
MUDANÇA	m u . d ã . s a
MUDAR	m u . d a
MUDO	m u . d u
MUITO	m ũ ĩ . t u
MULA	m u . l a
MULATO	m u . l a . t u
MULETA	m u . l e . t a
MULHER	m u . l e r
MULHERADA	m u . l e . r a . d a
MULTA	m u . t a
MULTIDÃO	m u . t s i . d ã ũ
MUNDIAL	m ũ . d ʒ i . a u
MUNDO	m ũ . d u
MUNICIPAL	m ũ . n i . s i . p a u
MUNICÍPIO	m ũ . n i . s i . p i u
MURO	m u . r u
MUSCULAR	m u s . k u . l a r
MUSEU	m u . z e u
MÚSICA	m u . z i . k a
MUSICAL	m u . z i . k a u
MÚSICO	m u . z i . k u
MUTIRÃO	m u . t s i . r ã ũ
NAÇÃO	n a . s ã ũ
NACIONAL	n a . s i o . n a u
NADA	n a . d a
NADAR	n a . d a
NAMORADO	n a . m o . r a . d u
NAMORAR	n a . m o . r a
NAMORO	n a . m o . r u
NÃO	n ã ũ
NARIZ	n a . r i s
NARRATIVA	n a . h a . t s i . v a
NASCER	n a . s e
NASCIMENTO	n a . s i . m ê ĩ . t u
NATA	n a . t a
NATAÇÃO	n a . t a . s ã ũ
NATAL	n a . t a u
NATALIDADE	n a . t a . l i . d a . d ʒ i
NATIVO	n a . t s i . v u
NATURAL	n a . t u . r a u
NATUREZA	n a . t u . r e . z a
NÁUTICO	n a u . t s i . k u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
NAVAL	na.vaʊ
NAVIO	na.viʊ
NEBLINA	ne.blĩ.na
NECESSÁRIO	ne.se.sa.rɪʊ
NECESSIDADE	ne.se.sĩ.da.dʒɪ
NECESSITADO	ne.se.sĩ.ta.dʊ
NEGAÇÃO	ne.ga.sãũ
NEGAR	ne.ga
NEGATIVO	ne.ga.tʃi.vʊ
NEGOCIAÇÃO	ne.go.sɪa.sãũ
NEGOCIANTE	ne.go.sɪã.tʃɪ
NEGOCIAR	ne.go.sɪ.a
NEGÓCIO	ne.gɔ.sɪʊ
NEGRO	ne.grʊ
NEM	nẽĩ
NENÊM	nẽ.nẽĩ
NENHUM	nẽ.jũ
NERVO	ner.vʊ
NERVOSISMO	ner.vo.zis.mu
NERVOSO	ner.vo.zʊ
NETO	ne.tʊ
NEUTRO	neʊ.trʊ
NEVE	ne.vɪ
NINGUÉM	nĩ.geĩ
NÍVEL	nĩ.veʊ
NÓ	nɔ
NOBRE	nɔ.brɪ
NOÇÃO	no.sãũ
NOITE	noɪ.tʃɪ
NOIVADO	noɪ.va.dʊ
NOIVO	noɪ.vʊ
NOJENTO	no.ʒẽĩ.tʊ
NOJO	no.ʒʊ
NOME	nõ.mi
NOMEAÇÃO	nõ.mɪa.sãũ
NOMINAL	nõ.mĩ.naʊ
NORA	nɔ.ra
NORMAL	nor.maʊ
NORMALIDADE	nor.ma.li.da.dʒɪ
NORTE	nɔr.tʃɪ
NÓS	nɔɪs
NOSSO	nɔ.sʊ
NOTA	nɔ.ta
NOTAR	no.ta
NOTÍCIA	no.tʃi.sɪa
NOTICIÁRIO	no.tʃi.sɪa.rɪʊ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
NOTURNO	n o . t u r . n u
NOVE	n o . v i
NOVECENTOS	n o . v e . s ê ĩ . t u s
NOVELA	n o . v e . l a
NOVEMBRO	n o . v ê ĩ . b r u
NOVENA	n o . v ê . n a
NOVENTA	n o . v ê ĩ . t a
NOVIDADE	n o . v i . d a . dʒ i
NOVO	n o . v u
NU	n u
NÚCLEO	n u . k l i u
NÚMERO	n ũ . m e . r u
NUNCA	n u . k a
NÚPCIAS	n u . p i . s i a s
OBEDECER	o . b e . d e . s e
OBJETIVO	o . b i . ʒ e . tʃ i . v u
OBJETO	o . b i . ʒ e . t u
OBRA	o . b r a
OBRIGAÇÃO	o . b r i . g a . s ã õ
OBRIGADO	o . b r i . g a . d u
OBRIGAR	o . b r i . g a
OBRIGATÓRIO	o . b r i . g a . t o . r i u
OBSERVAÇÃO	o . b i . s e r . v a . s ã õ
OBSERVAR	o . b i . s e r . v a
OBSTÁCULO	o . b i . s . t a . k u . l u
OBTER	o . b i . t e
ÓBVIO	o . b i . v i u
OCASIÃO	o . k a . z i . ã õ
OCIDENTAL	o . s i . d ê ĩ . t a u
OCO	o . k u
OCORRER	o . k o . h e
ÓCULOS	o . k u . l u s
OCUPAÇÃO	o . k u . p a . s ã õ
OCUPACIONAL	o . k u . p a . s i o . n a u
OCUPAR	o . k u . p a
ÓDIO	o . dʒ i u
OESTE	o . e s . tʃ i
OFENDER	o . f ê ĩ . d e
OFERECER	o . f e . r e . s e
OFERTA	o . f e r . t a
OFICIAL	o . f i . s i . a u
OFICINA	o . f i . s i . n a
OFÍCIO	o . f i . s i u
OITAVO	o i . t a . v u
OITENTA	o i . t ê ĩ . t a
OITO	o i . t u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
OITOCENTOS	o.ɪ.tɔ.sɛ̃ɪ.tʊs
OLARIA	o.la.ri.a
ÓLEO	ɔ.lɪu
OLHAR	o.ʎaɾ
OLHO	o.ʎu
OLÍMPICO	o.lĩ.pi.ku
OMBRO	õ.brʊ
OMISSÃO	õ.mi.sãũ
ONÇA	õ.sa
ONDA	õ.da
ONDE	õ.dʒɪ
ÔNIBUS	õ.ni.bus
ONTEM	õ.tẽĩ
ONZE	õ.zɪ
OPÇÃO	o.pi.sãũ
OPERAÇÃO	o.pe.ra.sãũ
OPERADOR	o.pe.ra.dɔɾ
OPERAR	o.pe.ra
OPERÁRIO	o.pe.ra.ri.u
OPINIÃO	o.pĩ.ni.ãũ
OPORTUNIDADE	o.pɔɾ.tu.ni.da.dʒɪ
OPOSIÇÃO	o.pɔ.zi.sãũ
OPOSTO	o.pɔs.tu
OPTAR	o.pi.ta
ORAÇÃO	o.ra.sãũ
ORAR	o.ra
ORÇAMENTO	oɾ.sa.mẽĩ.tu
ORDEM	ɔɾ.dẽĩ
ORDENADO	oɾ.dẽ.na.du
ORELHA	o.re.ʎa
ORGANISMO	oɾ.ga.nis.mu
ORGANIZAÇÃO	oɾ.ga.ni.za.sãũ
ORGANIZADO	oɾ.ga.nĩ.za.du
ORGANIZAR	oɾ.ga.nĩ.za
ÓRGÃO	ɔɾ.gãũ
ORGULHO	oɾ.gu.ʎu
ORIENTAÇÃO	o.ri.ẽĩ.ta.sãũ
ORIENTADO	o.ri.ẽĩ.ta.du
ORIENTADOR	o.ri.ẽĩ.ta.dɔɾ
ORIENTAL	o.ri.ẽĩ.ta.u
ORIENTAR	o.ri.ẽĩ.ta
ORIENTE	o.ri.ẽĩ.tʃɪ
ORIGEM	o.ri.ʒẽĩ
ORIGINAL	o.ri.ʒi.na.u
ORIGINALIDADE	o.ri.ʒĩ.na.li.da.dʒɪ
ORLA	ɔɾ.la

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
ORQUESTRA	o.r.kɐs.tɾa
OSSO	o.su
OTIMISTA	o.tʃĩ.mis.ta
ÓTIMO	o.tʃĩ.mu
OU	o.ʊ
OURO	o.ʊ.ru
OUTRO	o.ʊ.tɾu
OUTUBRO	o.ʊ.tu.bɾu
OUVIR	o.ʊ.vi
OVELHA	o.ve.ʎa
OVO	o.vu
OXIGÊNIO	o.ki.si.ʒẽ.nɪu
PÁ	pa
PACIÊNCIA	pa.si.ẽĩ.sɪa
PACIENTE	pa.si.ẽĩ.tʃɪ
PAÇOCA	pa.sɔ.ka
PACOTE	pa.kɔ.tʃɪ
PACTO	pa.ki.tu
PADARIA	pa.da.ri.a
PADEIRO	pa.deɪ.ru
PADRÃO	pa.drãũ
PADRE	pa.dɾɪ
PADRINHO	pa.drĩ.ɲũ
PADROEIRO	pa.dro.eɪ.ru
PAGAMENTO	pa.ga.mẽĩ.tu
PAGAR	pa.ga
PÁGINA	pa.ʒĩ.na
PAI	paɪ
PAINEL	paɪ.nɛʊ
PAIOL	paɪ.ɔʊ
PAIS	paɪs
PAÍS	pa.is
PAISAGEM	paɪ.za.ʒẽĩ
PAIXÃO	paɪ.fãũ
PALÁCIO	pa.la.sɪu
PALAVRA	pa.la.vɾa
PALCO	pa.ʊ.ku
PALESTRA	pa.lɛs.tɾa
PALETÓ	pa.le.tɔ
PALHA	pa.ʎa
PALHAÇADA	pa.ʎa.sa.da
PALHAÇO	pa.ʎa.su
PALHOÇA	pa.ʎɔ.sa
PALITO	pa.li.tu
PALMA	pa.ʊ.ma
PALMATÓRIA	pa.ʊ.ma.tɔ.ɾɪa

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PALMEIRA	pa.ʊ.me.ɪ.ra
PANDEIRO	pã.de.ɪ.ru
PANELA	pa.ne.la
PANIFICADORA	pa.ni.fi.ka.do.ra
PANO	pã.nu
PANTANAL	pã.ta.na.ʊ
PÃO	pãũ
PAPA	pa.pa
PAPAGAIO	pa.pa.ga.ɪ.ʊ
PAPAI	pa.pa.ɪ
PAPEL	pa.pe.ʊ
PAPELÃO	pa.pe.lãũ
PAPO	pa.pu
PAQUERA	pa.ke.ra
PAQUERAR	pa.ke.ra
PAR	par
PARA	pa.ra
PARABÉNS	pa.ra.bẽĩs
PARABÓLICA	pa.ra.bɔ.li.ka
PARADA	pa.ra.da
PARADO	pa.ra.du
PARADOXO	pa.ra.dɔ.ki.su
PARÁGRAFO	pa.ra.gra.fu
PARAÍSO	pa.ra.i.zu
PARALELEPÍPEDO	pa.ra.le.le.pi.pe.du
PARALELO	pa.ra.le.lu
PARALISIA	pa.ra.li.zi.a
PARÂMETRO	pa.rã.me.tru
PARAR	pa.ra
PARCELA	par.se.la
PARDO	par.du
PERDE	pa.re.dʒɪ
PARENTE	pa.rẽĩ.tʃɪ
PARENTESCO	pa.rẽĩ.tes.ku
PARÓQUIA	pa.rɔ.kɪ.a
PAROQUIAL	pa.ro.ki.a.ʊ
PARQUE	par.kɪ
PARREIRA	pa.he.ɪ.ra
PARREIRAL	pa.he.ɪ.ra.ʊ
PARTE	par.tʃɪ
PARTEIRA	par.te.ɪ.ra
PARTICIPAÇÃO	par.tʃi.si.pa.sãũ
PARTICIPANTE	par.tʃi.si.pã.tʃɪ
PARTICIPAR	par.tʃi.si.pa
PARTICULAR	par.tʃi.ku.lar
PARTIDA	par.tʃi.da

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PARTIDO	p a r . tʃ i . d u
PARTIR	p a r . tʃ i
PARTITURA	p a r . tʃ i . t u . r a
PARTO	p a r . t u
PÁSCOA	p a s . k ^w a
PASSADO	p a . s a . d u
PASSAGEIRO	p a . s a . ʒ e ĩ . r u
PASSAGEM	p a . s a . ʒ ê ĩ
PASSAPORTE	p a . s a . p o r . tʃ i
PASSAR	p a . s a
PÁSSARO	p a . s a . r u
PASSATEMPO	p a . s a . t ê ĩ . p u
PASSE	p a . s i
PASSEAR	p a . s i . a
PASSEATA	p a . s i . a . t a
PASSEIO	p a . s e ĩ . u
PASSO	p a . s u
PASTA	p a s . t a
PASTEL	p a s . t e u
PASTO	p a s . t u
PASTOR	p a s . t o r
PASTORAL	p a s . t o . r a u
PATA	p a . t a
PATERNIDADE	p a . t e r . n i . d a . dʒ i
PÁTIO	p a . tʃ ĩ u
PATO	p a . t u
PATRÃO	p a . t r ã õ
PÁTRIA	p a . t r ĩ a
PATRIMÔNIO	p a . t r ĩ . m õ . n ĩ u
PATROCÍNIO	p a . t r o . s ĩ . n ĩ u
PAU	p a u
PAUSA	p a u . z a
PAUTA	p a u . t a
PAVILHÃO	p a . v i . ɫ ã õ
PAVIMENTO	p a . v ĩ . m ê ĩ . t u
PAVOR	p a . v o r
PAZ	p a s
PÉ	p e
PEÃO	p i . ã õ
PEÇA	p e . s a
PECADO	p e . k a . d u
PECUÁRIA	p e . k ^w a . r ĩ a
PECUARISTA	p e . k ^w a . r i s . t a
PEDAÇO	p e . d a . s u
PEDÁGIO	p e . d a . ʒ i u
PEDIDO	p e . dʒ i . d u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PEDIR	p e . dʒ i
PEDRA	p e . d r a
PEDREIRA	p e . d r e i . r a
PEDREIRO	p e . d r e i . r u
PEGAR	p e . g a
PEITO	p e i . t u
PEIXE	p e i . ʃ i
PELADO	p e . l a . d u
PELE	p e . l i
PELO	p e . l u
PÊLO	p e . l u
PELÚCIA	p e . l u . s i a
PENA	p ê . n a
PENAL	p ê . n a u
PENEIRA	p ê . n e i . r a
PENITENCIÁRIA	p ê . n i . t ê i . s i . a . r i a
PENSAMENTO	p ê i . s a . m ê i . t u
PENSÃO	p ê i . s ã õ
PENSAR	p ê i . s a
PENTE	p ê i . t ʃ i
PENTEADO	p ê i . t ʃ i . a . d u
PENTEAR	p ê i . t ʃ i . a
PEPINO	p e . p i . n u
PEQUENO	p e . k ê . n u
PÊRA	p e . r a
PERANTE	p e . r ã . t ʃ i
PERCEBER	p e r . s e . b e
PERCENTUAL	p e r . s ê i . t u . a u
PERCEPÇÃO	p e r . s e . p i . s ã õ
PERCURSO	p e r . k u r . s u
PERDA	p e r . d a
PERDÃO	p e r . d ã õ
PERDER	p e r . d e
PERDIZ	p e r . d ʒ i s
PERDOAR	p e r . d o . a
PERFEIÇÃO	p e r . f e i . s ã õ
PERFEITO	p e r . f e i . t u
PERFIL	p e r . f i u
PERFUME	p e r . f ã . m i
PERGUNTA	p e r . g ã . t a
PERGUNTAR	p e r . g ã . t a
PERÍCIA	p e . r i . s i a
PERIFERIA	p e . r i . f e . r i . a
PERIGO	p e . r i . g u
PERIGOSO	p e . r i . g o . z u
PERÍMETRO	p e . r i . m e . t r u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PERÍODO	p e . r i . o . d u
PERMANECER	p e r . m a . n e . s e
PERMANENTE	p e r . m a . n e ĩ . tʃ ɪ
PERMISSÃO	p e r . m i . s ã õ
PERMITIR	p e r . m i . tʃ i
PERNA	p e r . n a
PERSEGUIÇÃO	p e r . s e . g i . s ã õ
PERSEGUIR	p e r . s e . g i
PERSONAGEM	p e r . s o . n a . ʒ e ĩ
PERSONALIDADE	p e r . s o . n a . l i . d a . dʒ ɪ
PERSPECTIVA	p e r s . p e . k i . tʃ i . v a
PERTO	p e r . t u
PERU	p e . r u
PESADELO	p e . z a . d e . l u
PESADO	p e . z a . d u
PESAR	p e . z a
PESCA	p e s . k a
PESCADOR	p e s . k a . d o r
PESCAR	p e s . k a
PESCARIA	p e s . k a . r i . a
PESCOÇO	p e s . k o . s u
PESO	p e . z u
PESQUISA	p e s . k i . z a
PESQUISADOR	p e s . k i . z a . d o r
PESQUISAR	p e s . k i . z a
PÊSSEGO	p e . s e . g u
PÉSSIMO	p e . s ĩ . m u
PESSOA	p e . s o . a
PESSOAL	p e . s o . a õ
PESTE	p e s . tʃ ɪ
PETRÓLEO	p e . t r o . l i u
PIA	p i . a
PIADA	p i . a . d a
PIANISTA	p ĩ ã . n i s . t a
PIANO	p i . ã . n u
PIÃO	p i . ã õ
PICADA	p i . k a . d a
PICOLÉ	p i . k o . l e
PIEDADE	p i e . d a . dʒ ɪ
PIFE	p i . f i
PIGARRO	p i . g a . h u
PILHA	p i . ʎ a
PILOTO	p i . l o . t u
PÍLULA	p i . l u . l a
PIMENTA	p ĩ . m e ĩ . t a
PIMENTÃO	p ĩ . m e ĩ . t ã õ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PINGA	pĩ.ɡa
PINHA	pĩ.ɲa
PINHÃO	pĩ.ɲãu
PINHEIRO	pĩ.ɲẽĩ.ru
PINHO	pĩ.ɲu
PINTA	pĩ.ta
PINTAR	pĩ.ta
PINTO	pĩ.tu
PINTOR	pĩ.tor
PINTURA	pĩ.tu.ra
PIONEIRO	pĩo.neĩ.ru
PIOR	pi.ɔr
PIORAR	pĩo.ra
PIPA	pi.pa
PIPOCA	pi.pɔ.ka
PIQUE	pi.kɪ
PIRÃO	pi.rãũ
PIRES	pi.rɪs
PISAR	pi.za
PISCINA	pi.sĩ.na
PISO	pi.zu
PISTA	pis.ta
PISTOLA	pis.tɔ.la
PIVÔ	pi.vo
PLACA	pla.ka
PLANALTO	pla.naũ.tu
PLANEJADO	pla.ne.ʒa.du
PLANEJAMENTO	pla.ne.ʒa.mẽĩ.tu
PLANEJAR	pla.ne.ʒa
PLANETA	pla.ne.ta
PLANO	plã.nũ
PLANTA	plã.ta
PLANTAÇÃO	plã.ta.sãũ
PLANTÃO	plã.tãũ
PLANTAR	plã.ta
PLANTIO	plã.tʃiũ
PLÁSTICO	plas.tʃi.ku
PLATÉIA	pla.teĩ.a
PLENO	plẽ.nu
PLUMA	plũ.ma
PÓ	pɔ
POBRE	pɔ.brɪ
POBREZA	pɔ.bre.za
POÇO	pɔ.su
PODA	pɔ.da
PODAR	pɔ.da

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PODER	p o . d e
PODEROSO	p o . d e . r o . z u
PODRE	p o . d r i
POEIRA	p o . e ĩ . r a
POEMA	p o . ĩ . m a
POESIA	p o . e . z i . a
POETA	p o . e . t a
POÉTICA	p o . e . tʃ i . k a
POIS	p o ĩ s
POLÊMICA	p o . l ĩ . m i . k a
POLENTA	p o . l ĩ ĩ . t a
POLÍCIA	p o . l i . s ĩ a
POLICIAL	p o . l i . s i . a u
POLICIAMENTO	p o . l i . s ĩ a . m ĩ ĩ . t u
POLICLÍNICA	p o . l i . k l ĩ . n i . k a
POLÍTICA	p o . l i . tʃ i . k a
POLÍTICO	p o . l i . tʃ i . k u
PÓLO	p o . l u
POLUIÇÃO	p o . l u i . s ã ũ
POLUÍDO	p o . l u . i . d u
PÓLVORA	p o u . v o . r a
POMADA	p õ . m a . d a
POMAR	p õ . m a
POMBA	p õ . b a
PONCHO	p õ . ʃ u
PONTA	p õ . t a
PONTADA	p õ . t a . d a
PONTAPÉ	p õ . t a . p e
PONTE	p õ . tʃ i
PONTO	p õ . t u
PONTUAÇÃO	p õ . t u a . s ã ũ
POPULAÇÃO	p o . p u . l a . s ã ũ
POPULAR	p o . p u . l a r
POR	p o
PORÃO	p o . r ã ũ
PORÇÃO	p o r . s ã ũ
PORCARIA	p o r . k a . r i . a
PORCENTAGEM	p o r . s ĩ ĩ . t a . ʒ ĩ ĩ
PORCO	p o r . k u
PORÉM	p o . r ĩ ĩ
PORQUE	p o r . k e
PORRE	p o . h i
PORTA	p o r . t a
PORTADOR	p o r . t a . d o r
PORTANTO	p o r . t ã . t u
PORTÃO	p o r . t ã ũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PORTARIA	p o r . t a . r i . a
PORTE	p o r . tʃ i
PORTEIRO	p o r . t e i . r u
PORTO	p o r . t u
POSAR	p o . z a
POSE	p o . z i
POSIÇÃO	p o . z i . s ã õ
POSITIVO	p o . z i . tʃ i . v u
POSSE	p o . s i
POSSIBILIDADE	p o . s i . b i . l i . d a . dʒ i
POSSÍVEL	p o . s i . v e u
POSTA	p o s . t a
POSTAL	p o s . t a u
POSTE	p o s . tʃ i
POSTERIOR	p o s . t e . r i . o r
POSTO	p o s . t u
POSTURA	p o s . t u . r a
POTÊNCIA	p o . t ê ã . s i a
POTENCIAL	p o . t ê ã . s i . a u
POUCO	p o u . k u
POUPANÇA	p o u . p ã . s a
POUSADA	p o u . z a . d a
POUSAR	p o u . z a
POUSO	p o u . z u
POVO	p o . v u
POVOADO	p o . v o . a . d u
PRAÇA	p r a . s a
PRAIA	p r a i . a
PRATA	p r a . t a
PRATELEIRA	p r a . t e . l e i . r a
PRÁTICA	p r a . tʃ i . k a
PRATICANTE	p r a . tʃ i . k ã . tʃ i
PRATICAR	p r a . tʃ i . k a
PRÁTICO	p r a . tʃ i . k u
PRATO	p r a . t u
PRAZER	p r a . z e r
PRAZO	p r a . z u
PRECÁRIO	p r e . k a . r i u
PRECE	p r e . s i
PRECISÃO	p r e . s i . z ã õ
PRECISAR	p r e . s i . z a
PRECISO	p r e . s i . z u
PREÇO	p r e . s u
PRECONCEITO	p r e . k õ . s e i . t u
PREDICADO	p r e . dʒ i . k a . d u
PREDILETO	p r e . dʒ i . l e . t u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PRÉDIO	prɛ.dʒi <u>u</u>
PREENCHER	prẽĩ.ʃe
PREFÁCIO	prɛ.fa.s <u>i</u> u
PREFEITO	prɛ.fe <u>i</u> .tu
PREFEITURA	prɛ.fe <u>i</u> .tu.ra
PREFERÊNCIA	prɛ.fe.rẽĩ.s <u>i</u> a
PREFERIDO	prɛ.fe.ri.d <u>u</u>
PREFERÍVEL	prɛ.fe.ri.ve <u>u</u>
PREGA	prɛ.ga
PREGAR	prɛ.ga
PREGO	prɛ.g <u>u</u>
PREGUIÇA	prɛ.gi.s <u>a</u>
PREJUDICAR	prɛ.ʒu.dʒi.k <u>a</u>
PREJUDICIAL	prɛ.ʒu.dʒi.s <u>i</u> .a <u>u</u>
PREJUÍZO	prɛ.ʒu.i.z <u>u</u>
PRÊMIO	prẽ.m <u>i</u> u
PRENDA	prẽĩ.da
PRENDER	prẽĩ.de
PREOCUPAÇÃO	prɛ <u>u</u> .ku.pa.sãũ
PREOCUPADO	prɛ <u>u</u> .ku.pa.d <u>u</u>
PREOCUPAR	prɛ <u>u</u> .ku.pa
PREPARAÇÃO	prɛ.pa.ra.sãũ
PREPARAR	prɛ.pa.ra
PREPARO	prɛ.pa.r <u>u</u>
PREPOSIÇÃO	prɛ.po.zi.sãũ
PRESA	prɛ.za
PRESENÇA	prɛ.zẽĩ.s <u>a</u>
PRESENTE	prɛ.zẽĩ.ʃ <u>i</u>
PRESÉPIO	prɛ.zɛ.p <u>i</u> u
PRESERVAÇÃO	prɛ.zer.va.sãũ
PRESERVADO	prɛ.zer.va.d <u>u</u>
PRESERVAR	prɛ.zer.va
PRESIDÊNCIA	prɛ.zi.dẽĩ.s <u>i</u> a
PRESIDENTE	prɛ.zi.dẽĩ.ʃ <u>i</u>
PRESÍDIO	prɛ.zi.dʒi <u>u</u>
PRESO	prɛ.z <u>u</u>
PRESSA	prɛ.sa
PRESSÃO	prɛ.sãũ
PRESSIONAR	prɛ.s <u>i</u> o.na
PRESTAÇÃO	pres.ta.sãũ
PRESTAR	pres.ta
PRESTÍGIO	pres.ʃi.ʒi <u>u</u>
PRESUNTO	prɛ.zũ.t <u>u</u>
PRETENSÃO	prɛ.tẽĩ.sãũ
PRETO	prɛ.t <u>u</u>
PREVENÇÃO	prɛ.vẽĩ.sãũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PREVENIR	pre.vĩ.ni
PREVIDÊNCIA	pre.vi.dẽĩ.sɿa
PREVISÃO	pre.vi.zãũ
PREVISTO	pre.vis.tu
PRIMÁRIO	prĩ.ma.rɿu
PRIMAVERA	prĩ.ma.vɛ.ra
PRIMEIRO	prĩ.meɿ.ru
PRIMO	prĩ.mu
PRINCIPAL	prĩ.si.paũ
PRÍNCIPE	prĩ.si.pɿ
PRINCÍPIO	prĩ.si.pɿu
PRIORIDADE	prɿo.ri.da.dʒɿ
PRISÃO	prɿ.zãũ
PRIVATIZAÇÃO	prɿ.va.tʃi.za.sãũ
PRIVATIZAR	prɿ.va.tʃi.za
PRIVILÉGIO	prɿ.vi.le.ʒɿu
PROBABILIDADE	pro.ba.bi.li.da.dʒɿ
PROBLEMA	pro.blẽ.ma
PROBLEMÁTICA	pro.blẽ.ma.tʃi.ka
PROCEDÊNCIA	pro.se.dẽĩ.sɿa
PROCESSAMENTO	pro.se.sa.mẽĩ.tu
PROCESSO	pro.se.su
PROCISSÃO	pro.si.sãũ
PROCURA	pro.ku.ra
PROCURAR	pro.ku.ra
PRODUÇÃO	pro.du.sãũ
PRODUTO	pro.du.tu
PRODUTOR	pro.du.tor
PRODUZIR	pro.du.zi
PROFESSOR	pro.fe.sor
PROFETA	pro.fe.ta
PROFISSÃO	pro.fi.sãũ
PROFISSIONAL	pro.fi.sɿo.naũ
PROFUNDIDADE	pro.fũ.dʒi.da.dʒɿ
PROFUNDO	pro.fũ.du
PROGRAMA	pro.grã.ma
PROGRAMAÇÃO	pro.gra.ma.sãũ
PROGRAMADO	pro.gra.ma.du
PROGRAMADOR	pro.gra.ma.dor
PROGRAMAR	pro.gra.ma
PROGREDIR	pro.gre.dʒɿ
PROGRESSO	pro.gre.su
PROIBIDO	proɿ.bi.du
PROIBIR	proɿ.bi
PROJETO	pro.ʒɛ.tu
PROLETARIADO	pro.le.ta.rɿa.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PROMESSA	prõ.mɛ.sə
PROMETER	prõ.me.te
PROMOÇÃO	prõ.mo.sãũ
PROMOTOR	prõ.mo.tor
PROMOVER	prõ.mo.ve
PRONTO	prõ.tu
PRONÚNCIA	prõ.nũ.sɿa
PRONUNCIAR	prõ.nũ.sɿ.a
PROPAGANDA	pro.pa.gã.da
PROPORÇÃO	pro.por.sãũ
PROPORCIONAL	pro.por.sɿo.naũ
PROPORCIONAR	pro.por.sɿo.na
PROPÓSITO	pro.pɔ.zi.tu
PROPOSTA	pro.pɔs.ta
PROPRIEDADE	pro.pri.e.da.dʒɪ
PROPRIETÁRIO	pro.pri.e.ta.rɿu
PRÓPRIO	prɔ.priu
PROSA	prɔ.za
PROSTITUIÇÃO	pros.tʃi.tuɿ.sãũ
PROTEÇÃO	pro.te.sãũ
PROTEGER	pro.te.ʒe
PRÓTESE	prɔ.te.zɪ
PROTESTANTE	pro.tes.tã.tʃɪ
PROTETOR	pro.te.tor
PROTOCOLO	pro.to.kɔ.lu
PROVA	prɔ.va
PROVAR	pro.va
PROVÁVEL	pro.va.veũ
PROVEITO	pro.veɿ.tu
PROVIDÊNCIA	pro.vi.dẽĩ.sɿa
PROVÍNCIA	pro.vĩ.sɿa
PROVOCAR	pro.vo.ka
PROXIMIDADE	pro.sĩ.mi.da.dʒɪ
PRÓXIMO	prɔ.sĩ.mu
PRUDENTE	pru.dẽĩ.tʃɪ
PUBLICAÇÃO	pu.bli.ka.sãũ
PUBLICIDADE	pu.bli.si.da.dʒɪ
PÚBLICO	pu.bli.ku
PUDIM	pu.dʒĩ
PULAR	pu.la
PULMÃO	pũ.mãũ
PULO	pu.lu
PULSEIRA	pu.seɿ.ra
PULSO	pu.su
PUNIÇÃO	pũ.ni.sãũ
PUNIR	pũ.ni

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
PURÊ	p u . r e
PURO	p u . r u
PUXAR	p u . ʃ a
QUADRA	k ^w a . d r a
QUADRADO	k ^w a . d r a . d u
QUADRINHOS	k ^w a . d r i . ɲ u s
QUADRO	k ^w a . d r u
QUAL	k ^w a ʊ
QUALIDADE	k ^w a . l i . d a . dʒ ɪ
QUALQUER	k ^w a ʊ . k e r
QUANDO	k ^w ã . d u
QUANTIA	k ^w ã . tʃ i . a
QUANTIDADE	k ^w ã . tʃ i . d a . dʒ ɪ
QUANTO	k ^w ã . t u
QUARENTA	k ^w a . r eĩ . t a
QUARESMA	k ^w a . r e s . m a
QUARTEIRÃO	k ^w a r . t e ĩ . r ã ʊ
QUARTEL	k ^w a r . t e ʊ
QUARTO	k ^w a r . t u
QUASE	k ^w a . z ɪ
QUATRO	k ^w a . t r u
QUE	k e
QUEBRA	k e . b r a
QUEBRAR	k e . b r a
QUEDA	k e . d a
QUEIJO	k e ĩ . ʒ u
QUEIMADA	k e ĩ . m a . d a
QUEIMADURA	k e ĩ . m a . d u . r a
QUEIMAR	k e ĩ . m a
QUEIXA	k e ĩ . ʃ a
QUEIXAR	k e ĩ . ʃ a
QUEIXO	k e ĩ . ʃ u
QUEM	k e ĩ
QUENTÃO	k e ĩ . t ã ʊ
QUENTE	k e ĩ . tʃ ɪ
QUERER	k e . r e
QUERIDO	k e . r i . d u
QUERMESSE	k e r . m e . s ɪ
QUEROSENE	k e . r o . z eĩ . n ɪ
QUESTÃO	k e s . t ã ʊ
QUESTIONAR	k e s . tʃ ĩ o . n a
QUIETO	k ĩ e . t u
QUILO	k i . l u
QUILÔMETRO	k i . l õ . m e . t r u
QUÍMICA	k ĩ . m i . k a
QUÍMICO	k ĩ . m i . k u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
QUINA	kĩ.na
QUINHENTOS	kĩ.ɲẽĩ.tus
QUINTAL	kĩ.taʊ
QUINTO	kĩ.tu
QUINZE	kĩ.zɪ
QUOTA	kʷɔ.ta
RÃ	hã
RABO	ha.bu
RAÇA	ha.sa
RAÇÃO	ha.sãũ
RACIAL	ha.si.aʊ
RACIOCÍNIO	ha.sɪo.sĩ.nɪu
RACISMO	ha.sis.mu
RADICAL	ha.dʒi.kaʊ
RÁDIO	ha.dʒiʊ
RAIA	haɪ.a
RAINHA	ha.ĩ.ɲa
RAIO	haɪ.u
RAIVA	haɪ.va
RAIZ	ha.is
RALADO	ha.la.du
RAMAL	ha.maʊ
RAMO	hã.mu
RANCHO	hã.fu
RAPADURA	ha.pa.du.ra
RAPAZ	ha.paɪs
RAPIDEZ	ha.pi.deɪs
RÁPIDO	ha.pi.du
RARO	ha.ru
RASO	ha.zu
RASTEIRA	ha.s.teɪ.ra
RASTRO	ha.s.tru
RATO	ha.tu
RAZÃO	ha.zãũ
RAZOÁVEL	ha.zo.a.veʊ
REAÇÃO	he.a.sãũ
REAGIR	he.a.ʒi
REAJUSTE	he.a.ʒus.tʃɪ
REAL	he.aʊ
REALIDADE	he.a.li.da.dʒɪ
REALISMO	he.a.lis.mu
REALISTA	he.a.lis.ta
REALIZAÇÃO	he.a.li.za.sãũ
REALIZADO	he.a.li.za.du
REALIZAR	he.a.li.za
RECADO	he.ka.du

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
RECEBER	h e . s e . b e
RECEIO	h e . s e ɪ . u
RECEITA	h e . s e ɪ . t a
RECENTE	h e . s ẽ ɪ . tʃ ɪ
RECEPÇÃO	h e . s e . p i . s ã ʊ
RECESSÃO	h e . s e . s ã ʊ
RECHEADO	h e . ʃ e . a . d u
RECHEIO	h e . ʃ e ɪ . u
RECIBO	h e . s i . b u
RECICLAGEM	h e . s i . k l a . ʒ ẽ ɪ
RECLAMAÇÃO	h e . k l a . m a . s ã ʊ
RECLAMAR	h e . k l a . m a
RECOLHER	h e . k o . ʎ e
RECOMPENSA	h e . k õ . p ẽ ɪ . s a
RECONHECER	h e . k õ . ɲ e . s e
RECONSTRUÇÃO	h e . k õ s . t r u . s ã ʊ
RECORDAÇÃO	h e . k o r . d a . s ã ʊ
RECORDAR	h e . k o r . d a
RECORRER	h e . k o . h e
RECREAÇÃO	h e . k r ɪ a . s ã ʊ
RECREIO	h e . k r e ɪ . u
RECUPERAÇÃO	h e . k u . p e . r a . s ã ʊ
RECUPERAR	h e . k u . p e . r a
RECURSO	h e . k u r . s u
REDAÇÃO	h e . d a . s ã ʊ
REDE	h e . d ʒ ɪ
REDENÇÃO	h e . d ẽ ɪ . s ã ʊ
REDONDEZA	h e . d õ . d e . z a
REDONDO	h e . d õ . d u
REDOR	h e . d o r
REDUÇÃO	h e . d u . s ã ʊ
REDUTO	h e . d u . t u
REDUZIDO	h e . d u . z i . d u
REDUZIR	h e . d u . z i
REENCARNAÇÃO	h ẽ ɪ . k a r . n a . s ã ʊ
REFEIÇÃO	h e . f e ɪ . s ã ʊ
REFEITÓRIO	h e . f e ɪ . t o . r ɪ u
REFERÊNCIA	h e . f e . r ẽ ɪ . s ɪ a
REFERENTE	h e . f e . r ẽ ɪ . tʃ ɪ
REFINARIA	h e . f ɪ . n a . r i . a
REFLETIR	h e . f l e . tʃ i
REFLEXÃO	h e . f l e . k i . s ã ʊ
REFLEXO	h e . f l e . k i . s u
REFORÇADO	h e . f o r . s a . d u
REFORÇO	h e . f o r . s u
REFORMA	h e . f o r . m a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
REFORMAR	h e . f o r . m a
REFRIGERANTE	h e . f r i . ʒ e . r ã . tʃ i
REGALIA	h e . g a . l i . a
REGENTE	h e . ʒ ê ã . tʃ i
REGIÃO	h e . ʒ i . ã õ
REGIME	h e . ʒ î . m i
REGIMENTO	h e . ʒ î . m ê ã . t u
REGIONAL	h e . ʒ i o . n a u
REGISTRAR	h e . ʒ i s . t r a
REGISTRO	h e . ʒ i s . t r u
REGRA	h e . g r a
RÉGUA	h e . g ^w a
REGUADA	h e . g ^w a . d a
REGULAMENTO	h e . g u . l a . m ê ã . t u
REGULAR	h e . g u . l a
REI	h e i
REINO	h e i . n u
REITOR	h e i . t o r
REITORIA	h e i . t o . r i . a
REIVINDICAR	h e i . v ã . dʒ i . k a
RELAÇÃO	h e . l a . s ã õ
RELACIONAMENTO	h e . l a . s i o . n a . m ê ã . t u
RELACIONAR	h e . l a . s i o . n a
RELATAR	h e . l a . t a
RELATIVO	h e . l a . tʃ i . v u
RELATÓRIO	h e . l a . t o . r i u
RELEMBRAR	h e . l ê ã . b r a
RELHO	h e . ʎ u
RELIGIÃO	h e . l i . g i . ã õ
RELIGIOSO	h e . l i . ʒ i . o . z u
RELÓGIO	h e . l o . ʒ i u
REMÉDIO	h ê . m e . dʒ i u
REMO	h ê . m u
REMUNERAÇÃO	h ê . m ã . n e . r a . s ã õ
REMUNERADO	h ê . m ã . n e . r a . d u
RENDA	h ê ã . d a
RENDER	h ê ã . d e
RENDIMENTO	h ê ã . dʒ î . m ê ã . t u
RENOVAÇÃO	h ê . n o . v a . s ã õ
RENOVAR	h ê . n o . v a
REPARTIÇÃO	h e . p a r . tʃ i . s ã õ
REPARTIR	h e . p a r . tʃ i
REPASSAR	h e . p a . s a
REPENTE	h e . p e ã . tʃ i
REPERCUSSÃO	h e . p e r . k u . s ã õ
REPETIR	h e . p e . tʃ i

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
REPOLHO	h e . p o . ʎ u
REPOR	h e . p o
REPORTAGEM	h e . p o r . t a . ʒ ẽĩ
REPÓRTER	h e . p o r . t e r
REPOUSO	h e . p o ʊ . z u
REPRESA	h e . p r e . z a
REPRESENTAÇÃO	h e . p r e . z ẽĩ . t a . s ã ʊ
REPRESENTANTE	h e . p r e . z ẽĩ . t ấ . tʃ ɪ
REPRESENTAR	h e . p r e . z ẽĩ . t a
REPRESSÃO	h e . p r e . s ấ ʊ
REPRODUZIR	h e . p r o . d u . z i
REPÚBLICA	h e . p u . b l i . k a
REQUEIJÃO	h e . k e ɪ . ʒ ấ ʊ
REQUERER	h e . k e . r e
REQUERIMENTO	h e . k e . r ỹ . m ẽĩ . t u
REQUIÃO	h e . k i . ấ ʊ
RESERVA	h e . z e r . v a
RESERVADO	h e . z e r . v a . d u
RESERVISTA	h e . z e r . v i s . t a
RESFRIADO	h e s . f r i . a . d u
RESGATAR	h e s . g a . t a
RESIDÊNCIA	h e . z i . d ẽĩ . s ɪ a
RESIDENCIAL	h e . z i . d ẽĩ . s ɪ . a ʊ
RESINA	h e . z ỹ . n a
RESISTÊNCIA	h e . z i s . t ẽĩ . s ɪ a
RESISTENTE	h e . z i s . t ẽĩ . tʃ ɪ
RESOLVER	h e . z o ʊ . v e
RESPALDO	h e s . p a ʊ . d u
RESPEITADO	h e s . p e ɪ . t a . d u
RESPEITAR	h e s . p e ɪ . t a
RESPEITO	h e s . p e ɪ . t u
RESPONDER	h e s . p õ . d e
RESPONSÁVEL	h e s . p õ . s a . v e ʊ
RESPOSTA	h e s . p ɔ s . t a
RESTANTE	h e s . t ấ . tʃ ɪ
RESTAURAÇÃO	h e s . t a ʊ . r a . s ã ʊ
RESTAURANTE	h e s . t a ʊ . r ấ . tʃ ɪ
RESTO	h e s . t u
RESTRITO	h e s . t r i . t u
RESULTADO	h e . z u . t a . d u
RESUMO	h e . z ỹ . m u
RETA	h e . t a
RETARDO	h e . t a . d u
RETIRADA	h e . tʃ i . r a . d a
RETIRANTE	h e . tʃ i . r ấ . tʃ ɪ
RETIRAR	h e . tʃ i . r a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
RETIRO	h e . tʃ i . r u
RETO	h e . t u
RETORNAR	h e . t o r . n a
RETORNO	h e . t o r . n u
RETRASADO	h e . t r a . z a . d u
RETRATO	h e . t r a . t u
REUMATISMO	h e ʊ . m a . tʃ i s . m u
REUNIÃO	h e ʊ . n i . ã ʊ
REUNIR	h e ʊ . n i
REVELAÇÃO	h e . v e . l a . s ã ʊ
REVER	h e . v e
REVISÃO	h e . v i . z ã ʊ
REVISTA	h e . v i s . t a
REVISTAR	h e . v i s . t a
REVOLTA	h e . v o ʊ . t a
REVOLTADO	h e . v o ʊ . t a . d u
REVOLUÇÃO	h e . v o . l u . s ã ʊ
REVOLUCIONÁRIO	h e . v o . l u . s i o . n a . r i u
REVÓLVER	h e . v o ʊ . v e r
REZAR	h e . z a
RIACHO	h i . a . ʃ u
RIBEIRÃO	h i . b e i . r ã ʊ
RICO	h i . k u
RIDÍCULO	h i . dʒ i . k u . l u
RIFA	h i . f a
RIGIDEZ	h i . ʒ i . d e s
RÍGIDO	h i . ʒ i . d u
RIGOR	h i . g o r
RIGOROSO	h i . g o . r o . z u
RIJO	h i . ʒ u
RIM	h i
RIMA	h i . m a
RIO	h i ʊ
RIQUEZA	h i . k e . z a
RIR	h i
RISADA	h i . z a . d a
RISCO	h i s . k u
RISO	h i . z u
RITMO	h i . tʃ i . m u
RITO	h i . t u
RITUAL	h i . t u . a ʊ
RIVALIDADE	h i . v a . l i . d a . dʒ i
ROÇA	h o . s a
ROCHA	h o . ʃ a
RODA	h o . d a
RODAR	h o . d a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
RODEIO	h o . d e ĩ . u
RODÍZIO	h o . dʒ i . z ĩ u
RODOVIA	h o . d o . v i . a
RODOVIÁRIA	h o . d o . v i . a . r ĩ a
RODOVIÁRIO	h o . d o . v i . a . r ĩ u
ROLAMENTO	h o . l a . m ê ĩ . t u
ROLAR	h o . l a
ROLETA	h o . l e . t a
ROLO	h o . l u
ROMANCE	h õ . m ã . s ĩ
ROMÂNTICO	h õ . m ã . tʃ i . k u
ROMANTISMO	h õ . m ã . tʃ i s . m u
ROMARIA	h õ . m a . r i . a
ROMBO	h õ . b u
ROMPER	h õ . p e
RONDA	h õ . d a
ROSA	h ɔ . z a
ROSÁRIO	h o . z a . r ĩ u
ROSCA	h o s . k a
ROSTO	h o s . t u
ROTA	h ɔ . t a
ROTEIRO	h o . t e ĩ . r u
ROTINA	h o . tʃ i . n a
ROUBAR	h o ũ . b a
ROUBO	h o ũ . b u
ROUPA	h o ũ . p a
ROXO	h o . ʃ u
RUA	h u . a
RUÍDO	h u . i . d u
RUIM	h u . ĩ
RUMO	h ã . m u
RURAL	h u . r a ũ
SÁBADO	s a . b a . d u
SABÃO	s a . b ã ũ
SABEDORIA	s a . b e . d o . r i . a
SABER	s a . b e
SABIÁ	s a . b i . a
SABIDO	s a . b i . d u
SABONETE	s a . b õ . n e . tʃ ĩ
SABOR	s a . b o r
SACANAGEM	s a . k a . n a . ʒ ĩ ĩ
SACO	s a . k u
SACOLA	s a . k ɔ . l a
SACRAMENTO	s a . k r a . m ê ĩ . t u
SACRIFICAR	s a . k r i . f i . k a
SACRIFÍCIO	s a . k r i . f i . s ĩ u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SADIO	s a . dʒ i ʊ
SAFADEZA	s a . f a . d e . z a
SAFRA	s a . f r a
SAGRADO	s a . g r a . d u
SAGU	s a . g u
SAGÜI	s a . g ^w i
SAIA	s a ɪ . a
SAÍDA	s a . i . d a
SAIR	s a . i
SAL	s a ʊ
SALA	s a . l a
SALADA	s a . l a . d a
SALAME	s a . l ã . m ɪ
SALÃO	s a . l ã ʊ
SALARIAL	s a . l a . r i . a ʊ
SALÁRIO	s a . l a . r i ʊ
SALDO	s a ʊ . d u
SALGADO	s a ʊ . g a . d u
SALGAR	s a ʊ . g a
SALIVA	s a . l i . v a
SALSA	s a ʊ . s a
SALSICHA	s a ʊ . s i . ʃ a
SALTO	s a ʊ . t u
SALVAÇÃO	s a ʊ . v a . s ã ʊ
SALVAR	s a ʊ . v a
SALVO	s a ʊ . v u
SAMBA	s ã . b a
SANDÁLIA	s ã . d a . l ɪ a
SANDUÍCHE	s ã . d u . i . ʃ ɪ
SANEAMENTO	s a . n ɪ a . m ê ɪ . t u
SANFONA	s ã . f õ . n a
SANGUE	s ã . g ɪ
SANITÁRIO	s ã . n i . t a . r i ʊ
SANTO	s ã . t u
SAPATARIA	s a . p a . t a . r i . a
SAPATEIRO	s a . p a . t e ɪ . r u
SAPATO	s a . p a . t u
SAPECA	s a . p e . k a
SAPECADA	s a . p e . k a . d a
SARAMPO	s a . r ã . p u
SARAU	s a . r a ʊ
SARDINHA	s a r . dʒ ã . ɲ a
SARGENTO	s a r . ʒ ê ɪ . t u
SARRO	s a . h u
SATISFAÇÃO	s a . tʃ i s . f a . s ã ʊ
SATISFATÓRIO	s a . tʃ i s . f a . t o . r i ʊ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SATISFAZER	s a . tʃ i s . f a . z e
SATISFEITO	s a . tʃ i s . f e ĩ . t u
SAUDADE	s a ũ . d a . dʒ i
SAUDÁVEL	s a ũ . d a . v e ũ
SAÚDE	s a . u . dʒ i
SAUNA	s a ũ . n a
SECA	s e . k a
SEÇÃO	s e . s ã ũ
SECAR	s e . k a
SECO	s e . k u
SECRETARIA	s e . k r e . t a . r i . a
SECRETARIADO	s e . k r e . t a . r i ĩ . d u
SECRETÁRIO	s e . k r e . t a . r i ũ
SECRETO	s e . k r e . t u
SÉCULO	s e . k u . l u
SECUNDÁRIO	s e . k ũ . d a . r i ũ
SEDA	s e . d a
SEDE	s e . dʒ i
SEGMENTO	s e . g ĩ . m e ĩ . t u
SEGREDO	s e . g r e . d u
SEGUINTE	s e . g ĩ . tʃ i
SEGUIR	s e . g i
SEGUNDO	s e . g ũ . d u
SEGURANÇA	s e . g u . r ã . s a
SEGURAR	s e . g u . r a
SEGURO	s e . g u . r u
SEIO	s e ĩ . u
SEISCENTOS	s e ĩ . s e ĩ . t u s
SEITA	s e ĩ . t a
SELANTE	s e . l ã . tʃ i
SELEÇÃO	s e . l e . s ã ũ
SELECIONAR	s e . l e . s i o . n a
SELO	s e . l u
SELVA	s e ũ . v a
SEM	s e ĩ
SEMANA	s e . m ã . n a
SEMÂNTICA	s e . m ã . tʃ i . k a
SEMÂNTICO	s e . m ã . tʃ i . k u
SEMELHANÇA	s e . m e . l ã . s a
SEMELHANTE	s e . m e . l ã . tʃ i
SEMENTE	s e . m e ĩ . tʃ i
SEMESTRE	s e . m e s . t r i
SEMINÁRIO	s e . m i . n a . r i ũ
SEMPRE	s e ĩ . p r i
SENA	s e . n a
SENADO	s e . n a . d u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SENADOR	sẽ.na.dor
SENÃO	sẽ.nãũ
SENHOR	sẽĩ.jor
SENSAÇÃO	sẽĩ.sa.sãũ
SENSIBILIDADE	sẽĩ.si.bi.li.da.dʒɪ
SENSÍVEL	sẽĩ.si.veʊ
SENSO	sẽĩ.su
SENTAR	sẽĩ.ta
SENTENÇA	sẽĩ.tẽĩ.sa
SENTIDO	sẽĩ.tʃi.du
SENTIMENTO	sẽĩ.tʃĩ.mẽĩ.tu
SENTIR	sẽĩ.tʃi
SEPARAÇÃO	se.pa.ra.sãũ
SEPARADO	se.pa.ra.du
SEPARAR	se.pa.ra
SEPARATISMO	se.pa.ra.tʃis.mu
SEQUÊNCIA	se.k ^w ẽĩ.sɪa
SEQUER	se.kɛr
SEQÜESTRO	se.k ^w ɛs.tru
SER	se
SERENATA	se.rẽ.na.ta
SERESTA	se.res.ta
SERIADO	se.ri.a.du
SÉRIE	se.ri
SERIEDADE	se.ri.e.da.dʒɪ
SÉRIO	se.riʊ
SERMÃO	ser.mãũ
SERPENTINA	ser.pẽĩ.tʃĩ.na
SERRA	se.ha
SERRAGEM	se.ha.ʒẽĩ
SERRANO	se.hã.nu
SERRARIA	se.ha.ri.a
SERTÃO	ser.tãũ
SERVENTE	ser.vẽĩ.tʃɪ
SERVIÇO	ser.vi.su
SERVIR	ser.vi
SESSÃO	se.sãũ
SESSENTA	se.sẽĩ.ta
SETE	se.tʃɪ
SETECENTOS	se.te.sẽĩ.tus
SETEMBRO	se.tẽĩ.brɪ
SETENTA	se.tẽĩ.ta
SÉTIMO	se.tʃi.mu
SETOR	se.tor
SEU	seʊ
SEVERO	se.vɛ.rɪ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SEXO	sɛ.ki.su
SEXTO	sɛ.s.tu
SIGLA	si.gla
SIGNIFICAÇÃO	si.gĩ.ni.fi.ka.sãũ
SIGNIFICADO	si.gĩ.ni.fi.ka.du
SIGNO	si.gĩ.nu
SÍLABA	si.la.ba
SILÊNCIO	si.lẽĩ.sɪu
SIM	sĩ
SIMBÓLICO	sĩ.bo.li.ku
SIMBOLISTA	sĩ.bo.lis.ta
SÍMBOLO	sĩ.bo.lu
SIMPATIA	sĩ.pa.tʃi.a
SIMPLES	sĩ.plis
SINAL	sĩ.na.u
SINALEIRA	sĩ.na.leɪ.ra
SINCERO	sĩ.sɛ.ru
SINDICATO	sĩ.dʒi.ka.tu
SÍNDROME	sĩ.drõ.mi
SINISTRO	sĩ.nis.tru
SINO	sĩ.nu
SINÔNIMO	sĩ.nõ.nĩ.mu
SINTAGMA	sĩ.ta.gĩ.ma
SINTÁTICO	sĩ.ta.tʃi.ku
SINTAXE	sĩ.ta.sɪ
SÍNTESE	sĩ.te.zɪ
SINTOMA	sĩ.tõ.ma
SINUCA	sĩ.nu.ka
SINUSITE	sĩ.nu.zi.tʃɪ
SIRENE	si.rẽ.nɪ
SIRI	si.rɪ
SIRIGÜELA	si.ri.g ^w ɛ.la
SISTEMA	sis.tẽ.ma
SÍTIO	si.tʃi.u
SITUAÇÃO	si.tu.a.sãũ
SÓ	sɔ
SOBRA	sɔ.bra
SOBRADO	sɔ.bra.du
SOBRAR	sɔ.bra
SOBREMESA	sɔ.brẽ.me.za
SOBRENATURAL	sɔ.brẽ.na.tu.ra.u
SOBRENOME	sɔ.brẽ.nõ.mi
SOBRETUDO	sɔ.bre.tu.du
SOBREVIVÊNCIA	sɔ.bre.vi.vẽĩ.sɪa
SOBREVIVER	sɔ.bre.vi.ve
SOBRINHO	sɔ.brĩ.ɲu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SOCIAL	s o . s i . a u
SOCIALISTA	s o . s i a . l i s . t a
SOCIEDADE	s o . s i e . d a . dʒ i
SÓCIO	s o . s i u
SOCO	s o . k u
SOCORRER	s o . k o . h e
SOFÁ	s o . f a
SOFISTICADO	s o . f i s . tʃ i . k a . d u
SOFRER	s o . f r e
SOFRIMENTO	s o . f r ĩ . m eĩ̃ . t u
SOGRO	s o . g r u
SOJA	s o . ʒ a
SOL	s o u
SOLDA	s o u . d a
SOLDADO	s o u . d a . d u
SOLENIIDADE	s o . l ẽ . n i . d a . dʒ i
SOLIDÃO	s o . l i . d ã u
SOLIDARIEDADE	s o . l i . d a . r i e . d a . dʒ i
SOLO	s o . l u
SOLTAR	s o u . t a
SOLTEIRO	s o u . t e i . r u
SOLTO	s o u . t u
SOLUÇÃO	s o . l u . s ã u
SOLUCIONAR	s o . l u . s i o . n a
SOM	s õ
SOMA	s õ . m a
SOMAR	s õ . m a
SOMBRA	s õ . b r a
SOMENTE	s õ . m eĩ̃ . tʃ i
SONDA	s õ . d a
SONETO	s õ . n e . t u
SONHAR	s õ . n a
SONHO	s õ . n ã
SONO	s õ . n u
SOPA	s o . p a
SOPRO	s o . p r u
SORO	s o . r u
SORRISO	s o . h i . z u
SORTE	s o r . tʃ i
SORTEIO	s o r . t e i . u
SORVETE	s o r . v e . tʃ i
SORVETERIA	s o r . v e . t e . r i . a
SOSSEGADO	s o . s e . g a . d u
SOSSEGO	s o . s e . g u
SOTAQUE	s o . t a . k i
SOZINHO	s o . z i . n u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SUAVE	s̥u̯a.vɪ
SUBDIVIDIR	s̥u̯.bi.dʒi.vi.dʒi
SUBIDA	s̥u̯.bi.da
SUBIR	s̥u̯.bi
SUBMETER	s̥u̯.bĩ.me.te
SUBORDINADO	s̥u̯.bo.r̥.dʒĩ.na.du
SUBSÍDIO	s̥u̯.bi.zi.dʒi̯u
SUBSISTÊNCIA	s̥u̯.bi.zis.tẽĩ.s̥i̯a
SUBSTÂNCIA	s̥u̯.bis.tã.s̥i̯a
SUBSTANTIVO	s̥u̯.bis.tã.t̥ʃi.vu
SUBSTITUIÇÃO	s̥u̯.bis.t̥ʃi.t̥ʃi.sãũ
SUBSTITUIR	s̥u̯.bis.t̥ʃi.tu.i
SUBSTITUTO	s̥u̯.bis.t̥ʃi.tu.tu
SUBÚRBIO	s̥u̯.bur.bi̯u
SUCATA	s̥u̯.ka.ta
SUCEDIDO	s̥u̯.se.dʒi.du
SUCESSO	s̥u̯.sɛ.su
SUCO	s̥u̯.ku
SUDOESTE	s̥u̯.do.ɛs.t̥ʃi
SUFICIENTE	s̥u̯.fi.si.ẽĩ.t̥ʃi
SUFOCO	s̥u̯.fo.ku
SUGESTÃO	s̥u̯.ʒes.tãũ
SUICIDA	s̥u̯i.si.da
SUICÍDIO	s̥u̯i.si.dʒi̯u
SUJAR	s̥u̯.ʒa
SUJEIRA	s̥u̯.ʒeĩ.ra
SUJEITO	s̥u̯.ʒeĩ.tu
SUJO	s̥u̯.ʒu
SULFATO	s̥u̯.fa.tu
SUOR	s̥u̯.ɔr
SUPERAR	s̥u̯.pe.ra
SUPERFICIAL	s̥u̯.per.fi.si.aũ
SUPERFÍCIE	s̥u̯.per.fi.si
SUPERIOR	s̥u̯.pe.r̥i̯or
SUPERMERCADO	s̥u̯.per.mer.ka.du
SUPERSTIÇÃO	s̥u̯.pers.t̥ʃi.sãũ
SUPERVISÃO	s̥u̯.per.vi.zãũ
SUPERVISOR	s̥u̯.per.vi.zor
SUPLETIVO	s̥u̯.ple.t̥ʃi.vu
SUPOR	s̥u̯.po
SUPORTAR	s̥u̯.por.ta
SUPORTE	s̥u̯.pɔr.t̥ʃi
SURGIR	sur.ʒi
SURPRESA	sur.pre.za
SURRA	s̥u̯.ha
SURRAR	s̥u̯.ha

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
SUSPEITO	sus.pei.tu
SUSPIRO	sus.pi.ru
SUSTENTAÇÃO	sus.tẽĩ.ta.sãũ
SUSTENTAR	sus.tẽĩ.ta
SUSTENTO	sus.tẽĩ.tu
SUSTO	sus.tu
SUTIÃ	su.tʃi.ã
TABELA	ta.be.la
TÁBUA	ta.bu.a
TABUADA	ta.bu.a.da
TAÇA	ta.sa
TACHO	ta.ʃu
TAINHA	ta.ĩ.na
TALÃO	ta.lãũ
TALENTO	ta.tẽĩ.tu
TALO	ta.lu
TALVEZ	ta.ʊ.veis
TAMANCO	ta.mã.ku
TAMANHO	ta.mã.nu
TAMBÉM	tã.bẽĩ
TAMPA	tã.pa
TANGO	tã.gu
TANQUE	tã.kɪ
TANTO	tã.tu
TAPA	ta.pa
TAPEÇARIA	ta.pe.sa.ri.a
TAPETE	ta.pe.tʃɪ
TARDE	tar.dʒi
TAREFA	ta.re.fa
TÁRTARO	tar.ta.ru
TATU	ta.tu
TATUAGEM	ta.tu.a.ʒẽĩ
TAXA	ta.ʃa
TEATRAL	tʃɪa.traʊ
TEATRO	tʃi.a.tru
TECELAGEM	te.se.la.ʒẽĩ
TECIDO	te.si.du
TECLA	te.kla
TECLADO	te.kla.du
TÉCNICA	te.kĩ.ni.ka
TÉCNICO	te.kĩ.ni.ku
TECNOLOGIA	te.kĩ.no.lo.ʒi.a
TELA	te.la
TELEFONAR	te.le.fõ.na
TELEFONE	te.le.fõ.nɪ
TELEFONEMA	te.le.fõ.nẽ.ma

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
TELEFONISTA	t e . l e . f õ . n i s . t a
TELEGRAMA	t e . l e . g r ã . m a
TELEVISÃO	t e . l e . v i . z ã õ
TELEVISOR	t e . l e . v i . z o r
TELHA	t e . l a
TELHADO	t e . l a . d u
TEMA	t ê . m a
TEMPERADO	t ê ã . p e . r a . d u
TEMPERAR	t ê ã . p e . r a
TEMPERATURA	t ê ã . p e . r a . t u . r a
TEMPERO	t ê ã . p e . r u
TEMPESTADE	t ê ã . p e s . t a . d ʒ ɪ
TEMPLO	t ê ã . p l u
TEMPO	t ê ã . p u
TEMPORADA	t ê ã . p o . r a . d a
TEMPORAL	t ê ã . p o . r a õ
TENDÊNCIA	t ê ã . d ê ã . s ɪ a
TENENTE	t ê . n ê ã . t ʃ ɪ
TÊNIS	t ê . n i s
TENOR	t ê . n o r
TENSÃO	t ê ã . s ã õ
TENTAR	t ê ã . t a
TENTATIVA	t ê ã . t a . t ʃ i . v a
TEORIA	t e . o . r i . a
TER	t e
TERAPEUTA	t e . r a . p e õ . t a
TERAPIA	t e . r a . p i . a
TERCEIRO	t e r . s e ɪ . r u
TERÇO	t e r . s u
TERMINAL	t e r . m ã . n a õ
TERMINAR	t e r . m ã . n a
TÉRMINO	t e r . m ã . n u
TERMO	t e r . m u
TERNO	t e r . n u
TERRA	t e . h a
TERREIRO	t e . h e ɪ . r u
TERRENO	t e . h ê . n u
TERRITÓRIO	t e . h i . t o . r ɪ u
TERRÍVEL	t e . h i . v e õ
TERROR	t e . h o r
TESE	t e . z ɪ
TESOURA	t e . z o õ . r a
TESOUREIRO	t e . z o õ . r e ɪ . r u
TESTAMENTO	t e s . t a . m ê ã . t u
TESTE	t e s . t ʃ ɪ
TESTEMUNHA	t e s . t ê . m ã . n a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
TESTEMUNHO	tɛ.s.tẽ.mũ.ju
TÉTANO	tɛ.ta.nu
TETO	tɛ.tu
TEU	tɛu
TÊXTIL	tɛ.s.tʃi.u
TEXTO	tɛ.s.tu
TEXTUAL	tɛ.s.tu.a.u
TIJOLO	tʃi.ʒo.lu
TIME	tʃĩ.mi
TÍMIDO	tʃĩ.mi.du
TIMO	tʃĩ.mu
TINTA	tʃĩ.ta
TINTEIRO	tʃĩ.te.i.ru
TINTO	tʃĩ.tu
TIO	tʃi.u
TÍPICO	tʃi.pi.ku
TIPO	tʃi.pu
TIPOGRAFIA	tʃi.po.gra.fi.a
TIRAR	tʃi.ra
TIRO	tʃi.ru
TÍTULO	tʃi.tu.lu
TOALHA	to.a.ʎa
TOCA	tɔ.ka
TOCAR	to.ka
TOCO	to.ku
TODO	to.du
TOMADA	tõ.ma.da
TOMAR	tõ.ma
TOMARA	tõ.ma.ra
TOMATE	tõ.ma.tʃi
TOMBAR	tõ.ba
TOMBO	tõ.bu
TOMO	tõ.mu
TOQUE	tɔ.ki
TORCEDOR	tor.se.dor
TORCER	tor.se
TORCIDA	tor.si.da
TORNAR	tor.na
TORNEIO	tor.ne.i.u
TORNEIRA	tor.ne.i.ra
TORNO	tor.nu
TORRE	to.hi
TORTA	tɔr.ta
TORTO	tor.tu
TORTURA	tor.tu.ra
TOSSE	tɔ.si

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
TOSTÃO	to.s.tãũ
TOTAL	to.taũ
TOURO	to.ũ.ru
TÓXICO	to.ki.si.ku
TRABALHADOR	tra.ba.ʎa.dor
TRABALHAR	tra.ba.ʎa
TRABALHISTA	tra.ba.ʎis.ta
TRABALHO	tra.ba.ʎu
TRAÇADO	tra.sa.du
TRAÇÃO	tra.sãũ
TRADIÇÃO	tra.dʒi.sãũ
TRADICIONAL	tra.dʒi.sio.naũ
TRADUÇÃO	tra.du.sãũ
TRADUZIR	tra.du.zi
TRÁFEGO	tra.fe.gu
TRAFICANTE	tra.fi.kã.tʃi
TRAGÉDIA	tra.ʒe.dʒia
TRAGO	tra.gu
TRAÍÇÃO	tra.i.sãũ
TRAÍRA	tra.i.ra
TRAJE	tra.ʒi
TRAJETO	tra.ʒe.tu
TRANCA	trã.ka
TRANÇA	trã.sa
TRANCAR	trã.ka
TRANQUILIDADE	trã.k ^w i.li.da.dʒi
TRANQUÍLO	trã.k ^w i.lu
TRANSFERÊNCIA	trãs.fe.rẽĩ.sia
TRANSFERIR	trãs.fe.ri
TRANSFORMAÇÃO	trãs.for.ma.sãũ
TRANSFORMAR	trãs.for.ma
TRANSITIVIDADE	trã.zi.tʃi.vi.da.dʒi
TRANSITIVO	trã.zi.tʃi.vu
TRÂNSITO	trã.zi.tu
TRANSMISSÃO	trãs.mi.sãũ
TRANSMITIR	trãs.mi.tʃi
TRANSPLANTE	trãs.plã.tʃi
TRANSPORTADORA	trãs.por.ta.do.ra
TRANSPORTAR	trãs.por.ta
TRANSPORTE	trãs.por.tʃi
TRANSTORNO	trãs.tor.nu
TRAPICHE	tra.pi.ʃi
TRATADO	tra.ta.du
TRATAMENTO	tra.ta.mẽĩ.tu
TRATAR	tra.ta
TRATO	tra.tu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
TRATOR	tra.tor
TRAUMA	tra.ʊ.ma
TRAVERSA	tra.ve.sa
TRAVERSEIRO	tra.ve.sei.ru
TRAVERSURA	tra.ve.su.ra
TRAZER	tra.ze
TRECHO	tre.ʃu
TREINADOR	trei.na.dor
TREINAMENTO	trei.na.mẽĩ.tu
TREINAR	trei.na
TREINO	trei.nu
TREM	trẽĩ
TRÊS	treis
TREVO	tre.vu
TREZE	tre.zi
TREZENTOS	tre.zẽĩ.tus
TRIÂNGULO	tri.ã.gu.lu
TRIBUNAL	tri.bũ.naʊ
TRICÔ	tri.ko
TRIGO	tri.gu
TRILHA	tri.ʎa
TRILHO	tri.ʎu
TRINTA	trĩ.ta
TRISTE	tris.tʃi
TRISTEZA	tris.te.za
TROCA	tro.ka
TROCADO	tro.ka.du
TROCAR	tro.ka
TROCO	tro.ku
TROÇO	tro.su
TROFÉU	tro.feʊ
TROMPETE	trõ.pe.tʃi
TRONCO	trõ.ku
TROPA	tro.pa
TROPEIRO	tro.pei.ru
TROVOADA	tro.vo.a.da
TRUCO	tru.ku
TU	tu
TUBARÃO	tu.ba.rãũ
TUBO	tu.bu
TUBULAÇÃO	tu.bu.la.sãũ
TUDO	tu.du
TUMOR	tũ.mor
TÚNEL	tũ.neʊ
TÚNICA	tũ.ni.ka
TURISMO	tu.ris.mu

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
TURISTA	t u . r i s . t a
TURÍSTICO	t u . r i s . tʃ i . k u
TURMA	t u r . m a
TURNÔ	t u r . n u
TUTELAR	t u . t e . l a r
ÚLCERA	u . s e . r a
ÚLTIMO	u . tʃ i . m u
ULTRAPASSAR	u . t r a . p a . s a
UM	ũ
UMIDADE	ũ . m i . d a . dʒ ɪ
ÚMIDO	ũ . m i . d u
UNHA	ũ . ɲ a
UNIÃO	ũ . n i . ã õ
ÚNICO	ũ . n i . k u
UNIDADE	ũ . n i . d a . dʒ ɪ
UNIDO	ũ . n i . d u
UNIFORME	ũ . n i . f o r . m i
UNIR	ũ . n i
UNIVERSAL	ũ . n i . v e r . s a u
UNIVERSIDADE	ũ . n i . v e r . s i . d a . dʒ ɪ
UNIVERSITÁRIO	ũ . n i . v e r . s i . t a . r i u
URBANO	u r . b ã . n u
URGENTE	u r . ʒ ê i . tʃ ɪ
URINA	u . r i . n a
USADO	u . z a . d u
USAR	u . z a
USINA	u . z i . n a
USO	u . z u
ÚTERO	u . t e . r u
ÚTIL	u . tʃ i u
UTILIDADE	u . tʃ i . l i . d a . dʒ ɪ
UTILIZAR	u . tʃ i . l i . z a
UVA	u . v a
VACA	v a . k a
VACINA	v a . s i . n a
VAGA	v a . g a
VAGABUNDO	v a . g a . b ã . d u
VAGO	v a . g u
VAIDADE	v a i . d a . dʒ ɪ
VALER	v a . l e
VALETA	v a . l e . t a
VALOR	v a . l o r
VALORIZAÇÃO	v a . l o . r i . z a . s ã õ
VALORIZADO	v a . l o . r i . z a . d u
VALORIZAR	v a . l o . r i . z a
VALSA	v a u . s a

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
VÁLVULA	v a ʊ . v u . l a
VANTAGEM	v ã . t a . g ê ã
VAPOR	v a . p o r
VARA	v a . r a
VARAL	v a . r a ʊ
VARANDA	v a . r ã . d a
VARIAÇÃO	v a . r i a . s ã ʊ
VARIADO	v a . r i . a . d u
VARIANTE	v a . r i . ã . tʃ i
VARIAR	v a . r i . a
VARIEDADE	v a . r i e . d a . dʒ i
VARRER	v a . h e
VASILHA	v a . z i . ʎ a
VASO	v a . z u
VASSOURA	v a . s o ʊ . r a
VAZIO	v a . z i ʊ
VEADO	v e . a . d u
VEGETAÇÃO	v e . ʒ e . t a . s ã ʊ
VEIA	v e i . a
VEÍCULO	v e . i . k u . l u
VELA	v e . l a
VELHICE	v e . ʎ i . s i
VELHO	v e . ʎ u
VELOCIDADE	v e . l o . s i . d a . dʒ i
VELÓRIO	v e . l o . r i ʊ
VENCER	v ê ã . s e
VENDA	v ê ã . d a
VENDAVAL	v ê ã . d a . v a ʊ
VENDEDOR	v ê ã . d e . d o r
VENDER	v ê ã . d e
VENENO	v ê . n ê . n u
VENTILADOR	v ê ã . tʃ i . l a . d o r
VENTO	v ê ã . t u
VER	v e
VERÃO	v e . r ã ʊ
VERBA	v e r . b a
VERBAL	v e r . b a ʊ
VERBO	v e r . b u
VERDADE	v e r . d a . dʒ i
VERDADEIRO	v e r . d a . d e i . r u
VERDE	v e r . dʒ i
VERDURA	v e r . d u . r a
VEREADOR	v e . r e . a . d o r
VERGONHA	v e r . g õ . ɲ a
VERIFICAR	v e . r i . f i . k a
VERMELHO	v e r . m e . ʎ u

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
VERNIZ	v e r . n ĩ s
VERSO	v e r . s u
VESÍCULA	v e . z i . k u . l a
VÉSPERA	v e s . p e . r a
VESTIBULAR	v e s . tʃ i . b u . l a r
VESTIDO	v e s . tʃ i . d u
VESTIMENTA	v e s . tʃ ĩ . m ê ĩ . t a
VESTIR	v e s . tʃ i
VETERINÁRIO	v e . t e . r i . n a . r ĩ u
VEZ	v e ĩ s
VIA	v i . a
VIAÇÃO	v ĩ a . s ã ũ
VIADUTO	v ĩ a . d u . t u
VIAGEM	v i . a . ʒ ê ĩ
VIAJADO	v ĩ a . ʒ a . d u
VIAJANTE	v ĩ a . ʒ ã . tʃ i
VIAJAR	v ĩ a . ʒ a
VIATURA	v ĩ a . t u . r a
VIÁVEL	v i . a . v e ũ
VICIADO	v i . s i . a . d u
VÍCIO	v i . s ĩ u
VIDA	v i . d a
VÍDEO	v i . d ʒ ĩ u
VIDRO	v i . d r u
VIGA	v i . g a
VIGÁRIO	v i . g a . r ĩ u
VIGIA	v i . ʒ i . a
VIGILANTE	v i . ʒ i . l ã . tʃ i
VILA	v i . l a
VINAGRE	v ĩ . n a . g r i
VÍNCULO	v ĩ . k u . l u
VINDA	v ĩ . d a
VINDIMA	v ĩ . d ʒ i . m a
VINHO	v ĩ . ɲ u
VINTE	v ĩ . tʃ i
VIOLÃO	v ĩ o . l ã ũ
VIOLÊNCIA	v ĩ o . l ê ĩ . s ĩ a
VIOLENTO	v i . o . l ê ĩ . t u
VIOLINO	v ĩ o . l i . n u
VIR	v i
VIRADA	v i . r a . d a
VIRADO	v i . r a . d u
VIRGEM	v i r . ʒ ê ĩ
VÍRGULA	v i r . g u . l a
VIRTUDE	v i r . t u . d ʒ i
VISÃO	v i . z ã ũ

Continua

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA
VISITA	vi.zi.ta
VISITAR	vi.zi.ta
VISTA	vis.ta
VISTO	vis.tu
VISUAL	vi.zu.aʊ
VITAMINA	vi.ta.mi.na
VÍTIMA	vi.tʃĩ.ma
VITÓRIA	vi.tɔ.ɾi.a
VIÚVO	vi.u.vu
VIVÊNCIA	vi.vẽĩ.sɿ.a
VIVER	vi.ve
VIZINHANÇA	vi.zĩ.ɲã.sa
VIZINHO	vi.zĩ.ɲũ
VOCABULÁRIO	vo.ka.bu.la.ɾi.u
VOCÁBULO	vo.ka.bu.lu
VOCAÇÃO	vo.ka.sãũ
VOCÊ	vo.se
VOLANTE	vo.lã.tʃɪ
VOLTA	voʊ.ta
VOLTAR	voʊ.ta
VOLUME	vo.lũ.mi
VOLUNTÁRIO	vo.lũ.ta.ɾi.u
VONTADE	võ.ta.dʒɪ
VÔO	vo.u
VOTAR	vo.ta
VOTO	vo.tu
VOZ	voɿs
VULGAR	vu.gaɾ
XADREZ	ʃa.dɾeɿs
XAXIM	ʃa.ʃĩ
XÍCARA	ʃi.ka.ra
ZELADOR	ze.la.doɾ
ZERO	ze.ɾu
ZONA	zõ.na